



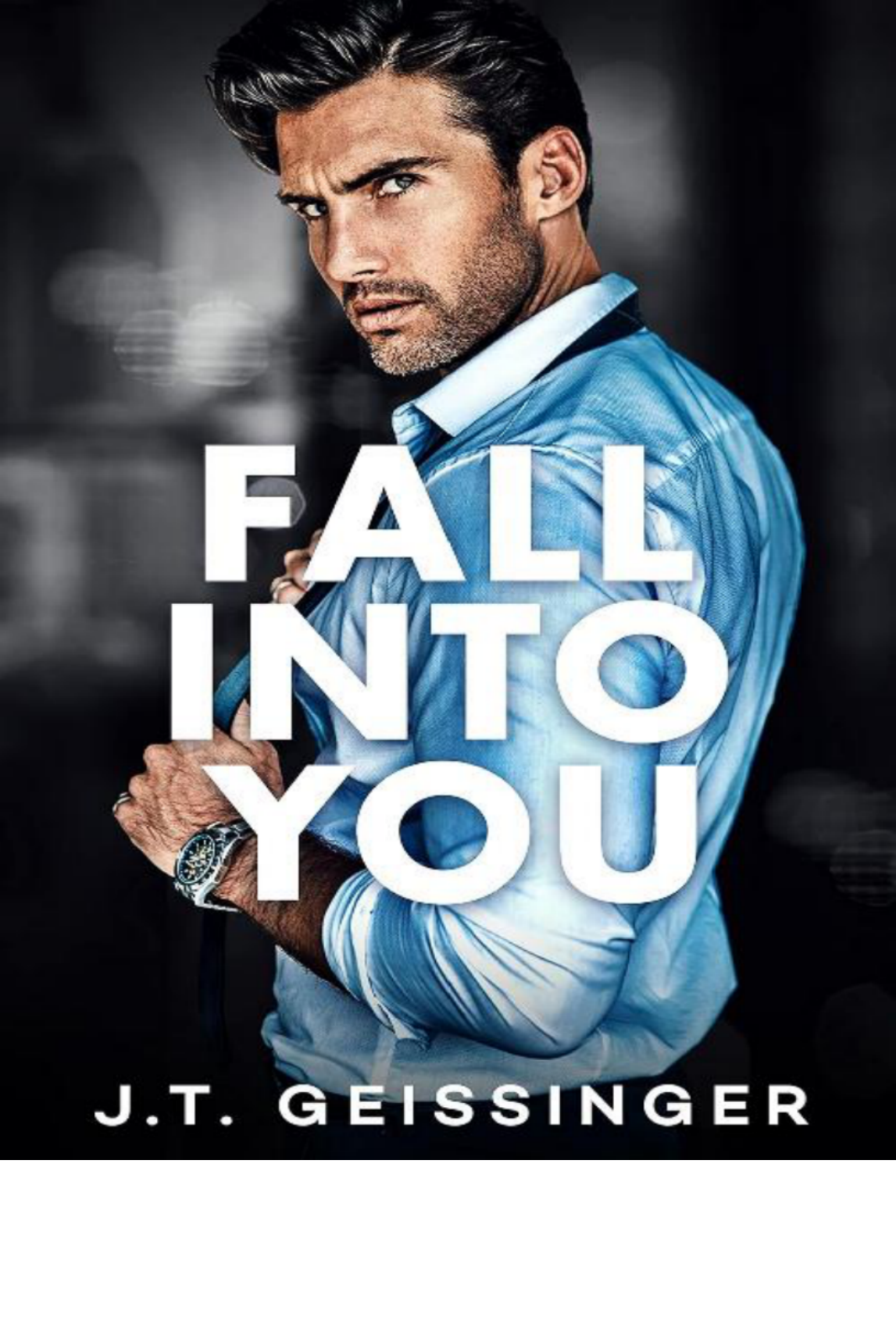
A full-page portrait of a man with dark hair and a light beard, wearing a light blue button-down shirt. He is looking directly at the camera with a serious expression. His hands are crossed in front of him, and he is wearing a watch on his left wrist. The background is dark and out of focus.

# FALL INTO YOU

J.T. GEISSINGER

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

A man with dark hair and a light beard, wearing a light blue button-down shirt, is looking back over his right shoulder at the camera. He has a serious expression. His arms are crossed, and he is wearing a watch on his left wrist. The background is dark and out of focus.

# FALL INTO YOU

J.T. GEISSINGER

## AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

## SINOPSE

*Implacável. Arrogante. Frio como gelo.*

Todos me avisaram que o diretor financeiro da McCord Media era um verdadeiro pesadelo de se trabalhar. Eu sabia disso ao entrar na empresa, mas achei que poderia manter minha cabeça baixa e ficar fora do radar de Cole McCord.

Eu pensei errado.

Porque um mês antes de começar a trabalhar como sua assistente, o Sr. Implacável e eu passamos uma noite escaldante juntos na cama.

Em minha defesa, eu não tinha ideia de que o lindo estranho com quem fiquei na festa de aniversário da minha amiga seria meu novo chefe. Mas a política da empresa proíbe relacionamentos no trabalho, portanto, a partir de agora, tudo seria estritamente profissional.

Se ao menos pudéssemos parar de ir para a cama juntos.

Se ao menos ele não me fizesse sentir coisas que nunca senti antes.

Se ao menos ele não estivesse guardando um segredo que poderia destruir a nós dois.

*Principalmente é a perda que nos ensina sobre o valor das coisas.*

~Arthur Schopenhauer

# CAPÍTULO UM

## *Shay*

O homem de cabelos escuros na cabine é lindo, mas posso dizer com um só olhar que ele também é um problema. Um lobo vestido com pele de cordeiro. Em um terno preto conservador e camisa branca, ele poderia ser qualquer outro empresário tomando um drink com os amigos depois do trabalho.

Exceto que ele está sozinho.

E ele não está se divertindo.

Ele parece como eu me sinto: miserável.

— Agora escute, Shay. Você tem que me prometer. Chega de ficar deprimida, ok? É meu aniversário. O mínimo que você pode fazer é agir como se estivesse se divertindo.

Chelsea me empurra pela entrada do bar chique do hotel em Beverly Hills, com a mão no meu cotovelo e a cabeça inclinada na minha direção. Jen e Angel estão à nossa frente. As três estão bem-vestidas, salto agulha, roupas coloridas e cabelos arrumados. Elas parecem fantásticas. Um bando de flamingos em busca de homens solteiros.

Sou o corvo do grupo, toda de preto e com um humor a condizer.

Só estou aqui porque estamos comemorando o aniversário de Chelsea. Se dependesse de mim, estaria em casa, na cama, com as cobertas puxadas sobre a cabeça.

As coisas que fazemos pelos nossos amigos.

— *Estou* me divertindo — minto alegremente. — Aquela balada que acabamos de sair foi tão divertida.

Ela aperta meu cotovelo. — Talvez você devesse dizer isso a si



mesma. Esse sorriso é trágico. Pare de pensar no idiota.

Ao ouvir o apelido que ela deu ao meu ex, estremeço. — Por favor, não o chame assim.

— Ele merece ser chamado de muito pior. Pare de defendê-lo. E toda vez que você sentir falta dele, lembre-se de que há muitos peixes no mar.

— Sabe o que mais há em abundância no mar? Lixo.

— Escute, a única maneira de superar um homem é ficando debaixo de um novo. Isso vai consertar as coisas.

— Preciso de um novo homem como preciso de uma infestação de baratas.

Ela resmunga em desaprovação. — Não deixe que uma maçã podre a desvie de toda a macieira. Você encontrará o Sr. Certo eventualmente. Enquanto isso, vamos encontrar o Sr. Bem-dotado para que você possa desabafar.

Seguimos Jen e Angel, entrando no salão. Lá fora, é uma típica noite de verão em Los Angeles, o ar ameno, as palmeiras balançando e as estrelas brilhando, mas aqui está fresco e escuro.

Todos os bares de hotéis sofisticados da cidade têm o mesmo ambiente intimista à luz de velas. É tão perfeito para uma reunião de negócios entre executivos de estúdio quanto para um casal de amantes casados e para outras pessoas tomarem um coquetel antes de irem para seu quarto.

A diferença deste lugar – e a razão pela qual Chelsea o escolheu – é que tem a reputação de ser o local frequentado pelos homens mais ricos da cidade.

Se já ouvi isso dela uma vez, já ouvi mil vezes: É tão fácil se apaixonar por um homem rico quanto por um pobre.

Ela pode estar procurando por amor, mas eu estou procurando paz de espírito. Meu ex era um inferno para minha sanidade.

Olho novamente para o homem de cabelos escuros na cabine

encostada na parede. Ele ainda está olhando para mim. A fome em seu olhar faz meu coração bater mais forte.

Quando ele lambe os lábios carnudos, um pequeno arrepio de desejo percorre meu corpo. Mas desvio o olhar e jogo o cabelo por cima do ombro.

A última coisa que preciso agora é a atenção de um estranho gostoso que parece ser a causa da conta de terapia de muitas mulheres.

Já tenho meus próprios demônios para lidar.

Eu não preciso de outro.

## CAPÍTULO DOIS

### *Cole*

A morena é interessante.

Não porque ela seja bonita, embora ela seja. Mas há um milhão de garotas bonitas nesta cidade. Los Angeles é conhecida por suas belas mulheres.

O que a torna interessante é a maneira como ela se comporta. É como ver um boxeador campeão entrar em uma sala. Ela é confiante, quase arrogante, mas também há uma cautela que sugere que ela está acostumada a receber socos.

Por baixo do exterior duro, ela tem hematomas por toda a alma.

Fascinado pela contradição, não consigo desviar o olhar.

Vestida com saia preta, blusa preta e salto preto, ela desfila pela entrada do bar com outras três mulheres. Suas amigas estão com vestidos de cores vivas, rindo e conversando enquanto entram, mas a morena fica em silêncio. Ela examina a sala, avaliando o lugar e as pessoas nele.

Seu sorriso é pequeno e frio, como se ela já estivesse entediada.

Ela me pega olhando para ela, mas rapidamente desvia o olhar. Quando ela para trás novamente, eu olho diretamente para ela e lambo meus lábios.

Ela levanta as sobrancelhas. Então ela joga o cabelo por cima do ombro, levanta o queixo e desvia o olhar, dispensando-me.

Garota inteligente. Ela reconhece um monstro quando vê um.

## CAPÍTULO TRÊS

### *Shay*

— Não seria incrível se isso existisse na vida real? Um alienígena azul de quase dois metros e meio de altura e dois paus enormes que está totalmente obcecado por mim? Sim, por favor! — Angel ri e toma outro gole de sua margarita.

— Só se ele também for bilionário — diz Chelsea, rindo em seu martini.

Jen balança a cabeça, incrédula. — Vocês e seus livros monstruosos. Eu simplesmente não entendo o apelo.

Angel bufa. — Com licença, Senhora Julgadora, mas você não está em posição de ser esnobe em relação às escolhas literárias de outras pessoas. Posso lembrá-la de que seu programa de TV favorito é um desenho animado?

Jen revira os olhos. — Em primeiro lugar, obscenidade de monstro não é literatura. Em segundo lugar, *BoJack Horseman* é uma das mais brilhantes...

— Comédias de humor negro já escritas, blá, blá, blá, sim, você já nos contou mil vezes...

Angel interrompe. — Ainda é um desenho animado.

A discussão continua, mas eu já as desliguei.

Nós quatro estamos sentadas em uma mesa redonda no meio da sala. Estamos cercadas de gente bonita por todos os lados. O casal na mesa atrás de mim discute sobre Tahoe ou Tulum como o próximo local de férias. Duas jovens modelos passam, tirando selfies enquanto caminham. Os clientes disputam uma posição no bar, tentando chamar a atenção do belo barman que reconheço como figurante da série de televisão *Succession*.

E sentado na única mesa ao lado do bar, o estranho de cabelos escuros ainda está olhando para mim.

É estranho como um homem tão bonito pode emitir uma vibração tão desagradável. Ele é um buraco negro ali, extinguindo toda a luz ao seu redor. Parece que ele se recusaria a sorrir mesmo que alguém colocasse uma arma carregada em sua cabeça e ordenasse que ele o fizesse.

Ele provavelmente está pensando a mesma coisa sobre mim.

Chelsea suspira. — Shay, sério! Pare de fazer cara feia. Isso está assustando todos os caras gostosos.

— Nem todos eles — observa Angel, olhando na direção do Sr. Sombrio e Tempestuoso.

Chelsea se vira na cadeira e aperta os olhos. — Quem, aquele cara na cabine?

— Sim. Ele está fodendo a Shay desde que chegamos aqui.

Eu a repreendo: — Chelsea, pelo amor de Deus, não olhe para ele.

— Por que diabos não? Ele está bem. — Ela lhe envia um amplo sorriso.

O olhar que ele lhe envia de volta é tão gelado que poderia quebrar uma pedra.

Com um assobio baixo, ela se volta para nós. — Uau. Dez para o rosto, zero para a personalidade.

— Talvez o cachorro dele tenha morrido — diz Angel.

Chelsea olha para mim e sugere, brincando: — Talvez você devesse ir até lá e animá-lo.

— Muito engraçada.

— Não foi uma piada.

— Dê-me um bom motivo pelo qual eu gostaria de falar com aquele homem.

— Porque é meu aniversário e eu quero que você faça isso. — Ela sorri e toma outro gole de sua bebida.

Meu coração afunda. Ela sempre sorri assim quando está prestes a ser firme sobre algo. A última coisa que quero agora é estar do lado errado de sua teimosia.

— Ele não quer falar comigo.

— Aposto que o pau dele quer isso.

— Se o pau dele tiver a mesma personalidade do dono, não estou interessada.

— Dá um tempo, garota. Ninguém está pedindo que você se case com ele. Basta ir até lá e conversar com ele!

— Para que eu possa ser humilhada publicamente quando ele jogar sua bebida na minha cara e me mandar cair fora? Não, obrigada.

— Aposto cem dólares que ele não joga a bebida na sua cara.

— Não.

— Por favor?

— Não.

— Por favor?

— Não.

— Vamos lá. Se você não fizer isso por si mesma, faça por mim.

— Isso é chantagem.

Ela arregala os olhos inocentemente. — Lembre-me novamente de quem é o aniversário?

Quando faço uma cara azeda, mas não respondo, ela vai para matar.

Inclinando-se para frente, ela sorri. — Se você for falar com aquele cara, prometo que vou parar de chamar Chet de idiota. Na verdade, nunca mais direi nada maldoso sobre ele.

Faço uma pausa para examinar sua expressão. Ela parece séria,

mas Chelsea é escorregadia. Ela esquecerá convenientemente essa conversa pela manhã, se for do interesse dela.

— Ok, estou nessa. Mas você tem que se gravar dizendo isso e enviar para o chat em grupo.

— Por quê?

— Evidência permanente. Se você descumprir o acordo, terá que comprar novos iPhones para mim, Jen e Angel.

Jen e Angel gritam de tanto rir, mas os olhos de Chelsea se arregalam de horror. — *O quê?*

Meu sorriso é implacável. — Com acordo ou sem acordo, aniversariante?

— Isso é cerca de três mil!

Sabendo que ela vai concordar eventualmente, e rápido se eu agir como se não me importasse, dou de ombros e tomo um gole do meu uísque.

Descontente, ela bufa. — Certo, tudo bem. Fechado. Mas você tem que ficar lá e conversar com ele por pelo menos dez minutos.

Olho em sua direção. Ele olha para mim, seu olhar intenso e inabalável. Nuvens de tempestade agitam-se sobre sua cabeça.

A ideia de abordar toda aquela energia negativa e tentar iniciar uma conversa é assustadora, mas se isso fizer com que Chelsea pare com sua campanha difamatória contra meu ex, vale a pena. Estou suportando isso há três meses e estou cansada.

— Vou tentar, mas não posso garantir nada. Parece que ele morde.

Angel ri. — Se você tiver sorte, ele morde.

— Ok, você venceu. Lá vamos nós.

Suspiro pesadamente e bebo o resto do meu uísque. Levantando-me da cadeira, aliso a saia com as palmas das mãos úmidas, depois atravesso a sala com o queixo erguido e os ombros retos, fingindo uma

confiança que não sinto.

Sombrio e Tempestuoso me observa aproximar com todo o calor de um assassino contratado.

Logo que paro ao lado da mesa dele, decido contar a verdade em vez de uma frase de abertura bonitinha. No meu atual estado de espírito, duvido que consiga inventar uma, de qualquer maneira.

— Olá. Eu não quero estar aqui.

Ele me olha de cima a baixo, seu olhar viajando lentamente pela minha figura. Depois de um momento, ele diz em um tom hostil: — Mas aqui está você.

Nós nos encaramos em um silêncio estranhamente tenso, como se ambos estivéssemos esperando que o outro dissesse alguma coisa e pensássemos que fosse o que fosse, seria horrível.

Finalmente, digo: — É aniversário da minha amiga.

Um vinco se forma entre suas sobrancelhas escuras. — Eu não entendo a conexão entre isso e você parada aí.

— Ela me prometeu que pararia de falar mal do meu ex se eu viesse falar com você.

Ele pensa sobre isso por um momento. — Isso é chantagem.

— Quando se trata de Chelsea conseguir o que deseja, todos os meios de coerção estão em jogo.

Ele olha além de mim. — Qual é a Chelsea?

— A loira.

— Ela parece inofensiva.

— Todas as criaturas mais perigosas parecem assim.

Ele se recosta na cabine e inclina a cabeça, exibindo seu lindo queixo. Seu olhar cresce avaliando. — Houve algum outro termo para essa chantagem dela?

— Tenho que ficar pelo menos dez minutos.



— E é importante para você que ela pare de falar mal do seu ex?

— Sim.

Posso dizer algo sobre isso que o agrada, mas não consigo imaginar por quê. Ele diz: — Tudo bem. Sente-se.

Ele aponta para o espaço vazio ao lado dele na cabine. De alguma forma, não parece um convite. Embora sua boca esteja dizendo que eu deveria me sentar, sua expressão diz que ele prefere que eu faça uma caminhada em um deserto distante e infestado de cobras.

Aparentemente, ele só gosta de olhar para as mulheres, não de falar com elas.

Pena para ele que eu não me intimido com homens mal-humorados e mal-educados.

Sento-me ao lado dele e sorrio educadamente. — Peço desculpas pelo inconveniente, mas acho que vou gostar de irritar você pelos próximos dez minutos.

— Por que você iria querer me irritar?

— Você parece o maior arrependimento de muitas mulheres.

Nós nos encaramos em outro silêncio tenso. Só que desta vez posso sentir o cheiro de sua colônia. Especiarias, almíscar, algo amadeirado. Sexy e caro. Também posso ver a cor de seus olhos, um azul escuro insondável que poderia ser lindo se não fosse pela dureza.

Com o tom baixo e o olhar penetrante, ele finalmente diz: — E você parece um diamante que algum palhaço descartou para poder brincar com terra. Quanto tempo você e esse palhaço ficaram juntos?

Assustada, eu pisco. — Espere. Estou tentando me levantar do chão.

— O que você quer dizer?

— É realmente tão óbvio que fui dispensada? Que horrível.

— É toda a sua vibração. Você é como um daqueles cães de abrigo.

— Perdão?

— Você sabe. Late bem alto e age de forma dura, mas só porque está com medo de ser chutada novamente. E seu homem não terminou com você. Ele libertou você. Ele fez um favor a você. Retire toda a energia que você está desperdiçando no luto do relacionamento e concentre-a em você mesma. Uma rainha não precisa do amor do idiota da aldeia.

Uma risada ofegante de descrença me escapa. Não consigo decidir se esse cara é um leitor de mentes, um gênio ou apenas um idiota.

Também não consigo decidir se ele está me elogiando ou não. Ao mesmo tempo em que me chamou de rainha, ele me comparou a um animal maltratado. Além disso, todo o seu comportamento sugere que ele pensa que sou um caso perdido que não deveria ter permissão para votar.

— E aqui eu pensei que Chelsea era quem falava mal. Ainda não chegamos a dois minutos de conversa e você já chamou meu ex de palhaço e idiota.

— Isso é ser generoso. Porque qualquer homem que deixa uma mulher como você ir não passa de um babaca.

Cativada por essa pessoa estranha e seu modo de falar ainda mais estranho, inclino meu corpo em direção ao dele e concentro minha atenção nele mais plenamente. — Você não me conhece. *Eu* poderia ser a vadia. Talvez eu o tenha afastado por ser muito carente.

Ele balança a cabeça, um movimento brusco que faz uma mecha de cabelo escuro cair fora do lugar. Ela se acomoda em sua testa, com um charme juvenil.

— Não existe isso de muito carente. A pessoa errada nunca será capaz de atender às suas necessidades. Pare de dar atenção às pessoas que fazem você se sentir o problema. E pare de se apegar a quem ele fingia ser. Ele mentiu.

Nossos olhares se chocam, mas se mantêm. Um frisson de eletricidade passa entre nós, sobrecarregando o ar.

Apesar de sua personalidade espinhosa, o homem é inegavelmente atraente.

Depois de um momento, ele desvia o olhar. Ele toma um gole de sua bebida e coloca o copo sobre a mesa. Um músculo flexiona em sua mandíbula angular. Quando ele fala novamente, sua voz é rouca.

— Recentemente, também passei por um rompimento.

A dor que alimenta essa afirmação é impressionante. Ele colocou nisso uma saga inteira de amor perdido. Ele parece ainda mais devastado do que eu.

Acho isso – e ele – fascinante.

— Posso perguntar o que aconteceu?

Ele fecha os olhos e exala. — Eu me rendi à realidade de que não era o herói dela. Eu era o vilão. Portanto, nossa história nunca poderia ter um final feliz.

Meu coração bate tão rápido. Muito rápido. Resisto à vontade de estender a mão e tocá-lo.

Surpreendentemente, esse estranho infeliz com olhos raivosos e um coração partido correndo em suas veias é alguém que talvez seja capaz de entender o que estou passando.

Deus sabe que minhas amigas não demonstraram nenhuma simpatia por mim. Se eu ouvir: *Apenas siga em frente!* mais uma vez, vou gritar.

Baixo minha voz. — E então você terminou?

— Sim.

— Mas você não queria.

— Não.

— Você ainda estava apaixonado por ela quando terminou?

Ele concorda. Então ele abre os olhos e olha para mim com tanto desejo que fico momentaneamente sem palavras.

— Qual o seu nome?

Demoro um segundo para lembrar. — Shayna. Mas me chame de Shay.

— Eu sou Coleton. Pode me chamar de Cole.

— Olá, Cole.

— Olá, Shay. Quanto tempo você acha que passou desde que você se sentou?

Seu nervosismo me faz sorrir. — Talvez noventa segundos.

— Parece que vai demorar mais. Mais oito minutos disso vão me dar vontade de pular do penhasco mais próximo.

— Por curiosidade, você fica assim o tempo todo?

— Assim como?

Paro um momento para procurar as palavras certas. — Agressivamente ambivalente.

Ele arqueia as sobrancelhas. — Sobre o que você acha que sou ambivalente?

Eu não respondo, em vez disso estendo a mão para pegar seu copo. Tomo um gole, mantendo seu olhar por cima da borda. *Ele bebe uísque também. Interessante.*

Coloco o copo de volta na frente dele sem dizer nada, mas ele entende o que quero dizer.

— Você acha que estou atraído por você?

— Acho que você ficará aliviado quando eu partir.

— Talvez seja porque você é chata.

— É isso?

Seu olhar poderia derreter aço. Ele não gosta de ser desafiado. Tenho a impressão de que ele raramente é e que isso é uma novidade indesejável para ele.

Ele diz categoricamente: — Não.

— Obrigada por não mentir.

— Não me agradeça ainda. É porque você é irritante.

Isso me faz rir. Isso assusta nós dois. Ficamos sentados com os ecos do som morrendo no ar até que outro silêncio desconfortável caia.

No entanto, nenhum de nós quebra o contato visual.

Encorajada pelo álcool e sua autenticidade inesperada, digo: — Então você me acha atraente.

Seu olhar é mortal. — Por curiosidade, você é assim o tempo todo?

Apreciando como ele está jogando minhas palavras de volta para mim, sorrio novamente. — Assim como?

— Agressivamente agravante.

— Depende de para quem você pergunta.

— O que seu ex tem a dizer sobre o assunto?

Uma pontada de dor aperta meu peito. Umedeço meus lábios e desvio o olhar. — Eu nunca o irritei. Eu estava muito ocupada atendendo a todas as suas necessidades.

Ele estuda meu perfil. Eu sei que ele quer perguntar mais, mas ele não pergunta. Mas o seu silêncio é ativo. Ele está prestando muita atenção em mim, na minha expressão e linguagem corporal. Depois de passar tanto tempo com um narcisista obcecado por si mesmo, esse tipo de envolvimento parece decadente.

Chet sempre me fez sentir como uma plantinha sedenta que foi deixada para assar ao sol do deserto.

Olhando para a sala elegante, digo baixinho: — É engraçado. Eu sei que sou uma pessoa inteligente, mas quando se tratava do meu ex, joguei meu cérebro pela janela. Eu vi todas as bandeiras vermelhas. Eram tantas que ele poderia muito bem ser um circo.

— Mas ele era tão charmoso.

Volto meu foco para Cole, que está balançando a cabeça.

— Sim. Como você sabia?

— Os narcisistas são sempre encantadores.

— Uau.

— O quê?

— Eu estava literalmente pensando que ele era um narcisista.

— O único tipo de homem que abandonaria uma mulher como você tem um transtorno de personalidade.

Quando olho nos olhos dele, o que encontro é um reflexo de mim mesma, cheio de dor, desejo e solidão.

Não tenho certeza se gosto dele. Mas eu confio nele. Cortesia do meu ex, conheço todas as maneiras que um mentiroso pode se esconder. Este homem não está escondendo nada.

Ele não parece capaz disso.

Talvez seja por isso que ele está sentado sozinho em uma sala lotada, olhando para o resto da humanidade, e olha para mim como se quisesse me preparar o jantar, mas preferisse passar fome a comer.

Eu digo: — Mudei de ideia.

— Sobre o quê?

— Sobre querer estar aqui. Estou feliz por ter vindo. Obrigada por me deixar ficar.

— Você não é bem-vinda.

Outro sorriso puxa os cantos da minha boca. Provavelmente sorri mais desde que me sentei com ele do que nos últimos três meses. — Alguém já lhe disse que você é estranho?

Ele dá de ombros. — Só todo mundo.

— Isso não incomoda?

— Você já assistiu a um daqueles documentários sobre serial killer? Ted Bundy, Jeffrey Dahmer, esse tipo de gente?

— Sim. Por quê?

— A primeira coisa que os vizinhos sempre dizem quando descobrem que moram ao lado de um cara que corta pessoas e as come é: Ele parecia tão normal.

— Então você está me dizendo que não vai me desmembrar para o seu churrasco de fim de semana?

— Estou lhe dizendo que quanto mais normal alguém parece, mais esqueletos ele tem enterrados no quintal. O que você já sabe.

— Como assim?

— Eu aposto minha casa que seu ex palhaço parecia o homem mais bem ajustado que você já conheceu... no começo. Então, eventualmente, a máscara caiu e você viu o monstro por baixo.

É como se ele tivesse lido um roteiro de todo o meu relacionamento com Chet. A precisão de todas as suas suposições é enervante. Mas só porque me faz sentir tão nua. Muito *vista*.

Uma sensação que não sentia há muito tempo.

— Sim. Mas ele nunca se considerou assim. É preciso ser um homem de bom coração para reconhecer quando ele é o monstro na história de outra pessoa. A coragem necessária para partir o próprio coração para salvar o de outra pessoa prova que ele não é realmente um monstro. Ele é um herói. Ele só quer pensar em si mesmo como o vilão para nunca mais se machucar.

O silêncio se estende até ficar tenso e vibrante. Agora não estamos nem tentando fingir que o contato visual é tudo menos sexualmente carregado.

Quando o garçom chega à nossa mesa e pergunta se precisamos de alguma coisa, nós dois dizemos *sim* ao mesmo tempo, sem desviar o olhar um do outro.

Muitos meses depois, depois de nossos corações estarem feridos e ensanguentados, depois de todas as nossas lágrimas terem sido derramadas e de sermos estranhos mais uma vez, olharei para trás,

para esse momento, e perceberei que já estava perdida.



## CAPÍTULO QUATRO

### *Cole*

Ela é linda, essa mulher de olhos verdes, uma inteligência afiada e uma fraqueza por homens que precisam de terapia. Linda, inteligente e observadora, o que a torna o tipo de perigo do qual eu deveria estar me afastando agora mesmo.

Meus pés têm outras ideias. Eles se recusam a se mover, embora eu continue insistindo para que nos levem para o mais longe possível dela.

Eles não são minha única parte do corpo que ela hipnotizou.

Meu pau, meu coração e cada nervo sob minha pele doem por ela.

No silêncio constrangedor, o garçom pigarreia. — Outro uísque, senhor?

— Dois.

Digo isso num tom que ele entende corretamente como uma dispensa. Ele se retira, deixando-me sozinho com Shay em nossa pequena bolha tensa.

Eu digo: — Não me romantize.

— Eu não estou. Foi simplesmente uma observação. Os caras maus nunca pensam que são os caras maus. Eles estão muito ocupados apontando o dedo e culpando todo mundo por obrigá-los a fazer o que fizeram. Além disso, não tenho mais nenhum romance em mim. Chet me curou disso.

Eu enrolo meu lábio em desgosto. — Chet? Até o nome dele parece de palhaço.

— Realmente? Acho que é um nome bonito. Masculino.

— Não é masculino. Infantil. Estou imaginando um loiro esportivo com dentes perfeitos e muito produto no cabelo.

Ela sorri.

Eu gostaria de poder tirar uma foto desse sorriso. Poderia acabar com as guerras.

— Essa descrição é tão precisa que é perturbadora. Diga mais.

— Ele malha todos os dias. Obtém bronzamento artificial. Chama todo mundo de *irmão*. Nunca se cala sobre seu Rolex. Se olha no espelho quando transa. Tem uma daquelas caras presunçosas e arrogantes que você quer dar um soco assim que vê.

Shay pisca rapidamente, balançando a cabeça. — Isso é estranho. Você o *conhece*?

— Eu conheço o tipo. Garoto da fraternidade da escola preparatória, idiota.

Sua risada é tão atraente e desarmante que tenho que cerrar meus molares para não a beijar.

Não consigo me lembrar da última vez que tive esse tipo de resposta física a alguém. Talvez nunca. Deve haver ímãs sob nossa pele, aproximando-nos.

— Você e Chelsea realmente se dariam bem.

— Por que isso?

— Ela o chama de idiota.

Faço uma pausa para pensar. — Visual interessante. Mas como diabos – e quero dizer isso da maneira mais respeitosa possível – uma mulher como você se apaixonou por um bundão como aquele?

Sua risada morre. Ela fica aqui sentada parecendo atordoada, o que me faz sentir um idiota.

— Desculpe. Isso estava fora de linha.

— Não, de jeito nenhum. Ocorreu-me que nunca tinha ouvido um homem chamar outro homem de bundão antes. É estranhamente

satisfatório.

— É uma palavra muito versátil.

Estamos nos encarando novamente. Está se tornando um hábito. Eu nunca quero parar.

*Que porra ela está fazendo comigo?*

Como estou tão instável, minhas palavras saem com mais raiva do que eu pretendia. — Então ele traiu você.

— Oh, meu Deus.

— O quê?

— Como você *sabe* disso?

Ela está visivelmente chateada. A pulsação na lateral do pescoço dela está latejando. Quero pressionar meus lábios contra isso. Quero enterrar meu rosto em seu cabelo. Em vez disso, olho em seus olhos e luto contra o desejo que aquece todo o meu corpo.

— Apenas um palpite.

Sua risada é pequena e nervosa. Ela passa a mão trêmula pelo cabelo e olha para o colo. — Foi bom.

Ficamos sentados em silêncio por um momento enquanto a observo lutar para recuperar a compostura. Ela está lutando contra lembranças ruins, algo que eu conheço.

Então, porque eu a acho fascinante e quero saber todos os seus segredos, digo: — Como você descobriu?

— Seu telefone. Um dia, ele o deixou no balcão por acidente, aberto no aplicativo de namoro. Ele estava enviando mensagens para todas essas mulheres diferentes. Pedindo nudes. Organizando horários para ficarem juntos. Eu estupidamente acreditei nele quando ele disse que estava sempre no celular por causa do trabalho.

— Que tipo de trabalho ele faz?

— Ele é um personal trainer.

— Claro que ele é.

— Não pareça tão enojado.

— Não é nojo. É desprezo. Eu gostaria de encontrar esse perdedor de merda e ver o quão alto ele consegue gritar.

Depois de um silêncio pensativo, ela diz: — Não consigo decidir se isso é um sinal de alerta ou apenas uma coisa genuinamente legal de se dizer.

— É uma bandeira vermelha.

— Eu gostaria de pensar que é parcialmente ambos.

— Não é. Acabei de ameaçar com violência um estranho e falei sério.

— Eu sei, mas você fez isso por instinto protetor. É quase cavalheiresco.

Percebo que estou olhando para ela, mas não consigo evitar. Ela está sendo deliberadamente ingênua. Confundir anti-heróis com mocinhos. Ela provavelmente lê muitos romances. — Você precisa discernir melhor de quais homens você deve ficar longe.

— Ei, só estou sentada aqui porque fui chantageada para isso.

— Aqui está uma pergunta séria para você. Você já pensou que talvez não tenha conseguido o que queria porque merece algo melhor?

Agora ela está olhando para mim. O que eu disse a irritou, e ela está prestes a usar aquela sua língua afiada para me dizer exatamente o que é.

— O que eu queria era amor. O que é melhor do que isso?

— Os homens não abandonam as mulheres que amam. Eles abandonam as mulheres que estavam usando.

Isso a atinge com força. Uma mistura de dor e raiva brilha em seus olhos.

Digo mais gentilmente: — Há algo faltando nele. Você sabia disso. Você apenas escolheu ignorá-lo. Tudo o que estou dizendo é que

não faça a mesma escolha com o próximo homem.

Ela responde: — Talvez não haja um próximo homem. Talvez eu tenha terminado com todos vocês.

— Haverá um próximo homem.

— O que faz você ter tanta certeza?

— Porque até um completo estranho pode ver como você merece ser adorada.

Seus lábios se abrem. Sem piscar, ela me encara com as sobrancelhas franzidas e o lindo rosto pálido. Então ela exige: — *Quem disse isso?*

— Você está ofendida?

— Não, estou confusa!

— Por quê?

— Porque você age como se achasse que sou contagiosa, mas fala como um herói de um romance!

— Eu sabia.

— Você sabia o quê?

— Você lê romances.

— Então?

— Então essa merda vai apodrecer seu cérebro.

— Oh, por favor, é uma fantasia divertida e escapista. Também é feminista, porque nos encoraja a explorar o nosso próprio prazer sexual. Você tem medo que as mulheres tenham padrões muito elevados depois de lerem sobre serem amadas por homens fictícios?

— Não, temo que os padrões delas caiam muito.

— Que diabos você está falando?

— Christian Grey tem múltiplos transtornos de personalidade causados por intensos traumas de infância. Edward Cullen é um perseguidor controlador que quer matar Bella bebendo seu sangue.

Darcy é um idiota arrogante com uma ansiedade social paralisante e preconceito contra a classe baixa. No entanto, todos esses personagens imperfeitos inspiraram milhões de mulheres a pensar que homens destruídos são de alguma forma ideais, ou poderiam ser, se ao menos a mulher certa os amasse.

Fico feliz que não haja talheres na mesa. A julgar pela expressão dela, Shay já teria enfiado uma faca no meu baço.

— Acho que você é o homem mais chato que já conheci.

— Só porque você sabe que estou certo.

Ela olha em volta, como se pedisse à pessoa mais próxima um cutelo<sup>1</sup>.

O garçom retorna com nossas bebidas. Sentindo a tensão, ele cuidadosamente abaixa os copos, seu olhar passando entre nós, depois nos envia um sorriso tenso e sai correndo sem dizer uma palavra.

Shay pega seu copo e bebe o uísque, fazendo uma careta e estremecendo quando acaba. — Urgh.

— Por que você bebeu tudo tão rápido?

— Era isso ou assassinato.

Eu choco nós dois rindo.

Ela se vira para mim com as sobrancelhas levantadas e diz secamente: — Já devo estar bêbada. Isso soou suspeitamente como uma risada.

Eu faço uma careta para ela. — Não foi.

Ela me estuda por um longo tempo, sua expressão ilegível e seus olhos intensos. Então ela lentamente coloca o copo vazio de volta na mesa e me lança um olhar de desejo sexual tão franco que fico atordado.

Estou ainda mais surpreso com o que sai de sua boca em seguida.

— Eu também não sou um anjo. Eu tenho todos os tipos de falhas.

— Realmente? Como o quê?

— Sou imprudente.

— Como assim?

Ela nem hesita quando puxa o tapete debaixo de mim.

— Bem, acabamos de nos conhecer e, até hoje à noite, eu tinha certeza de que seria celibatária para sempre, mas estou pensando seriamente em pedir a você que nos consiga um quarto neste hotel.

Tudo e todos no bar desaparecem. Um rugido distante enche meus ouvidos e meu coração começa a bater forte.

Então eu conto uma mentira tão escandalosa que mal consigo forçá-la a passar pelos meus lábios.

— Não me peça. Eu direi não.

## CAPÍTULO CINCO

### *Shay*

Meu sorriso é quase tão incandescente quanto minha humilhação.

— Ah. Nesse caso, você terá que me desculpar. Estou saindo agora.

— Seus dez minutos não acabaram.

— Eu sei, mas tenho que ir ao banheiro feminino para poder me afogar no banheiro.

Quando faço um movimento para me levantar, ele agarra meu pulso e me puxa para mais perto. Com um tom baixo e urgente, ele diz: — Não confunda isso com uma rejeição.

— Engraçado, mas sempre pensei que a palavra *não* fosse um bom indicador de rejeição.

— Isso não significa que eu não quero você.

Minhas bochechas queimam de vergonha. Meus ouvidos estão escaldantes. É como se alguém tivesse aumentado a temperatura em trinta graus. Não tenho ideia do que me deu para dizer isso, mas o momento foi exposto agora. Eu não posso voltar atrás.

Também não consigo olhá-lo nos olhos quando digo: — Ok. Eu entendo.

— Shay. Olhe para mim.

Demora um pouco para eu reunir coragem. Quando faço isso, sua intensidade é tão intimidante que esqueço de continuar respirando.

Ele diz: — Você não entende. Seu ex não é apenas um palhaço idiota, ele é uma maldita criança. Ele precisa ter seu rosto reorganizado. Eu quero acabar com ele.

Enquanto processo isso, ouço Chelsea gargalhando ao fundo. Dolorosamente consciente de que estamos sendo observados e de que



terei que contar essa história mais tarde, meu rosto fica ainda mais quente.

— Há muito o que desvendar nessa declaração. No entanto, o constrangimento obstruiu minhas funções cerebrais normais, então você terá que me explicar como se eu fosse uma criança.

Com as narinas dilatadas, ele inala. Ele não pisca há trinta segundos. Ele está se esforçando para não fazer alguma coisa, mas não tenho certeza do que é.

Pelo que parece, jogar o copo de uísque contra a parede.

— Primeiro, explique-me por que você pediria a um estranho para fazer sexo com você.

O orgulho levanta a cabeça. Esnobe como uma professora, fungo e levanto o queixo. — Eu não pedi. Eu disse que estava *pensando* em pedir. E também não disse nada sobre sexo. Talvez eu só quisesse abraçar.

— Dá um tempo. Você não quer só abraçar.

*Deus, esse cara é impossível.* — Eu sei. Você poderia ter sido um cavalheiro e deixar isso passar.

— Eu não sou um cavalheiro. Termine a explicação.

Exasperada, suspiro. — Você não vai me deixar sair até que eu dizer, não é?

— Correto. Pare de protelar.

Meu tom é irritado, mas não consigo evitar. Ele está apertando todos os meus botões, e não os certos. — Você terá que ficar aí sentado enquanto penso nisso, porque honestamente não sei.

Sua frustração é palpável. Ele não apenas não está acostumado a ser desafiado, mas também não está acostumado a esperar.

*Que tipo de trabalho ele faz? Provavelmente algo envolvendo latir ordens para subordinados aterrorizados.*

— Tudo bem. Aqui está. Você é o primeiro homem por quem me

sinto atraída desde que Chet e eu terminamos, e a primeira pessoa que parece entender o inferno pelo qual passei. Chelsea pode ter tido razão quando disse que a única maneira de superar um homem é estando debaixo de um novo, e estou cansada de ser a única pessoa na sala que não faz sexo. Eu sei que não é tão simples, mas já tentei de tudo. Nada funcionou. Então, suponho que estava pensando que talvez pudéssemos fazer um ao outro esquecer nossa dor por um tempo.

Eu limpo minha garganta. A professora está de volta. — Além disso... tenho preservativos na minha bolsa.

Cole olha para mim com fúria brilhando em seus olhos azuis. Mas então seu olhar desce para minha boca e percebo que estou enganada. Isso não é raiva.

É paixão.

De repente, estou tonta.

Acho que ele está prestes a dizer sim.

## CAPÍTULO SEIS

### *Cole*

Se estivéssemos sozinhos, eu já teria arrancado as roupas do corpo dela com as mãos e os dentes e enterrado o rosto entre as suas pernas.

Do jeito que está, estou tendo dificuldade em evitar fazer exatamente isso, mesmo com uma centena de espectadores.

Inspiro lentamente, saboreando seu perfume e apreciando a sensação de seu pulso batendo descontroladamente sob meu polegar. Minha voz sai rouca. — Você se odiaria amanhã.

Seus lábios se curvam para cima. Seus olhos brilham. — Talvez. Só há uma maneira de descobrir.

Porra, esses olhos. Tenho um mau pressentimento de que o tom exato de verde salpicado de ouro ficará permanentemente gravado em minha memória.

Estamos sentados perto. Muito perto. Eu ainda tenho o pulso dela preso na minha mão. Nossas coxas estão pressionadas juntas, do quadril ao joelho. Bastaria eu mergulhar a cabeça e poderia deslizar a língua entre a fenda dos seus seios.

Eu quero muito isso.

Mas estou muito ocupado tentando convencê-la a não fazer algo tolo.

— Suas amigas não aprovariam.

Ela ri. É um som alegre, leve e arejado, mas há uma escuridão que o sublinha e que ressoa dentro de mim como uma nota solitária tocada num violino melancólico.

Meus pedaços quebrados fazem música com os dela.

— Chelsea não apenas aprovaria, ela provavelmente pagaria pelo quarto se eu pedisse. Você terá muitas dessas objeções?

— Por quê?

— Estou me perguntando se devo sair agora ou pedir outra bebida para lhe dar tempo para lutar com sua consciência.

Ela olha para minha boca então. Olha para ela e lambe os lábios, como se estivesse se imaginando me provando.

Então ela tem a porra da audácia de dizer: — Ou você está preocupado em não conseguir ter uma ereção?

Eu olho para ela sob as sobrancelhas abaixadas. — Não me teste, Shay.

— Oh, você é assustador demais para ser testado. Eu não ousaria.

Ela diz isso exatamente como um maldito desafio.

Ok. Que comece o jogo.

Pego a mão dela e coloco-a no meu colo, enrolando os dedos em volta do meu pau, rígido e latejante sob o zíper.

Seus olhos se arregalam. Desta vez, sua risada é sem fôlego. — Oh. Isso responde a pergunta. — Com as bochechas coradas, ela olha ao redor do bar. — Graças a Deus pela toalha de mesa.

— Olhe para mim.

Quando ela me lança um olhar desconfiado e de soslaio, eu me inclino mais perto e abaixo a voz.

— Sim, eu quero foder você. Mas você estava certa quando disse que pareço o maior arrependimento de muitas mulheres. Você já tem o suficiente disso.

Considerando que suas bochechas estão tão vermelhas, sua compostura fica ainda mais impressionante quando ela responde. — É verdade. Mas as baterias do meu vibrador acabaram esta manhã, então o momento é realmente muito bom.

Não sei se estou mais chateado ou excitado.

*Que porra ela está fazendo?*

Eu rosno: — Você está certa. Você é imprudente. Você terá problemas se continuar fazendo propostas para estranhos.

— Você é o primeiro e último estranho a quem vou propor, então não há nada com que se preocupar. Pode, por favor, devolver minha mão agora? A menos que você esteja prestes a desfazer o zíper, isso é realmente estranho.

— Você não pode realmente acreditar que me masturbar debaixo da toalha de mesa poderia ser menos estranho.

— Pelo menos eu estaria me segurando em algo diferente da minha humilhação.

Excitado, frustrado e impotentemente encantado, não consigo pensar em mais nada para dizer a não ser um áspero — Foda-se.

— Isso é um sim?

Ela olha para mim com aqueles olhos grandes, suas bochechas vermelhas. Ela está nervosa e envergonhada, mas mantém a cabeça erguida, ainda sem ceder um centímetro. Ela é completamente sem remorso.

Muitos meses depois, olharei para trás e perceberei que nunca tive uma chance.

Eu estava perdido no segundo em que ela se sentou ao meu lado e sorriu.

## CAPÍTULO SETE

### *Shay*

Este não é o meu estilo, posso ter sido dominada sem saber por um daqueles alienígenas obcecados por sexo de que Angel estava falando.

Além disso, eu sei que é perverso, mas há uma parte de mim que está realmente gostando de como essa conversa está deixando Cole desconfortável.

Que ele está acostumado a estar no controle é óbvio.

Que ele me quer também é óbvio.

O que não é óbvio é por que ele está se contendo. Deve haver mais do que ele estar tentando me impedir de cometer um erro.

Nenhum homem é tão altruísta. Não quando há sexo sem compromisso.

Ele diz: — Não, não foi um sim. E pare de olhar para mim como se eu tivesse um motivo oculto. É muito simples: acho que você se arrependeria.

— O que faz você ter tanta certeza?

— Você é emocionalmente vulnerável. Você tomou algumas bebidas. Essas coisas nunca se misturam bem.

Ok, talvez ele seja altruísta. Melhor testá-lo para ter certeza. — O que estou ouvindo é que você simplesmente não tem coragem de me dizer que tem uma DST e ela está piorando.

Ele fecha os olhos, cerra os dentes e respira lenta e irritadamente.

Em seu silêncio erçado, eu digo: — Cole. Por favor, olhe para mim. Quero dizer uma coisa, mas quero que você olhe para mim quando eu disser.

Quando ele vira seu olhar para mim, o ar ondula com o calor.

Meu pulso acelera. Minha boca fica seca. Tenho que engolir antes de poder falar. — Você poderia, por favor, arranjar um quarto para nós neste hotel? Eu gostaria muito de levar essa fera robusta sob seu zíper para passear.

— Jesus, *porra*, Cristo, mulher — ele murmura, olhando para mim indignado.

— Foi você quem colocou minha mão no seu pau. Já passamos da fase de bate-papo educado.

Ele tira minha mão da protuberância em sua calça e a coloca firmemente em meu colo.

— Cole, você vai...

— Não peça de novo — ele interrompe, com a voz sombria.

— Você poderia, por favor, arranjar um quarto para nós neste hotel?

— Isso é um jogo para você. É isso? Ver até onde você pode me empurrar antes que eu perca a cabeça?

Ele está começando a parecer muito zangado. Não tenho ideia do porquê, mas isso me deixa ainda mais animada. Chet nunca foi tão emocionante. Ele estava muito ocupado se enfeitando diante de um espelho.

— Não. Eu não estou jogando. Estou falando sério. Aqui, vou provar isso para você.

Eu me inclino para beijá-lo, mas ele me bloqueia, segurando meu queixo com a mão e mantendo meu rosto a centímetros do dele.

Seus olhos brilham. Suas narinas se dilatam. Cada centímetro dele se arrepia. Ele quer tanto me beijar que suas mãos tremem. Mas ele não se permitirá fazer isso. Ele se contém com o tipo de autocontrole que seria profundamente impressionante se não estivesse interferindo em eu conseguir o que quero.

Nunca vi um espécime de homem mais emocionante em minha

vida.

Provavelmente são todas as suas bandeiras vermelhas que estão me deixando tão quente. Talvez ele esteja certo sobre os romances.

Eu digo: — Não são as bebidas. Não é a separação. Não é a bateria do meu vibrador que acabou. É que você é protetor comigo. Você quer me proteger e está tentando negar a si mesmo algo que deseja por causa disso. Acho isso extremamente sexy.

Quando ele apenas olha para mim naquele silêncio quente, raivoso e sem piscar, acrescento: — Eu adoraria ver todo esse seu controle cuidadoso se desfazer.

— Você nem sabe meu sobrenome!

— Você também não sabe o meu.

— Eu poderia ser abusivo. Eu poderia ser um psicopata!

— Nós dois sabemos que você não é.

— Mas eu poderia ser.

— Apenas me beije já. As pessoas estão olhando.

— Deixe-os olhar, porra.

— Não me faça implorar. Isso é embaraçoso.

Seus olhos brilham perigosamente. Sua risada é baixa e forte. — Você não está nem um pouco envergonhada.

— Eu estava mais cedo. Agora estou com tesão.

Seus olhos suavizam, assim como sua voz. — Shay, sério. Que diabos está fazendo?

— Fazendo-me feliz. Colocando minhas próprias necessidades em primeiro lugar.

— Isto não é sobre suas necessidades. É sobre o seu ego. Aquele idiota do Chet machucou-o, e você quer me usar para consertar isso.

— Ele não machucou meu ego. Ele quebrou meu coração. E você tem cinco segundos, a partir de agora, para decidir antes que eu me



levante e vá embora. Uma noite, Cole. Isso é tudo. Uma noite e nunca mais nos veremos. Vamos fazer isso.

Seu olhar muda para uma confusão genuína. De alguma forma, suas mudanças de humor o tornam ainda mais atraente.

— Você é a mulher mais desconcertante que já conheci.

— Você deveria ver meus seios. Então você ficará realmente impressionado.

Um som ressoa em seu peito. É baixo e perigoso, como o rosnado de um lobo.

Quando seu olhar cai em meus lábios, sei que quase o peguei. Eu sussurro: — Tenho mamilos muito sensíveis. Mal posso esperar para sentir sua língua neles.

Há um momento – um momento longo e sem fôlego – em que quase posso ouvir o fio de seu autocontrole se desgastando. Então a última de suas restrições se rompe.

Ele se inclina e cobre minha boca com a dele.

## CAPÍTULO OITO

### *Cole*

Ela tem gosto de uísque fino e pesadelos. No segundo em que nossas bocas se fundem, ela geme. Baixo e suave, subindo do fundo de sua garganta, o som frita a parte do meu cérebro responsável pela contenção e pela boa tomada de decisões.

Seguro seu queixo com a mão e bebo avidamente de sua boca deliciosa, como um homem que vive sem água há anos.

Ela se inclina para mim, espalmando a mão sobre o centro do meu peito, arqueando-se mais perto do meu corpo. Ao longe, alguém assobia e começa a bater palmas. Nós dois ignoramos isso.

Deslizo minha língua contra a dela e desejo que já estivéssemos nus.

— Arrume um quarto para nós — ela suspira, seus lábios se movendo contra os meus.

Capturo seus lábios novamente, porque ainda não terminei de beijá-la.

Ela é deliciosa. Quente, suave, feminina e completamente deliciosa.

Quero devorar cada centímetro de seu corpo. Quero deixar marcas de mãos na pele dela. Quero mordê-la, lambê-la e fodê-la de todas as maneiras, entre tenra e brutalmente forte.

Quero deixar que essa mulher de olhos lindos e alma triste me arruíne.

Pelo menos por esta noite.

Virando a cabeça dela, rosno em seu ouvido: — Vou para a recepção. Encontro você em dez minutos nos elevadores. Você não

deveria estar lá, Shay.

— Eu vou estar.

— Você não deveria.

Afastando-me dela, levanto-me da mesa e aceno para Matt atrás do bar para colocar as bebidas na minha conta. Então me afasto, passando por entre as mesas enquanto vou em direção ao saguão e à recepção.

É preciso toda a força de vontade que me resta para não me virar e ver se ela está me observando partir.

## CAPÍTULO NOVE

### *Shay*

Instável, vou para a mesa onde Chelsea, Angel e Jen me aguardam, olhando para mim com expressões de choque correspondentes.

Deslizo na minha cadeira e olho ao redor da mesa. — Boas notícias! Vou transar esta noite. Ele só foi arrumar um quarto para nós.

Elas explodem em gritos estridentes tão altos que provavelmente podem ser ouvidos do espaço sideral. Estremecendo, aceno com a mão para que parem. — Pessoal, por favor. Vocês estão fazendo uma cena.

Chelsea grita: — Isso vindo da garota jogando hóquei com as amígdalas com um estranho no meio de um bar!

— Não foi hóquei com as amígdalas, sua adolescente. E não estávamos no meio do bar. Estávamos ali, encostados na parede.

Pego o copo de água de Chelsea e bebo cada gota de líquido nele. Minha boca é um deserto.

Deve ser nervosismo. O que provavelmente também está fazendo meus joelhos parecerem fracos, meu coração bater forte e minhas mãos tremerem.

Sr. Sombrio e Tempestuoso tem um efeito bastante interessante em meu corpo.

Jen exige: — O que diabos aconteceu entre você sair desta mesa como se estivesse caminhando para sua própria execução e voltar dez minutos depois encharcada de suor com um acompanhante para uma rapidinha?

Eu olho para mim mesma. — Estou suando? Oh, Deus, estou

suando. Porra.

Chelsea gargalha. — Pela aparência dele, você estará muito mais molhada em alguns minutos. Que bom para você, garota! Estou tão orgulhosa! Você não poderia ter me dado um presente de aniversário melhor.

Imaginando o que estou prestes a fazer com Cole, entro em pânico. Meu pulso acelera. Olho para Chelsea suplicante. — Não faço sexo há três meses.

Ela faz uma careta para mim. — Você faz sexo com seu vibrador todos os dias.

— Eu quis dizer com algo respirando. E se esqueci como fazer isso? E se for estranho e horrível? E se ele for um ejaculador precoce? Merda, eu lembrei de me depilar?

— Depilar? — repete Chelsea, indignada. — Quantas vezes eu já disse para você fazer uma depilação a cera? Raspar deixa áspero! Áspero não é sexy!

Jen diz: — Retirei todos os meus com laser. Doeu demais, mas valeu a pena.

Angel diz: — Não tenho dinheiro para pagar o laser, então uso aquela loção que derrete todo o cabelo pela raiz. Cheira estranho, mas funciona.

— Meu Deus, vocês poderiam parar de reclamar sobre pelos pubianos e me dar algum apoio emocional? Estou prestes a ter um caso de uma noite com um estranho gostoso! Dê-me alguns conselhos femininos. Angel, você vai primeiro.

— Por que eu?

— Você é a mais experiente.

Ela franze a testa. — Você acabou de me chamar de vadia?

— Esqueça. — Eu me viro para Chelsea. — Você.

Ela bufa. — Então eu sou a segunda vadia no comando, hein?

— Pelo amor de Deus. Jen? Alguma ajuda aqui?

Ela me olha com uma expressão séria e depois diz: — Preservativos. Vários preservativos.

— Obviamente!

Chelsea dá um tapinha na minha bolsa, que está ao lado do copo de água vazio. — Tenho mantido ela abastecida para essa oportunidade.

Jen assente. — Ok. Lubrificante?

— Confie em mim, não precisaremos de lubrificante. Quando digo que estou encharcada, é como se tivesse sido lavada por um caminhão de bombeiros. E não procuro aconselhamento técnico, preciso de aconselhamento emocional. Eu preciso de suporte. Como faço para enfrentar isso?

Angel diz: — Basta abrir as pernas, querida. Ele fará o resto.

Apoio os cotovelos na mesa, apoio a cabeça nas mãos e suspiro. — Vocês três têm menos instinto de carinho do que um quokka comum.

— O que é um quokka? — pergunta Jen.

— Um marsupial peludo e fofo que joga seu filhote em predadores para que ele possa escapar.

Chelsea ri. — Sim, isso soa como nós.

Jen se inclina e pouisa a mão no meu ombro. — Escute, apenas relaxe. Você deve ter sentido uma conexão, certo?

Levanto a cabeça e olho para ela, depois aceno.

— Portanto, confie na conexão. Você nem precisa falar. — Ela faz uma pausa. — A menos que ele queira sexo anal e você não. Você provavelmente deveria falar sobre isso.

— Discutir sexo anal. Ótimo. Obrigada pelo conselho maravilhoso.

— Bem, não queremos que ele enfie em nenhum buraco onde

você não quer que ele enfie, não é?

— Eu não posso acreditar que você disse isso com uma cara séria.  
— Levanto-me, pego minha bolsa e olho para minhas amigas, tentando pensar em algumas palavras de despedida significativas no caso de meu cadáver estrangulado ser encontrado nu em um corredor pela manhã.

Não acredito que Cole seja perigoso, mas caso eu esteja errada, quero que elas se lembrem de mim com carinho.

— Se eu morrer esta noite...

Chelsea se senta ereta e me interrompe. — Ah! Se você morrer, quero sua jaqueta de couro preta com franjas.

Jen engasga, sentando-se para frente. — E eu quero aquela linda bolsa verde da Fendi! A Prada branca também.

Expiro pesadamente e me viro para Angel. — Deixe-me adivinhar. O vestido Valentino vintage que encontrei no brechó?

Ela sorri. — Vermelho é minha melhor cor. Faz meus seios parecerem grandes.

— Graças a Deus o controle da natalidade foi inventado. Se o seu DNA entrar no pool genético, a humanidade estará condenada.

— Não seja tão rabugenta. Você está prestes a transar.

— No entanto, nenhuma de vocês parece preocupada com meu bem-estar físico ou emocional.

Chelsea zomba. — Oh, pelo amor de Deus, garota, você é a vadia mais malvada que existe. Chet simplesmente bagunçou sua cabeça e fez você esquecer.

Depois de um instante, digo: — Obrigada por não o chamar de idiota.

Seu sorriso é cegante. — É mais divertido ouvir você dizer isso. Agora vá, princesa, você tem um pau para devorar. Ligue mais tarde se quiser que eu venha buscá-la. Ou trazer gelo para sua vagina rachada e inchada. — Ela ri. — A gatinha vai levar uma surra de um

cão de caça esta noite!

Não há resposta apropriada para isso, então simplesmente me viro e vou embora, balançando a cabeça.



## CAPÍTULO DEZ

### *Cole*

Com os olhos brilhantes e a cor intensa, Shay vira no corredor em direção ao elevador. Ela para abruptamente quando me vê parado em frente à parede espelhada no final. Nós nos encaramos enquanto eu ordeno mentalmente que ela se vire e corra na outra direção.

Ela recusa.

Endireitando os ombros, ela dá um passo à frente, estendendo a mão como se estivéssemos prestes a fechar uma transação imobiliária.

Em vez disso, agarro-a, giro-a e pressiono-a contra a parede. Seu pequeno suspiro de surpresa é tão sexy que faz meu pau pulsar de excitação.

Olhando em seus olhos arregalados, murmuro: — Última chance para mudar de ideia.

— Não quero mudar de ideia.

— Tem certeza? Você parece nervosa.

— Estou extremamente nervosa, muito obrigado. Aperte o botão.

— Por que suas amigas não falaram nada com você?

— Porque elas têm o QI coletivo de um menino de doze anos. Aperte o botão.

— Por que elas são suas amigas se não cuidam de você?

— Elas cuidam de mim. Todas as três me disseram que Chet era um idiota na primeira vez que o conheceram e que eu poderia fazer melhor.

— E você não ouviu.

— Eu estava muito ocupada sendo cegada por seus dentes

brilhantes e seu narcisismo brilhante. Você vai apertar a porra do botão ou está planejando ficar aqui a noite toda me interrogando?

Ninguém – nunca – fala comigo assim. Com essa impaciência. Esse desafio. Esse total desrespeito. Ela está até xingando. É como se ela estivesse tentando me provocar de propósito. É enlouquecedor.

Também é muito sexy.

Quando lambo meus lábios, sua respiração fica presa. Um pequeno arrepio percorre seu corpo. Eu sei que não é por medo, e isso também é muito sexy.

Na verdade, tudo sobre essa mulher me deixa tão excitado que é perigoso.

Ainda bem que só vamos passar uma noite juntos. Ela é exatamente o tipo de problema no qual um homem poderia se perder.

A menos que você seja o ex palhaço estúpido dela. Eu deveria fazer com que ela me dissesse o sobrenome dele para que eu pudesse ligar para o chefe de polícia e mandar prender aquele idiota por negligência criminosa.

Afastando-me, coloco o dedo no botão do painel na parede para subir, depois cruzo os braços sobre o peito e olho para as portas fechadas do elevador, ignorando-a.

Depois de vários segundos de silêncio confuso, ela diz: — O que você está fazendo?

— Seguindo suas instruções.

Não estou olhando para ela, mas pelo canto do olho vejo sua carranca.

— Bem, é muito pouco romântico.

Meu sorriso se reflete nas portas espelhadas. — Oh, é romance que você quer, não é? E aqui estava eu, com a impressão de que você estava atrás de outra coisa.

Ela vem ficar ao meu lado e olhar para o meu reflexo. — Eu sei o que é isso.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Você está tentando me dissuadir de dormir com você.

— Dissuadir? Nossa, estamos usando nossas grandes palavras esta noite, não estamos?

O veneno em seu olhar poderia matar um elefante a cinquenta passos. Isso me faz sorrir. Então lembro que não faço isso e, em vez disso, faço uma careta.

— Pare de fazer perguntas retóricas. Elas são o sinal de um intelecto fraco.

As portas se abrem enquanto viro a cabeça e olho para ela. — Outro sinal de intelecto fraco é ir com um estranho ao seu quarto de hotel.

Entro, pressiono o botão do andar onde está o quarto e mantenho seu olhar enquanto mais uma vez cruzo os braços sobre o peito.

Abaixando o queixo, ela estreita os olhos para mim e entra no elevador.

Ela gosta de desafios, admito isso.

Ficamos lado a lado, olhando para o saguão, até que as portas se fecham. Então me viro, tomo-a nos braços e coloco minha boca na dela.

Instantaneamente, ela derrete contra mim. Pressionando seu peito contra o meu, ela retribui o beijo com um pequeno som de contentamento e se molda contra meu corpo.

Esta mulher é uma deusa. Ela é a porra da perfeição absoluta. Qualquer um que não caia a seus pés é um tolo, e qualquer homem que a faça se sentir menos do que a rainha que ela é merece uma bala na cabeça.

*Eu vou matar o ex dela.*

Deixando esse pensamento de lado, concentro-me na sensação dela em meus braços. O cheiro de sua pele e cabelo. As curvas quentes de seu corpo. Quando chegamos ao nosso andar, nós dois estamos

ofegantes.

Quando as portas se abrem, aperto o botão que mantém as portas abertas para dar a ela uma última chance de mudar de ideia.

Respirando com dificuldade, ela olha para as portas abertas e revira os olhos quando percebe o que estou fazendo.

— Isso de novo não.

— Não é tarde para voltar atrás.

— Você ainda vai dizer isso quando eu estiver com seu pau na minha garganta?

A imagem dela de joelhos com meu pau duro na sua boca me faz respirar fundo.

Vendo minha expressão, a espertinha sorri para mim e diz docemente: — Só verificando.

Ela sai pelo corredor, gira nos calcanhares e me envia um sorriso brilhante e vitorioso.

— Não pense que você ganhou. Você não ganhou nada, exceto outro arrependimento.

— Para sua informação, toda essa relutância é muito excitante, então se você está tentando me fazer mudar de ideia, você está fazendo isso da maneira errada.

Mantendo seu olhar, saio do elevador, aproximando-me até olhar profundamente em seus olhos. Posso dizer que ela está intimidada, mas ela se recusa a recuar ou quebrar o contato visual. Ela se mantém firme como uma leoa defendendo seu território, toda beleza e orgulho selvagem.

As pequenas gotas de suor brilhando na linha do cabelo são tão bonitas que parecem arte.

*Jesus. Escute a si mesmo. Reconponha-se!*

Eu rosno: — Quarto 410. Fica no fim do corredor. Ande.

Ela pisca e depois franze a testa. — Ande?

— Não me faça repetir.

Arqueando as sobrancelhas, ela diz sarcasticamente: — Sinto muito, você tem a impressão equivocada de que está no comando aqui?

Ainda bem que não tenho problemas nas artérias coronárias. Se eu tivesse, ela já teria me causado um ataque cardíaco por causa do estresse.

Com meu tom firme e sombrio, digo: — Quero ver você andando pelo corredor.

Ela pensa sobre isso e então sorri. — Diga por favor.

Eu fervo para ela silenciosamente. Sua resposta é sorrir ainda mais.

— Tudo bem, Shay. Você não me deixa escolha. — Eu a pego e jogo por cima do ombro, então ando pelo corredor em direção ao quarto. Ela grita e chuta as pernas.

— Pare de lamentar. Você soa como uma ovelha.

— Coloque-me no chão!

— Estou surpreso que você não esteja gostando disso, considerando o tipo de livro que você gosta. Todos aqueles seus heróis de romance não jogam suas mulheres como sacos de farinha?

— Eu nunca disse que gostava de romances!

— Mesmo assim, você conhecia todos os culpados que mencionei.

— Esses não são *culpados*, são personagens!

— Famosos por seus crimes, por isso são culpados.

Ela para de lutar e fica quieta. — Espere. Você está tentando uma tática diferente para me fazer mudar de ideia, não é?

— Está funcionando?

— Não.

— Que surpresa gigantesca.

Pendurada nas costas do meu paletó, ela murmura: — Você não precisa ser sarcástico, seu grande idiota.

Estou feliz por carregá-la, caso contrário ela poderia vislumbrar meu enorme sorriso.

## CAPÍTULO ONZE

### *Shay*

Ele destranca o quarto com um cartão eletrônico e entra, deixando a porta bater atrás de nós.

Estou de cabeça para baixo, então não tenho a melhor vista do lugar, mas posso dizer que é uma suíte. Uma grande sala principal se abre para uma área de jantar menor. Um recanto iluminado exhibe uma obra de arte contemporânea. Há um bar ao lado de uma enorme TV e uma lareira apagada na sala de estar em frente a um sofá e um par de poltronas.

Cole ignora tudo isso. Ele vai direto para o quarto e me joga de costas na cama.

Eu olho para ele parado na beira do colchão olhando para mim e tento não ter um derrame.

Tirando o paletó, ele murmura: — Esses seus lindos olhos estão muito arregalados, querida. Ainda não é tarde demais.

Ignorando a emoção de ouvi-lo me chamar de *querida* enviada através do meu corpo, finjo uma calma que não sinto. — Diga isso mais uma vez e perca seus testículos.

Ele faz um som de desaprovação. — Vergonha. Acho que eles podem ser úteis em breve.

Ele deixa cair o paletó no chão e começa a trabalhar nos botões da camisa.

Não sei o que estava esperando. Na verdade, eu não esperava nada. Estive muito focada na minha própria ansiedade para pensar em como ele seria por baixo das roupas. Mas quando a camisa de Cole se abre sob seus dedos e ele a abre para revelar seu peito nu, acho que conheço o sentimento que os arquitetos da Basílica de São Pedro, no

Vaticano, estavam tentando inspirar quando construíram o lugar.

Reverência.

Sento-me reta, coloco minha bolsa de lado e olho para ele com o coração na garganta e a boca aberta.

— Essa é uma nova expressão. Se eu não soubesse melhor, pensaria que você está sem palavras.

Deslizo até a beira do colchão e coloco levemente ambas as mãos em seu abdômen majestoso. Eles se contraem sob meu toque, uma onda de músculos duros que é ao mesmo tempo masculino e inebriante.

Eu sussurro: — Uau.

É insuficiente, mas é tudo que tenho.

Cole coloca um dedo sob meu queixo e inclina minha cabeça para que eu olhe nos seus olhos. Depois de examinar minha expressão, ele murmura: — Obrigado.

— Não, obrigada *você*. — Olho de volta para seu corpo esculpido, para seus peitorais e bíceps e para sua pele lisa e dourada, e dou uma risada pequena e quase histérica. — Deus. Não admira que você seja tão arrogante. Parece que você foi criado por inteligência artificial para estrelar filmes de ação.

— Arrogante?

— Oh, por favor. Você é o garoto-propaganda da arrogância e sabe disso. Quanto tempo você passa na academia?

— Nenhum.

Eu zombo: — Você está me dizendo que todo esse músculo esculpido veio naturalmente? Sem chance.

— Eu não disse que veio naturalmente. Eu disse que não veio de uma academia. Tire sua calcinha.

Minha respiração fica presa. Olho para ele e o encontro olhando para mim com olhos semicerrados e uma intensidade perigosa.



— Podemos apagar as luzes?

— Não. Tire sua calcinha. Mas deixe todo o resto.

— Por quê?

— Porque depois que eu fizer você gozar com a minha boca, vou gostar de arrancar a roupa do seu corpo.

Meu engolir é certamente audível.

Inspirando, olho para minha saia. *Merda. Que roupa íntima eu estou usando? Estou usando aquela surrada do Walmart? Por que não ouvi Chelsea quando ela disse que toda a minha lingerie parece ter sido encontrada em uma liquidação de garagem?*

— Uma última chance, garota linda. Depois de tirar essa calcinha, não há como voltar atrás.

Eu sei que a voz sombria e acariciante de Cole pretende ser assustadora, mas tudo o que faz é fortalecer minha determinação.

Eu poderia não estar nesta posição se tivesse um conjunto extra de baterias em casa, mas vou transar esta noite e pronto.

Puxando a saia para cima das coxas, enganchos os polegares sob o elástico da calcinha e deslizo-a pelas pernas até que fique presa no tapete ao redor dos meus pés. Então eu a tiro e olho para ele.

— Preta. Vejo que tínhamos um tema para a noite. Deite-se e abra as pernas.

Sem fôlego e tremendo, lentamente me acomodo no colchão e faço o que me manda.

Cole fica imóvel enquanto olha para mim. Seus olhos são fogo. Seu silêncio é assustador. Não sei se ele vai cair de joelhos e me devorar ou perguntar se nunca ouvi falar de navalha descartável.

Em vez de fazer qualquer uma dessas coisas, ele exala silenciosamente e sussurra reverentemente: — Perfeita.

Essa sensação que tenho agora deve ser a mesma que Chet sentia toda vez que se envaidecia diante de seu reflexo no espelho. Com uma

simples palavra, Cole não apenas dissolveu minha ansiedade, ele também liberou aquela poderosa energia feminina sombria da qual Angel sempre fala.

Esticando os braços acima da cabeça, abro mais as coxas.

O olhar abrasador de Cole pisca para o meu. Ele responde: — Você não está no comando.

Porque nós dois sabemos que eu realmente estou, eu sorrio. — Tudo o que você disser, chefe.

Como um predador contemplando sua refeição, ele inclina a cabeça e me estuda. A tensão aumenta até que estou resistindo à vontade de começar a me contorcer.

— Você gosta de brincar com fogo, não é?

— Parece que não sou a única.

— Responda à pergunta.

— Eu penso que sim.

— Sim ou não, Shay.

Algo em sua intensidade faz meu coração bater forte. A energia percorre meu corpo, vibrando em ondas pela minha pele. Meus mamilos endurecem. Minha boceta formiga. Sinto-me instável, como se fosse uma mistura perigosa de produtos químicos que pudesse entrar em combustão espontânea.

Eu respondo com sinceridade. — Eu gosto de brincar com  *você*.

Se isso satisfaz ou não o que quer que ele realmente estivesse perguntando, não sei dizer. Seus olhos azuis são tão escuros e impenetráveis quanto a superfície de um mar tempestuoso.

Ele se ajoelha entre minhas pernas e lentamente passa as mãos pelas minhas pernas abertas, da parte interna dos joelhos até onde minhas coxas encontram meu corpo. Olhando vorazmente para minha boceta exposta, ele lambe os lábios.

Essa simples ação é tão sexy que quase gemo alto.

— Você quer minha boca em você?

Sua voz é áspera no quarto silencioso. A minha está ofegante.

— Sim.

— Peça.

Ele acaricia meus pelos pubianos com os polegares, sua pressão é leve como uma pena. Lutando contra outro gemido, eu engulo.

— Por favor, Cole. Eu quero sua boca.

Quando ele murmura *boa menina*, quase morro.

Correção. Quando estou quase morta é o momento em que sua língua quente faz contato com meu clitóris formigante e dá um movimento firme. Então gemo tão alto que as meninas provavelmente conseguem me ouvir lá embaixo.

Cole desliza as mãos sob minha bunda nua e a agarra enquanto desliza a língua para frente e para trás em uma dança lenta e rítmica sobre meu clitóris. Um arrepio percorre meu corpo. Fecho os olhos e enrosco os dedos em seu cabelo.

Quando começo a balançar os quadris no ritmo dos golpes de sua língua, ele emite um som abafado que reconheço como uma risada.

— Não se vanglorie — eu respiro. — Vangloriar-se não é atraente.

— Sim, senhora — ele sussurra, então desliza um dedo dentro de mim, fazendo-me ofegar e arquear para fora da cama. Ele acrescenta outro dedo e eu choramingo.

Ok, então talvez eu não esteja no comando, afinal.

*Droga.*

# CAPÍTULO DOZE

## *Cole*

Se eu achava que sua boca tinha um gosto bom, sua boceta parece o paraíso.

Puxando meu cabelo e esfregando essa boceta deliciosa contra meu rosto, ela geme.

— Oh, Deus, isso é incrível. Sua língua é incrível. Seus dedos são incríveis. Esta foi a melhor ideia que já tive na minha vida.

Seus pequenos gemidos sem fôlego me deixam louco. Meu pau está tão duro que dói.

— Sim, oh, chupe bem desse jeito, *oh...*

Eu amo como ela é receptiva. Quão vocal. Quando raspo meus dentes contra seu clitóris inchado, ela estremece, gritando. Enfio meus dedos mais fundo dentro dela e ela diz meu nome.

Geme.

Faz parecer que sou um super-herói.

É bom que isso seja apenas por uma noite. Eu nem a comi ainda e já estou obcecado. Se eu conseguisse mais dela...

*Não. Não vá lá. Ela não pode ser sua. Ela nunca poderá ser sua.*

Sua boceta se contrai em volta dos meus dedos. Então ela goza, gritando com voz rouca, as coxas tremendo e os quadris sacudindo, os sons crus de seu prazer ecoando nas paredes.

Ela chama meu nome novamente. Desta vez há desespero em seu tom.

Para nossa sorte, eu sei do que ela precisa.

Pego sua pequena bolsa e abro-a. O conteúdo inclui um telefone

celular, um cartão de crédito e cerca de duas dúzias de camisinhas. Pego uma, rasgo o pacote de papel alumínio, abro o zíper da calça, pego meu pau duro na mão e coloco a camisinha.

Então, agachado e equilibrando-me nas pontas dos pés, eu arrasto-a para fora da cama e empalo-a no meu pau.

Olhando para mim com olhos arregalados e lábios molhados, ela crava as unhas em meus ombros. Seu rosto está vermelho. Suas coxas estão abertas em volta da minha cintura. Sua expressão é de puro espanto.

— Você está bem?

— Sim — ela diz sem fôlego. — Isso foi simplesmente surpreendente.

— Por quê?

— Você está nos equilibrando na ponta dos pés.

— Então?

— Você diz isso como se não fosse grande coisa.

— Não é.

— Oh. Você é muito forte, não é?

— Sim.

— Eu deveria saber quando vi todos os músculos. O que aconteceu com arrancar as minhas roupas que você deveria fazer?

— Chegaremos a isso em um minuto. Decidi que precisava foder você primeiro.

Seu sorriso é tão lindo que faz meu coração bater mais forte.

— Cole, você é fantástico.

Não consigo evitar: sorrio de volta para ela. — Você também não é tão ruim, querida.

Então empurro meus quadris, entrando mais fundo.

## CAPÍTULO TREZE

### *Shay*

Enquanto ele está entrando em mim, grunhindo de prazer e apertando minha bunda com suas mãos fortes enquanto eu me seguro em seus ombros como se para salvar minha vida, tenho uma epifania.

Até agora, tenho feito essas coisas completamente ao contrário.

Um relacionamento de um ano com um narcisista que destrói minha autoestima e termina em lágrimas? Inscreva-me! Um caso de uma noite com um estranho bonito? Nunca!

Eu sou uma idiota.

Olhando entre nossas pernas enquanto movimenta os quadris, Cole rosna: — Sua boceta está encharcada.

— De nada. — Quando ele olha para mim, eu rio de novo, sentindo-me enlouquecida.

— Você percebe que rir enquanto um homem está transando com você não é a resposta ideal, certo?

— É melhor do que chorar.

Ele sorri novamente. Eu juro, o homem tem um sorriso lindo de morrer. Por que ele está sempre tentando esconder isso?

Sou distraída desse pensamento, porque ele decide ser o Super-Homem e fica de cócoras, levando-me junto com ele como se eu não pesasse mais que um pássaro.

— Uau, você é realmente impressionante! Esta é a melhor noite da minha vida!

— E nós apenas começamos.

Ele se vira, senta-se na beira do colchão e se certifica de que

estou estável antes de rasgar a frente da minha blusa. Os botões voam.

Quando suspiro, ele diz: — Não se preocupe. Vou comprar uma nova para você.

Não tenho certeza de como isso deveria funcionar se apenas passarmos a noite juntos, mas a questão se torna sem importância quando ele puxa o bojo do meu sutiã de lado e se inclina para colocar meu mamilo duro em sua boca.

O gemido que me deixa subiu direto da minha alma.

Deixando cair a cabeça para trás e fechando os olhos, concentro-me na sensação de sua boca contra minha pele enquanto esfrego minha pélvis contra a dele. Seu pau é grande e grosso dentro de mim, seus ombros são largos e fortes sob minhas mãos, e se existe um paraíso, espero que lá sejam permitidos casos de uma noite.

— Adoro todos esses sons que você está fazendo, querida — diz ele contra o meu peito, sua voz uma mistura de orgulho e prazer.

— E eu adoro que você esteja me chamando de querida. Você pode fazer isso a noite toda?

— Sim. Isso e tudo o mais que você quiser.

Nunca mais terei outro relacionamento de longo prazo.

# CAPÍTULO QUATORZE

## *Cole*

Shay está quente e macia em meus braços, balançando os quadris para frente e para trás contra minha pélvis e gemendo como uma estrela pornô. Com a cabeça caída para trás e as unhas arranhando minhas costas, ela cavalga meu pau, deixando-me louco.

Eu nunca quero que esta noite acabe.

Eu tiro sua blusa estragada e jogo-a de lado, desabotoo o sutiã e jogo-o de lado também, depois pego seus seios em minhas mãos e os aperto. Seu suspiro de satisfação é longo e alto.

— Você é tão linda — falo rispidamente, então agarro um de seus mamilos rosados perfeitos e chupo.

— Acho que preciso gozar. Oh, Deus. Cole, você é incrível!

Ela estremece. Seus quadris flexionam mais rápido. Eu gentilmente pressiono meus dentes em seu mamilo tenso e ela grita. O seu orgasmo é tão abrupto e violento que me tira o fôlego.

Obviamente, seu ex de merda não estava cuidando dos negócios.

Gritando e tremendo, ela puxa meu cabelo enquanto goza, entregando todo o seu corpo a ele. A sua boceta se contrai convulsivamente em volta do meu pau, e tenho de me concentrar em não perder o controle.

Quando sua respiração diminui e ela relaxa em meus braços, eu sussurro: — Ainda não terminamos, querida. — Então eu a viro de costas e a beijo profundamente.

Ela envolve as pernas em volta da minha cintura e me beija de volta com tanta paixão, é como se a vida dela dependesse disso. Quando ela abre os olhos e olha para mim, parece que uma flecha



atingiu meu coração.

*Não. Sem sentimentos. Não é disso que se trata. Coloque a cabeça no lugar!*

Eu me retiro de seu corpo, ficando ao lado da cama. Tiro o resto da roupa e tiro a saia amassada. Então, olhando em seus olhos, digo: — Dê-me sua boca — e tiro a camisinha.

E Deus a abençoe, esta linda mulher vestindo apenas um sorriso obedece ao meu comando sem hesitação.

Ela cai de joelhos ao lado da cama, pega meu pau na mão e começa a chupá-lo avidamente.

É a minha vez de estremecer. Deslizo minhas mãos em seus cabelos e, sem fôlego, vejo-a aproveitar meu pau com sua língua. Ela a enrola em volta da cabeça, acaricia-a ao longo de todo o comprimento e, em seguida, acaricia novamente. Ela trabalha meu eixo com uma mão e segura minhas bolas com a outra, devorando-me com o mais belo abandono.

— Boa menina — eu rosno, fazendo-a estremecer.

Ela acaricia e chupa mais rápido. O prazer se espalha por todo o meu corpo, começando no meu pau e indo para fora em ondas. Meu pulso fica descontrolado. Um gemido áspero sai do meu peito. Fecho os olhos e me perco na sensação de sua boca.

Então ouço uma risada abafada.

Abrindo os olhos, olho para ela. Ela desliza meu pau para fora da boca e sorri.

— Desculpe. Apenas feliz.

— Não me faça bater em você por desobediência.

Com emoção na voz, ela pergunta: — Isso é algo que podemos fazer?

— Se você quiser, é claro.

— Deus, é como se eu tivesse ganhado na loteria — ela murmura,

parecendo atordoada.

Seguro seu queixo com a mão e digo com firmeza: — Fui eu que ganhei na loteria. Você é perfeita. Obrigado por esta noite. Agora coloque esse pau de volta na boca e continue chupando até eu mandar você parar.

— Não quero ir longe demais, mas seria estranho se eu chamasse você de Daddy?

— Eu não tenho uma tara com o negócio de Daddy, mas se você quiser, então claro.

Ela pensa por um momento. — Eu também não tenho uma tara com isso, mas estou imaginando o rosto de Chelsea se eu disser a ela que chamei você assim a noite toda. Ela desmaiaria.

Como ela é tão adorável? Estou caindo ainda mais sob o feitiço dela a cada segundo que passa!

Mas mantenho minha expressão e voz neutras quando digo: — O que você acha que ela faria se você dissesse que me chamou de Senhor?

Seus lindos olhos se arregalam. — Ela morreria. Definitivamente. Ela cairia morta no local.

Acariciando seu rosto, eu sorrio. — Não quero ser a causa da morte prematura de ninguém, mas pode valer a pena.

Nunca em toda a minha vida vi tanta admiração no rosto de uma mulher. É quase como se... ela gostasse de mim.

Quando percebo o quanto gosto dela também, meu sorriso desaparece e meu coração afunda.

Só mesmo eu para ter um caso de uma noite com talvez a única mulher em todo o mundo que possa ser capaz de me entender.

Porra.

## CAPÍTULO QUINZE

### *Shay*

A julgar pela súbita expressão de dor em seu rosto, Cole está apenas dizendo que posso chamá-lo de Senhor para meu benefício, mas não é agradável para ele. Já que esta noite é toda sobre boas vibrações, não quero estragar nada para nenhum de nós.

— Você sabe o quê? Eu mudei de ideia. Não quero complicar muito. Apenas me destrua sem nenhum título.

Seus olhos tempestuosos me encaram seriamente por um momento. — Você realmente tem um jeito com as palavras, querida.

— Obrigada. — Deslizo sua ereção entre meus lábios e agito meus cílios para ele.

Um sorriso lento toma conta de sua boca, transformando aqueles lábios carnudos em algo lindo e perigoso que me deixa eufórica.

Sim, é isso. Esse sentimento que ele me dá...

É euforia.

Sem aviso, ele me agarra pelas axilas, levanta-me e joga-me na cama, e rosna: — De quatro, linda.

Eu rolo e me posiciono tão rápido que é um milagre não ter torcido alguma coisa.

Eu ouço o papel alumínio rasgando. Então mãos fortes se fecham em volta dos meus quadris, apertando-os com força. Cole empurra sua ereção dentro de mim, puxando-me de volta contra seu corpo ao mesmo tempo em que empurra para frente. Eu gemo de puro prazer. Ele deve gostar disso, porque começa a me foder forte e profundamente, grunhindo de satisfação.

Então ele desliza a mão entre minhas pernas, encontrando meu

clitóris latejante e beliscando-o.

— Tão molhada — ele sussurra enquanto eu gemo. — Molhada e inchada. Você é tão boa, querida. Essa boceta linda e molhada é tão perfeita que vou fodê-la a noite toda.

Incapaz de me segurar por mais tempo, caio de bruços no colchão enquanto ele continua a empurrar para dentro de mim. Fechando os punhos nos lençóis, fecho os olhos e abro mais as pernas, encontrando cada impulso dele com um movimento dos quadris.

Ele canta alguma coisa. Louvor ou sacanagem, não sei. As palavras se perdem sob as batidas do meu coração e os gemidos que escapam da minha garganta. Tudo o que resta é o som profundo e suave de sua voz. Ele me envolve, esfriando minha pele ardente e deslizando por todas as rachaduras frágeis que Chet deixou dentro de mim, preenchendo aqueles espaços vazios e áridos com campos de flores silvestres coloridas e cachoeiras cintilantes que saciam o deserto escuro do meu coração e o transformam em um paraíso verdejante.

Meu peito fica apertado. Minha garganta fecha. De repente – *merda* – estou lutando contra a vontade de chorar.

Não sei como, mas Cole sente isso. Ele diminui suas estocadas, então para completamente, inclinando-se para plantar o antebraço ao lado da minha cabeça.

— Querida — ele murmura, acariciando minha orelha. — Você está bem?

Eu digo sim, mas isso significa não. E ele deve ter muita experiência com mulheres, porque sabe. Sem se afastar do meu corpo, ele nos leva cuidadosamente até o colchão, curva seu corpo forte em torno do meu e me abraça.

Com a boca no meu pescoço, ele diz suavemente: — Diga-me o que você precisa.

Chet nunca foi tão sensível. Esta doação. Isso é *maravilhoso*.

Com os olhos lacrimejando, respiro fundo. — Desculpe. Eu não quero estragar isso.

— Você não está estragando nada.

— Tenho certeza de que não foi isso que você imaginou quando fiz a proposta a você.

— Qual parte?

— Eu toda chorosa.

Seu tom se torna coloquial. — Eu sei que é devido às minhas proezas sexuais. Disseram-me que isso é esmagador.

Apesar do aperto em meu peito, dou uma risada. — Sua arrogância é avassaladora, isso é certo.

Ele me dá um aperto e beija meu pescoço. Seu tom se torna provocador. — Diga a verdade. Meu pau é tão glorioso que você teve vontade de chorar de alegria logo que o viu.

— Que tipo de homem chama seu pau de *glorioso*? Acho que é você quem está lendo muitos romances.

Ele sussurra: — Admita. É lindo. Você quer construir um santuário.

— Pelo amor de Deus.

— E queimar bastões de incenso naqueles pequenos suportes de ouro. E colocar frutas e flores ao redor da base enquanto canta uma canção reverente.

— Uau. O que quer que você esteja fumando, eu quero um pouco.

Ele salpica meu pescoço com beijos suaves, descendo até meu ombro, onde me morde suavemente. — Estou chapado com você.

A doçura desse sentimento me tira o fôlego. Depois de um momento, limpo a garganta para remover o caroço que está dentro dela. — Essa é a letra de uma música.

— Provavelmente. Mas estou falando sério.

Devo estar louca, porque acredito nele. Soltando um grande suspiro, fecho os olhos e viro meu rosto em seu ombro. Ele passa a mão pelo meu braço e depois aperta meu quadril. Há um momento de

silêncio contemplativo e então ele diz: — Podemos parar agora, se você quiser.

Meus olhos se abrem. — Você está brincando? Sem chance! Não vou deixar um momento estúpido e choroso atrapalhar o melhor pau da minha vida!

Seu peito treme com uma risada silenciosa. Depois de se recompor, ele diz seriamente: — Você deveria trabalhar para a Hallmark. Isso daria um cartão de felicitações incrível.

Então ele flexiona os quadris, empurrando mais fundo dentro de mim.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

### *Cole*

Ela alcança minha nuca e puxa minha cabeça para um beijo. É um beijo longo, demorado e emocionante, e quando termina, nós dois estamos respirando com dificuldade e tremendo.

Olhando em seus olhos, digo com voz rouca: — Só quero fazer você se sentir bem. O que você precisar, peça. Se eu fizer algo que você não gosta, diga. Vamos fingir que nos amamos durante toda a vida e nada do que dissermos ou fizermos poderá mudar isso. Vamos fingir, só por esta noite, só um com o outro, que estamos onde sempre pertencemos.

Seus olhos enchem de água. Com a voz estrangulada, ela diz: — Se você continuar falando assim, vai fazer sexo com uma bagunça soluçante.

Passo um dedo sob seu olho, capturando uma lágrima solitária. Então beijo seu nariz e sorrio para ela. — Uma bagunça soluçante com a bunda mais linda que eu já vi. É hora de me montar, querida.

Ela solta um gritinho quando eu rolo de costas e a levo comigo. Eu a coloco em posição e emito um aviso. — Assistir você pulando para cima e para baixo no meu pau provavelmente vai me levar ao limite muito rápido, então se houver alguma coisa que você precise que eu faça para gozar comigo, avise.

Ela ri. Eu amo o jeito que seus olhos brilham quando ela ri. Todo o seu corpo se ilumina por dentro.

Essa mulher é mágica.

Ela apoia as mãos no meu peito, o que é bom, porque me distrai da dor dentro dele. Ela se inclina e me beija. Contra minha boca, ela sussurra: — Ok, cowboy. Vamos lá.

Ela se arqueia para trás, dando-me uma bela visão de seu corpo. Seios cheios, barriga macia, quadris curvados. Cabelo escuro caindo sobre ombros brilhantes. Então ela enrola a mão em volta do meu pau e me guia dentro dela com um sorriso malicioso.

E eu quero matar o ex dela de novo.

A audácia daquele idiota. Machucando-a. Um anjo com uma alma sensível, uma boca inteligente e uma mente suja. Eu deveria arrancar os braços e as pernas daquele idiota egoísta de seu corpo, jogá-lo do cais de Santa Mônica e acenar para ele observando-o afundar no Pacífico.

Imaginando isso, eu sorrio.

— Meu Deus, isso é um sorriso diabólico.

— Você quer diabólico? Segure seu chapéu, querida, porque lá vamos.

Agarro seus quadris em minhas mãos e empurro em seu calor úmido repetidas vezes, observando aqueles lindos seios saltarem cada vez que nossos corpos se encontram. Ela sacode o cabelo dos ombros e faz o barulho feminino mais sexy que já ouvi, um pequeno suspiro de prazer que arranca um grunhido de resposta da minha garganta.

Ela logo está gemendo. Afundando as unhas na minha pele. Implorando para que eu vá mais rápido, mais forte, mais fundo, para dar a ela tudo o que tenho.

— Você primeiro, querida. — Pressiono meu polegar contra seu clitóris e acaricio-o para cima e para baixo.

Pode ser o grito entrecortado de êxtase que sai de seus lábios que me leva ao limite. Pode ser a forma como suas coxas apertam meu corpo. Pode ser a forma como ela arqueia as costas e aperta os próprios seios, beliscando os mamilos duros.

Ou pode ser que eu tenha tido um vislumbre de como minha vida poderia ser se eu fosse um homem diferente.

Um homem melhor.



Um homem que merece uma mulher assim.

Seja qual for a causa, meu orgasmo me atinge tão rápido e forte que me rouba o fôlego. Deito-me debaixo dela, convulsionando de prazer, meus dedos afundados em sua carne doce, olhando para esta linda estranha que me deu uma memória para a qual já sei que voltarei pelo resto da minha vida.

Sim, sexo é ótimo. Mas conexão? *Conexão* de verdade?

É tão valioso e raro que algumas pessoas matariam por isso.

Um fato com o qual estou muito familiarizado.

## CAPÍTULO DEZESSETE

### *Shay*

Abro os olhos e olho para Cole para encontrá-lo olhando para mim com uma expressão de adoração tão completa que faz meu coração disparar.

Ele murmura: — Maldição, querida — depois inclina a cabeça para trás, fecha os olhos e solta um gemido gutural do fundo do peito.

Meu próprio orgasmo ainda está pulsando através de mim, mas ver o Sr. Sombrio e Tempestuoso perder o controle e se entregar ao prazer é tão fascinante que não consigo desviar o olhar.

Seu abdômen está contraído. As veias do pescoço dele estão saltando. Todo o seu corpo sobe contra o meu enquanto ele agarra meus quadris e estremece. Ele geme de novo, mas desta vez o som tem a forma do meu nome.

— Shay. Porra. Shay. Oh, Deus, querida... *porra...*

Eu sinto como se ele me conectasse a uma tomada. A eletricidade surge através de mim, crepitando. Junto com isso vem uma ternura doce e inesperada que me faz querer beijar todo o seu lindo rosto, tomá-lo em meus braços e prometer que nunca mais vou deixar nada machucá-lo novamente.

Então eu me dou um tapa mental na cara.

*Sai dessa, idiota! É só sexo!*

Eu sei que é mais do que isso, pelo menos para mim, mas não vou admitir isso em voz alta. Já cuidei de homens o suficiente durante uma vida inteira. Já dei o suficiente de mim mesma por nada em troca. Esta noite é para recuperar meu poder e fortalecer minha autoestima abalada.

O fato de eu estar usando um estranho sexy com uma personalidade magnética e um pau grande para fazer isso é apenas a cereja do bolo.

Ele me puxa para me deitar em seu peito e afunda a mão em meu cabelo. Mantendo minha cabeça firme, ele me beija com paixão ardente, acariciando sua língua contra a minha enquanto se libera em solavancos e estremecimentos. Depois de um gemido final e uma contração de corpo inteiro, acabou e ele está banhado em suor.

E ainda me beijando.

Passa de desesperado e apaixonado a lento e doce. Suas mãos grandes embalam minha cabeça. Sua respiração irregular volta ao normal. Ele explora minha boca com a língua até eu ficar tonta, depois enfia minha cabeça na curva entre seu pescoço e ombro e solta um suspiro tremendo.

Ele ainda está enterrado dentro de mim. Continua duro.

Fechando os olhos, eu sorrio.

Depois de um tempo, ele se mexe. Com a voz rouca, ele diz: — Você está bem?

— Bem é uma palavra muito fraca para o que estou agora. Bom trabalho, cowboy.

Ele beija o topo da minha cabeça, soltando outro longo suspiro e uma risada. — Essa foi apenas a primeira rodada, querida.

— Sério? Bom.

Ele ri novamente. Adoro o som disso, o estrondo baixo e leonino sob meu ouvido. Isso causa um arrepio de prazer em cada terminação nervosa. Eu me aconchego mais perto dele, aproveitando tudo nesse momento.

— Você é muito grande. Em todos os lugares.

Seu peito treme de tanto rir. — Obrigado?

— É um elogio. Eu gosto do quão grande você é. Quão forte. Isso me faz sentir...

Eu estava prestes a dizer segura, mas me contenho, de repente tímida. Mas Cole prova que é um leitor de mentes mais uma vez.

— Bom. Quero que você se sinta segura comigo.

Eu franzo minha testa. — Como você sabia?

Ele pensa sobre isso por um momento. — Você conhece *Jornada nas Estrelas*?

— Isso é uma coisa estranha, cowboy.

— Isso é sim ou não?

— Sim, estou familiarizada com *Star Trek*.

— Então você sabe quem é o Sr. Spock.

— Como estamos falando sobre vulcanos enquanto você ainda está dentro de mim?

— Estou chegando lá.

— Chegue lá mais rápido.

Ele me dá um tapa suave na minha bunda. — Fique quieta agora.

Sorrindo em seu pescoço, eu digo: — Boa sorte com isso.

Ele suspira e diz: — Temos um pouco daquela coisa de fusão mental vulcana que o Sr. Spock faria.

— Mas sem ter que tocar o rosto um do outro para fundir nossos pensamentos.

— Exatamente.

— Então não é nada parecido com aquela coisa de fusão mental vulcana. É apenas telepatia.

— Você é sempre tão argumentativa?

— Não estou sendo argumentativa. Estou sendo lógica.

— Então isso é um sim.

É a minha vez de rir. — Eu suponho que sim.

Ele passa os braços em volta das minhas costas e me dá um

aperto forte. No meu ouvido, ele sussurra: — Você é tão fofa.

Meu rosto cora de prazer. Meu coração derrete. Mas porque não quero parecer uma idiota demais, faço isso como se o elogio dele não me incomodasse. — Eu seria ainda mais fofo se meu estômago não estivesse roncando.

— Está com fome?

— Faminta. As meninas e eu não jantamos antes de sairmos hoje à noite.

Seu tom se torna desaprovador. — Quantos anos você tem?

— Trinta... mais ou menos.

— Bem, senhorita mais ou menos trinta, você não é muito boa na idade adulta.

— Porque eu não jantei?

— Porque você saiu para beber uma noite sem colocar comida no corpo primeiro. Você não cuida de suas necessidades básicas.

Eu empurro seu peito e me sento, sorrindo para seu rosto bonito e severo. Então mexo os quadris e arranho levemente as unhas em seu abdômen. — Pelo contrário, cowboy. Estou cuidando das minhas necessidades básicas neste exato momento.

Ele olha para mim daquele jeito que ele acha terrivelmente assustador. Meu sorriso se transforma em um sorriso enorme.

Então ele está me virando de costas e me fazendo cócegas, e eu estou gritando de tanto rir.

A única maneira de esta noite melhorar seria se ele me deixasse cento e cinquenta milhões de dólares ao sair pela porta.

## CAPÍTULO DEZOITO

### *Cole*

Sua risada é música. Principalmente esta risada, tão diferente daquela que ouvi lá embaixo no bar, com toda sua tristeza e arestas cortantes. Esta risada é leve e brilhante e arranca outra camada dura do meu coração.

Quando esta noite terminar, ela terá despido tudo.

Sorrindo para mim, ela joga os braços em volta dos meus ombros.  
— Você me dá esperança para a *humanidade*.

— O que diabos é *humanidade*?

— A parte masculina da humanidade.

— Então você quer dizer homens.

Ela franze as sobrancelhas. — Não tenho ideia do que estou dizendo. Você me fodeu tão bem que estou inventando palavras.

Abaixo a cabeça, enterro o rosto em seus cabelos e me desmancho em uma risada impotente.

— Ah! — ela chora. — Eu sabia que você era um grande molenga sob todas aquelas nuvens escuras de tempestade!

Tento parar de rir para poder fazer cara feia para ela e provar que ela está errada, mas não consigo. De alguma forma, ela encontrou a porta trancada onde mantenho todas as minhas coisas vulneráveis trancadas e a arrancou das dobradiças.

Mordiscando meu lóbulo da orelha, ela diz calorosamente: — Você tem a risada mais linda. Estou feliz por ter ouvido isso.

A respiração que inspiro em meus pulmões queima como se o próprio ar estivesse em chamas. Sufocado pela emoção, tenho que manter meu rosto escondido em seus cabelos, porque tenho medo do

que ela possa ver.

Quando consigo me controlar, digo seriamente: — Obrigado. Eu diria algo legal sobre sua risada também, exceto que parece um animal de fazenda arrancando um dente.

Ela dá um tapa nas minhas costas. — Ei!

— Muito duro? Desculpe. É que uma vez ouvi um burro ferido zurrando...

— Você não!

— ...e foi assustadoramente alto e estridente...

— Cole! Seu idiota!

— ...como se estivesse morrendo ou algo assim, como se estivesse em séria *agonia*.

— Ok, é isso! Chega de sexo para você!

Ela tenta sair de baixo de mim, mas não tem sucesso. Agarro seus pulsos e a prendo no colchão, sorrindo para ela enquanto ela luta para se libertar.

— Você é adorável quando está com raiva.

Ela para de lutar e olha para mim. — Oh, sim? Tão adorável quanto um burro moribundo?

Finjo pensar. — Bem, não *tão* adorável. Talvez mais parecido com um daqueles Chihuahuas sem pelos? Você sabe, como é feio, mas também meio fofo à sua maneira assustadora e repulsiva?

Furiosa, ela murmura: — Vou mostrar a você algo assustador e repulsivo. Coloque seu pau perto da minha boca de novo, cowboy, e observe enquanto eu o transformo em algo que parece o brinquedo favorito de um pit bull.

Estou estabelecendo um recorde pessoal de risadas em um mês. Inferno, um ano.

Talvez uma década inteira.

Para impedi-la de lançar mais ameaças, eu a beijo longa e profundamente. Ela responde como sempre faz, derretendo-se em mim com um pequeno suspiro no instante em que nossos lábios se encontram, entregando-se completamente a mim.

Eu quero transar com ela novamente. Mas ela precisa de comida, então essa é a prioridade.

Apoiando meu peso nas mãos, ergo-me e lentamente me retiro de seu corpo. Ela geme um pouco, suas pálpebras tremulando. Então ela solta um grande suspiro e abre os braços para os lados do colchão enquanto eu me levanto e fico ao lado da cama.

Tiro a camisinha e jogo na lata de lixo perto da mesa de cabeceira. — Vou ligar para o serviço de quarto. O que você quer?

Ela responde sem hesitação. — Bife. Malpassado. Um grande. Batata assada com todos os acompanhamentos. Algo de chocolate para a sobremesa.

— Alguma coisa verde? Salada, vegetais?

— Urgh. Coisas verdes são para coelhos. Eu pareço um coelho para você? Não, não responda isso. Já sei que você acha que pareço um Chihuahua sem pelos, porque você tem um jeito muito poético com as palavras.

Sorrimos um para o outro.

Em outra vida, eu amaria essa mulher. Eu a amaria tanto que queimaria o mundo inteiro só para passar uma tarde ao lado dela.

Eu me viro, um aperto espremendo meu peito.

Quando ligo para o serviço de quarto, sei que ela está me observando. Mesmo que eu esteja de costas, posso sentir aqueles lindos olhos. Quando desligo, ela está sentada com os joelhos dobrados contra o peito e os braços em volta das pernas, mexendo os dedos dos pés com impaciência.

— O que é esse olhar?

— Este é o meu olhar curioso.



— Significa?

— Ou seja, quero fazer muitas perguntas porque você é muito interessante, mas sei que isso é coisa de uma noite, então não quero tornar isso estranho.

Sorrindo, deito-me no colchão ao lado dela e me apoio em um cotovelo. — Acho que já ultrapassámos o estranho quando você começou a chorar.

— Oh, sim. — Ela se ilumina. — Então está tudo bem se eu perguntar coisas?

Pensando no cemitério de ossos que escondi em meu proverbial armário, hesito.

Ela me estuda. — Isso é um não.

Digo gentilmente: — Quero que você saia deste quarto apenas com boas lembranças. Se começarmos a falar sobre mim...

Ela se estica ao meu lado, espelhando minha postura e olhando nos meus olhos. — Você está preocupado que eu não goste mais de você?

— Oh, eu *sei* que você não gostaria mais de mim.

— Isso é ruim, hein?

— Isso é ruim.

— Você sempre poderia mentir para mim.

Não sei dizer se ela não acredita em mim ou se está apenas sendo gentil. Estendo a mão e coloco uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha dela. — Não — eu digo com tristeza. — Eu não poderia.

Nós olhamos silenciosamente nos olhos um do outro. Ela examina meu rosto como se estivesse procurando alguma coisa, mas não sei o que pode ser.

Com a voz baixa e suave e os olhos brilhando, ela diz: — Que tal isso? Conte-me uma história. Invente uma.

Eu franzo a testa. — Sobre mim?

— Não, sobre nós. Como se nos conhecêssemos em outra vida, da forma normal que as pessoas o fazem. Se fôssemos apresentados através de amigos em comum, algo assim.

Eu respondo sem pensar. — Eu nunca permitiria que o tipo de amigos que tenho estivesse perto de você.

Ela está me estudando novamente. Mais de perto agora, seu olhar se aguçando. Ela repete a pergunta de momentos atrás.

— Isso é ruim, hein?

— Sim. Eles são muito ruins.

— Mas você não é.

— Eu sou.

— Você não pode ser. Você é maravilhoso.

*Só com você.* — Você já ouviu aquele ditado: Pássaros de mesma pena voam juntos?

— Sim?

— É verdade. Meu rebanho é feito de aves noturnas predadoras com garras afiadas e corações frios. — Minha voz cai. — E eu sou o pior deles.

Ela estende a mão e passa a ponta do dedo sobre meu lábio inferior. Seu olhar segue seu toque. Ela sussurra: — Seu coração não é frio.

— Todo mundo que me conhece diria o contrário.

Ela encontra meus olhos então. Ela encontra meus olhos e diz algo que quase me destrói.

— Então todo mundo que conhece você está errado, Cole. Seu coração não é frio. É quente e é lindo. Mas o mantém no gelo para que ninguém possa derretê-lo.

Estou grato por ela se aproximar e pressionar o rosto no meu peito, porque sei que não seria capaz de me esconder daqueles olhos dela, daqueles lindos olhos verdes que veem diretamente até os cantos

mais escuros da minha alma negra. Eu a pego em meus braços e inspiro várias vezes, lento e profundamente, desejando que meu pulso pare de acelerar.

— Era uma vez... — ela começa.

— Certo. — Depois de limpar a garganta, continuo. — Era uma vez uma ave de rapina que descansava em um galho de árvore e viu uma linda pomba em uma clareira embaixo.

— Essa clareira ficava em um bar de hotel, presumo.

— Quem está contando essa história, eu ou você?

Sinto seu sorriso contra meu peito, a curva de sua bochecha pressionando meu coração. — Você.

— Então fique quieta.

— Você teria sido um bom ditador.

Quando suspiro, ela sussurra: — Desculpe.

— Onde eu estava?

— Dois pássaros em um bar. Quero dizer, clareira.

— Sim. Então a ave de rapina vê a linda pomba...

— Espere, você deveria estar contando uma história de como nos conhecemos como pessoas em outra vida, e não como pássaros nesta.

— Você está brincando comigo com isso?

Ela bate com o punho no meu ombro. — Eu quero minha história! Conte certo!

Estou rindo de novo, porque aparentemente essa é minha nova coisa.

Que bom que vamos passar apenas uma noite juntos. Se começássemos a namorar, minha reputação de bastardo cruel e de sangue frio estaria arruinada em uma semana.

— Tudo bem, minha pombinha teimosa — murmuro, beijando sua têmpora. — Aqui está sua história. Era uma vez, o anjo mais

perfeito que Deus já criou...

— Agora você tem um tema *bíblico*? — ela interrompe, exasperada. — Primeiro são os pássaros, depois é a Bíblia. Detesto dizer isso, mas você é um péssimo contador de histórias.

Eu a rolo de costas e a beijo bruscamente, só subindo para respirar quando ela está tremendo debaixo de mim, afundando as unhas em minhas costas e choramingando de necessidade.

— Isso é um alívio, porque terminei de falar. Hora de ser fodida de novo, querida.

— Obrigada, Senhor. Eu estava prestes a adormecer.

Nós sorrimos um para o outro. Então pego outra camisinha, pensando que as dezenas que ela tem na bolsa não serão suficientes.

\* \* \*

Nós fodemos. Nós comemos. Nós fodemos de novo, repetidamente. Conversamos e rimos até o sol da manhã entrar pelas persianas da janela. Quando ela está bocejando, com as pálpebras pesadas e os lindos olhos vidrados de fadiga, eu a coloco sob as cobertas e a seguro até que sua respiração fique profunda e uniforme.

Então fico aqui deitado, lutando com o quanto quero ficar até que ela acorde novamente.

Eu quero conhecê-la. Tudo sobre ela. Todos os seus segredos e medos, todas as coisas que fazem dela quem ela é. Mas isso significaria que ela teria que me conhecer também... e isso seria um desastre.

Sou a última coisa que esta mulher incrível precisa na vida.

Mas por ser egoísta, fico mais tempo do que deveria, respirando seu perfume, sentindo o calor de seu corpo macio, memorizando a cor exata de seus cabelos.

Então me levanto e a observo deitada pacificamente na cama

enquanto me visto silenciosamente. Na porta do quarto, volto-me para um olhar final e demorado.

*Adeus, linda Shayna. Foi meu privilégio.*

*Talvez em outra vida.*

Com o coração doendo, eu saio.

## CAPÍTULO DEZENOVE

### *Shay*

Acordo com o som de alguém batendo na porta do quarto do hotel. Não sei há quanto tempo estão fazendo isso, mas suspeito que já faz um tempo, porque cada batida sucessiva fica mais alta. Sento-me na cama, gemo com a dor no meu corpo e olho em volta.

Cole se foi.

Mesmo antes de abrir os olhos, eu sabia que ele não estava aqui. Adormeci ao som de sua respiração constante e de seu calor sólido e reconfortante em minhas costas, e sua ausência é chocante. Eu sei que combinamos apenas uma noite, mas parte de mim esperava secretamente que ele mudasse de ideia.

Como eu.

Obviamente, ele não o fez.

Superando a decepção, levanto-me da cama, pego o roupão atalhado branco pendurado em um gancho do lado de fora do banheiro e amarro a faixa na cintura. Corro pela sala. Quando espio pelo olho mágico da porta da frente, vejo um homem desconhecido de terno preto parado do lado de fora, no corredor. Ele está segurando uma sacola de roupas branca em uma das mãos.

Ele parece ter quase trinta anos. Seu cabelo escuro está cortado rente à cabeça. Ele está em forma e tem ombros largos, com um olhar penetrante que poderia fazer Cole correr atrás de seu dinheiro.

No lado esquerdo do pescoço, uma tatuagem de algo que não consigo identificar aparece sob a gola engomada de sua camisa branca.

Pela porta, eu digo: — Sim?

— Olá, senhorita. Isso é para você.

Sua voz é profunda e tem sotaque britânico. Ele estende a sacola. Eu olho para isso com desconfiança.

— O que é?

— Uma blusa, senhorita.

Minha respiração fica presa.

*Não se preocupe. Vou comprar uma nova para você.*

Lembrando-me das palavras de Cole na noite passada, depois que ele arrancou minha camisa do meu corpo, meu rosto fica quente e meu coração começa a bater forte. Enquanto isso, o homem de terno preto fica parado sorrindo pacientemente, como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Cole enviou você?

— Sim, senhorita.

— Você é do hotel?

— Não, senhorita.

— Você é... do serviço de entrega?

— Não, senhorita.

Ele estende o braço, sacudindo um pouco a sacola. Decidindo que ele não é perigoso – embora haja algo nele que sugere que ele seria nas circunstâncias certas – eu abro a porta. — Olá.

— Bom dia, senhorita.

Pego a sacola e fico parada na porta, carrancuda e confusa. — Então você trabalha para Cole, é isso?

Seu sorriso se alarga, como se ele estivesse desfrutando de algum pensamento particular. Seja o que for, ele não compartilha. Ele simplesmente diz: — Tenha um ótimo dia, senhorita — depois se vira e vai embora.

Inclinando-me para fora da porta, observo-o ir até desaparecer

nos elevadores. Então volto para dentro e abro o zíper da sacola de roupa. Dentro há uma blusa de seda preta requintada.

É simples, as linhas são clássicas e limpas, mas é obviamente cara. Quando verifico a etiqueta, quase deixo cair a sacola em choque.

A blusa é uma Balmain.

É uma histórica marca francesa de luxo, reconhecida pela qualidade da sua alta costura. Sem falar nos preços. A coleção de primavera deles incluía uma jaqueta de caxemira escarlata que eu cobiçava desesperadamente, mas que nunca pude comprar porque custava trinta mil dólares. Uma camiseta pronta para uso custa quase mil dólares.

Suspeito que esta blusa simples que estou segurando tenha um preço na casa dos milhares.

Com o coração palpitante, volto para o quarto e coloco cuidadosamente a sacola de roupa na cama. Fico olhando para ela por vários momentos, tentando decidir o que fazer.

Não sei quem foi o homem que a entregou, então não posso ligar para ele para vir buscá-la. E não tenho o número de telefone de Cole, então não posso deixá-lo saber que este é um presente muito caro para eu aceitar. Não que eu esteja pensando seriamente em fazer qualquer uma dessas coisas, porque já sei que vou ficar com esta linda peça de roupa, mas me faz sentir melhor pelo menos fingir que estou com uma crise de consciência por um momento antes de aceitar a generosidade de Cole.

Eu deveria ter começado a ter casos de uma noite há anos.

Anos! Como na minha adolescência!

Exceto que, com a minha sorte, esses encontros teriam sido todos com homens casados ou criminosos fugitivos, então minha falta de experiência na área é provavelmente uma coisa boa.

Sem ninguém para quem ligar para agradecer por esse lindo item, ligo para Chelsea.



— Shay! — ela grita no instante em que atende. — Eu estava prestes a ligar para você. Conte-me tudo. Foi fantástico? Ele tinha um pau grande? Você está andando com as pernas tortas?

Sentindo-me tão leve quanto um balão cheio demais, sorrio. — Sim para todos os três.

Eu me inclino para acariciar o brilho sedoso da blusa, traçando com a ponta dos dedos os botões pretos perolados. Então, mais batidas na porta do quarto do hotel me distraem.

— Chelsea, espere. Eu tenho que atender isso.

Corro para a porta novamente. Quando abro, encontro uma jovem uniformizada parada ao lado de um carrinho coberto com tecido branco. Uma variedade de pratos cobertos em cima.

— Bom dia, sou Bettina, do serviço de quarto. Posso entrar?

— O que é tudo isso?

— Seu café da manhã, senhorita.

— Você deve estar no quarto errado. Eu não pedi comida.

Bettina sorri. — O cavalheiro que fez o pedido disse que você diria isso. Mas garanto que este é o quarto certo.

Minha respiração fica presa. *Cole*.

No meu ouvido, Chelsea pergunta: — O que está acontecendo?

— É o serviço de quarto com minha comida.

— Por que você parece tão atordoada se é apenas serviço de quarto?

— Porque eu não pedi. Cole pediu.

Segue-se uma pausa. — Presumo que Cole é o cara com quem você passou a noite?

— Sim.

— O gostoso com quem transou pediu café da manhã para você? Isso é muito atencioso da parte dele.

Lembrando como ele disse que eu não era muito boa como adulta, sorrio. — Sim. Ele me comprou uma blusa também.

Seu tom fica incrédulo. — Ele levou você para fazer compras?

— Não. Ele arrancou minha blusa e prometeu que me compraria uma nova. Apareceu esta manhã, nada menos que uma Balmain, entregue por um cara que parecia saber como matar alguém com o dedo mindinho.

Bettina está começando a parecer impaciente, então me afasto e aceno para ela entrar, pois Chelsea está tendo um colapso nervoso.

— Espere um segundo! Ele mandou entregar *alta-costura* no seu quarto?

— Tecnicamente, é do tipo pronto para vestir, mas sim. E é linda.

— Oh, meu Deus. Sua vadia sortuda. Você deveria ter começado a ter casos de uma noite há anos!

Minha risada é ofegante de alegria.

— Isso foi uma *risada*? Uau. Esse seu Cole deve ter sido realmente outra coisa.

Fechando os olhos, penso nele e sorrio. — Garota, você não tem ideia.

\* \* \*

Depois do café da manhã, tomo banho e me visto. A blusa Balmain me cabe perfeitamente. Com meu humor em algum lugar na estratosfera, saio flutuando do hotel e pego um táxi de volta para meu apartamento.

Como é domingo e não tenho que ir trabalhar, decido me dar ao luxo de visitar minha livraria preferida. Há anos que venho aqui e adoro a dona, mas não tenho oportunidade de passar por aqui há meses.

Visto um short e uma camiseta e dirijo até Venice Beach com a capota abaixada, aproveitando o sol no rosto e o vento no cabelo, pensando em lindos olhos azuis escuros que podiam ver através de mim. Quando entro pelas portas da Lit Happens, estou sorrindo de orelha a orelha.

Cole e eu podemos ter passado apenas uma noite juntos, mas o homem foi mágico para minha autoestima.

A loja é adorável. Tem uma vibração boêmia e artística, com muitas poltronas para relaxar, um pequeno bar de café expresso de um lado e uma variedade de gatos vadios que entram e saem.

E a dona é uma boneca. Sempre achei que Emery parecia uma estrela de cinema dos anos 50, com curvas voluptuosas, lábios escarlates e atitude. Ela está atrás do balcão quando entro.

Ela olha para cima e sorri. — Olá, Shay! Muito tempo sem ver você.

— Eu sei, tenho estado tão ocupada! É bom ver você. Puta merda... esse *anel*. — Parando no balcão, fico boquiaberta com o diamante gigante brilhando em seu dedo.

Ela ri. — É ridículo, não é? Quase nunca o uso porque não quero ser assaltada, mas vou jantar com os sogros esta noite, depois do trabalho. Meu sogro é tão antiquado que provavelmente pensaria que eu ficar sem meu anel é um sinal de que quero me divorciar do filho dele.

— Você é casada? Parabéns!

Olhando para sua mão, ela cora. — Obrigada. Tenho que admitir, a vida de casada é incrível.

Não digo isso, mas pela aparência desse anel, o marido dela é extremamente rico. E pela aparência do blush que ela está usando, ele é um garanhão ainda por cima.

— Eu estou tão feliz por você. Você merece isso.

— Obrigada. E você? Ainda está com Chet?

É uma prova do meu bom humor que a menção do nome dele não me chateia. Espero que a dor de cabeça chegue, mas quando isso não acontece, faço uma oração silenciosa de agradecimento aos deuses dos casos de uma noite e sorrio.

— Não, Chet e eu terminamos.

— Oh, sinto muito. Você está bem?

— Você é gentil em perguntar, mas estou bem.

— A julgar por esse sorriso secreto, você está melhor do que bem. Você está saindo com alguém novo?

Eu sei que ela não é o tipo de mulher que me desprezaria por ter um caso de uma noite, mas balanço a cabeça. Por alguma razão, quero manter Cole só para mim. Também não contei a Chelsea os detalhes da minha noite com ele, uma omissão pela qual ela provavelmente nunca me perdoará.

Ou deixará de tentar remediar.

— Estou felizmente solteira no momento, mas preciso de um novo namorado literário. Você tem alguma sugestão para mim?

Ela sorri e joga seus longos cabelos escuros por cima do ombro.  
— Claro! Siga-me.

Contornando o balcão, ela me leva até a seção de romance e erotismo, onde começa a tirar livros das prateleiras.

— Eu sei que você gosta de thrillers eróticos. Este é de arrasar. Uma viúva começa a receber cartas de um cara na prisão que diz conhecê-la, mas eles nunca se conheceram. Há uma reviravolta que você *não* verá chegando. E aqui está o último lançamento daquela série da máfia com todos os irlandeses gostosos. Oh! Ok, não me lembro se você gosta de romance de stalker, mas esse é incrível.

Eu enruguei meu nariz. — Não sei se algum dia conseguirei achar um perseguidor sexy.

Com os olhos brilhando, Emery se vira para mim. Sua risada é baixa e misteriosa. — Acredite em mim, um perseguidor pode ser

*incrivelmente sexy.*

Quando ela ri de novo, tenho a sensação de que esse comentário é mais do que apenas uma recomendação de livro. — Ok. Se você diz. Você ainda não me orientou mal.

Passamos mais alguns minutos conversando sobre livros e nos atualizando, então menciono como estou pensando em mudar de emprego.

Ela me encara por um instante, as engrenagens girando atrás de seus olhos.

— Você é formada em contabilidade, certo?

— Sim. Boa memória.

— Você tem alguma experiência trabalhando para um CFO?

Eu dou de ombros. — Eu me reporto diretamente ao CFO na minha posição agora.

Por alguma estranha razão, Emery está começando a parecer animada. — Que tal uma grande empresa internacional? Já trabalhou para uma dessas?

— A empresa para a qual trabalho está na Fortune Global 500. Por que você pergunta?

— Porque um cliente meu está procurando uma assistente. Ele é o CFO de uma empresa multinacional.

— Sério?

— Sim, e acho que você seria perfeita. — Seu tom se ilumina. — Você é exatamente a combinação certa de durona e experiente.

— A maneira como você diz isso me faz pensar que pode ser o requisito mais importante.

Ela hesita, curvando os lábios.

— Deixe-me adivinhar. Este cliente é difícil, não é?

— Ele passou por quatro assistentes só neste ano.

— Caramba. Por favor, diga que ele não é mão boba.

Ela parece chocada com a sugestão. — Não! Oh, Deus, não, nada disso. Ele é muito profissional. Mas ele é...

Eu rio do jeito que ela está tentando encontrar uma maneira legal de dizer algo ruim. — Ele é um idiota.

— Eu ia dizer temperamental. Bem, não, não quero fazer parecer que ele anda por aí tendo acessos de raiva. Na verdade, é o oposto. Ele é controlado, mas de uma forma muito intensa. Como se sempre parecesse que ele está prestes a explodir, mas isso nunca acontece. Ele tem essa energia sobrecarregada. A maioria das pessoas fica extremamente intimidada por ele.

Uma lembrança breve, mas vívida, do modo como Cole olhou para mim do outro lado do bar surge em minha mente.

Fale sobre intenso e intimidante. Sr. Sombrio e Tempestuoso praticamente inventou as palavras.

Sorrindo, eu digo: — Às vezes, as pessoas que parecem mais desanimadoras no início são, na verdade, as mais molengas quando você as conhece.

— Se você estiver interessada, posso lhe enviar por e-mail a descrição do cargo para ver se é uma boa opção para você. Seu escritório principal está localizado no centro da cidade.

— Oh, você não precisa se dar ao trabalho. Posso procurar no site da empresa se você me disser o nome.

— Não está listado no site. Eles estão usando uma empresa de recrutamento para tentar encontrar alguém compatível desta vez.

— Ah. Porque eles terão que substituir o candidato às suas custas se não der certo.

— Exatamente.

— Você tem alguma ideia de qual salário eles estão oferecendo?

Emery cita um número tão alto que acho que ela está brincando. Eu rio, mas quando ela não abre um sorriso e apenas olha para mim,

percebo que não está.

— Sério?

— Sim. A posição também traz benefícios incríveis. Seguro saúde, seguro de vida, 401(k)<sup>2</sup> com contribuições correspondentes, muitas folgas remuneradas, todos os tipos de vantagens.

— Parece que a única desvantagem é a pessoa para quem eu trabalharia.

Ela balança a mão no ar, sorrindo como uma modelo em um comercial. — Quem sabe? Talvez vocês dois se deem bem imediatamente.

Seu sorriso falso não me engana. — Uh-huh. Ou talvez eu queira me jogar pela janela depois de uma semana.

Depois de um momento, ela diz: — Sim, é mais provável. Porém – e este é um grande porém – se você conseguir passar um ano lá, poderá abrir seu próprio ingresso para um cargo em qualquer outra empresa.

— Por que você diz isso?

Desta vez, seu sorriso é genuíno. — Porque todos na indústria conhecem sua reputação.

— Jesus. Quem é esse cara, Genghis Khan?

Ignorando isso, ela diz: — Então, o que você acha? Devo enviar a você um e-mail com os detalhes do trabalho?

— Eu não sei, Emery. Não quero me envolver em algum tipo de ambiente de trabalho hostil.

— Oh, ele não é hostil!

Quando estreito meus olhos para ela, ela cede. — Ok, ele é hostil. Mas não é pessoal. Ele é assim com todo mundo.

— Isso parece cada vez menos atraente a cada segundo.

— Esse salário é bastante atraente, não é?

Quando faço cara de dúvida, ela fica tentando me convencer.

— Acho que o problema com as outras pessoas com quem não deu certo foi que elas não estavam preparadas para sua... personalidade forte. Mas estou lhe dizendo, para que você possa abordar isso com uma perspectiva diferente.

— Parece que você conhece esse cara muito bem.

— Eu conheço.

— Você trabalhava para ele?

— Oh, Deus, não, eu o mataria antes do almoço no primeiro dia.

— Você está fazendo um péssimo trabalho ao vender esta posição.

Ela menciona o salário ridiculamente alto novamente, balançando-o como uma cenoura.

— Em qual empresa é esse trabalho?

— Eu não posso contar.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Por que não?

— Eles são muito reservados. O que me lembra, você teria que assinar um acordo de sigilo antes de ir para uma entrevista. E se você conseguisse o emprego, haveria outro NDA.

— Eles são a Máfia ou algo assim?

Ela abre a boca e depois fecha. Então, muito séria, agindo como se estivesse contando uma grande mentira, ela diz: — Não.

Eu começo a rir. — Ok, agora estou intrigada.

Parecendo animada, ela agarra meu braço. — Isso significa que você vai à entrevista?

— Não, isso significa que você pode me enviar por e-mail a descrição do trabalho. De qualquer forma, provavelmente não será compatível com o que estou procurando, mas começaremos por aí.

Seguimos para o caixa. Emery registra minhas compras enquanto



escrevo meu endereço de e-mail no verso de um de seus cartões de visita. Entrego a ela, nós nos despedimos e vou para casa.

Quando chego lá, Emery já me enviou um e-mail com os detalhes da vaga.

Eu leio tudo, ficando mais surpresa no momento.

É exatamente o que estou procurando. Os deveres, as responsabilidades, o potencial de crescimento... são todos perfeitos para mim.

Absolutamente perfeitos.

E ela não estava brincando sobre o pacote de benefícios. É tão generoso que não parece real. Combinado com o salário astronômico – o dobro do meu salário atual – é uma tentação à qual não consigo resistir.

Eu mando um e-mail de volta para ela dizendo que gostaria de fazer uma entrevista para o cargo.

Selando assim o destino que primeiro enrolou seus tentáculos escuros ao meu redor na noite do aniversário de Chelsea.

# CAPÍTULO VINTE

## *Cole*

Já se passaram quatro semanas desde a noite no hotel com Shay. Parecem quatro vidas.

Não consegui tirá-la da cabeça. Ela espreita em meus pensamentos o tempo todo, sempre pronta para me distrair com a lembrança de seu sorriso, sua gargalhada, seus gemidos.

Os seus gemidos altos e vigorosos enquanto eu a fodia.

O bar onde ela foi até minha mesa é o lugar que eu visitava várias vezes por semana depois do trabalho para descomprimir. Tenho evitado isso desde então.

Eu sei o que aconteceria se eu a visse novamente.

Se eu desse uma olhada naqueles lindos olhos verdes, meu destino estaria selado.

Então, para proteger nós dois, agora bebo em um bar diferente. Sento-me sozinho, observando as pessoas, fingindo que não espero secretamente que ela entre pela porta.

Ainda bem que nunca mais verei aquela mulher. Eu não seria capaz de me concentrar em mais nada.

— Com licença, Sr. McCord. Sally Hutchinson está na linha um para você.

A voz da recepcionista, cujo nome nunca consigo lembrar, vem pelo interfone do aparelho na minha mesa. Irritado com a interrupção, coloco o dedo no botão do alto-falante. — Pegue o recado. Não tenho tempo para falar com ela.

— Sinto muito, senhor, mas ela insistiu. Ela diz que é urgente.

Sally Hutchinson é a caçadora de talentos executiva que meu

irmão Callum contratou para encontrar uma assistente para mim. O que poderia ser tão urgente? O que constitui uma emergência de recrutamento? O número de candidatas dispostas a trabalhar para o notoriamente mal-humorado Cole McCord de repente encolheu de zero para menos um?

A irritação torna meu tom duro. — Eu disse para pegar o recado.

Quase posso ver a recepcionista murchando em sua cadeira quando responde, sua voz passando de meramente hesitante para completamente mansa. — Hum. É sobre, hum, a vaga para sua assistente? Ela diz que encontrou alguém perfeito.

Perfeito? Claro. Quase rio alto. Mas como isso não é algo que eu faço, em vez disso rosno.

A recepcionista sussurra: — Vou anotar o recado, senhor — e desliga.

Se ao menos as pessoas obedecessem às minhas ordens sem questionar, o mundo seria um lugar muito melhor.

# CAPÍTULO VINTE E UM

## *Shay*

O processo de entrevista é ridículo.

E quando digo ridículo, quero dizer insano.

Primeiro, encontro-me com um recrutador júnior da agência de recrutamento de executivos responsável por preencher o cargo. Preencho volumes de papelada. Eu assino um acordo de confidencialidade. Faço uma enxurrada de testes. Depois que essas tarefas são concluídas, faço uma entrevista de uma hora.

Essa é a primeira rodada.

A segunda rodada consiste em outra visita ao escritório da empresa de recrutamento de executivos, mas desta vez entrevisto um recrutador sênior nervoso que parece muito preocupado com minhas habilidades de resolução de conflitos. O que basicamente se traduz em: neste trabalho, você terá que lidar com idiotas.

Ou um idiota em particular, meu chefe em potencial.

A terceira rodada é outra entrevista uma semana depois, desta vez com a proprietária da empresa, uma mulher atormentada chamada Sally Hutchinson, que me pergunta de diversas maneiras diferentes como lido com a pressão.

— Como você evita que uma situação se torne estressante demais para ser gerenciada?

— Como você responderia se seu gerente lhe desse feedback negativo na frente de seus colegas de trabalho?

— Você pode me dar um exemplo de uma situação em que se sentiu sobrecarregada no trabalho e o que fez para resolver isso?

Cada vez que respondo, ela me olha em dúvida por trás dos

óculos. Após um momento de silêncio, ela faz a mesma pergunta de uma nova maneira.

Ela ainda não revela o nome da empresa para a qual potencialmente trabalharei.

Ou o nome de seu cliente.

O que ela faz é me dizer que enviará meu currículo ao Sr. Homem Misterioso para revisão. Se eu passar esse obstáculo final, posso ficar com o emprego.

— Vou ser entrevistada por ele também, presumo?

— Não — diz Sally, muito solenemente.

— Mas como saberemos se é uma boa combinação? Em termos de personalidade, quero dizer.

Sally se recosta na cadeira e tira os óculos. — Srta. Sanders, serei franca com você. Trabalho nesta área há mais de trinta anos. Durante quinze desses anos, fui dona de minha própria empresa. E, nesse período, nunca tive um cliente tão desafiador quanto o cavalheiro para quem você trabalharia.

— Desafiador — repito com cautela.

— Sim. Ele é muito exigente. Ele espera perfeição. E ele é brusco ao ponto da grosseria.

Eu digo secamente: — Parece verdadeiramente encantador.

— Ele não é encantador. Mas ele é um empresário brilhante e você pode aprender muito com ele. Isto é, se você puder suportar suas deficiências pessoais.

Imaginando um homem enlouquecido em um terno de negócios tendo um ataque de gritos no meio de uma reunião, faço uma careta. — Ele joga coisas?

— Não.

— Ele assedia verbalmente as pessoas? Chamando-as de nomes, esse tipo de coisa?

— Não. Se ele fosse violento ou submetesse seus funcionários a qualquer tipo de assédio, não seria meu cliente. Mas eu o conheço e posso dizer que ele dá a impressão de que internamente estourou a Terceira Guerra Mundial, as tropas estão todas abandonando seus postos e o caos reina.

Pensando em Cole, eu sorrio. — Eu conheci alguém assim. E realmente gostei dele.

Sally arqueia as sobrancelhas feitas. — Você gostou.

Não é uma pergunta. É uma declaração de descrença. Mas alguma coisa na maneira como falei deve convencer Sally de que sou uma boa opção para seu cliente, porque, alguns dias depois, ela me liga e diz que o trabalho é meu, se eu quiser. Então ela lança uma bomba sobre mim.

— E se você aguentar noventa dias, eu lhe darei um bônus de trinta mil dólares.

— Uau. Por quê?

— Porque eu sou paga por comissão. É uma porcentagem do seu salário. Uma grande porcentagem. Mas se você desistir antes dos noventa dias, eu não receberei nada. O que você diz?

Penso na jaqueta Balmain de caxemira escarlate que eu cobiçava. Penso na casa para a qual estou economizando. Penso em todas as minhas contas e nas taxas de juros dos meus cartões de crédito.

E eu digo sim.

É a primeira de muitas vezes que eu deveria ter dito não.

\* \* \*

Depois de assinar outro acordo de sigilo, finalmente descubro o nome da empresa para a qual trabalharei.

McCord Mídia.

Dizer que estou emocionada seria um eufemismo.

Estou em êxtase.

McCord Media é a maior empresa privada do mundo. Eles são considerados uma das empresas mais bem-sucedidas e influentes do planeta. Além de possuírem um império de mídia que consiste em jornais, estações de televisão, redes de TV a cabo e um estúdio de cinema, eles investem pesadamente em imóveis em todo o mundo.

Minha nova posição não é apenas um grande avanço para mim em termos de salário, é um grande avanço em termos de prestígio. Emery estava certa: se eu conseguir durar um ano lá, poderei assinar meu próprio ingresso para um cargo em qualquer outro lugar. Ganhar o emprego é um grande impulso para minha carreira.

Notifico meu atual empregador. Envio notas de agradecimento e buquês de flores para Emery e Sally. Compro algumas roupas de trabalho novas e comemoro minha sorte com champanhe.

Deve ser toda a euforia que sinto em relação ao dinheiro, ao poder e às possibilidades de crescimento que me faz negligenciar a coisa mais importante de todas.

Perguntar o nome do CFO.

## CAPÍTULO VINTE E DOIS

### *Cole*

Estou sentado atrás da minha mesa examinando o demonstrativo financeiro mais recente da empresa quando alguém bate timidamente na porta fechada do meu escritório. Eu falo sem olhar para cima.

— Vá embora.

Pela porta vem a voz da recepcionista cujo nome nunca consigo lembrar.

— Sr. McCord? Sua nova assistente está aqui.

Agora eu olho para cima e franzo a testa.

Já passaram cinco minutos da hora. Minha nova assistente está atrasada.

— Devo mandá-la entrar, senhor?

Então é uma assistente. Nunca sei o sexo dos candidatos que Sally envia, porque ela substitui seus nomes nos currículos por um número para evitar discriminação nas práticas de contratação.

Mas eu nunca discriminaria com base em algo tão arbitrário como o gênero. Ou raça, religião, idade, aparência, orientação sexual ou deficiência, nesse caso. Ou qualquer outra coisa.

A única coisa que importa para mim é a competência.

Em segundo lugar está a pontualidade. Se você deveria estar em algum lugar em um determinado horário, mas não está, você não é confiável.

Ponto. Fim da história.

Faço uma nota mental para ligar para Sally no final da tarde e expressar meu descontentamento por ela ter me enviado uma



candidata tão indigna de confiança. Logo depois disso, direi a Sally que ela está demitida.

E o mesmo acontecerá com a nova contratada.

Grito para a porta: — Estou no meio de uma coisa — depois volto minha atenção para meu trabalho.

Isso dura dez segundos, até que ouço um som que chia através de mim como uma descarga elétrica.

Uma risada.

Uma risada feminina.

*Dela.*

Mas não pode ser. Não, estou imaginando. Não tem como a inesquecível mulher de olhos verdes estar neste prédio. Ela não está do lado de fora da minha porta. Ela é uma memória à qual me agarrei por razões que não quero examinar, e minha imaginação está me pregando peças.

Só para ter certeza, empurro minha cadeira para trás, vou até a porta e a abro.

Ao lado da dócil recepcionista está Shay.

A Shay. *Minha* Shay. O fantasma que me assombra há semanas agora está aqui em carne e osso.

Ela vira a cabeça e encontra meu olhar, eletrocutando-me instantaneamente.

E porque meu coração está batendo forte e o sangue em minhas veias virou fogo e meu peito está sendo esmagado por um peso invisível, faço a única coisa que sou capaz de fazer além de puxá-la para meus braços.

Eu faço uma careta para ela e trovejo: — O que diabos você está fazendo aqui?

A recepcionista quase desmaia de terror. Pálida, trêmula e de olhos arregalados, ela coloca a mão sobre a boca e se encolhe.

Mas se Shay está tão surpresa em me ver quanto eu em vê-la, ela não demonstra. Se ela fica surpresa com a minha pergunta ou com o volume com que a fiz, ela não reage. Ela apenas me olha de cima a baixo e me envia um leve sorriso irônico.

— Estou me apresentando para o trabalho... chefe.

Nunca na história da humanidade uma frase foi dita com tanto desdém.

Não poderia ser mais óbvio que sou o único com boas lembranças da noite que passamos juntos. A julgar por sua expressão e tom de voz, Shay me olha da mesma forma que olharia para uma barata que perambulasse por seu prato.

Com total desgosto.

Porra.

A última vez que me senti tão mal, tive uma bala alojada no estômago.

## CAPÍTULO VINTE E TRÊS

### *Shay*

Eu deveria saber que esse trabalho era bom demais para ser verdade. Eu deveria saber que era tudo uma armação.

A vida só me dá uma grande vitória antes de me dar um chute na cara.

A manhã começou muito bem. Aproveitando uma onda de excitação, tive bastante tempo para dirigir até o centro da cidade, estacionar e fazer o check-in com a segurança. Uma adorável mulher do departamento de recursos humanos chamada Ruth me encontrou no amplo e brilhante saguão do prédio da McCord Media e me acompanhou até o elevador que nos levaria às salas executivas no vigésimo nono andar. Eu já havia preenchido todos os formulários de novas contratações com Sally, então presumi que era protocolo da empresa que Ruth se apresentasse aos novos funcionários no primeiro dia.

Logo ficou claro, porém, que ela tinha outra coisa em mente.

No instante em que as portas do elevador se fecharam e começamos a subir, ela se virou para mim com uma expressão séria e um ar de urgência.

— Sally me disse que lhe informou sobre os desafios que você enfrentará em sua posição. Isso está correto?

Ela colocou ênfase especial na palavra *desafios* o suficiente para que eu entendesse que ela se referia ao meu novo chefe, mas estava tentando ser cautelosa sobre isso.

— Sim. Estou totalmente preparada. Estou pronta.

Seu sorriso era pequeno e de pena. — Isso é como dizer que você está pronta para ser atingida por um raio, querida, mas ninguém está

pronto para isso.

Não deixei que sua declaração enigmática me detivesse. Simplesmente sorri de volta e pensei no bônus de trinta mil dólares que receberia em três meses. — Não se preocupe comigo, Ruth. Eu posso lidar com qualquer coisa. Sou imperturbável.

Sua expressão era grave e cheia de dúvidas.

— Sério, eu vou ficar bem. Obtive detalhes suficientes sobre a... posição... para me sentir mentalmente preparada para enfrentar qualquer coisa.

— Isso é encorajador. Mas saiba que se você precisar discutir qualquer problema que possa ter, minha porta estará sempre aberta.

— Obrigada. Mas tenho certeza de que isso não será necessário. Já lidei com todos os tipos de situações estressantes de trabalho. Eu sei que posso cuidar de mim mesma.

Eu poderia dizer que ela queria me dar um tapinha na cabeça e sorrir da minha ingenuidade, mas ela se conteve.

Sua dúvida me deixou ainda mais determinada a resistir a quaisquer tempestades que meu novo chefe pudesse enviar em minha direção com uma graça e equilíbrio que deixariam todos maravilhados.

Saímos do elevador no último andar e entramos em um lobby de cobertura com um recurso de água de um lado e uma recepção do outro. A vista de Los Angeles através das janelas do chão ao teto era de tirar o fôlego. Ruth me apresentou à recepcionista do CFO, uma morena parecida com um pássaro chamada Marion, que parecia estar à beira de um colapso nervoso. Seus tiques nervosos incluíam torcer constantemente as mãos, olhos que se voltavam para a esquerda e para a direita, como se procurassem predadores, e morder o lábio inferior rachado.

Eu queria dar um abraço nela, mas temia que isso pudesse fazê-la gritar de medo.

Ruth se despediu de mim e me deixou com Marion, que começou

a hiperventilar.

— Você já conheceu o Sr. McCord? — ela sussurrou.

— Ainda não. Primeiro dia e tudo.

— Oh, eu sei que é o seu primeiro dia, só pensei que desta vez eles deixariam o novo contratado ver o que enfrentaria...

Quando ela parou abruptamente e mordeu o lábio, eu me perguntei se havia aceitado um emprego com um assassino em série.

A maneira como todos falavam sobre esse homem!

— Tenho uma imagem bastante clara. E acredite, se ele fizer algo inapropriado, denunciarei imediatamente aos recursos humanos. Não vou deixar ninguém mexer comigo.

Endireitei meus ombros quando disse isso. Levantei o queixo e endireitei os ombros, e a pobre e nervosa Marion olhou para mim como se eu fosse a pessoa mais corajosa que ela já conheceu.

Até o momento, eu havia sido avisada, de uma forma ou de outra, por nada menos que quatro mulheres, de que estava entrando em um campo minado com os olhos vendados. Além disso, o segurança que me registrou lá embaixo ergueu as sobranceiras e assobiou baixinho quando eu disse para quem estava começando a trabalhar hoje. Ele compartilhou um olhar com o outro guarda sentado ao lado dele, e ambos riram.

Então foi com uma determinação inabalável que me aproximei da porta fechada do escritório do meu novo chefe. Seguindo Marion pelo corredor, disse a mim mesmo que, independentemente do que pudesse encontrar quando a porta no final se abrisse, permaneceria calma, tranquila e controlada.

Eu seria gelo.

Eu seria pedra.

Eu seria como prometi a Ruth: imperturbável.

Quando paramos em frente à porta, Marion bateu. — Sr. McCord? Sua nova assistente está aqui. Devo mandá-la entrar, senhor?

De dentro do escritório veio o som de uma voz masculina profunda e descontente. — Estou no meio de uma coisa.

Marion se virou para mim e deu uma risadinha. — Provavelmente aplicando aquele enema que ele tanto precisa.

Foi tão inesperado que tive que rir.

Um momento depois, a porta foi aberta por dentro.

E lá estava ele. O homem com quem desfrutei de uma noite escaldante de sexo sujo e inesquecível há um mês. O próprio Sr. Sombrio e Tempestuoso.

Cole.

Achei que ia desmaiar.

Mas consegui esconder o choque e conter o grito de alegria e descrença que queria explodir do meu peito. Fiquei inexpressiva, toda aquela determinação que consolidei no meu caminho até aqui servindo de apoio para minha espinha dorsal gelatinosa e joelhos fracos.

Então Cole olhou para mim com um olhar de horror tão absoluto que meu choque se transformou em dor.

— O que diabos você está fazendo aqui? — ele gritou.

Ele não poderia ter deixado mais óbvio que me ver era tão agradável quanto ter seu rosto esmagado por um tijolo. Também era óbvio que, de nós dois, só eu tinha boas lembranças da noite que compartilhamos.

A julgar pela sua expressão e tom de voz, Cole parecia que eu tinha causado a ele uma doença venérea incurável.

Mas como prometi à Ruth e à pobre Marion, que estava ao meu lado, encolhida de terror, que não teria medo diante da ira daquele idiota, olhei-o de cima a baixo como se ele estivesse vestindo um terno feito de cocô de cachorro e respondi friamente: — Estou me apresentando para o trabalho... chefe.

Ele olhou para mim como se fosse vomitar.

Então ele bateu a porta na nossa cara.

Pressionando a mão trêmula sobre o coração, Marion disse: — Sinto muito.

Para o bem dela, consegui sorrir. — Não sinta. Não é sua culpa. Agora, por que você não me mostra onde fica minha mesa para que eu possa me instalar?

Os olhos de Marion se arregalaram. — Você vai ficar?

— Oh, eu vou ficar, sim. E quando o Sr. McCord decidir que acabou com seu acesso de raiva e mostrar a cara, por favor, diga a ele que falei que se ele me tratar com tanto desrespeito novamente, registrarei uma reclamação no RH. E se ele retaliar e me despedir, vou processá-lo. Não apenas a corporação, mas ele pessoalmente também. Você vai dizer isso a ele por mim?

Marion olhou para mim com admiração e reverência, como se eu tivesse me tornado sua nova religião.

Enquanto isso, eu me perguntava o que tinha feito para ofender tanto o universo que ele continuava me enviando esses homens idiotas.

# CAPÍTULO VINTE E QUATRO

## *Cole*

Fico com os braços apoiados na porta fechada do escritório e tento descobrir o que diabos está acontecendo dentro do meu corpo.

Parece que estou prestes a morrer.

Isso não é uma hipérbole. Estive perto da morte várias vezes e é basicamente assim que me sinto. A única coisa que falta é uma poça de sangue.

Fecho os olhos e ouço a batida do meu coração. Eu me concentro em firmar minhas mãos trêmulas. Visualizo uma campina tranquila e respiro fundo. Quando nada disso funciona, passo vários minutos andando pelo meu escritório até finalmente me recompor.

Quando abro a porta do escritório, o corredor está vazio. Não sei por que esperava que Shay ainda estivesse ali.

Provavelmente esperança.

Ando pelo corredor e me aproximo da recepcionista em sua mesa. Ela está ao telefone. Quando ela avista meu rosto, ela parece encolher vários centímetros.

Fico ao lado de sua mesa e olho para ela, a impaciência me atormentando, até que ela desliga. Então exijo: — Onde ela está?

— E-ela, senhor?

— A nova contratada.

— Oh, uh, ela desceu, senhor. Liguei para Simone para mostrar o lugar a ela.

Ao contrário dos assistentes do meu pai e do meu irmão que dividem o andar conosco, cada escritório acessado por um elevador diferente, meu assistente executivo senta-se com outros funcionários



administrativos e de apoio no andar de baixo.

Quanto menos pessoas eu tiver perto de mim, melhor.

Estou indo embora, em direção ao elevador, quando a recepcionista diz algo que me faz parar de repente.

— Ah, a Srta. Shay me pediu para transmitir uma mensagem para você.

Eu me viro, estreitando os olhos quando vejo como ela está olhando para mim.

Isso é um *sorriso*?

Não, devo estar imaginando coisas. Esta mulher – qual é o nome dela? – não sorri. Ela está com muito medo de mim para sorrir.

— Qual é a mensagem?

— Ela pediu para avisar a você que se falar com ela com tanto desrespeito novamente, ela registrará uma reclamação no departamento de recursos humanos.

O calor sobe pelo meu pescoço e se instala nos meus ouvidos, onde queima. Quando ela acrescenta: — E se você a demitir em retaliação, ela irá processar. — A queimadura se espalha pelo resto do meu rosto.

— Processar? — eu sibilo, lívido.

— Sim, senhor. Processar. Tanto a empresa... quanto você pessoalmente.

Ela realmente gostou da última parte. Eu posso dizer. Agora eu *sei* que ela está sorrindo.

Isto é sem precedentes.

Sem responder, giro sobre os calcanhares e me afasto, com a mandíbula cerrada e as mãos cerradas em punhos.

*Isso é uma configuração? Shay está planejando tentar me chantagear? Ela sabia quem eu era naquela noite no bar quando ela se aproximou de mim? A conexão com a qual venho sonhando há semanas foi uma*

*mentira?*

O que meu pai sempre diz está certo. Não podemos confiar em ninguém. Não com a posição em que nossa família está. Não com nossa influência, nosso poder, nossa fama.

Nosso dinheiro.

Pego o elevador para baixo e atravesso as portas assim que elas se abrem.

O piso é disposto em estilo clássico de cubículo, com uma passagem principal entre um labirinto de mesas atrás de divisórias azuis na altura do peito. Todo o espaço vibra com atividade. Os telefones tocam, os teclados estalam, as vozes soam em um murmúrio baixo. Para alguém como eu, que não consegue se concentrar sem silêncio e odeia ter muita gente por perto, o ambiente é um pesadelo.

Se eu tivesse que trabalhar aqui, ficaria maluco.

Vejo Shay instantaneamente.

Do outro lado da sala, em um dos pequenos escritórios envidraçados que se alinham em ambos os lados do chão, ela conversa com duas pessoas. Uma delas é uma ruiva alta e atraente que reconheço como Simone, nossa gerente de contabilidade, que está na empresa desde que me lembro. A outra pessoa é Dylan, um contador sênior, um homem de trinta e poucos anos, com boa cabeça para números e o irritante hábito de rir demais.

Na verdade, ele está rindo agora. Shay também.

Eles estão rindo juntos.

*Dylan fez Shay rir.*

Algo perigoso se transforma em tempestade dentro de mim. Vendo vermelho, corro pelo chão com a cabeça baixa e a carranca no lugar, mal notando quando as pessoas saltam para fora do meu caminho.

## CAPÍTULO VINTE E CINCO

### *Shay*

Simone é uma querida. Eu soube assim que ela se apresentou que ela e eu nos daríamos bem.

Esse tal de Dylan, por outro lado, já está me dando nos nervos e acabei de conhecê-lo.

A palavra puxa-saco foi inventada para homens como ele. Ele me olhou de cima a baixo meia dúzia de vezes em nossa curta conversa, olhando para meus seios e praticamente salivando pelas minhas pernas. Ele fica muito perto, fala muito alto e usa muita colônia. Os pelos do meu nariz estão chamuscados por causa disso.

Se tudo isso não bastasse, ele ri como uma hiena.

Ou um burro tendo um dente arrancado.

Deixando de lado a lembrança da história fofa que Cole inventou sobre como minha risada era horrível naquela noite em que ficamos nus juntos na cama do hotel, rio educadamente da piada sem graça que Dylan acabou de fazer e olho para Simone.

Transmito meu desconforto, que ela recebe em alto e bom som.

Graças a Deus pela intuição das mulheres.

— Dylan, preciso passar um tempo com Shay agora para discutir sua carga de trabalho e atualizá-la sobre nossos projetos atuais. Você poderia nos dar licença, por favor?

— Ah, claro, claro, sem problemas. Shay, foi um prazer conhecer você. Bem-vinda a bordo. Meu escritório fica ao lado, então fique à vontade para aparecer a qualquer momento se precisar de alguma coisa.

Desviando o olhar dos meus seios, ele levanta o queixo e pisca

para mim. — Ou se você só quiser dizer oi.

Eu me pergunto se posso pedir para ser realocada, mas então me distraio com a visão de Cole correndo pelo escritório como um touro atacando, com a cabeça baixa e a mandíbula cerrada. Funcionários assustados fogem de seu caminho como chumbo grosso.

Ele está vindo direto para o meu escritório.

Sem dúvida para me submeter a mais do seu charme. Talvez ele cuspa na minha cara desta vez, em vez de bater à porta.

Eu me viro e dou um sorriso tenso para Dylan. — Com certeza irei, Dylan. Muito obrigada. Foi um verdadeiro prazer conhecer você.

Quando Dylan lambe os lábios e ri, percebo que ele pensa que acabei de dar em cima dele.

Se ao menos dar um soco no nariz de um colega de trabalho no primeiro dia não fosse desaprovado.

Cole atravessa a porta. Ele para, acena brevemente para Simone e depois volta sua atenção para Dylan. O olhar que ele produz é tão maligno que Dylan parece prestes a fazer xixi nas calças.

— Ah, ah. Olá, Sr. McCord, uh, estávamos conhecendo sua nova assistente...

— Fora — interrompe Cole com um grunhido.

Dylan foge como um cachorrinho repreendido. Simone não se intimida tão facilmente, entretanto. Ela junta as mãos na cintura e espera com as sobranceiras levantadas até que Cole volte sua atenção para ela.

Ele diz rispidamente: — Por favor, desculpe meus modos, Simone. Foi uma manhã difícil. Gostaria de conversar a sós com Shay.

Simone olha para mim, lançando-me um olhar que entendo significar que ela está ao alcance de um grito se eu precisar de alguém para ligar para o 9-1-1. Então ela se retira, fechando a porta do meu escritório atrás dela.

As costas de Cole estão voltadas para a área dos cubículos, então

ele não consegue ver o que vejo através das paredes de vidro do chão ao teto: um mar de pessoas olhando para nós boquiabertos.

*Ótimo. Que maneira de causar uma primeira impressão. A seguir, talvez eu possa vomitar nos sapatos de alguém.*

Com o rosto vermelho e o coração batendo forte, mantenho-me firme sob o olhar ardente que Cole me envia.

Com a voz menos controlada do que quando falou com Simone, ele exige: — Que diabos você está fazendo aqui?

— Acredito que já estabelecemos isso. Estou trabalhando. — Só para aprofundar um pouco mais a faca, acrescento um sarcástico — Senhor.

É a coisa errada a se dizer por vários motivos, mas principalmente porque a memória vívida de mim de joelhos no quarto de hotel com seu pau duro na mão quando ele sugeriu que eu o chamasse de Senhor para o benefício de Chelsea agora fica entre nós, sobrecarregando o ar.

Posso dizer que ele também está pensando nisso, porque ele muda o peso de um pé para outro e rosna. Então ele responde: — Como?

— Como o quê?

— Como você começou a trabalhar aqui?

— O método usual.

— Qual?

— Eu fui contratada.

Obviamente irritado com minhas respostas curtas, ele pergunta em voz alta: — Como você sabia que era para mim que você trabalharia?

— Eu não sabia.

Quando ele apenas me olha em um silêncio incrédulo, percebo que ele acha que aceitei o trabalho para ser sua assistente de propósito para me aproximar dele. Não só isso, ele acha que minhas razões para

isso foram nefastas.

— Espere — falo calorosamente. — Espere só um minuto. Eu não sabia que era para você que eu trabalharia, ok? Ninguém me disse seu nome.

— Acho isso extremamente difícil de acreditar.

— Eu não me importo com o que você acredita. É a verdade.

Ele cruza os braços sobre o peito e olha para mim por cima do nariz.

Que idiota. Se o assassinato fosse legal, ele já estaria morto.

— Qualquer história que você esteja inventando sobre por que estou aqui, é besteira.

— Claro que é.

Exasperada, jogo as mãos para o alto. — Ouvi falar dessa posição de uma amiga!

— Que amiga? A mesma pessoa com quem você está planejando dividir o dinheiro do acordo quando me processar por assédio sexual?

Eu já sabia que ele estava pensando algo ruim sobre o motivo de eu estar aqui, mas não sabia o quão ruim. Isso leva o bolo. — Você acha que eu armei para você?

Quando ele não diz uma palavra, mas apenas continua me olhando com aquele mesmo olhar de desdém, tenho minha resposta.

— Você *acha*. Você acha que de alguma forma eu descobri quem você era, e segui você até aquele bar e lhe fiz uma proposta naquela noite, enquanto planejava ser contratada como sua assistente para que eu pudesse me virar e processar você até as calças.

— Ou me chantagear, sim.

Indignada com a sugestão, suspiro.

— Bem, quais são as chances, Shay? Você e suas amigas *estavam* naquele bar em particular naquela noite? E você *decidiu* que iria exigir sexo de mim?

— Exigir? Eu não fiz isso...

— Então, do nada, você aparece no meu escritório e a primeira coisa que sai da sua boca é uma ameaça de me processar?

Ele olha para minha roupa. Seus olhos brilham. Suas bochechas ficam ainda mais vermelhas do que antes.

— *Enquanto usa a blusa que comprei para você?*

Eu gostaria de ter jogado essa estúpida blusa Balmain no lixo. É a coisa mais bonita que possuo, e eu queria estar no meu melhor hoje, e agora só queria ter jogado no lixo, onde também deveria jogar todas as minhas lembranças agradáveis da noite que passei com esse idiota.

— Eu não ameacei processar você. Eu disse que registraria uma reclamação no RH se você continuasse a me tratar com desrespeito.

— Seguido por uma ameaça de processar.

— Ok, tudo bem, sim, mas apenas se você me demitir em retaliação. O que, agora que vi você em seu habitat natural, parece exatamente algo que você faria.

Ele tenta interromper, mas eu levanto a voz e falo por cima dele.  
— Eu não deveria ter ficado surpresa com o seu comportamento, porque literalmente todo mundo me avisou sobre isso, mas dado que era você parado na porta e não um velho entupido com caspa nos ombros e halitose que poderia matar um camelo como imaginei que seria, eu fiquei. Então você terá que me perdoar por participar de sua farsa ridícula de história egoísta, que de forma alguma planejei conseguir esse emprego.

Ele se aproxima, abaixando os braços ao lado do corpo. Agora estamos a apenas alguns metros de distância, olhando um para o outro.

— Tudo bem, Shay. Então me diga. Qual é o nome dessa amiga de quem você ouviu falar sobre o cargo?

Posso dizer que ele acha que isso é um detalhe que vai me dar uma rasteira. Ele acha que vou fabricar um nome do nada, que então

poderá refutar como mentira, porque a posição nunca foi divulgada publicamente. Ou darei a ele o nome de alguém dentro da corporação que ele acha que conspirou comigo para prendê-lo a um acordo e dividir os lucros.

Portanto, é com grande orgulho e um profundo sentimento de satisfação que provo que ele está errado.

— O nome dela é Emery. Ela é dona de uma livraria em Venice chamada Lit Happens, a qual frequento há anos. Ela disse que você era cliente dela e achou que eu poderia ser uma boa opção para o trabalho.

Os lábios de Cole se abrem. Ele pisca. Então ele fecha os olhos, exala pesadamente e murmura: — Porra.

Não é a reação que eu esperava. — O que isso significa?

— Não sou cliente de Emery. Ela é minha cunhada.

Percebo em minha visão periférica que todos no cubículo ainda estão olhando em nossa direção, observando nosso pequeno drama se desenrolar. *Espero que essas paredes de vidro sejam à prova de som.*

— Cunhada?

Ele abre os olhos e olha para mim, balançando a cabeça. — Sim. Ela é casada com meu irmão mais velho, Callum.

— Por que diabos ela me disse que você era cliente dela?

— Presumo que para me proteger.

Isso fere um pouco meus sentimentos. Ela acha que sou algum tipo de mercenária? — Por que você precisa de proteção?

Ele passa a mão pelo cabelo e exala pesadamente. — É apenas nossa coisa. Nossa coisa de família.

— Isso não faz nenhum sentido para mim.

Ele se vira e anda por todo o escritório com as mãos apoiadas nos quadris. É um escritório pequeno, então ele vai se virar em segundos. Ele caminha de volta em minha direção, depois dá outra volta e repete



o processo.

Eu me odeio por notar o quão bonito ele é. Quão viril. Como seu cabelo escuro se enrola na parte de trás da gola de sua camisa azul-claro. Como se destacam as veias de seus antebraços.

Como a bunda dele fica linda na calça preta que ele está usando.

— Somos muito reservados — diz ele, falando enquanto caminha.  
— Nós temos que ser. Você não pode imaginar os alvos que somos para todo tipo de canalha por aí. Golpistas. Artistas de merda. — Sua voz cai. — Sequestradores.

*Sequestradores?*

Lembro-me de como todos eram reservados em relação a esse trabalho, de todos os acordos de confidencialidade que tive que assinar e dos obstáculos que tive que superar por causa da notória dedicação da empresa à privacidade, e percebo, com uma sensação de aperto no estômago, que entendo o que ele está dizendo.

Os McCords são bilionários. É claro que todo mundo iria querer uma parte do dinheiro da família. Do império de sua família. Dele.

Emery estava apenas sendo cuidadosa.

Quer dizer, eu a conheço há algum tempo, mas não somos amigas íntimas. Nunca nos reunimos socialmente. Ela tinha todo o direito de ser discreta. Na posição dela, eu provavelmente teria feito a mesma coisa.

Infelizmente, essa clareza faz com que a indignação se esvaia de mim como se um plugue tivesse sido desligado. Fico aqui me perguntando se um de nós deve desculpas ao outro, e rapidamente decido que se ele for primeiro, eu farei o mesmo.

— Oh. Entendo.

Ele para de andar. Estudando meu rosto, seu olhar se aguça. — Você entende o quê?

— Nada.

Sua expressão azeda. Ele cruza os braços sobre o peito e olha para

mim, um hábito que pode levá-lo a ser castrado em breve.

— Foi apenas uma forma de falar.

— Não, não foi.

— Sim, foi.

— Eu sei que é inconveniente para você, mas posso dizer quando você está mentindo.

— Bobagem.

— É verdade.

— Oh, sim? Como?

— Sua voz fica estranha.

— Não, não fica.

— Sim. Você começa a parecer um burro moribundo.

Ele diz isso sem mudar sua expressão ou tom, mas sei que é um ramo de oliveira. Esse pequeno lembrete de nossa incrível noite juntos é sua maneira lúdica de dizer opa, desculpe, eu acusei você de ser uma prostituta calculista e interesseira, vamos tentar ser bonzinhos.

Mas espere, pode ser uma armadilha. Ele pode estar tentando me testar para ver se vou flertar com ele. Ele ainda acha que estou aqui apenas para extorqui-lo?

Ou ele está sendo inapropriado? Ele está esperando que eu fique de joelhos embaixo da mesa dele, fazendo boquetes semanais, e essa é a maneira de insinuar isso?

Deus, isso é confuso. Não tenho ideia de como responder. Humor? Ultraje? Desdém?

Dolorosamente desconfortável, decido que se ele for astuto e impossível de definir, eu também o farei. Mantenho minha voz e expressão neutras, como se estivesse entediada com toda essa conversa.

— O burro não estava morrendo. Ele estava tendo o dente

arrancado.

— Não. Estava morrendo.

— Acho que você está se lembrando errado.

— Estou me lembrando perfeitamente.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

— Qual era a cor do Chihuahua?

— O Chihuahua não tinha pelos.

— Que tipo de animal o raptor viu no bar?

— Uma pomba. E eu não disse raptor, eu disse ave noturna predatória. E não foi num bar, foi numa clareira.

Nós nos encaramos. Nenhum de nós sorri. A sala parece abafada e muito pequena. Não tenho ideia se estamos brigando ou flertando. Já tive tratamentos de canal mais agradáveis do que isso.

— Ave noturna predatória? Então você é uma coruja.

Um leve olhar de desgosto cruza seu belo rosto. — Eu não sou uma coruja.

— Tem certeza? Você meio que parece uma coruja.

— De que forma pareço uma coruja?

— Muitas maneiras. Grandes olhos que não piscam. Corpo encorpado. Sem pescoço.

Ele estreita os olhos para mim. Resisto à vontade de mostrar a língua.

Nosso impasse é interrompido quando alguém bate à porta. Voltamos e vemos um jovem parado do lado de fora. Ele é alto, bonito e se parece muito com Cole, exceto que é loiro. Sorrindo amplamente, ele levanta a mão e mexe os dedos em saudação.

Cole vai até a porta e a abre. Posso dizer pela nova tensão em seus ombros que ele está irritado com a chegada. Para o homem que

está do lado de fora, ele diz bruscamente: — Você está interrompendo.

— Sim, posso ver isso. — Ele ri, então se inclina em volta de Cole e sorri para mim. — Olá. Sou Carter, irmão de Cole. Ouvi dizer que você é a nova assistente dele.

— Olá, Carter. Eu sou Shay. E sim, sou a nova assistente do seu irmão, mas não tenho certeza por quanto tempo.

Horrorizado, Carter olha para Cole. Seu tom se torna acusador. — Não são nem nove horas! Que merda você já está fazendo essa pobre garota passar?

Cole se vira e me lança um olhar letal. Eu devolvo com um sorriso doce.

Pelo menos um dos irmãos McCord está do meu lado.

## CAPÍTULO VINTE E SEIS

### *Cole*

Como sempre, meu irmão mais novo tem um timing impecável.

Afasto-me do rosto sorridente de Shay e digo para ele ir embora. Então bato a porta e volto para ela novamente.

— Esse é um hábito desagradável seu — ela observa enquanto a porta balança no batente.

— É um entre muitos. O que você quis dizer com não tem certeza de quanto tempo será minha assistente?

Sua expressão indica que ela me acha um completo idiota. E um otário de cima a baixo.

Com os dentes cerrados, eu digo: — Que olhar é esse?

— Não tenho ideia do que você está falando.

Essa mulher. Essa mulher teimosa e irritante. Respirando fundo, começo a contar até dez. Eu só chego a dois antes de explodir. — Eu não vou demitir você, se é isso que você quis dizer.

— Talvez não tenha sido isso que eu quis dizer.

Quando eu apenas olho para ela com um grunhido retumbando em meu peito, ela cede.

— Ok, foi isso que eu quis dizer. Você vai?

— Eu apenas disse que não vou.

— Eu sei, mas estou lhe dando uma chance de mudar de ideia.

— Por que eu mudaria de ideia?

Ela me lança aquele olhar de você-é-um-idiota-e-um-otário de novo. Suspeito que se tornará sua expressão característica. Eu a colocaria no colo e lhe daria uma surra que ela lembraria para sempre,

mas as malditas paredes são feitas de vidro.

E ela trabalha para mim agora. Não posso bater em um funcionário.

Não importa o quanto eu queira.

Atravesso os poucos passos da porta até onde ela está, inclino-me perto de seu rosto e falo em voz baixa e deliberada enquanto olho em seus olhos. — Eu não estou demitindo você. Você vai desistir?

Toda atrevida e desafiadora, ela levanta o queixo. — Não.

— Bom.

Quando ela arqueia uma sobrancelha perfeita, altero para: — Quer dizer, tudo bem. Se essa for sua decisão.

— Essa é minha decisão.

— Certo.

— Bom.

— Então é isso.

— Sim.

— Então mãos à obra.

— Eu planejo.

— Quando?

— No minuto em que alguma pessoa razoável que não pensa que é uma coruja me mostrar o que diabos eu deveria estar fazendo.

Eu quero tanto espancá-la que minha palma coça. Ninguém nunca fala comigo com esse tipo de desrespeito. Com seu tom azedo, arejado e de foda-se. *Ninguém.*

Eu sou a porra do CFO!

Algo na minha expressão a faz sorrir novamente. O que, claro, irrita-me regamente.

— Permita-me deixar uma coisa perfeitamente clara, Shay...

— Srta. Sanders.

— Perdoe-me?

— Prefiro que você me chame de Srta. Sanders. Para manter as coisas profissionais.

Se eu não acabar arrancando todo o meu cabelo quando sair deste escritório, será um maldito milagre.

Além disso, eu realmente quero beijá-la, o que é problemático em muitos níveis. Especialmente porque *beijar* é um eufemismo para dobrá-la sobre a mesa, arrancar sua calcinha, enfiar meu pau duro dentro dela e ouvi-la gritar meu nome quando gozar.

Seus olhos se arregalam. Seus cílios tremulam. Ela limpa a garganta e umedece os lábios. — Por que você está olhando assim para mim?

*Então você está nervosa agora. Bom.*

Meu sorriso é maligno. — Você não quer saber. Mas aqui está algo que você deve saber. Temos uma política rígida nesta empresa sobre relações no local de trabalho. Principalmente as relações entre superiores e subordinados. Elas não são permitidas. Ponto. Entendido?

— Estou bem ciente. Tive que ler todas as regras do RH e assiná-las antes de começar. — Fingindo inocência, ela acrescenta: — Por que você mencionou isso?

O que eu digo é: — Você sabe exatamente por quê.

O que quero dizer é *porque preciso ver sua reação. Preciso saber se você pensou em mim do jeito que pensei obsessivamente em você. Preciso saber se você se tocou enquanto se lembrava daquela noite, assim como eu. Preciso saber se foi mais para você do que sexo casual.*

*Acima de tudo, preciso saber se você deseja fazer isso de novo.*

Porque se a resposta for sim, danem-se as regras. Eu já sei que quebraria qualquer regra para tê-la novamente. Eu quebraria todas as regras só para provar sua boca mais uma vez.

Com a voz fria e a compostura perfeita, ela diz: — Garanto a

você, Cole, que não iniciarei um relacionamento pessoal com ninguém nesta empresa. *Especialmente* um superior. Eu nunca arriscaria minha posição aqui por algo tão trivial como isso.

Posso dizer que ela está falando sério. Ela não quer nada comigo.

Porra.

Nós nos encaramos por um longo e estridente momento de silêncio, até parecer que o ar vai entrar em combustão.

Então abaixo meu olhar para seus lábios deliciosos, imaginando como eles pareciam esticados ao redor da cabeça do meu pau. Minha voz sai rouca. — É Sr. McCord.

Obrigando-me a desviar o olhar de sua boca, encontro seu olhar. — Como você disse, Srta. Sanders, vamos manter as coisas profissionais.

Vou até a porta e a abro, mas antes de sair, eu me viro, endurecendo a voz. — E de agora em diante, espero que você chegue na hora.

Ela responde sem perder o ritmo: — Eu vou. Obrigada pela visita, Sr. McCord.

Sem me despedir, eu me viro e saio, determinado a nunca mais colocar os pés em seu escritório.



## CAPÍTULO VINTE E SETE

### *Shay*

Observo-o caminhar pelos cubículos em direção aos elevadores até ter certeza de que ele não vai se virar e voltar correndo para rosnar alguma coisa desagradável. Então ando ao redor da minha mesa, afundo na cadeira e olho para a parede, atordoada.

Minhas mãos tremem. Meu coração bate forte. Tenho noventa por cento de certeza de que meu rosto é da cor de um tomate.

Mas como tenho dezenas de pessoas olhando em minha direção através das paredes de vidro, não posso me jogar de bruços na mesa e gritar ou começar a gritar obscenidades como faria normalmente. Eu me mantenho firme com pura força de vontade até que o desejo de fazer algo dramático passe, o que é convenientemente quando Simone aparece novamente.

Ela bate suavemente no batente da porta. — Posso entrar?

— Claro. Eu só estava... — Atordoada, olho ao redor do escritório. — Hum. Estabelecendo-me.

Ela ri. Com as mãos nos quadris, ela se aproxima da minha mesa. — Deixando a poeira baixar, é mais provável. Você está bem?

— Sim.

— Só pergunto por que parece que você precisa de uma bebida forte.

Encontro seu olhar divertido e balanço a cabeça. — Ele é sempre tão...

— Mal-humorado? Sim. Você se acostuma depois de um tempo. Se você durar o suficiente, ele começará a tratá-la como um humano.

Lembro-me de como ele se desculpou com ela por seus modos

quando entrou pela primeira vez e me pergunto quanto tempo eles trabalharam juntos para levá-lo a esse ponto. Provavelmente trinta anos.

— Ele não é violento, se é isso que você está se perguntando. E ele não é verbalmente abusivo. Ele é muito intenso.

— Então me disseram. Mas há intenso, depois há Cole McCord. Sua pobre recepcionista tem pavor dele.

— Marion tem pavor da própria sombra. Ela é uma garota adorável, mas não combina com essa posição.

— Por que ele a contratou, então?

Simone sorri. — Ele gosta de aterrorizar pessoas.

— Isso é simplesmente cruel.

Ela puxa uma cadeira e se senta à minha frente, cruzando as pernas e as mãos no colo. Vestindo um lindo terninho lavanda que reconheço como Chanel vintage e um par de sapatos Ferragamo bege, ela é elegante da cabeça aos pés.

— Algumas pessoas preferem ser temidas a amadas. Ele é uma delas.

— Mais uma vez, cruel.

— Ou um mecanismo de defesa.

Eu a estudo por um momento, entendendo que ela está tentando me dar uma visão sobre nosso chefe sem ser muito específica sobre isso.

— Ele não você aterroriza, não é?

Ela sorri. — Nem você. É por isso que acho que você tem uma boa chance de durar aqui.

*Pelo menos por noventa dias até receber esse bônus.*

Suspirando, passo as mãos pelos cabelos e olho ao redor do escritório. — Acho que você deveria me mostrar por onde começar. Tenho a sensação de que o Sr. Sombrio e Tempestuoso não tolera

vadiar.

Eu congelo, horrorizada, porque meu apelido para Cole escapou dos meus lábios, mas Simone ri.

— Essa é boa. Quase todo mundo por aqui o chama de Grinch.

Eu digo secamente: — Um rabugento cínico que nasceu com um coração dois tamanhos menor.

— Então o filme o descreveu. — Simone se torna mais séria, seu sorriso desaparecendo. — Mas o problema do Grinch era que seu coração não era muito pequeno. Ele era insuportavelmente solitário.

Insuportavelmente solitário.

Lembro-me de como Cole olhou para mim no bar naquela noite em que nos conhecemos, como seus olhos estavam cheios de um desejo tão evidente. Como nos unimos por causa de nossa miséria compartilhada sobre nossos recentes rompimentos.

Como eu disse a ele que ele não era um vilão como ele se descrevia, ele era um herói, porque só um herói quebraria o próprio coração para salvar o de outra pessoa.

Agora me sinto uma idiota.

Uma idiota orgulhosa e impaciente que deveria ter respirado fundo e talvez dado uma folga ao cara quando ele reagiu de forma exagerada ao me ver parada na porta de seu escritório.

Eu, a garota com quem ele fodeu quase à morte um mês atrás.

Eu, a garota para quem ele pediu jantar e café da manhã, porque queria ter certeza de que eu não passaria fome.

Eu, a garota que ele gastou sabe-se lá quanto dinheiro em uma blusa de alta costura para substituir a que ele estragou.

Eu. Shay Sanders. A garota que saiu daquele hotel na manhã seguinte à nossa noite juntos se sentindo mais feliz do que nunca.

Por causa dele.

O homem que há menos de cinco minutos comparei a uma coruja.

Meu Deus, eu disse ao pobre homem que ele não tinha pescoço e estou aqui sentada com pena de mim mesma? Ele deveria ter me demitido imediatamente por insolência.

Consternada, olho para Simone. — Acho que devo a ele um pedido de desculpas pela forma como agi agora.

— Não, você não deve.

— Mas você não estava aqui. Você não ouviu como falei com ele. Como fui rude.

— Confie em mim, Shay, é bom para ele. Se você estivesse realmente fora da linha, não estaria ainda sentada atrás dessa mesa. Mas se eu puder dar um conselho? Não o desrespeite na frente de outros funcionários. Ele não suporta ser menosprezado com uma plateia. Mas ele pode receber tão bem quanto dá individualmente. E ele precisa de pessoas fortes ao seu redor que não se deixem intimidar por sua persona autoritária.

Percebo que ela disse persona em vez de personalidade, indicando que o pessimismo de Cole é uma escolha calculada. O objetivo é manter as pessoas à distância.

Aí me lembro que falei para ele que o coração dele não era frio, era quente, ele apenas o mantinha no gelo para não machucar, e me sinto uma idiota de novo.

Como pude vê-lo tão claramente naquele quarto de hotel e não neste escritório?

Talvez tenha algo a ver com seu pau mágico. Não tenho isso há semanas e minha visão ficou turva.

Quero bater minha cabeça na mesa.

— Obrigada pelo conselho, Simone. Não vou esquecer.

— Bom. Agora vamos trabalhar.

Durante as próximas horas, enquanto ela me apresenta todo o trabalho que meu novo cargo envolve, faço o meu melhor para me concentrar, mas Cole ferve em segundo plano na minha mente, seus

olhos raivosos me assombrando como fantasmas.

## CAPÍTULO VINTE E OITO

### *Cole*

Passo o resto do dia trancado em meu escritório traçando estratégias para o *Plano Evitando Shay*.

Funciona assim: mudar para o Alasca.

Porque não importa o quanto eu tente me convencer de que só me comunicarei com ela por e-mail, não participarei de reuniões onde ela estará presente e virarei para o outro lado se acontecer de nos cruzarmos no prédio, o fato é que saberei que ela está por perto todos os dias e vou querer ir vê-la.

Ainda posso sentir o cheiro do perfume dela.

Mate-me.

Estabelecemos que ela não vai desistir, nem vou demiti-la. Então agora, só tenho um caminho a seguir.

Fingir que ela não existe.

O que será extremamente difícil, considerando que *ela é minha maldita assistente*.

Frustrado, abro seu currículo no computador e olho para ele até minha visão ficar embaçada. Então, perplexo, pego o telefone e ligo para minha cunhada.

— Lit Happens, como posso ajudá-lo?

— O que você sabe sobre Shay Sanders?

Emery ri. — Ah, oi, Cole. É bom falar com você. Sim, estou bem, obrigada por perguntar. Como vai você?

— Sinto muito, não posso fazer gentilezas agora.

— Chocante.

Ela ri de novo, mas é carinhosa. Ela já está acostumada comigo. E se ela consegue tolerar meu irmão psicopata, Callum, certamente consegue lidar com minhas peculiaridades. Comparado a ele, estou quase são.

— Shay Sanders. Conte-me tudo.

Seu tom muda de leve para preocupado. — Oh, Deus. Por favor, não me diga que já há um problema.

*Sim, o problema é que eu transei com ela antes de ela começar a trabalhar para mim, e quero muito fazer isso de novo, de novo e de novo, mas temos uma política rígida contra isso.*

*Além disso, inconvenientemente, ela pensa que sou um idiota.*

Mas não posso dizer nada disso. Eu também não quero mentir, então desvio. — Ela disse que você disse a ela que eu era seu cliente.

— Quando Callum mencionou que havia contatado um recrutador para ocupar seu cargo de assistente, ele me perguntou se eu conhecia alguém. Eu disse que ficaria atenta, mas ele ressaltou que eu deveria tomar cuidado. Eu sabia o que significava. Ela parecia chateada com isso?

*Não, mas ela parecia chateada por eu ter sugerido que ela era uma mentirosa maquinadora e manipuladora.*

Sinto o início de uma dor de cabeça formando uma faixa tensa em volta do meu crânio. Então me lembro que não almocei, porque estava muito ocupado, obcecado por Shay. Fechando os olhos, agarro minhas têmporas e aperto.

— Não. Por que eu não sabia que você a indicou?

— Não sei. Quando ela me enviou flores para me agradecer por recomendá-la para o cargo, mencionei isso a Callum. Presumi que ele tinha contado a você.

Ele provavelmente teria feito isso, mas como eu o evito tanto quanto evito todos os outros, ele não teve muita chance.

De qualquer forma, não é como se fossemos próximos. Posso ser o

diretor financeiro, mas ele é o diretor executivo, e isso significa que ele pensa que estou abaixo dele.

Callum é o mais velho, o filho de ouro que não pode fazer nada de errado aos olhos dos meus pais. Seu ego é um rolo compressor, esmagando tudo em seu caminho.

Carter é o bebê. Ele é mais parecido com a nossa mãe, popular e extrovertido, sempre o centro das atenções. Ele é um gênio com as pessoas e as encanta com facilidade, uma característica incrivelmente irritante para quem não compartilha disso.

Eu estou no meio. Competitivo. Correndo riscos. Incompreendido.

— Há quanto tempo você a conhece?

Segue-se um momento de silêncio enquanto Emery pensa. — Três anos, talvez?

— E qual a sua opinião sobre ela?

— Ela é ótima.

Quando suspiro, Emery diz secamente: — Deus, você parece muito com Callum quando faz isso.

Resolvo nunca mais suspirar. — Eu quis dizer o que você pode me dizer sobre ela que possa me ajudar a entendê-la melhor?

Há outro momento de silêncio, mas este é diferente. É longo e cavernoso, como se ela estivesse atordoada.

— *Entendê-la melhor?*

— Não me irrite, por favor. Basta responder à pergunta.

— Eu irei, mas você terá que me dar um segundo para me recuperar.

Carrancudo, exijo: — Sou realmente tão ruim assim?

— Você não é nada ruim.

— E você é uma péssima mentirosa.

— É que você dá a impressão geral de que prefere viver em Marte



do que lidar com humanos, então estou surpresa em saber que você deseja entender melhor um de nós. — Depois de um instante, ela acrescenta baixinho: — Oh.

— O quê?

— Você gosta dela, não é? Você está atraído por ela.

É uma pena que meu irmão tenha se casado com alguém tão inteligente. Eu realmente teria gostado de ter uma cunhada que não pudesse ver através de mim. — Só estou tentando evitar contratar meu sexto assistente este ano.

— Agora, quem é o péssimo mentiroso?

— Podemos, por favor, apenas ter essa conversa sem que você leia nada sobre isso?

Ela ri. — Cole, eu sou uma mulher.

— Eu nem quero saber o que isso significa.

— Isso significa que o estrogênio nos dá poderes psíquicos.

— Então por que você não escolhe os números vencedores da loteria?

— Não há necessidade de ser sarcástico.

— É a única resposta razoável quando uma pessoa inteligente está sendo boba. Podemos, por favor, voltar para Shay? Você está fazendo meu cérebro doer.

Devo parecer desesperado, porque ela tem pena de mim.

— Ok. Você quer minha opinião sobre ela? Aqui está. Eu acho que ela é ótima. E antes que você fique todo irritado e impaciente, deixe-me continuar. Ela é uma daquelas pessoas com quem você se sente confortável imediatamente, porque ela é real. Não há besteira com ela. Ela não está tentando impressionar você. Ela é confiante, mas não de forma desagradável. E ela é obviamente brilhante. Mas ela também parece muito gentil, o que é mais importante.

— Como? Ela me disse que eu a lembro de uma coruja.

Emery dá uma risadinha. — Ela é engraçada também. Esqueci de mencionar isso.

— Tenho certeza de que ela não estava brincando. O que mais? Ela tem família? Irmãos? De onde ela é? O que ela faz nos finais de semana? Que hobbies ela tem? Ela tem um animal de estimação? E quanto a irritações? O que a deixa com raiva? O que a faz feliz? O que a motiva?

Depois de um tempo, Emery diz: — Cole?

— O quê?

— Respire fundo.

Percebo que já dei meia dúzia de voltas em minha mesa, estou com o telefone bem apertado e minha voz está muito alta. Então sigo o conselho dela e inspiro profundamente, fechando os olhos.

— Agora sente-se.

— Como você sabe que estou de pé?

— Porque você é um McCord. Vocês, homens, gritam melhor em pé.

Isso me faz sorrir, principalmente porque ela está certa. Afundo na cadeira e me sento, tentando relaxar. — Ok. Estou sentado.

— Bom. Agora, todas essas perguntas que você me fez? Você precisa perguntar a ela.

— Eu não posso perguntar a ela. Elas são muito pessoais.

— É exatamente por isso que ela é quem deveria respondê-las. Chama-se ter uma conversa. E não me diga que você não é bom nisso, porque você está fazendo isso agora mesmo.

Quando fico aqui sentado, meditando em silêncio, ela fica com pena de mim novamente.

— Mas aqui está algo que *posso* contar a você. E isso lhe dará mais informações sobre a personalidade dela do que você pensa.

Sua voz se tornou intrigantemente astuta. Sento-me na cadeira,

meu pulso acelerando. — O quê?

— O nome do livro favorito dela.

Depois de um momento de reflexão, digo: — Você é uma gênia. Qual é?

— “O Amor nos Tempos do Cólera” de Gabriel García Márquez.

— Vou comprar uma cópia. Por que você acha que ela gosta tanto?

— Vou deixar isso para você interpretar. Mas lembro-me de algo que ela disse sobre isso e que me pareceu muito esclarecedor.

— O que é?

— Ela disse que as pessoas acham que é um romance épico e arrebatador, mas na verdade se trata de expectativas irrealistas. Não pergunte se o herói vai ficar com a garota – pergunte se ele deveria.

Eu digo categoricamente: — Já odeio isso.

Sua risada é suave. — Bem, bem. Nunca pensei que veria esse dia.

— Se você está prestes a dizer algo sobre eu ser humano, não diga. Adeus, Emery.

— Tenha um dia maravilhoso, Cole.

Ela ainda está rindo quando desligo.

Decido que não posso mais ser útil hoje, porque Shay invadiu meu cérebro como um enxame de bactérias. Então me sinto mal por fazer uma comparação tão pouco lisonjeira. Aí me sinto ridículo por me sentir mal, que é quando desligo o computador e saio do escritório.

A mesa da minha recepcionista está vazia. Ela saiu durante o dia ou desistiu. Eu verifico meu relógio. Seis horas. Então ela provavelmente não desistiu, embora eu não ficaria surpreso se isso acontecesse logo.

Quando a contratei, confundi seu medo com respeito. Achei que ela estava apenas sendo respeitosa. Acontece que eu a assusto *pra*

caralho.

Como quase todo mundo, exceto minha nova assistente, que não tem problema em me repreender na cara. Ou ameaçar me processar se eu continuar a desrespeitá-la.

Penso em Shay durante toda a descida do elevador até o estacionamento.

Penso nela no caminho para casa.

Penso nela enquanto estou no balcão da cozinha, devorando ensopado de carne direto do recipiente.

Ainda estou pensando nela quando visto um terno novo, pego a maleta que contém minhas armas e saio noite adentro, a caminho de fazer outra pessoa desaparecer.

## CAPÍTULO VINTE E NOVE

### *Shay*

Eu sobrevivo à minha primeira semana.

O trabalho em si é exigente, em parte porque há muita responsabilidade e tenho que conciliar vários projetos de alto nível com prazos rígidos, mas também porque meu novo chefe está pronto para fazer perguntas incisivas e uma busca insaciável pela perfeição.

Nenhum erro é pequeno demais para ser notado. Fico obcecada por pequenos detalhes, verificando números várias vezes, verificando extratos de contas duas a três vezes, reformatando planilhas até que fiquem tão simplificadas e funcionais que poderiam ter sido projetadas por uma equipe de arquitetos escandinavos.

Se meu trabalho está impecável, minha recompensa é o silêncio.

Se encontrar um erro, mesmo que seja algo tão pequeno como um espaço extra entre palavras num relatório, ele destaca isso e solicita uma revisão imediata.

É exaustivo. Também é emocionante. Torna-se como um jogo, um jogo que estou obcecada em vencer.

Nós nos comunicamos apenas por e-mail. Ele chega a qualquer hora do dia e da noite, como se nunca fizesse pausas, nem mesmo para dormir. Somos ambos curtos e diretos, sem nenhum indício de impropriedade. Ou humor, aliás. Os e-mails são secos como ossos.

Se alguém os lesse, pensaria que nunca nos conhecemos pessoalmente e que não tínhamos vontade de fazê-lo. Eles nunca imaginariam o quão alto eu gemi quando ele estava dentro de mim. Como gritei seu nome e arranhei suas costas com as unhas.

Quão forte ele me fez gozar.

Ele não visita meu escritório novamente. Ele não pega o telefone para discutir assuntos. Ele simplesmente envia e-mails curtos, aos quais respondo imediatamente, sempre me perguntando o que ele pensa de mim, se é que pensa alguma coisa.

Penso nele constantemente.

Revivo nossa noite no hotel mil vezes na minha cabeça. Calculo as chances de nos encontrarmos novamente como fizemos, como chefe e empregada. Eu me pergunto que forças estranhas estavam trabalhando para nos unir, desde a primeira vez que pisei no Lit Happens, anos atrás.

No final da semana, percebo que estou sendo boba.

Se há uma coisa que meu relacionamento desastroso com Chet me ensinou é que ficar obcecada por um homem é uma perda de tempo. Especialmente um homem que deixou claras suas intenções ao expor na minha cara a política da empresa contra relacionamentos entre superiores e subordinados.

Enquanto me preparo para sair do escritório no final da tarde de sexta-feira, decido deixar a obsessão para trás e seguir em frente com minha vida.

Isso dura cerca de cinco minutos, até que alguém bate na porta fechada do meu escritório.

— Entre.

A porta se abre para revelar um jovem sorridente vestido casualmente com calça cáqui e uma camisa polo azul marinho com o logotipo da empresa no ombro. Ele está segurando um envelope kraft marrom nas mãos.

— Oi. Shay Sanders?

— Essa sou eu.

— Eu sou Scotty, da sala de correspondências. Isto é para você.

Ele vem até minha mesa e estende o envelope. Agora posso ver que é um memorando interno, com uma grade na parte externa para

indicar a quem se destina e de quem é o conteúdo.

Na seção De, impressas em letras maiúsculas precisas em caneta azul, estão as palavras ESCRITÓRIO DO CFO.

Surpresa, olho para Scotty.

— Se você precisar devolvê-lo, basta ligar para buscá-lo. Estamos aqui das seis às seis. — Ele acena e sai.

Desenrolo o cordão do fecho borboleta que mantém a aba do envelope fechada e retiro uma única folha de papel de dentro. Nele há uma nota escrita à mão em papel timbrado corporativo.

*Srta. Sanders,*

*Obrigado pela sua diligência esta semana. Aprecio seu excelente trabalho e espero que você esteja feliz no cargo.*

*Se precisar de alguma coisa, não hesite em me pedir.*

*Seu,*

*Cole McCord*

Estupefata, afundo na cadeira e leio o bilhete repetidas vezes, balançando a cabeça lentamente, incrédula.

Obrigado? Aprecio? *Seu?*

Tudo na nota é extraordinário, mas a assinatura é uma foda mental de alcance colossal. *Seu* como uma versão abreviada, a assinatura profissional e tradicional de uma comunicação empresarial? Ou a omissão é deliberada, com o objetivo de significar algo mais significativo, como em... *eu sou seu?*

Ele poderia ter dito *atenciosamente*. Ele poderia ter dito *cumprimentos de*. Ele poderia ter dito *vá se foder para a eternidade, sua vadia com língua diabólica*, mas em vez disso disse *seu*.

Ele começou agradecendo, apreciando e desejando minha felicidade, o que é bastante surpreendente. Ele seguiu com uma oferta

para ajudar com qualquer coisa que eu precisasse, junto com um por favor, em vez de sua típica ordem latida.

Ele também disse que eu deveria pedir *a ele* tudo o que precisasse.

Não a Simone.

Não ao RH.

Ele.

Olho para cima e ao redor, meio que esperando vê-lo espreitando em um corredor, rindo do meu choque, contando uma piada às minhas custas. Mas são cinco e meia de uma sexta-feira e o escritório está vazio.

Olho para a carta novamente, mas agora estou franzindo a testa. Em primeiro lugar, por que diabos ele enviaria uma carta escrita à mão? O e-mail dele está fora do ar? O telefone dele está quebrado? Ele queria que eu apreciasse sua caligrafia? E ainda estou tropeçando naquele misterioso *seu*.

O que diabos está acontecendo?

Pegando um pedaço de papel em branco da impressora, escrevo uma carta em resposta.

*Sr. McCord,*

*Obrigada pela sua nota atenciosa. Aprecio sua preocupação, seu feedback sobre meu desempenho e também sua oferta de assistência.*

*Tenha certeza de que tenho tudo que preciso e que a posição é satisfatória para mim.*

*Atenciosamente,*

*Srta. Sanders*

Depois ligo para a sala de correspondências e digo que tenho uma comunicação interna para o escritório executivo que precisa ser atendida imediatamente.



Scotty aparece cinco minutos depois. Ele pega o envelope.

Sento-me à minha mesa, perguntando-me se devo ficar ou ir embora. Qual é o protocolo quando você está esperando uma resposta sobre uma carta misteriosa enviada pelo cara com quem você fodeu como se estivesse possuía uma noite em um hotel antes de saber que ele seria seu chefe?

Qual é o limite de tempo? Dez minutos? Dez anos?

Não preciso esperar muito, porém, porque Scotty retorna momentos depois de ter saído carregando o envelope marrom e assobiando. Ele o coloca na beirada da minha mesa.

— Oi de novo! Última corrida do dia. Devo esperar?

— Eu ainda não tenho certeza. Você pode esperar um segundo?

— Claro. Estarei lá fora. Avise-me se precisar que eu retome alguma coisa.

— Obrigada, Scotty.

Enquanto ele sai, retiro a folha de papel do envelope. Desta vez, a nota é muito mais curta. Está escrito no verso da que enviei.

*Srta. Sanders,*

*Fico satisfeito em saber que você está feliz no cargo. Observe, entretanto, que sua assinatura está incorreta.*

Minha assinatura? Do que ele está falando?

Quando viro a folha e descubro, suspiro de horror.

Não assinei meu nome, Srta. Sanders, como pensei.

Eu assinei Sra. McCord.

Porque claramente sou a maior idiota do mundo, com uma medalha de ouro por autossabotagem.

Como um professor dando nota baixa na prova de um aluno, Cole

circulou o erro com caneta vermelha. Meu constrangimento é um caldeirão fervendo cheio de piranhas carnívoras em que mergulho de cabeça.

— Scotty?

Ele coloca a cabeça no canto do batente da porta. — Sim?

— Não tenho nada para enviar de volta.

— Ok. Tenha um ótimo fim de semana!

Sei que meu fim de semana não será ótimo, será repleto de arrependimento, autocrítica e uísque suficiente para afogar dez homens adultos, mas sorrio mesmo assim. — Obrigada. Você também.

Logo que ele se vai, pego meu celular na bolsa e mando uma mensagem para Chelsea dizendo que preciso encontrá-la para tomar uma bebida em algum lugar o mais rápido possível.

Quatro segundos depois, ela responde com o nome de um restaurante mexicano em West Hollywood do qual nunca ouvi falar, junto com um link do MapQuest.

Digo a ela para me pedir uma bebida se ela chegar primeiro e saio correndo porta afora.

# CAPÍTULO TRINTA

## *Cole*

É por puro acaso que vejo Shay entrando em seu carro na garagem. Como o acaso parece gostar de se intrometer no que diz respeito a ela, não estou totalmente surpreso, mas tenho que admitir que sou eu quem assume o controle a partir daí.

Sigo a uma distância segura atrás de seu Acura branco enquanto ele entra na Wilshire Boulevard e segue para oeste.

Eu sei por que estou fazendo isso? Não.

Vou continuar fazendo isso? Sim.

Não sou supersticioso, mas, de alguma forma, parece certo vê-la dirigir no trânsito da hora do rush. Não sei se ela está indo para casa ou para outro lugar e, honestamente, não me importo. Tudo o que quero é vê-la quando ela sair do carro em seu destino final. Um vislumbre daquele cabelo, daquela figura, daquele andar confiante.

*Atenciosamente, Sra. McCord*, ela escreveu, cravando oficialmente o último prego em meu caixão. Fiquei sentado olhando para aquele nome escrito em sua caligrafia bonita e feminina e fiquei duro.

Fosse uma estratégia calculada para foder minha cabeça ou um acidente inocente, teve o mesmo efeito. A pequena, mas administrável obsessão que eu estava alimentando explodiu com um estrondo em um monstro gigante e furioso de luxúria.

Imaginei-a deitada debaixo de mim na minha cama, em minha casa, usando nada além do meu anel e um sorriso nebuloso de satisfação.

Uma fantasia impossível, mas o monstro da luxúria não se importava. Enviei-lhe uma pequena nota, depois tranquei-me no banheiro e me masturbei até chegar ao clímax, gemendo o seu nome.

É bom que as salas executivas tenham banheiro privativo.

Ela vira à direita na Santa Monica Boulevard. Eu sigo. Ela vira outra à direita na Robertson, depois vira à esquerda até o estacionamento de um prédio com uma enorme pintura de uma caveira usando um sombreiro na lateral e uma placa dizendo *Margaritas!* em letras neon vermelhas.

Passo lentamente, vejo-a estacionar e correr para dentro por uma porta lateral, depois faço uma rápida inversão de marcha e estaciono no beco atrás do restaurante.

Entrando pela cozinha, passo pelas prateleiras de aço inoxidável da padaria e pelos ajudantes até os cotovelos em pratos sujos em pias com sabão até entrar na parte principal da cozinha, onde estão os cozinheiros. Está movimentada, com pelo menos seis fogões funcionando ao mesmo tempo e uma dúzia de vozes gritando umas com as outras em espanhol.

Ignorando-os, encontro o escritório do gerente e entro sem bater.

Um mexicano grande, de trinta e poucos anos, vestindo uma camiseta sem mangas dos Dodgers, está sentado em uma mesa pequena demais para ele, suando em frente à tela de um computador.

Seus braços musculosos estão tatuados ombro a pulso. Seu pescoço grosso está tatuado com cenas da Bíblia. Escondidas sob sua camisa estão mais tatuagens do rosto de sua filha, citações das escrituras, seus antigos sinais de afiliação a gangues.

Da pesada corrente de ouro em volta do pescoço pende um crucifixo.

Ele olha para mim e abre um sorriso.

— Lobo! ¿Como estas, cuate?<sup>3</sup>

— Estou bem, Emiliano. É bom ver você.

Ele fica de pé. Nós nos abraçamos, batendo as palmas nas costas um do outro. Quando ele me solta, eu o cutuco nas costelas. — Vou ter que começar a chamar você de *flaco*<sup>4</sup> se perder mais peso. Quanto

você está pensando, cento e treze, cento e dezessete?

Ele bufa de desgosto. — Eh, minha senhora me colocou nessa dieta. É uma merda. Ela diz que viverei mais. Eu digo que prefiro morrer a comer a comida de coelho que ela fica colocando na minha frente. Um homem precisa de um bife!

Lembro-me de Shay deitada nua na cama do hotel na noite em que nos conhecemos, dizendo para comprar um bife para ela quando perguntei o que ela queria para o jantar. Então nossa troca logo depois disso.

— *Alguma coisa verde? Salada, vegetais?*

— *Urgh. Coisas verdes são para coelhos. Eu pareço um coelho para você?*

Não, ela não parecia um coelho. Não antes e não agora. Ela parecia uma sereia sexy e esperta, com olhos comoventes e um corpo no qual quero cravar meus dentes, língua e pau.

O monstro da luxúria dentro de mim bate em seu peito e solta um grito primitivo.

Emiliano diz: — Você está aqui a negócios ou para comer?

— Negócios. Preciso ver suas imagens de segurança.

— Sem problemas. De quando?

— Agora mesmo. A transmissão ao vivo dentro do restaurante.

Ele não questiona isso. Ele simplesmente se senta, vira para o computador, clica com o mouse por um minuto e abre o feed. A tela é dividida em seis seções, cada uma mostrando uma área interna e externa do restaurante. Ele clica um pouco mais e então estou olhando para a sala de jantar.

Examino a tela e toco nela, indicando uma mesa na frente. — Ali.

Emiliano aumenta o zoom. A tela se enche com uma imagem de Shay e sua amiga loira com quem ela estava na noite em que nos conhecemos. Elas estão inclinadas uma para a outra sobre uma cesta de salgadinhos, absortas em uma conversa.

— Aumente o som. Não consigo ouvir nada.

— Psh. Quem você pensa que eu sou, Jason Bourne? Não tenho som nisso.

— Quantas vezes tenho que dizer para obter um sistema de segurança melhor?

— Eu tenho quatro pit bulls. Eles são bons o suficiente.

— Seus cães são tão maus quanto hamsters.

— Sim, mas ninguém sabe disso. Eles parecem muito durões. Então, essas garotas que estamos olhando. Qual é a sua?

— Não é desse jeito.

Ele se vira para mim com uma sobrancelha levantada. — Você disse que eram negócios.

— Isso é. Mas não é um trabalho.

Ele franze a testa. — Ela não é um trabalho?

— Não.

— E aí? Somos apenas pervertidos agora? Espiando alguma garota por quem você tem tesão?

Quando eu olho para ele com severidade, ele ri. — Vamos agora. Você sabe que essa cara não funciona comigo.

— É por isso que continuo tentando.

— Então qual é o problema com a loira?

— Não é a loira. É a morena.

Emiliano volta para a tela. Ele se aproxima, aperta os olhos e franze os lábios.

— Uma palavra negativa e ligarei para o inspetor de saúde do condado para acabar com você.

Ele acena com a mão para mim como se estivesse espantando uma mosca. — Eu não ia dizer nada de ruim sobre sua namorada.

— Ela não é minha namorada. Ela trabalha para mim.

Ele olha para mim com um olhar de dúvida.

— Estou falando sério. Ela é minha nova assistente. Começou esta semana.

— E agora você a está seguindo?

— Sim.

— Você já ouviu falar em leis de perseguição?

— Você já ouviu falar em cuidar da sua vida?

— Sim. É superestimado. Então isso é um encontro para você? É assim que você pega mulheres? Você vai espiar pela janela do quarto dela a seguir?

— Não seja ridículo.

— Ei, eu não sou o cara espionando a porra da secretária dele. Isso é ridículo.

— Ela não é minha secretária. Ela é minha assistente.

— Você diz isso como se isso mudasse alguma coisa.

Eu suspiraria, mas como prometi a mim mesmo antes que nunca mais faria isso, reviro os olhos para o teto.

— Ah, ei, agora. Confira esse *guero* atacando sua amiga. Parece que você tem alguma competição.

A voz divertida de Emiliano chama minha atenção de volta para a tela do computador.

Um homem está ao lado da mesa de Shay, de costas para a câmera. Ele tem estatura mediana, constituição mediana e é loiro, daí o nome que Emiliano o chamou. Ele está vestindo uma camisa de colarinho branco enrolada nos antebraços e uma calça social preta.

Há algo vagamente familiar nele. Fico olhando para sua imagem até que ele vira a cabeça para o lado e dou uma boa olhada em seu perfil.

É Dylan. Aquele que fez Shay rir no dia em que começou a trabalhar para mim. Aquele cujo escritório fica ao lado do dela.

*Isso é algum tipo de encontro?*

Ele puxa uma cadeira para a mesa com Shay e sua amiga. Ele se senta e se serve da cesta de salgadinhos. Então ele diz algo que faz as duas mulheres rirem, e tenho que me conter fisicamente para não arrancar o monitor da mesa de Emiliano e jogá-lo pela porta da cozinha.

Olhando para minha expressão, Emiliano assobia.

— Ok, essa é uma cara assustadora, *ese*. — Ele faz o sinal da cruz sobre o peito. — Droga. Vou fazer uma oração pelo *guero*. Pela sua aparência, ele se encontrará com seu criador esta noite.

Eu não respondo. Eu apenas fico olhando para a tela, sentindo o sangue fluir quente e cruel por todas as veias do meu corpo.



## CAPÍTULO TRINTA E UM

### *Shay*

Só estou sentada com Chelsea há cerca de cinco minutos antes de ver Dylan no bar. Fazemos um breve contato visual antes de eu desviar o olhar, rezando para que ele não venha até a nossa mesa.

Porque Deus não gosta de mim, ele vem até a nossa mesa.

— Bem, bem, olha quem está aqui! Olá, Shay.

— Olá, Dylan.

— Quem é sua linda amiga?

Chelsea o examina, avalia em um nanossegundo que ele não tem o relógio, os sapatos ou o corte de cabelo certos para suas necessidades financeiras e dá a ele um de seus sorrisos de nem-um-milhão-de-anos.

— Eu sou Chelsea. Oi.

Não entendendo que ele já foi julgado e determinado em falta, Dylan sorri para ela. — Prazer em conhecê-la, Chelsea. Eu e Shay trabalhamos juntos.

Ela diz: — Que emocionante.

Fiz um trabalho decente evitando-o esta semana, mas houve alguns desentendimentos memoráveis. Na terça-feira, ele me pegou na sala de descanso tomando café e perguntou se eu era casada. Quando eu disse não, ele disse que talvez resolvesse isso logo enquanto olhava para meu peito.

Quarta-feira ele correu para pegar o elevador em que eu estava enquanto as portas estavam fechando. Fomos juntos até o estacionamento enquanto ele contava piadas sobre paus e pensei em denunciá-lo para Ruth, do departamento de recursos humanos.

Então, esta manhã, ele casualmente se encostou no batente da porta aberta do meu escritório e perguntou se eu tinha ouvido falar do incrível novo clube no centro da cidade. Quando eu disse não, ele passou a descrevê-lo detalhadamente. Depois de alguns segundos ficou claro que ele estava falando sobre um clube de strip.

— Decoração incrível — disse ele. — Sou um grande admirador da boa decoração de interiores.

O que é como dizer que você assina a Playboy para ver os artigos.

Agora ele está olhando entre mim e Chelsea como se quisesse ser a carne do nosso sanduíche de queijo.

Sem ser convidado, ele arrasta uma cadeira da mesa ao nosso lado e se senta.

— Ok, vocês não precisam me ignorar tão agressivamente, senhoras. Vocês estão começando a parecer desesperadas.

Rimos educadamente de sua piada idiota e trocamos um olhar de dor.

— Então, como foi sua primeira semana trabalhando para o Grinch, Shay?

Prefiro arrancar meus próprios olhos a contar a esse idiota qualquer coisa negativa sobre Cole, então sorrio brilhantemente. — Maravilhoso. Ele é realmente ótimo.

Dylan faz uma careta. — Essa não é a palavra que eu usaria. Cole McCord é um idiota.

Não gosto que Dylan use o primeiro nome de Cole. Parece muito familiar e desrespeitoso. Mais do que isso, não gosto que ele o chame de idiota. Isso está reservado para mim e eu nunca diria isso em voz alta para outra pessoa. Principalmente um colega de trabalho.

Irritada, tiro o sorriso do rosto e olho para ele com frieza. Ele não percebe. Ele está muito ocupado olhando para o decote de Chelsea.

— Cole? — ela diz, mastigando uma tortilha. — Por que esse nome parece familiar?

Eu envio a ela um olhar significativo. Ela fica imóvel e então seus olhos se arregalam. Ela murmura *não!*

Felizmente, Dylan decide então nos perguntar se pode nos pagar uma rodada de bebidas. Querendo me livrar dele, digo não, obrigada e espero que ele vá embora, mas Chelsea nunca perde a oportunidade de aproveitar seu privilégio de garota bonita sem bebida e diz que sim.

— Duas margaritas, por favor. Você é um fofo.

— Já volto, senhoras.

Ele se levanta, estufa o peito e olha em volta para garantir que todos por perto vejam que ele tem duas mulheres em sua mesa, como se fôssemos seu harém.

Assim que ele sai, Chelsea se inclina para frente e sussurra: — Cole? O Cole?

— Exatamente o mesmo.

— Que porra é essa, vadia? Como você não me contou isso antes?

— Só descobri no dia em que comecei que ele era meu chefe.

— Você já está trabalhando lá há uma semana!

— Eu sei, mas não conversamos a semana toda.

— Você deveria ter me ligado na segunda de manhã! Sua idiota! Odeio você! — Com os olhos brilhando de excitação, ela se aproxima e abaixa a voz para um sussurro: — Conte-me tudo.

Dou a ela uma breve visão geral da situação, começando com Cole batendo a porta do escritório na minha cara e terminando comigo acidentalmente assinando como Sra. McCord no memorando interno. Quando termino, ela se recosta na cadeira e me olha com espanto.

— Quais são as chances de você acabar trabalhando para o mesmo cara com quem teve um caso de uma noite?

— Astronômicas. Eu culpo você por tudo isso.

Ela ri. — De nada.

— Não, não vem com de nada. É um desastre.

— Alguém mais sabe?

— Ninguém. Estou levando isso para o meu túmulo.

— Então só posso contar para Angel e Jen.

— *Ninguém*, Chelsea. Isso é muito problemático.

— Como isso é problemático?

— Eu fodi meu chefe!

— Então?

— Então é antiético.

Ela zomba. — Não é como se fosse intencional.

— Oh, foi intencional.

Ela agarra meu pulso, ofegante. — Espere, você fez isso de novo?

— Não. E não o faremos, porque existe uma política rígida da empresa contra isso. Além disso, não acho que gostamos um do outro.

— Quem se importa se vocês gostam um do outro? O homem é muito gostoso e deixou você andando nas nuvens! Volte para aquele pônei e cavalgue até o pôr do sol!

Balanço minha cabeça em descrença. — Você é o epítome do romântico. Solte meu pulso.

Ela o faz, apenas para pegar outra tortilha e mastigá-la. Fofocas interessantes sempre a deixam com fome.

Dylan volta com duas margaritas e as coloca na mesa. — Especiais da casa, senhoras. Bebam. Eu volto já. Preciso pegar minha cerveja.

Assim que ele sai do alcance da voz, Chelsea começa novamente. — Eu literalmente vou matar você por me fazer esperar para ouvir isso. Como você quer morrer?

— Cale-se.

— Eu sei, vou ligar para o seu chefe gostoso e perguntar se ele poderia, por favor, foder você até a morte. — Ela faz uma cara boba e imita transar.

— Quantos anos você tem, doze? Pare com isso.

— Escute, você sabe que é inevitável.

— O quê?

— Você montando o pau dele de novo.

— Não vai acontecer.

— Isso vai acontecer totalmente. Haverá tanta tensão sexual naquele escritório que você estará quicando nas paredes.

— Ele trabalha em um andar diferente. E ele está me ignorando. Ele não quer fazer isso de novo.

— Querida, aquele homem comprou duas refeições e uma blusa Balmain para você. Confie em mim nisso. Ele quer desossar você.

— Quem quer desossar você?

Chelsea e eu nos separamos e olhamos horrorizadas para Dylan, parado diante de nós, segurando uma garrafa bem gelada de Modelo.

Ele inclina a cabeça em minha direção e pisca. — Vocês duas estavam falando sobre mim?

Ainda bem que ainda não comi nada. Estaria em toda a sua camisa.

— Ha ha. — Pego a margarita e bebo, desejando que o teto caia sobre sua cabeça.

Ele se senta novamente, fica confortável e começa a reclamar sobre buracos, entre todas as coisas. Aparentemente, ele faz parte de algum pequeno comitê político local encarregado de examinar todos os buracos no lado oeste. Isso faz com que ele se sinta muito importante, como evidenciado pelas quantas vezes ele diz: — É realmente uma grande coisa.

Chelsea come tortilhas em um silêncio educado e finge ouvir, enquanto na verdade está contando os minutos até que sua boa vontade, comprada com margaritas, expire.

A julgar pelos olhos vidrados dela, acho que ainda faltam trinta segundos para ele.

— Uau, você realmente bebeu essa bebida! Vou pegar outra para você.

Dando um de seus sorrisos desagradáveis para mim, Dylan se levanta e volta para o bar.

Quando ele se vai, Chelsea geme. — Oh, meu Deus, aquele cara poderia sacrificar animais com sua personalidade. Ele deveria ir trabalhar para um veterinário.

— Isso seria um tratamento desumano. Vamos pedir comida. Meu estômago está roncando.

Não só meu estômago está roncando, mas minha cabeça está estranha. Provavelmente é um efeito colateral da inalação da colônia de Dylan.

Folheamos os cardápios que a recepcionista deixou conosco quando estávamos sentadas e decidimos por duas entradas que compartilharemos, porque sempre comemos no prato uma da outra. Chelsea acena para a garçonete e nós fazemos o pedido.

Então, como uma erupção cutânea recorrente, Dylan volta. Ele me estende uma margarita com um floreio, como se fosse um presente de Natal que ele passou o inverno inteiro preparando.

— Obrigada.

— De nada.

Ele se senta em sua cadeira e me observa enquanto tomo um gole. Seu sorriso desapareceu agora e sua energia está diferente. Mais intensa.

— Você é realmente gostosa. Mas você sabe disso. Posso dizer pela maneira como você anda pelo escritório com o nariz empinado.

Chelsea bufa. — Calma, tigrão. Você não pode usar o feitiço de uma vez, ela vai desmaiar.

Coloco a bebida na mesa e me viro para ele com as sobrancelhas levantadas e um desafio na voz. — *Com licença?*

Provando ser o idiota sem charme que é, ele não recua nem tenta fingir que estava brincando. Ele apenas dá de ombros, como se eu tivesse sorte de receber sua atenção, e se dobra.

— Foi um elogio.

— Claro que não parecia um.

— Gosto de mulheres confiantes.

— Parece que você gosta é de derrubá-las.

Ele olha diretamente nos meus olhos e sorri. — Ou arrancar suas roupas.

O calor floresce em meu peito. Eu diria que de raiva, mas também estou um pouco tonta e meu estômago embrulhou. Desvio o olhar de Dylan e me concentro em Chelsea.

Ela tem uma auréola estranha e difusa em volta da cabeça.

Ela franze a testa para mim. — Você está bem?

— Acho que preciso ir ao banheiro. Eu volto já.

Levanto-me, surpresa ao descobrir que preciso me segurar na mesa para me apoiar enquanto me levanto. Minhas pernas estão trêmulas e meu coração está batendo muito rápido. Atravessando lentamente o restaurante, tento lembrar o que comi no café da manhã e no almoço. Devo ter comido algo ruim.

Chego ao banheiro feminino, abro a torneira da pia e jogo água fria no rosto. Meu reflexo no espelho parece atordoado. Minha cor é horrível. Embora eu esteja com muito calor, minha pele está cinza.

Desligo a água e me inclino contra a pia. Fechando os olhos, respiro fundo algumas vezes. Isso não ajuda. A música pulsante tocando pelos alto-falantes do teto está piorando minha tontura.

Secando o rosto com uma toalha de papel, luto para me manter firme. Ao sair pela porta, tropeço e acabo batendo na parede.

Fico aqui parada por alguns momentos no corredor escuro, perto de um telefone público velho e inoperante, suando e hiperventilando, perguntando-me o que diabos está acontecendo comigo. Sinto como se tivesse tomado dez doses de tequila.

Fechando os olhos novamente, engulo a bile quente que sobe no fundo da minha garganta.

— Aí está você. Você está bem, Shay? Aqui, deixe-me ajudá-la.

A voz é de Dylan. Suave e baixa, chega até mim como se viesse de muito longe. Uma mão forte envolve meu braço e aperta.

— Estou bem, sério. Eu só preciso... eu preciso... — Não sei do que preciso. Eu não consigo pensar. Meu cérebro não está funcionando direito.

— Você provavelmente deveria ir para casa e para a cama. Você parece muito doente.

Quando abro os olhos, minha visão está embaçada. Tento me empurrar da parede, mas não tenho forças.

Minha falta de força logo não importa, porque Dylan me tira da parede e começa a me levar na direção oposta pelo corredor de onde eu vim, em direção a uma porta de saída no final.

— Espere. Pare. Dylan, chame Chelsea. Eu preciso de Chelsea.

Ele passa o braço em volta dos meus ombros e me impulsiona para frente, calando-me quando solto um pequeno grito de angústia. Tropeço novamente, perdendo o equilíbrio, mas ele me segura, agarrando-me com força e puxando-me contra seu peito.

— Só mais alguns passos — ele murmura em meu ouvido. — Vamos levar você para casa sã e salva, Shay. Meu carro está lá fora. Eu levo você até lá.

*Por que não consigo sentir minhas pernas?*

É o último pensamento que tenho antes de minha visão ficar



preta e cair no nada.

## CAPÍTULO TRINTA E DOIS

### *Cole*

Olhando para o vídeo de Chelsea sentada sozinha à mesa da sala de jantar, verifico meu relógio novamente.

— O que está demorando tanto?

Emiliano dá de ombros. — As mulheres demoram uma eternidade para mijar.

— Só quando elas vão ao banheiro juntas. Por que você não tem uma maldita câmera de segurança no corredor dos fundos?

— Eu tenho. Está desligada.

— Jesus Cristo.

— O quê, você acha que cago dinheiro, *ese*? Essa merda não cresce em árvores.

— Você parece meu pai. Vou comprar um novo sistema de segurança para você na próxima semana.

Ele ri. — Poderia me dar uma caminhonete nova enquanto você está nisso.

Murmuro: — Por que você não pediu um barco?

— Você pode me dar isso no meu aniversário. Vou enviar o link do que eu quero. Tem luzes roxas embaixo que o fazem brilhar na água. *Esta bien chido*.

Irritado por Shay não ter reaparecido diante das câmeras, verifico meu relógio novamente. — Que outros ângulos você tem? Podemos ver da outra direção?

Ele clica algumas vezes, trazendo diferentes vistas da sala de jantar principal, do bar e da entrada.

— Espere, volte para o bar. Sim, ali. Pare.

Examino a multidão no bar, mas Dylan não está entre eles. Ele se levantou cerca de um minuto depois que Shay saiu da mesa, e presumi que ele voltou ao bar para tomar mais bebidas. Mas ele não está lá e também não está à mesa.

Uma sensação familiar arrepia os cabelos da minha nuca.

É uma intensificação de todos os meus sentidos ao mesmo tempo. Uma nitidez. Meu entorno fica mais claro, minha respiração acelera e todos os meus músculos ficam tensos.

Shay pode estar conversando com Dylan lá atrás. Ela poderia estar flertando com ele ou simplesmente conversando sobre trabalho. Não tenho como saber se eles marcaram um encontro aqui para beber, o que é o cenário mais provável, visto que eles trabalham um ao lado do outro e provavelmente estão unidos por uma antipatia mútua por mim.

Mas um animal que sempre dorme sob minha pele piscou, abriu os olhos, cheirou o ar e começou a rosnar.

Quando falo, minha voz é baixa e tensa. — Mostre-me a entrada do corredor novamente.

Ele clica para ver um retângulo escuro flanqueado por palmeiras em vasos. A iluminação é ruim no corredor que leva aos banheiros, mas é o suficiente para mostrar que Shay não está na saída.

— Mostre-me o estacionamento.

— Você acha que ela abandonou a amiga?

— Não.

Ele me lança um olhar, examina minha expressão e depois muda a imagem na tela para mostrar o estacionamento do restaurante.

Tropeçando nos próprios pés, Shay se agarra a Dylan enquanto ele a arrasta pelo asfalto em direção a um sedã azul estacionado perto dos fundos.

Saio pela porta antes que Emiliano possa piscar.

Corro pela cozinha, saio rápido pela porta por onde entrei, corro pela lateral do prédio até o estacionamento e corro em alta velocidade em direção ao sedã azul.

Dylan está com a porta traseira do passageiro aberta. Ele está tentando forçar Shay a entrar com uma mão no topo de sua cabeça enquanto a empurra para uma posição sentada.

— Ei!

Dylan olha para cima e ao redor. Ao me ver, ele congela. Eu derrapo até parar a meio metro dele e chego em seu rosto, respirando com dificuldade.

— Oi. Indo para algum lugar?

Ele engole em seco e olha para Shay. — Ah, olá, Sr. McCord. Uh, sim, estávamos... de saída.

Olho para Shay. Ela está sentada no banco de trás com os olhos abertos, mas está totalmente fora de si. Fios úmidos de cabelo grudados em sua testa e pescoço. Sua respiração é rápida e superficial. Suas pupilas estão dilatadas e sua cabeça pende para o lado, como se fosse pesada demais para ela aguentar.

Eu já vi isso antes. Muitas vezes para contar.

Quando olho para Dylan, um grunhido de fúria ressoa em meu peito, ele fica branco.

— Ela me pediu para levá-la para casa. Ela está doente! Olha para ela!

— Oh, eu sei que ela está doente, meu amigo. Mas você não vai levá-la a lugar nenhum.

O medo está evidente em seu rosto, seu olhar se move entre mim e Shay. Vejo as rodas girando atrás de seus olhos, desculpas e mentiras tropeçando umas nas outras ao sair de sua boca.

— E-ela realmente bebeu muito. Eu só estava tentando ser um bom amigo. Eu só queria ajudar.

— Mais uma maldita palavra e arranco sua língua da boca. Mova-

se.

Eu o empurro com tanta força que ele cai de bunda. Quando puxo Shay gentilmente para fora do carro, ele se levanta, depois corre para a frente do carro e se agacha ali, tremendo.

Shay murmura algo incoerente enquanto a pego em meus braços.  
— Vamos, querida. Eu tenho você. Apoie-se em mim.

Eu a carrego rapidamente até o restaurante. Sua cabeça pende para trás. Seus olhos se fecham. Ela está desossada em meus braços, como uma boneca de pano.

Porra.

Abrindo a porta com um chute, eu a levo para dentro e volto para o escritório de Emiliano. Ele já está de pé, espalhando um cobertor sobre o sofá de couro surrado encostado na parede.

— O que temos?

— Bebida batizada.

— Médico?

— Sim. Diga a ele para se apressar.

Ele tira o celular do bolso e enfia o dedo grosso na tela, discando um número pré-programado com um toque. Enquanto coloco Shay no sofá, ele fala algumas palavras ao telefone em espanhol. Então ele desliga.

— Aqui em quinze.

Meu alívio é instantâneo. Considerando que é sexta-feira à noite, o trânsito está pior que o normal. A viagem de dezesseis quilômetros até a praia daqui pode levar uma hora. — É rápido.

— Teve sorte. Ele estava indo ver o Lakers no Staples Center.

— Eles não chamam mais assim.

— Foda-se se estou chamando isso de Centro Crypto. Isso é estúpido. Precisa de um balde?

— Sim. Então vá buscar a amiga dela.

Ele se vira, tira um cesto de lixo debaixo da mesa e o coloca no chão, ao lado do sofá. Então ele sai, fechando a porta atrás de si.

— Shay. Querida, abra os olhos. Você pode me ouvir?

Ela murmura algo sobre sua cabeça.

— Eu sei, querida. Vou ajudar você com a cabeça, ok? Deixe-me rolar você um pouco.

Com cuidado para apoiar seu pescoço, eu a rolo para o lado, ajustando sua cabeça na almofada. Então deslizo o balde e seguro suavemente sua mandíbula.

— Você tem que vomitar agora, querida. Você entende? Temos que tirar as coisas ruins do seu sistema.

— Coisas ruins — ela sussurra, com a voz fraca e áspera. — Tudo bem.

Sinto-me encorajado por ela ser receptiva. Sendo o mais gentil que posso, abro sua boca e enfio meu dedo até o fim.

Ela sacode e vomita, fazendo uma careta.

— Eu sei, baby. Faça isso por mim. Você consegue.

Odiando-me por machucá-la, mas sabendo que é necessário, enfio meu dedo mais fundo.

Desta vez, ela se engasga, faz barulho como se estivesse morrendo e vomita. Afasto minha mão e seguro a cesta no lugar enquanto ela vomita nela, tossindo e cuspidando.

Eu me concentro em mantê-la firme enquanto ela continua vomitando até não haver mais nada para vomitar. Então ela cai de volta no sofá, gemendo.

Tiro o paletó, uso-o para limpar a mão e jogo-o de lado. Segurando seu pulso, sinto sua pressão. Rápido e fraco, mas constante.

Entro no pequeno banheiro anexo ao escritório, lavo as mãos e molho uma toalha de rosto. Eu uso para limpar o rosto de Shay.

Enquanto limpo seu queixo, seus cílios tremulam. Ela abre os olhos e sussurra meu nome.

— Sim, querida?

Ela murmura algo sobre cavalgar um pônei. Não tenho ideia do que ela está falando, então passo a mão sobre sua testa úmida e espero que o médico não demore.

Emiliano volta com a loira atrás. Logo que ela vê Shay no sofá, ela deixa cair a bolsa no chão e corre, empurrando-me para o lado enquanto cai de joelhos.

— O que aconteceu?

— A bebida dela estava batizada.

Ela levanta uma das pálpebras de Shay e examina sua pupila. Ela mede o pulso na veia do pescoço. Ela ajeita a gola da blusa de Shay e depois beija sua testa. Então ela se levanta e se vira para mim com mil sóis explodindo em supernovas de ódio nos olhos.

— Se você fez isso com ela, vou trancá-lo dentro de sua casa, colocar fogo nela e ver você queimar. E isso não é uma ameaça, filho da puta. Isso é uma promessa.

Emiliano e eu trocamos um olhar. Posso dizer que ele está tão impressionado quanto eu.

— Eu nunca a machucaria, Chelsea.

Se ela fica surpresa por eu saber o nome dela, ela não demonstra. Ela apenas fica aqui olhando para mim como uma rainha viking sanguinária prestes a iniciar uma guerra.

— Emiliano, confira o feed de segurança da última hora no bar. Fique de olho no *Guero*.

— Pode deixar. — Ele se senta à mesa e começa a clicar em seu computador.

Chelsea ainda está me encarando de forma assassina. Ela não mostra sinais de pânico ou medo, ou qualquer outra reação de estresse que as pessoas costumam apresentar nesse tipo de situação. Acho que

se ela tivesse uma espada na mão, eu já estaria decapitado.

Falo gentilmente: — Não fui eu. Eu sou o chefe dela...

— Eu sei quem você é — ela interrompe. — Eu me lembro de você.

— Eu também me lembro de você. Shay chamou você de criatura perigosa.

— Isso é porque ela sabe do que sou capaz. E deixe-me dizer, chefe, se eu, você e o grandalhão *ali* entrarmos nisso, serei a única que sairá viva deste escritório.

Rindo, Emiliano diz: — Estou realmente começando a gostar dessa garota.

Eu também.

Eu levanto minhas mãos em sinal de rendição. — Ouvi você. Ok? Estamos bem.

Depois de um momento de dúvida, Chelsea decide que vai me deixar viver por mais um momento.

— Conte-me o que aconteceu. Ela saiu da mesa para ir ao banheiro. Dez minutos depois, o *papi* grande vem me buscar e me traz aqui. Ela está desmaiada no sofá e você está pairando sobre ela como um psicopata que quer fazer um terno com a pele dela.

Emiliano ri novamente.

Ignorando-o, conto a ela tudo o que aconteceu desde que entrei no restaurante. Quando termino, ela cruza os braços sobre o peito e me dá uma olhada lenta e calculada.

— Você nos observou pelas câmeras de segurança.

A maneira como ela diz isso parece muito ruim. Emiliano também pensa assim, porque me lança um olhar de *eu avisei* por cima do ombro.

— Sim.

— Então você a seguiu do trabalho até aqui.



*Jesus, ela é afiada. Eu deveria contratá-la.*

— Sim.

— Por quê?

— Porque eu a vi entrando no carro na garagem. Porque eu queria saber para onde ela estava indo. Porque eu não pude evitar.

Ela se aproxima, exigindo: — E o que mais?

— Porque não parei de pensar nela desde que nos conhecemos.

— Você gosta dela?

— Eu mais do que gosto dela.

Ela examina meu rosto com o foco constante de um falcão em uma árvore procurando ratos nos arbustos. Eu a deixo olhar. Não tenho nada a esconder.

Pelo menos no que diz respeito a Shay.

No meio do nosso impasse, Emiliano diz: — Peguei. Aquele *pinche puto*<sup>6</sup>.

Chelsea e eu nos viramos para ver uma imagem em câmera lenta em sua tela de Dylan tirando um pequeno frasco do bolso da calça. Ele esconde na palma da mão. Quando o barman coloca duas bebidas na sua frente, ele passa a mão sobre uma delas, vira-a rapidamente, pega as duas bebidas e se afasta.

— *Guedo* já fez isso antes. Ele é bom nisso.

Observando a tela com olhos brilhantes, Chelsea diz suavemente: — Aquilo não foi GHB ou Rohypnol. Funcionou muito rápido. Estou pensando em cetamina.

Eu concordo, mas estou interessado em saber como ela sabe. — Você trabalha na aplicação da lei?

— Sou enfermeira de pronto-socorro.

Isso explica os nervos endurecidos pela batalha. — Tenho um médico a caminho para dar uma olhada nela.

— Você tem um médico vindo *aqui*? Não, ela precisa ir ao hospital.

— Se ela for para o hospital, eles farão exames de drogas nela.

— Exatamente.

— Haverá um relatório policial.

— É isso que queremos!

— Não, não é. Deixe-me dizer por quê.

Com lábios finos e narinas dilatadas, Chelsea me encara por um instante. Ela olha para Shay deitada em silêncio no sofá, depois olha para mim com cautela.

— Estou ouvindo.

— Dylan passou por uma extensa verificação de antecedentes quando foi contratado. É um processo pelo qual todos passam. Se o RH descobrir qualquer indício de impropriedade em seu histórico, você não conseguirá o emprego. Estou falando de condenações criminais, mas também de prisões que não resultam em condenação. Acusações que foram feitas, mas retiradas. Ações judiciais. Assentamentos. Ônus. Crédito. Referências. Educação. Perfis de mídia social. Tudo.

— Aonde você quer chegar?

— Ele está completamente limpo.

— Ele é um canalha! Você viu aquela fita! Vamos entregá-lo à polícia e colocá-lo na prisão!

— Talvez. Talvez não. Ele não tem antecedentes. Sem antecedentes criminais de qualquer tipo. Ele é um homem caucasiano de fala mansa e rosto simpático. O sistema judicial é historicamente tolerante com pessoas como ele. E ele pode se dar ao luxo de contratar um advogado muito bom. Na melhor das hipóteses, ele é condenado a alguns anos, mas provavelmente não passa nenhum tempo na prisão.

Ela reflete sobre isso silenciosamente por um momento. — Serviço comunitário, não condenação.

— Sim. O que significa que ele está livre para fazer isso de novo.

Ela se vira, apoia as mãos nos quadris e olha silenciosamente para Shay no sofá. Então ela se volta para mim.

— Presumo que você tenha uma alternativa.

— Sim.

— Qual é?

— Eu cuidarei dele.

Ela zomba. — O quê, você vai rebaixá-lo para a sala de correspondências?

— Não. Não é isso que quero dizer.

— Então o que você quer dizer?

Eu olho para ela com firmeza, mas permaneço em silêncio.

Ela levanta as sobrancelhas e olha para Emiliano. — Ele está falando sério?

— Muito sério, *mami*.

Ela me reavalia, olhando-me de cima a baixo. Então ela cruza os braços sobre o peito novamente e inclina a cabeça. — Você cuidará dele.

— Você ouviu o que eu disse.

— Como eu vou saber? Estará no noticiário? O magnata dos negócios locais enterra canalha no deserto?

— Não estará no noticiário. E não será no deserto.

Depois de um momento, ela ri. — Você está brincando.

— Você sabe que não estou. Mas se isso ajuda você a se sentir melhor, fique à vontade para pensar assim.

Quando ela fica parada olhando para mim em um silêncio incrédulo, eu digo: — Deixe-me fazer uma pergunta, Chelsea. Quantas garotas você viu passar pelo pronto-socorro nas condições de Shay?

— Você sabe a resposta para isso.

— E quantas vítimas de estupro? Vítimas de agressão? Vítimas de violência doméstica?

Sua mandíbula trava. Ela engole. A voz dela sai baixa: — Você também sabe a resposta para isso.

— E quantos dos homens que abusaram de todas aquelas mulheres receberam o castigo que mereciam?

— Poucos.

— Muito poucos. A maioria deles se safam e o abuso aumenta até que alguém morre.

A raiva brilha em seus olhos. Sua voz aumenta. — E daí? Você é algum tipo de vigilante bilionário que calcula números durante o dia e combate o crime à noite?

— Eu não luto contra o crime. Eu resolvo problemas.

Ela joga as mãos para o alto. — Oh, pelo amor de Deus, isso é ridículo. — Ela se vira para Emiliano. — Você está ouvindo esse lunático?

Ele se vira na cadeira e olha para ela, virando pensativamente o crucifixo de ouro entre os dedos. — Nem todo mundo que faz coisas ruins parece uma pessoa má. O mesmo que nem todo mundo que parece legal é bom. Nada é preto ou branco. O mundo inteiro é apenas tons de cinza, *mami*. Estamos todos no espectro.

Ela diz categoricamente: — Ótimo. Eu tenho um cara rico e maluco, e do outro lado, um filósofo gangster.

— Ex-gângster. Mas olhe para você, por exemplo. *Eres muy bonita*, como uma boneca Barbie, sorriso lindo e cabelo perfeito. Mas você tem algumas garras, não é? Por baixo de toda essa beleza, há uma fera selvagem que cortaria a garganta de um homem por machucar sua amiga e dormiria muito bem na noite seguinte.

Ela lentamente se vira e olha para Shay. Um olhar estranho cruza seu rosto. — Posso não dormir bem. Mas eu dormiria.

O celular de Emiliano toca. Ele atende, escuta e depois desliga. — O médico está aqui. Devo mandá-lo entrar?

Chelsea e eu nos entreolhamos.

— Você decide.

— Se eu disser não?

— Nós a levamos para o hospital.

Ela me encara por um longo tempo, depois exala e balança a cabeça. — Ok, chefe. Faremos isso do seu jeito. Mas se o estado dela piorar, ela vai direto para o pronto-socorro.

— De acordo.

Sentada ao lado de Shay no sofá, ela esfrega seu braço suavemente. Faço sinal para Emiliano trazer o médico. Ele sai do escritório, fechando a porta atrás de si.

Com a atenção ainda voltada para Shay, Chelsea fala em voz baixa.

— Minha irmã mais nova teve um Dylan uma vez. Na Faculdade. Senhor Popularidade, todos achavam que ele era ótimo. — Ela faz uma pausa para tirar uma mecha de cabelo do rosto pálido de Shay. — Mas ela não tinha alguém como você para cuidar dela. Ela acordou na manhã seguinte sangrando, coberta de hematomas, com apenas uma vaga lembrança da noite anterior. Graças a Deus ela não conseguia se lembrar de tudo. Com a condição em que ela estava, ele a brutalizou de maneiras que ela não queria saber.

Sua voz cai ainda mais. — É claro que ninguém acreditou que não fosse consensual. Ela era a bolsista estudiosa. Ele era o atleta estrela. Ele não teria que forçar alguém como ela, certo? Ele poderia ter sua escolha de garotas. Mas o problema com caras como ele e Dylan é que eles não gostam de escolher. Eles gostam de forçar. Eles não dão opções, eles as tiram e se divertem. Então, o que quer que você planeje fazer com aquele pedaço de merda, Dylan...

Ela se vira para olhar para mim. Seus olhos brilham com lágrimas

não derramadas.

— Faça doer.

— Eu vou. Prometo.

— Bom.

Depois de um momento, digo: — Como está sua irmã agora? Ela se recuperou totalmente?

— Ashley se matou no aniversário do ataque.

— Ah, merda. Sinto muito.

— Eu também. Ela tinha dezoito anos. Uma criança. Ele roubou a inocência dela, roubou a reputação dela e depois roubou a vida inteira dela. Todo o seu futuro. E ele continuou. Ele está casado agora. Tem duas filhas.

Ela se volta para Shay. Ela pega sua mão flácida e aperta-a com ternura. Sua voz endurece. — Vou esperar até que cresçam para visitá-lo.

Silencioso, vigilante e emocionado, fico até o médico chegar e dizer que Shay vai se recuperar em algumas horas.

Depois volto ao escritório para procurar o endereço de Dylan.

## CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

### *Shay*

Acordo na cama do meu quarto com uma dor de cabeça latejante e uma vaga sensação de desgraça pairando sobre mim como nuvens de tempestade.

É manhã. A luz do sol entra pelas janelas. Os pássaros cantam na árvore lá fora. Minha boca tem gosto de local de descanso final de um roedor morto.

— Ei, dorminhoca.

Chelsea está sentada na cadeira estofada ao lado da minha cômoda. Seus pés estão descalços. Suas pernas estão dobradas embaixo dela. Ela tem olheiras, as pálpebras estão pesadas de cansaço e a camisa está amassada.

— Ei. O que você está fazendo nessa cadeira?

— Eu dormi aqui.

— Por quê?

Ela me estuda por um momento. — O que você lembra da noite passada?

— Noite passada? —Franzo a testa, tentando lembrar. — Saí do trabalho por volta das seis, eu acho. Entrei no carro e dirigi...

Espero me lembrar, mas não há nada. Minha mente está em branco.

O pânico se instala.

Sento-me rápido demais e o quarto começa a girar. — Merda. Oh, Deus. Eu me sinto horrível. Nós saímos? Eu bebi demais? Não consigo me lembrar de nada.

Chelsea desdobra as pernas e vem até a cama. Ela se senta na beira do colchão e aperta minha mão. É quando percebo que ainda estou vestida com as roupas que usei ontem no trabalho e meu pânico aumenta.

— Você está bem — ela diz, sua voz suave. — Você está segura agora.

— A maneira como você diz isso me deixa muito nervosa. O que aconteceu?

Uma tábua do piso range.

Cole aparece na porta do meu quarto, parecendo sério e desganhado. Sua mandíbula está sombreada pela barba por fazer, sua camisa está manchada e seu cabelo está uma bagunça. Ele parece que esteve rolando pela floresta lutando contra ursos.

Ele nunca pareceu mais bonito.

Minha boca fica seca de medo.

— Por que você está aqui? Fiz algo de errado? Houve um acidente? Por que não consigo me lembrar de nada?

Chelsea levanta-se e inclina-se para me beijar na testa, depois se endireita.

— Cole explicará. Vou para casa dormir um pouco. Ligue se precisar de mim. E lembre-se que amo você, não importa o que aconteça.

Ela se vira e vai embora, parando brevemente para trocar um olhar sem palavras com Cole. Ele pousa a mão no ombro dela por um momento, depois ela sai, deixando-me confusa e hiperventilando.

Ele ocupa a cadeira que Chelsea desocupou. Ele se inclina, apoia os antebraços nos joelhos, junta as mãos e olha silenciosamente para mim.

O terror faz minha voz ficar alta. — Oh, meu Deus, eu matei alguém ou o quê?

— Não. Você não fez nada de errado.



O alívio me inunda. Meu batimento cardíaco frenético diminui. Então noto mais alguns detalhes sobre a aparência de Cole, e isso surge novamente. — Por que seus nós dos dedos estão todos arranhados? Isso é *sangue* na sua camisa?

— Olhe para mim.

Quando encontro seu olhar, seus olhos estão escuros. Tão escuros que parecem mais pretos do que azuis.

— Você encontrou Chelsea em um restaurante mexicano depois do trabalho ontem à noite. Você bebeu uma margarita batizada com drogas.

— *Drogas?* Oh, Deus.

— Respire fundo algumas vezes. Você está hiperventilando.

Faço o que ele ordena, sentada aqui com a cabeça latejando e o coração batendo forte e uma sensação de mal-estar saturando cada parte de mim. — Alguém me drogou? Quem faria isso?

— Dylan.

Não tenho certeza se ouvi direito. — Dylan do escritório, Dylan?

— Sim.

— Como você sabe?

— Câmeras de segurança registraram.

Quando ele não oferece mais, passo de enjoada a irritada. — Sinto muito, você terá que me dizer mais de cinco palavras por vez. Conte-me toda a história, do início ao fim e não deixe nada de fora.

Ele não move um músculo nem muda seu tom. Ele olha diretamente para mim enquanto fala.

— Tudo bem. Continue respirando. Vi você entrar no carro quando estava saindo do escritório e resolvi segui-la. Fiz isso porque estou obcecado por você desde a noite que passamos juntos, e as coisas pioraram na semana passada. Então você assinou o memorando com meu sobrenome em vez do seu, e perdi a cabeça. Segui você no

meu carro e quando você entrou no restaurante segui até lá também. Eu conheço o dono. Ele é um velho amigo. Trabalhamos juntos às vezes. Pedi a ele que me deixasse observá-la pelas câmeras de segurança. Quero que você saiba que ele não gostou da ideia, não aprovou e tinha razão, mas eu o obriguei a fazer isso mesmo assim. Eu queria ver você. Eu *precisava* ver você, ver o que você estava fazendo e com quem estava.

Ele faz uma pausa. — Você não está respirando, Shay. Respire fundo.

Atordoadada, coloco ar em meus pulmões até que ele tenha certeza de que não vou desmaiar. Eu também não tenho tanta certeza disso, mas ele começa a falar de novo, então me concentro.

— Devo a você um pedido de desculpas pelo meu comportamento. Eu sei melhor. Eu sou *melhor* que isso, mas ontem à noite não fui. Persegui, espionei, é indesculpável. Eu não posso dizer o quanto estou envergonhado por isso. E por levantar minha voz com você, batendo portas...

Ele fecha os olhos e respira lentamente. — Você tem minha palavra de que não farei nada disso novamente.

Depois de um longo momento, ele continua, com a voz mais baixa.

— Você foi ao banheiro e não voltou. Fiquei desconfiado, então pedi ao Emiliano para verificar todas as imagens das câmeras. Uma delas mostrava Dylan arrastando você pelo estacionamento até o carro dele. Eu o parei e levei você de volta para o restaurante. Liguei para um médico e depois chamei Chelsea ao escritório. Quando o médico chegou, eles examinaram você, mediram seus sinais vitais e determinaram que estava estável, e que tudo o que foi dado a você seria metabolizado pelo seu sistema em poucas horas. Decidimos trazer você para casa e observá-la aqui. Que é o que temos feito até agora.

Eu sei que minha boca está aberta. Eu sei que meu coração ainda está batendo, porque dói. Esse é praticamente todo o conhecimento

que tenho, então fico olhando para Cole, boquiaberta, até que o sangue que foi drenado da minha cabeça comece a voltar para ela e eu possa falar novamente.

— Você... você está obcecado por mim?

— Sim.

Eu amo que ele não desvie o olhar, recue ou negue. Eu sei que ele não quer admitir, mas ele admite mesmo assim, e isso me dá coragem para continuar.

— E... você me seguiu.

— Sim.

— Você me observou.

— Sim.

Minha garganta fecha. Meu peito fica apertado. Meus olhos começam a lacrimejar e é difícil falar, porque estou muito emocionada. — Dylan me drogou. Ele estava me levando para o carro dele, mas você o impediu.

— Sim.

— Então... basicamente... você me salvou. Você me salvou, Cole. É isso que você está dizendo.

Ele abaixa a cabeça, exala e passa as mãos pelos cabelos. Olhando para o chão, ele diz: — Não sou um herói.

— Se você não estivesse lá me observando, o que teria acontecido?

Ele levanta a cabeça e olha para mim com olhos escuros, mas permanece em silêncio.

— Dylan não me drogou e tentou me colocar em seu carro para que ele pudesse me levar para um passeio turístico.

— Eu não sou um herói.

— Pare de dizer isso. Você é.

Ele se levanta e começa a andar aos pés da minha cama, com as mãos nos quadris, a mandíbula cerrada, os olhos brilhando. Eu o observo por um momento, perguntando-me por que ele está tão agitado.

— Você disse que *parou* Dylan. O que isso significa?

— Eu o afastei.

Observo seus nós dos dedos machucados, sua calça amassada, as manchas em sua camisa. — Você o afastou.

— Sim.

— Para um buraco que você cavou?

Ele para de andar e olha para mim, mas não responde. Seus olhos azuis são insondáveis.

— Cole?

— Sim?

— O que aconteceu com Dylan?

Depois de um momento de hesitação, ele fala. Sua voz é mortalmente suave.

— Ele foi demitido.

Nós nos encaramos através do quarto. Penso em Chelsea, em como ela olhou para mim quando acordei. A escuridão em seus olhos. A resolução, como se tivéssemos ultrapassado um marco do qual não poderíamos voltar atrás.

Lembro-me de como Cole tocou seu ombro quando ela saiu. O olhar que passou entre eles como se compartilhassem um segredo.

E eu entendo que ser demitido por Cole está em um nível totalmente diferente do que seu departamento de recursos humanos pode suportar.

Espero que o choque ou o medo cheguem, ou qualquer emoção negativa, mas a única coisa que sinto é uma pontada de alívio por não ter mais que lidar com aquele desprezível do Dylan.

Uma porta se fecha, outra se abre, e agora Cole e eu estamos em terreno diferente do que estávamos antes.

Terreno compartilhado.

Estranhamente, parece que finalmente encontrei o equilíbrio.

Digo baixinho: — Eles vão descobrir. A polícia. O que quer que você tenha feito, eles descobrirão.

Ele confunde meu significado. Umedecendo os lábios, ele desvia o olhar. Sua voz fica rouca. — Você quer falar com eles. Eu entendo.

— Não, escute-me. Eu não me importo com Dylan, eu me importo com você.

Ele vira a cabeça e olha para mim em um silêncio estridente, com os olhos em chamas.

— Essas câmeras de segurança devem ter gravado você indo e vindo do restaurante. Ele também. Se ele estiver desaparecido, é apenas uma questão de tempo até que a polícia comece a rastrear seus passos, perguntando às pessoas para onde ele foi, obtendo imagens de câmeras de trânsito... Por que você está me olhando desse jeito?

— Você não se importa com Dylan? — ele diz isso lentamente, como se não conseguisse acreditar, sua boca movendo-se sobre as palavras como se elas fossem de uma língua estrangeira.

— A única coisa que me importa é que você fique bem.

Nossos olhares fixos são uma cadeia invisível de fogo derretido entre nós, aquecendo o ar, queimando com urgência. Quero pular da cama e correr até ele, mas não tenho forças.

— Você não está pensando direito.

— Eu estou. Eu sabia que aquele cara era errado desde o segundo em que o conheci. Um predador. E nós dois sabemos que não sou a primeira garota com quem ele tentou isso. No que me diz respeito, boa viagem.

Cole olha para mim, sobrancelhas escuras unidas, olhos penetrantes, cada centímetro dele tenso.

— Se você está prestes a dizer que não estou pensando direito de novo, você vai se arrepender.

Em contraste com sua energia selvagem, sua voz é suave e afetuosa. — Eu não ia dizer isso.

— Bom. Chelsea contou sobre sua irmã mais nova, Ashley?

— Ela contou.

— E você e Chelsea são amigos agora? Porque eu preciso que vocês sejam.

— Por quê?

— Minha melhor amiga tem que gostar do meu namorado.

Ele fecha os olhos, exala e balança a cabeça. — Não podemos ter um relacionamento, Shay.

— Você acabou de admitir que está obcecado por mim. Pessoalmente, acho que é uma base fantástica para iniciar um relacionamento.

Ele abre os olhos e faz uma careta. — Não é. Não é saudável. E você está convenientemente deixando de fora todas as outras coisas que não são tão fantásticas.

— Como você fazer algo para me proteger?

— A maioria das pessoas consideraria esse *algo* imoral. Sem falar que é ilegal.

— Eu não sou a maioria das pessoas. Você vai vir aqui e me beijar ou não?

— Não.

Deito-me, fecho os olhos e suspiro. — Provavelmente não é uma boa ideia, de qualquer maneira. Meu hálito está nojento.

Quando o silêncio continua por muito tempo, dou uma espiada nele. Ele está parado no mesmo lugar, olhando para mim com uma mistura de descrença e confusão no rosto.

— O quê?

— É só... — Ele balança a cabeça. — Você e sua amiga Chelsea são iguais.

— Você nem nos viu em ação ainda. — Fecho os olhos novamente.

Depois de outro longo momento, o colchão mexe do meu lado direito. Uma mão forte alisa com ternura meu cabelo.

Ele ordena: — Pare de sorrir.

— Eu não posso evitar.

— Não vamos ter um relacionamento, Shay.

— Eu não me importo com o quão severamente você tente dizer isso, ainda parece besteira.

— Não é besteira.

— Oh, vamos lá. Você está obcecado por mim. Quanto tempo você acha que pode aguentar antes de me enviar diamantes e rosas e me escrever canções de amor?

Ele dá uma pequena bufada de diversão. — Você é sempre assim...

— Encantadora? Adorável? Irresistível? Sim.

— Eu ia dizer teimosa.

— Oh. Sim, praticamente. Você também deve saber que sou incrivelmente impaciente. É uma das minhas maiores falhas de personalidade. Isso e eu posso ser mal-humorada. Especialmente na época da minha menstruação. Só estou lhe dizendo isso para que você esteja preparado.

As pontas dos dedos traçam minha linha do cabelo, minha bochecha, meu queixo. Seu toque é tão gentil que estremeço.

— Eu não posso ter relacionamentos, Shay. Minha vida também é...

Quando ele fica em silêncio por muito tempo, eu pergunto: — Bagunçada?

— Perigosa.

Abro os olhos e olho para ele. Olhando para mim, com os olhos cheios de emoção, ele é tão bonito, é idiota. E a maneira como ele olha para mim faz meu coração começar a bater forte.

— Como sua vida é perigosa?

— Apenas é.

— Você não vai me contar?

— Não posso. Isso colocaria você em risco.

— Risco de quê?

Ele não responde. Ele simplesmente observa o caminho que as pontas dos dedos seguem enquanto traçam minha sobrancelha e depois seguem a curva da minha orelha.

— Na noite em que nos conhecemos, você disse que tinha acabado de sair de um relacionamento.

— Aquilo foi diferente.

— Então você pode ter um, mas não comigo.

— É a política da empresa.

— Sua família é dona da porra da empresa.

— É por isso que é ainda mais importante que honremos as regras.

— Você está brincando comigo agora? Você sabe que metade das pessoas naquele prédio estão transando umas com as outras.

— Ainda. É a política da empresa.

— Mencione isso de novo e vou dar um soco no seu nariz.

Ele se inclina de repente e enterra o rosto no meu cabelo. Ele inspira profundamente, depois expira e suspira de contentamento. Seus ombros relaxam.



Enrolo meus braços em volta deles e viro meu rosto para o dele, baixando minha voz para um sussurro. — As coisas são diferentes agora. Você realmente acha que podemos voltar a nos ignorar no trabalho depois disso?

— Temos que tentar.

— Oh, sério? A maneira como você está cheirando meu pescoço indicaria o contrário.

— Não seja teimosa sobre isso. Deixe para lá.

— Não. Desculpe.

— Você não está arrependida.

— Você está certo, eu não.

Ele se aproxima mais, deslizando os braços sob meu corpo para poder me apertar com força contra seu peito. Ficamos assim por um momento, apenas abraçados, até que ele murmura: — Eu deveria deixar você descansar.

— Não, você deveria me dar um orgasmo.

— Maldição, mulher.

— Pare de tentar me controlar. Você sabe que vou vencer.

Ele me solta e se levanta. Então, porque parece ser assim que ele faz seus exercícios, ele começa a andar novamente. Eu me apoio nos cotovelos e o observo até começar a ficar cansada.

— Ei, bonito.

Ele me lança um olhar tenso de soslaio, mas não para de andar.

— Que tal isso? Não vamos chamar isso de relacionamento. Em vez disso, chamaremos de situação.

Seu olhar azeda.

— Tudo bem, não precisa ser categorizado. Não vamos chamar isso de nada. Será a coisa que deve permanecer sem nome. E seremos muito cautelosos no escritório para que ninguém saiba. Vou até fingir

que odeio você. Todo mundo vai acreditar em mim, porque você é horrível.

Ele para de andar. — Eu sou *horrível*?

— Sim.

— Quanto horrível?

— Tanto que seu apelido é Grinch. Ah, olha, essa é a careta que você faz quando alguém fala alguma verdade que você acha irritante.

— Eu não estou fazendo careta.

— Você está. É como: Urgh, camponês fedorento, saia do meu caminho com seus dentes podres e trapos sujos, você não vê que o rei do universo está passando? Desse jeito. Tão arrogante e desdenhoso. Já pensei mais de uma vez que você deve praticar isso na frente de um espelho.

Ele olha para mim em um silêncio agitado, a mandíbula trabalhando, os olhos estreitados. Então ele abaixa a cabeça e começa a rir.

— Isso significa que eu ganhei?

— Não, garota engraçada. Mas isso significa que farei o café da manhã para você. Enquanto isso, fique aí deitada e pense em todas as minhas bandeiras vermelhas que estão balançando na sua cara. Então tome a decisão certa.

— Eu não vou mudar de ideia, Cole. Goste ou não, sou sua namorada agora.

Balançando a cabeça, ele sai do quarto.

# CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

## *Cole*

Estou cozinhando ovos mexidos em uma panela que encontrei embaixo do fogão, observando minhas mãos tremerem e maravilhado com isso.

Nunca fico instável assim, mas sei que não é por causa do que fiz ontem à noite.

É por causa dela. O efeito que ela tem sobre mim.

*Goste ou não, sou sua namorada agora*, declarou ela, como se fosse uma decisão judicial. Como se fosse inevitável. Ponto.

Como se não fosse a pior decisão que ela já tomou.

Sim, eu fantasiei com ela de um milhão de maneiras diferentes até agora. E sim, eu queria conhecê-la melhor. Mas não sabia como seria sua aceitação instantânea do que sou capaz. Eu não sabia como isso iria me comover.

Olhando nos olhos dela enquanto ela dizia que não se importava com Dylan, apenas comigo, algo pesado e profundo mudou dentro da minha alma, como placas tectônicas se movendo sob a superfície do planeta, moldando a aparência de tudo acima.

Ela não chorou. Ela não gritou. Ela não me acusou de ser um monstro. Ela simplesmente ouviu a terrível verdade e a aceitou com uma graça que não mereço.

Então ela enfiou uma estaca no chão e me reivindicou como seu território.

Nunca conheci ninguém como ela.

Não tenho certeza se ela é uma bênção ou uma maldição.

Meu celular toca. Tiro-o do bolso, olho para a tela e coloco-o no

ouvido. — Killian. Eu não esperava notícias suas.

— E eu não esperava você sumir com um de seus funcionários, mas aqui estamos.

Não deveria me surpreender que ele saiba. Killian Black sempre sabe tudo. O que é surpreendente é que ele está me ligando sobre isso.

Ele normalmente fica fora do meu caminho, trabalhando principalmente com Callum e meu pai, que acham que eu ignoro sua relação comercial com o notório ex-chefe da máfia irlandesa. Ele supostamente morreu há anos, mas está vivo e bem e dirige uma conspiração de treze membros de famílias poderosas como a minha, que trabalham ao lado, mas principalmente em torno, da aplicação da lei internacional.

Basta dizer que não sou ignorante. Mas é benéfico eu deixar minha família pensar assim.

— Isso é um problema para você?

— Não.

— Bom.

— O problema é seu irmão.

Eu zombo. — O que Callum fez agora? Hackeou um satélite do governo para espionar sua esposa?

— Não Callum. Carter.

Eu franzo a testa. Meu irmão mais novo não está envolvido em nada mais problemático do que festejar com muitos coquetéis em seu iate e tentar descontar o valor como despesas da empresa.

— O que está acontecendo com Carter?

— Ele se reuniu com a equipe executiva da TriCast.

Killian poderia muito bem ter me dado um chute no estômago pela forma como meu corpo reage ao ouvir essa frase. Minha respiração se vai. Quase deixo cair a espátula que estou segurando devido ao choque.

— *TriCast*? Eles são nosso maior concorrente. Nós nos odiamos. Por que diabos ele se encontraria com eles?

— Porque eles estão cansados de competir, cara. Eles fizeram uma oferta para adquirir.

— Adquirir? Como *nós*?

— Sim.

— Meu pai sabe?

— Não. Nem Callum. Carter fez isso sozinho.

Enfurecido porque meu irmão seria tão imprudente, para não mencionar dissimulado, eu respondo: — Aquele filho da puta. Vou arrancar a cabeça idiota de boneco Ken dele.

— É apenas uma questão de tempo até que seja divulgado. Um McCord participando de uma reunião com o conselho da *TriCast* fará as pessoas pensarem que vocês têm problemas internos. Problemas financeiros, pelo menos. Achei que você gostaria de saber para estar pronto para girar a seu favor.

— Eu agradeço. Por curiosidade, por que você não ligou para Callum sobre isso?

Ele ri. — Não leve isso a mal, cara, mas seu irmão mais velho tem tanta probabilidade de jogar Carter do telhado quanto de ter uma conversa franca com ele sobre lealdade. Eu não queria ser a causa da morte prematura do rapaz.

— Bom ponto. Obrigado, Killian.

— De nada. E a sua nova moça é um foguete. Boa sorte.

Ele desliga, deixando-me aqui parado me perguntando se a última vez que o vi, ele implantou em mim algum tipo de dispositivo GPS microscópico com componente de áudio e vídeo.

Eu não duvidaria disso.

— Oi.

Shay está parada perto da geladeira, observando-me. Ela tirou

suas roupas de trabalho amassadas e agora está usando um roupão curto, de seda preta, que mostra suas pernas e pés descalços com perfeição, junto com cada linda curva.

Coloco o telefone de volta no bolso e tento fingir que a visão dela não é devastadora. — Oi. O que você está fazendo acordada?

— Eu ouvi sua voz, então senti sua falta. Acho que os ovos estão queimando.

Olhando novamente para a panela, viro os ovos com a espátula e inspeciono os resultados. — Depende da sua definição de queimado.

— Não sabia que a palavra tinha múltiplas definições.

— Claro que sim. Como namorada<sup>7</sup> tem. Poderia significar uma amiga que é mulher, poderia significar algo completamente diferente.

Quando desligo o gás e coloco a panela na boca fria, ela se aproxima, sorrindo.

— Hum. Parece complicado.

— É.

— Não precisa ser.

— Ainda é.

— Se eu tentar me colocar debaixo do seu braço, você vai me afastar? Só estou verificando primeiro quanta resistência encontrarei para poder preparar uma contraofensiva.

Quando suspiro, ela se aproxima e coloca meu braço em volta de seus ombros. Virando o rosto para o meu peito, ela passa os braços em volta da minha cintura e sorri ainda mais.

— Você é um problema — murmuro, dando um beijo em sua testa.

— Diz o próprio Sr. Encrenca. A propósito, escovei os dentes.

— Parabéns.

— Só estou lhe dizendo isso para que você não tenha medo de me

beijar. Eu tinha bafo de dragão, mas agora está tudo lindo. Aqui, verifique. — Ela inclina a cabeça para trás e franze os lábios.

Ela é tão fofa que só quero mordê-la.

— Não podemos ter um relacionamento, Shay.

Ela olha para mim com olhos suaves e leva a mão ao meu rosto. — Já temos. Agora me beije antes que eu fique irritada com você e o clima fique arruinado.

— É tão interessante para mim como você sempre pensa que é você quem está no comando.

— E é tão interessante para mim como você acha que não vou conseguir o que quero.

Ela fica na ponta dos pés e pressiona seus lábios nos meus. Eu gentilmente a empurro de volta para baixo, em seguida, pego um pequeno pedaço dos ovos quentes da frigideira e levo-o até sua boca.

— Coma.

Sem quebrar o contato visual ou se opor a que eu dê ordens, ela abre os lábios e me permite alimentá-la.

Sua língua rosa, sua boca doce, seus dentes raspando as pontas dos meus dedos – porra.

Estou ficando duro.

Ela mastiga e engole, depois sorri para mim. — Você deveria ver sua expressão agora, lindo. É outra coisa.

Eu amo como ela me chama de lindo. Eu amo como ela me desafia. Amo como ela não tem medo de mim, mesmo que devesse ter, mesmo que eu tenha dado a ela motivos mais do que suficientes para isso.

Amo tudo o que vi sobre essa mulher estranha e teimosa. E se eu não tomar cuidado, logo estarei envolvido demais para deixá-la ir.

Sem decidir conscientemente, eu a beijo.

Ela pressiona seu corpo contra o meu e me beija de volta,

combinando com minha intensidade, esfregando os seios contra meu peito. Seguro sua cabeça em minhas mãos e deleito-me com sua boca.

Quando o beijo termina e nós dois estamos respirando com dificuldade, ela sussurra: — Estou precisando disso há semanas. Não parei de pensar em você desde aquela noite que passamos juntos. Já gozei tantas vezes pensando em você. Imaginei que meus dedos eram sua língua e, toda vez que chegava ao clímax, chamava seu nome.

Eu gemo. Como ela é tão perfeita?

Mas não posso me distrair. Ela precisa descansar e comer. Ela precisa se recuperar. O que ela não precisa é que eu a apalpe como o monstro egoísta da luxúria dentro de mim quer.

Olhando para o meu rosto, ela diz com firmeza: — Seja o que for que você esteja pensando, pare com isso.

— Eu estava pensando que preciso deixar você descansar.

— Como eu disse, pare com isso. E não rosne para mim também. Você não me intimida.

Tentando não sorrir, franzo a testa. — Você precisa de comida, Shay.

Esfregando-se contra mim, ela respira: — Então me alimente.

— Eu não quis dizer isso.

— Eu sei que você não quis. Droga, nunca imaginei que ver um homem lutar contra seu desejo por mim pudesse ser tão sexy.

Deslizando a mão em seu cabelo, fecho meus dedos em punho e mantenho sua cabeça imóvel enquanto olho em seus olhos. — Você. Vai. Comer. Entendido?

— Claro. Ei, adivinha só?

— O quê?

— Não estou usando calcinha.

A diabinha sabia exatamente o que isso faria comigo. Nós nos encaramos enquanto meu pau lateja.



Então é guerra.

Desafio aceito.

Pego outro pedaço de ovos da frigideira e levo até seus lábios. Ela instantaneamente abre a boca e aceita, o que faz meu pau latejar novamente. Quando ela engole e chupa meus dedos, expiro uma respiração irregular. Então ela desliza a mão entre minhas pernas e aperta suavemente meu pau duro.

Quando aperto minha mão em seu cabelo como um aviso, ela sussurra: — Prometo que serei boazinha e não farei mais nada.

— Você é uma mentirosa.

— Sim. Alimente-me com mais ovos, por favor.

Meu coração dispara. Minha cabeça lateja. Minhas bolas doem. É como se ela tivesse o botão que aciona minha adrenalina e continua apertando-o continuamente.

Tiro outro pedaço de ovos da frigideira. Quando ela abre a boca para ele, ela acaricia a mão para cima, aperta a coroa do meu pau e, em seguida, acaricia todo o comprimento novamente. Ela mastiga e engole, o tempo todo olhando nos meus olhos.

Tiro meus dedos de sua boca e afrouxo o nó de seu roupão. Ele se abre, revelando seus seios nus, sua barriga macia, a curva de um quadril macio.

Eu olho para seus mamilos duros, ouvindo sua respiração ofegante e observando a pulsação vibrar na base de sua linda garganta, e percebo que o que eu quero dela é a coisa verdadeiramente perigosa.

Quero possuí-la, de corpo e alma.

Ainda mais do que isso, quero que ela seja minha dona.

Quero ser o único homem que a faz rir, o único homem que faz seu pulso acelerar, o único homem que transa com ela. Aquele que enxuga suas lágrimas e segura sua mão. Aquele que cuida dela. Aquele com quem ela sonha, briga e faz as pazes. Aquele a quem ela se

promete. Aquele que ela ama acima de qualquer outra pessoa.

E a força do quanto eu quero todas essas coisas me surpreende.

Este não é quem eu sou.

Ou pelo menos não era, até eu conhecê-la.

Eu me afasto abruptamente. Então puxo seu roupão, amarro a faixa em volta de sua cintura e a pego em meus braços.

Enquanto a carrego de volta para o quarto, ela suspira. — Olha, o Sr. Sombrio e Tempestuoso está de volta.

— Você precisa descansar. Então é isso que você fará. — Caminhando pela porta do quarto, eu a carrego até a cama e gentilmente a coloco no colchão. Então puxo as cobertas até o queixo dela.

Ela olha para mim com óbvia decepção, balançando a cabeça.

— Nenhuma palavra. Vou pegar um copo de água para você beber. Então você vai dormir. E quando você acordar, eu lhe darei uma refeição adequada.

Seu olhar de decepção se transforma em esperança.

— Não esse tipo de refeição. Cristo. Você é pior do que eu.

Ela sorri. — Obrigada.

— Não foi um elogio.

Bocejando, ela fecha os olhos. — Seu homem bobo. Claro que foi.

Em segundos, sua respiração fica mais lenta. Ela faz um pequeno som com a garganta e vira o rosto para o travesseiro.

Aí fico aqui olhando ela dormir, contando todos os motivos pelos quais deveria ir embora e nunca mais voltar, lutando comigo mesmo para fazer a coisa certa e deixar essa linda mulher em paz.

Eu não posso tê-la. Não do jeito que nenhum de nós quer. É uma impossibilidade.

Com o peito doendo, saio do quarto, fechando a porta

silenciosamente atrás de mim.

## CAPÍTULO TRINTA E CINCO

### *Shay*

Quando abro os olhos novamente, posso dizer, pela forma como a luz mudou, que é fim de tarde. Sento-me na cama, com o coração disparado. Então tiro as cobertas e corro para a porta.

Eu sei assim que abro que ele se foi.

De qualquer maneira, ando pelo meu apartamento, farejando o ar. O cheiro de Cole permanece, uma lembrança fantasmagórica do homem que me salvou do desastre.

Na mesa da cozinha, ele deixou um copo cheio de água. Ao lado dele, em um prato, há um sanduíche de peru com pão de trigo e, ao lado, um bilhete.

*Srta. Sanders,*

*Por favor, coma o sanduíche que fiz para você e beba a água. Depois beba outro copo. Vejo você na segunda de manhã.*

*Seu,*

*Sr. McCord*

*Ah, é assim, é? Veremos.*

Amasso o pedaço de papel e o jogo na pia. Então me sento à mesa e enfio o sanduíche na boca, porque estou morrendo de fome, pensando o tempo todo em Cole. Quando termino de comer e bebo a água, levanto-me e tiro o bilhete amassado da pia. Aliso-o cuidadosamente sobre a bancada, alisando as bordas dobradas. Então vou para o meu quarto e guardo na gaveta de roupas íntimas.

Não sei por que, mas parece importante mantê-lo.

Então eu ligo para Chelsea. Ela atende no primeiro toque.

— Oi. Você está bem?

— Sim. Você?

— Sim.

Ficamos sentadas em silêncio por um momento. Então ela diz: — Ele ainda está aí?

— Não. Voltei a dormir e, quando acordei agora há pouco, ele havia sumido.

— Como você está se sentindo?

— Bem. Melhor do que esta manhã. Não há mais dor de cabeça e meu estômago está bom.

— Eu quis dizer emocionalmente.

Paro um momento para pensar sobre isso e depois respondo honestamente. — Surpreendentemente estável.

Sua exalação suave me permite saber o quanto ela está preocupada comigo.

— E você?

— Vadia, eu tive doze colapsos mentais só na última hora. Ainda não consigo entender isso.

— Quero saber tudo o que aconteceu com você desde que cheguei ao restaurante ontem à noite. Manda.

Ela respira lentamente e depois derrama a história em um monólogo longo e ininterrupto, mal parando para inalar. Quando ela termina, tenho mais perguntas do que quando ela começou.

— Quem é esse Emiliano? Como Cole o conhece?

— Nenhuma ideia. Não chegamos a isso.

— Ele me disse que eles eram velhos amigos. Disse que eles trabalham juntos às vezes.

— Trabalham juntos — ela repete, com a voz pensativa. —

Interessante.

— Como ele era?

— Inteligente. Duro. Parece alguém que poderia quebrar todos os seus ossos, mas fala como Sócrates.

Ficamos em silêncio por um momento, até que ela diz: — Acho que deveríamos concordar que tudo o que Cole nos contou sobre Dylan, não compartilharemos uma com a outra.

— Por quê?

Seu tom escurece. — Quanto menos soubermos, menos poderemos contar à polícia se eles perguntarem.

Um arrepio percorre meu corpo, deixando minha pele arrepiada. — Estou preocupada com eles também. Eu disse a ele que começariam a olhar as câmeras de trânsito e entrevistar pessoas se...

Eu não preciso dizer isso. Ela sabe o que quero dizer.

— Sim. Qual foi a resposta dele?

— Parecia que ele não se importava. Ele estava muito focado em me convencer de que não podemos ter um relacionamento.

— Isso parece extremamente racional.

— Eu não me importo se é racional.

— Você deve.

— Bem, eu não. E não me diga que você não gosta dele, porque eu sei que você gosta.

— Não se trata de gostar ou não dele. É sobre se ele é bom ou não para você.

— Então você gosta dele.

Ela suspira. — Pelo amor de Deus.

— Eu também gosto dele, Chelsea. Bastante. Muito, muito mesmo.

— Você também gostou muito de Chet.

— Por favor. Eles nem estão no mesmo patamar!

— Eu sei. Mas esse cara é... complicado.

Isso me faz rir. — Você acha?

— Não seja indiferente a isso. Qualquer que seja o tipo de *trabalho* que ele e Emiliano façam juntos, aposto meu braço esquerdo que não é algo legal.

— O quê, você acha que ele trafica drogas ou algo assim?

Ela pensa por um momento. — Não. Acho que eles são dois benfeitores.

Eu faço uma careta para o telefone. — O que isso significa?

— Eu não sei exatamente. Tudo o que posso dizer é a vibração que senti. Os dois são próximos, isso era óbvio. Emiliano disse que foi ex-integrante de gangue, e muitos caras que saem de gangues se dedicam a ajudar outras pessoas. Extensão comunitária, educar as crianças sobre os perigos do estilo de vida, esse tipo de coisa. E Cole sabe tudo sobre o sistema judicial, como ele lida com caras como Dylan, como os abusadores geralmente não recebem as sentenças que merecem. Não sei como as duas coisas estão conectadas, mas aposto que estão.

Penso em como Cole ficou envergonhado por ter me seguido e me visto pelas câmeras do restaurante. Como ele se desculpou e disse que era indesculpável.

Penso em quanta raiva ele tenta manter reprimida, como ela se espalha por todos os lados, apesar de seus melhores esforços. Em suas carrancas, em sua arrogância, nas portas batidas.

Penso em como alguém como ele – rico, privilegiado, no topo do mundo – saberia como os abusadores escapam do sistema.

E eu me pergunto o que faria um homem na posição de Cole arriscar toda a sua vida para se livrar de um.

Isso é maior do que eu e Dylan. Isso remonta há muito mais tempo.

Talvez Cole tenha perdido alguém como Chelsea perdeu.

— Então o que fazemos agora? Investigar? Vigiar o restaurante?

— Não, nós não vigiamos o restaurante, idiota! Nós deixamos isso em paz!

Suspiro pesadamente e reviro os olhos para o teto. — Chelsea. Você está esquecendo com quem está falando.

Sua voz fica seca. — Oh, eu sei quem você é, idiota. Só estou tentando colocar algum juízo nessa sua cabeça dura.

— Sim, deixe-me saber como vai. Enquanto isso, vou fazer um plano.

— Se esse plano envolve voltar ao restaurante, esqueça. Você não pode ser vista lá agora. Nenhuma de nós pode.

— Mas eu quero falar com Emiliano.

— Você também quer ser presa por ser cúmplice de um crime? Use seu cérebro! O que quer que Cole tenha feito a Dylan, foi ruim. Você viu a condição em que ele estava. Você não se suja com o sangue de alguém dando-lhe um tapinha amigável na bochecha. Então, se alguém perguntar, comemos tacos e bebemos uma margarita, nunca vimos Dylan ou Cole, voltamos para casa separadas e fomos para a cama. Fim da história.

— Mas as câmeras de segurança do restaurante, as câmeras de trânsito na rua. Há evidências de que estávamos todos lá, se alguém olhar.

— Cole é um bilionário. O amigo dele é um ex-bandido de rua. São homens que conseguem fazer as coisas. Entre os dois, tenho certeza que já se livraram das evidências. Mas caso isso não aconteça, temos que ter cuidado.

Uma lembrança repentina me assalta. Foi no dia em que eu estava no Lit Happens conversando com Emery sobre o trabalho. Algo que ela disse me fez brincar que a pessoa que eu pensava ser seu cliente era da Máfia. A maneira como ela me olhou de soslaio, a maneira



como ela hesitou diante de sua negação pouco convincente...

Putá merda. Eu estava certa?

Mas não, não pode ser isso. A Máfia não está cheia de benfeitores. Quer dizer, acho que não. Não que eu tenha experiência na área.

— Prometa-me que não vai voltar ao restaurante, Shay. Quero dizer isso.

— Eu prometo.

— Prometa-me que você também não vai ligar.

— Eu prometo.

Após uma pausa, ela diz: — Por que não acredito em você?

— Não farei nada, exceto ver se consigo fazer com que Cole se abra um pouco.

Sua risada é seca. — Você quer dizer que vai fazer da sua missão de vida interrogá-lo. Pobre coitado.

— De que lado você está aqui?

— Seu. Sempre. — Ela suspira. — Então, se o seu namorado bilionário fizer alguma coisa para machucar você, serei obrigada a tornar a existência dele um inferno.

Sorrio, porque chamá-lo de meu namorado é a maneira dela de dizer que aprova. — Amo você, Chelsea.

— Eu também amo você, sua idiota sem noção. Agora, por favor, descanse e cuide-se. Entrarei em contato com você amanhã, ok?

— Ok. Tchau.

Depois de desligarmos, fico olhando pela janela do meu quarto para a tarde dourada e deixo minha mente vagar até que finalmente todos os pensamentos se acalmam e só resta uma questão candente.

*Cole McCord... quem é você?*

# CAPÍTULO TRINTA E SEIS

## *Cole*

São seis horas da manhã de segunda-feira. Estou sentado atrás da minha mesa no escritório, lendo o capítulo final de “*O Amor nos Tempos do Cólera*”.

Nunca estive tão deprimido.

Não é apenas o tema abrangente do romance, que é que o amor é uma praga comparável a cólera e que as pessoas apaixonadas sofrem de um distúrbio mental. É que não consegui, nem por um só momento, nem mesmo durante a leitura, parar de pensar em Shay.

Sou como Florentino, o personagem principal do livro, que fica tão obcecado por sua amada que come flores e bebe colônia na tentativa de replicar o perfume dela. Eu li essa passagem e pensei: *Claro. Eu posso ver isso. Eu comeria a calcinha da Shay se tivesse uma.*

Então joguei o livro do outro lado da sala.

Quero fazer a mesma coisa agora, enquanto termino a merda, porque depois de dias de leitura, cheguei ao fim, apenas para descobrir que os mal-entendidos e obstáculos que se interpõem no caminho do amante levam cinquenta malditos anos de tortura e desejos de superar.

Eu deveria ter sabido desde o início, quando ele pediu permissão para cortejá-la e naquele momento um pássaro cagou em seu bordado, que estávamos em uma séria angústia.

Se um pássaro cagar perto de mim hoje, vou mudar meu nome e me mudar para o Polo Sul.

O pior de tudo é que o *herói* do romance é ao mesmo tempo protagonista e antagonista. Fale sobre bandeiras vermelhas. Esse cara as inventou. Sinceramente, não consigo dizer se ele está loucamente

apaixonado ou apenas bravo.

A heroína, por outro lado, é toda Shay.

Orgulhosa, teimosa, cabeça dura, independente, esta Fermina sabe o que quer e não vai parar até conseguir. Seu marido, o Dr. Urbino – sim, ela se casou com outro cara antes dela e do velho Florentino se reunirem um milhão de anos depois – diz que ela não pode ter nenhum animal de estimação que não fale, então ela sai e consegue a porra de um papagaio falante.

Ele acha que está sendo muito inteligente, porque não gosta de animais, mas não quer parecer irracional, então ele estabelece um padrão impossível, então ela diz: — Ah, é? Segure minha cerveja.

Shay perfeitamente.

O cara com quem você teve um caso de uma noite é seu novo chefe?

Não deixe que ele tenha vantagem. Diga a ele que ele parece uma coruja.

O novo chefe faz desaparecer um dos seus colegas de trabalho?

Declare o chefe seu namorado e tente seduzi-lo.

É uma loucura. Tudo isso. Eu, ela, esse maldito livro.

Jogo-o de lado e fico de pé, esticando as pernas. É muito cedo para uísque, então preparo um café na cafeteira embutida na parede atrás da minha mesa e bebo enquanto ando pelo escritório e tento clarear a cabeça.

A cidade está cinza hoje. A espessa camada azul escuro que bloqueia o sol se estende desde a praia até o centro da cidade. Olho pela janela enquanto ando pensando em olhos verdes e histórias de amor trágicas, e me lembro pela centésima vez que ela não pode ser minha.

Mas caramba. Eu nunca quis tanto algo. Estou obcecado por ela.

Ela é minha praga de cólera.

Uma batida na porta do meu escritório me distrai. A recepcionista só chega às oito, então sou forçado a lidar sozinho com a interrupção.

Quando abro a porta, encontro Scotty, da sala de correspondências, parado ali com um envelope kraft marrom na mão.

— Bom dia, Sr. McCord. Isto é para você.

Ele entrega. Eu aceito, perguntando-me quem estaria me enviando algo tão cedo. Além do pessoal da sala de correspondências e da segurança, quase sempre sou o primeiro a chegar.

— Obrigado, Scotty.

Quando ele pisca, percebo que está surpreso por eu saber seu nome. Então me lembro de Shay me repreendendo por ser horrível no escritório e decido fingir que sou humano.

— E bom trabalho, a propósito.

Scotty junta as sobancelhas. — Na entrega do seu envelope?

É por isso que não falo com as pessoas. Essa merda agora. — Eu quis dizer no geral. Você está fazendo um bom trabalho. Mantenha o bom trabalho.

Então fecho a porta na cara dele para não ter que ver mais sua expressão de confusão.

Pelo menos, eu não bati. Shay ficaria orgulhosa de mim por isso.

Desenrolo o barbante vermelho do fecho do envelope e retiro uma folha de papel.

*Prezado Sr. McCord*

*Tenho algumas perguntas sobre o relatório financeiro trimestral que você me pediu para preparar para você. Seria possível agendar uma breve reunião com você hoje para analisá-lo?*

*Atenciosamente,*

*Srta. Sanders*

Não pedi a ela que preparasse um relatório trimestral, aquela coisinha sorrateira. Ela só quer falar comigo. E de quem foi a ideia idiota de nos comunicarmos por meio de memorando entre escritórios?

Oh, sim. Minha. Porque quando comecei a ler “*O Amor nos Tempos do Cólera*”, na semana passada, aquele idiota do Florentino estava mandando cartas de amor para Fermina, e eu sabia que era o livro favorito de Shay, e parecia romântico.

Agora que terminei o romance, escrever cartas à mão parece algo que apenas um homem sem autocontrole e com uma fixação doentia por uma mulher que lhe causará cinquenta anos de angústia faria.

Eu disse a ela que aqueles romances eram uma besteira.

Pego o telefone e disco o ramal dela.

— Shay Sanders falando.

— Bom dia, Srta. Sanders.

Ela exala o menor e mais trêmulo suspiro e depois limpa a garganta. — Bom dia, Sr. McCord.

— O que você está fazendo tão cedo?

— Tentando começar a semana na frente, senhor. Além disso... eu não consegui dormir.

Deus, a voz dela. Por que a voz dela faz coisas comigo? Não é como se fosse gutural ou sedutora. É só *dela*.

Estou tão fodido.

— Sinto muito por ouvir isso. Experimente magnésio.

Depois de um instante, ela diz hesitantemente: — Perdão?

— Magnésio. Ajuda no sono e na ansiedade.

— Oh. Hum. Eu vou. Obrigada pela dica.

Fecho os olhos, aperto a ponta do nariz e grito comigo mesmo por

ser um idiota gigante, inútil e infectado pela peste. — Sem problemas. Sobre esse relatório...

— Sim — ela interrompe. — Eu realmente preciso da sua ajuda com isso. Tem me dado alguns problemas. Posso ir ao seu escritório por alguns minutos para falar com você sobre isso?

Quando não respondo, porque estou lutando com o quanto quero vê-la versus o que sei que é certo, ela sussurra: — Por favor?

Por favor. Nunca uma única súplica teve tanto efeito em meu corpo.

Fecho os olhos e tento banir a imagem dela me implorando para deixá-la gozar enquanto entro em sua boceta por trás. Debruçada sobre minha mesa, a saia levantada sobre sua bunda perfeita, meu pau duro pingando nela...

— Sim — falo muito alto. — Agora. Suba agora. Imediatamente.

Bato o telefone e respiro fundo.

Maldito inferno. Isso tem desastre escrito por toda parte. A próxima coisa que sei é que terei oitenta e cinco anos e Shay e eu finalmente teremos nosso primeiro encontro.

Ando até ouvir uma batida na porta. Quando abro e vejo o rosto dela, sei que já perdi.

Puxo-a para dentro pelo pulso, fecho e tranco a porta, tomo-a nos braços e beijo-a.

## CAPÍTULO TRINTA E SETE

### *Shay*

O beijo me pega completamente desprevenida.

Esperando encontrar alguma versão fria e profissional de Cole que me dissesse novamente que não poderia haver nada entre nós, eu me preparei na subida do elevador. Eu estava pronta com meus argumentos. Eu tinha todos os meus discursos preparados. Teríamos que resolver algo para que pudéssemos ficar juntos, e seria isso.

Então ele abriu a porta e caiu sobre mim como um homem faminto.

Sua boca é quente e exigente. Sua língua se aprofunda. Ele me segura contra seu corpo com os braços firmemente em volta das minhas costas e bebe da minha boca até eu ficar tonta.

Então ele me afasta firmemente dele e dá um passo para trás, balançando a cabeça.

— Não podemos fazer isso, Shay.

Instável e respirando com dificuldade, paro um momento para me recompor e tentar entender o que ele está dizendo. — Você quer dizer aqui? Não podemos fazer isso no seu escritório?

— Não. Quero dizer, de jeito nenhum.

Magoada por suas palavras e pela dureza em sua voz, eu me viro para ir embora. — Vou fingir que não ouvi isso. E antes de abrir a boca novamente, deixe-me dizer uma coisa...

Paro a poucos metros de sua mesa e olho para o exemplar de “*O Amor nos Tempos do Cólera*” que está ali. Quando me viro para olhar para ele, ele suspira e passa a mão pelos cabelos.

— Achei que você não gostasse de romances.

— Eu não gosto.

— Então por que esse livro está na sua mesa?

— É uma longa história. Como você está?

Paro um momento para inspecionar sua expressão. É intensa. Preocupada. Ansiosa. Ambivalente. Ele fica em pé com as costas retas e a cabeça ligeiramente abaixada, braços ao lado do corpo, pernas abertas, mãos flexionadas. Ele parece estar lutando contra si mesmo para não sair correndo e me agarrar, e me beijar novamente.

Cruzando os braços sobre o peito, eu olho para ele. — Estou bem. Obrigada por perguntar. Você?

— Bem. Obrigado.

Seu olhar intenso percorre meu corpo de cima a baixo. Ele lambe os lábios e muda o peso de um pé para o outro.

— Cole, se você realmente pensa que pode agir como se não houvesse sentimentos entre nós, e para nós apenas vivermos nossas vidas como se nada tivesse acontecido, você não é tão inteligente quanto pensei que fosse.

— Eu nunca disse que não havia sentimentos. Eu disse que não podemos fazer nada a respeito deles.

Eu olho para ele em seu lindo terno azul marinho com seu rosto lindo e seu corpo forte, e me pergunto como um homem tão perfeito poderia ser tão burro.

— Então você está planejando passar o resto da sua vida sozinho, é isso?

— Sim.

— Você é um idiota.

— Também sim. Você está bonita hoje. Eu amo essa cor em você.

— Cor? Estou vestindo preto.

— É perfeito. Você é tão perfeita que eu poderia ficar cego.



Eu não posso evitar. Apesar da minha mágoa e confusão, eu sorrio. — Sabe, para alguém que está tentando me convencer de que não podemos ter um relacionamento, você está fazendo um péssimo trabalho.

— Eu não quero que você pense que é porque não quero você. Eu quero você como nunca quis nada. Mas não sou bom para você, Shay. Eu não sou bom.

Meu coração é um otário por esse homem. Ele me encara com tanta seriedade no rosto, nos olhos e na voz, tentando me dizer por que não podemos ficar juntos, mas mal consigo ouvi-lo por causa das batidas do meu pulso. É um rugido de *beije-me, beije-me, beije-me* em meus ouvidos, ensurdecendo-me.

Sento-me na beirada de sua mesa e fecho os olhos, tentando bloquear isso.

Um momento depois, ele passa a mão no meu cabelo.

— Você está realmente bem?

Sua voz é suave, perto do meu ouvido. Concordo com a cabeça, mas não abro os olhos, porque quero que ele continue me tocando.

— Lamento que você não tenha conseguido dormir. Foi por minha causa?

Concordo com a cabeça novamente, inalando seu cheiro e aproveitando o calor de seu corpo. Ele deve estar muito perto.

— Shay. Sinto muito.

— Tudo bem.

— Não está. Não quero ser a causa das suas noites sem dormir.

— Não foi uma coisa ruim. Foi só que acordei e lembrei que você me chamou de querida naquela noite. Você me chamou de querida quando estava cuidando de mim, assim como fez naquela noite no hotel.

Há uma pausa elétrica antes de eu abrir os olhos e olhar para ele. Ele está a centímetros de distância, olhando para mim com olhos

vorazes, a mão no meu cabelo, os lábios entreabertos. A pulsação na lateral do pescoço lateja.

Coloco minhas mãos em seu peito e sussurro: — Quero que você me chame assim de novo, mas enquanto estiver dentro de mim.

Como estou com as mãos em seu peito, sinto sua reação às minhas palavras. Seu batimento cardíaco começa a galopar e seus músculos abdominais ficam tensos. Ele respira fundo. Ele segura meu cabelo com sua mão grande e fecha o punho em volta dele.

Esse simples gesto me deixa tão quente que quase gemo alto. Eu olho para ele com meu pulso acelerado e meus mamilos endurecendo, implorando com meus olhos para ele colocar sua boca na minha.

Com os olhos ardendo, ele respira: — O que você está fazendo comigo?

— A mesma coisa que você está fazendo comigo. Por favor, Cole. Por favor, beije-me. Você pode me mandar embora depois disso. Prometo que irei se você me pedir, mas por favor, beije-me novamente antes que eu enlouqueça.

Suas pálpebras tremulam. Sua voz fica rouca. — Pare de pedir. Você está me matando, porra.

— Por favor.

Ele fecha os olhos e geme. Eu me levanto, deslizo minhas mãos por seu peito e envolvo meus braços em volta de seus ombros, em seguida, roço meus lábios sobre os dele com uma leve pressão. Contra sua boca, eu sussurro: — *Por favor.*

Sua voz fica gutural. — Este é um jogo perigoso que você está jogando.

— Não é um jogo.

Sua ereção está dura contra meu quadril. Sua respiração está irregular. Eu sei que ele está perto de explodir e perder o controle de si mesmo. Ele está prestes a se soltar e esmagar sua boca na minha.

Então, para tentar empurrá-lo, lambo seus lábios de um canto a

outro da boca, o toque da minha língua sussurrando suavemente. Então eu gentilmente pego seu lábio inferior entre os dentes e mordo.

Ele reage tão rápido que não consigo compreender como isso acontece.

Em um movimento rápido, ele me vira e me empurra de bruços sobre sua mesa. Estou curvada sobre a borda, meus seios achatados em sua mesa, minha bunda pressionada contra sua virilha enquanto ele fica atrás de mim.

Com uma mão no meu quadril e a outra enrolada na minha nuca, ele se inclina e fala no meu ouvido com uma voz tão sexy e áspera que faz minhas pernas tremerem.

— Você não quer que eu perca o controle, garota linda. Você não quer que eu solte o monstro da coleira. Fui bonzinho naquela noite que passamos no hotel, mas bonzinho não é o que sou. Eu continuo dizendo que não sou bom, mas você se recusa a ouvir.

Estou tremendo de excitação. Não consigo recuperar o fôlego. Minha calcinha está encharcada e ele nem me tocou ainda. Acho que se ele beliscasse um dos meus mamilos duros, eu entraria em combustão espontânea.

— Você é bom. Você é.

Ele rosna de frustração. Levantando minha saia, ele bate na minha bunda várias vezes em rápida sucessão. Os golpes são afiados e ardidos. Então ele puxa minha saia para baixo, puxa-me para fora da mesa e leva-me até a porta com a mão em volta do meu braço.

Ele abre a porta. Ele me empurra através dela. Eu giro e fico boquiaberta para ele, meu rosto quente, minha boceta molhada, minha bunda queimando.

Sem outra palavra, ele fecha a porta na minha cara.

Apoio as mãos trêmulas na porta e encosto a testa nela, tentando recuperar o fôlego e acalmar o friozinho na barriga.

Todo o meu corpo ferve de necessidade. Eu poderia colocar fogo

em todo este prédio com o calor que ele me deixou.

Depois de alguns momentos, ouço sua voz rouca. — Não me faça abrir esta porta novamente. Vá.

— Então é isso?

— É isso.

— Você decide unilateralmente?

— Sim.

— E você acha que eu vou aceitar e deixar você fazer isso?

— Sim.

— Eu não vou desistir, Cole.

— Vou contratar um novo assistente se for preciso.

— Não, você não vai.

Ele não responde por tanto tempo, acho que ele deve ter ido embora. Mas então ouço uma expiração pesada.

— Você tem razão. Eu não vou. Volte para sua mesa, Srta. Sanders. Essa conversa acabou. E pare de ler esses malditos romances!

Fico ali ouvindo-o respirar com dificuldade. Ele murmura uma maldição. Imagino-o passando as mãos pelos cabelos, lutando consigo mesmo para não abrir a porta e me puxar de volta para dentro para que possa me beijar, e me apaixono um pouco mais por ele.

— Eu não me importo se você é um monstro, Cole. Seja lá o que você for, bom ou ruim, eu quero você.

Ele rosna: — Você não me conhece.

— Eu sei que você não é um narcisista como Chet. E sei que você se preocupa comigo.

— Por que você tem que ser tão persistente? Por que você não pode simplesmente acreditar que eu quero o melhor para você quando digo para você ir embora?

— Porque você cometeu o erro de me dar tudo que eu precisava

na primeira noite em que nos conhecemos. Porque quanto mais vejo você, mais eu quero. E porque eu decido o que é do meu interesse, não você. E por falar nisso, se aquela pequena demonstração de domínio era para me assustar, teve o efeito oposto. Estava a dez segundos de um orgasmo. Tenha um bom dia, Sr. McCord.

Viro-me e ando trêmula em direção aos elevadores, mas decido pegar as escadas. Preciso de um momento para me recompor antes de voltar para o meu andar. Não tenho certeza se mais alguém chegou ainda e estou uma bagunça. Então me viro e vou até a porta de saída, do outro lado da mesa de Marion. Leva à escada entre os andares.

Subo o degrau de concreto e entro no corredor frio e ecoante, mas antes que a porta se feche atrás de mim, Cole passa por ela.

## CAPÍTULO TRINTA E OITO

### *Cole*

Ela não deveria ter dito que eu dei a ela tudo que ela precisava. Ela não deveria ter dito que me quer, bom ou ruim.

Ela também não deveria ter dito aquela coisa de estar a dez segundos do orgasmo.

Mas ela fez isso, e agora nós dois estamos fodidos, porque o monstro dentro de mim quebrou suas correntes.

Eu a empurro contra a parede de concreto cru e pego sua boca, enfiando minha língua dentro para poder saboreá-la. Ela é doce, macia, gostosa, deliciosa... aquele pequeno gemido de surpresa vindo do fundo de sua garganta me deixa ainda mais duro.

Minhas mãos percorreram todo o seu corpo, apertando seus seios, sua cintura, sua bunda suculenta. Quebro o beijo para puxar a saia até as coxas e arrastar a calcinha até os tornozelos. Quando me endireito e olho para ela, ela está com os olhos arregalados e tremendo, as bochechas vermelhas e a linda boca molhada.

Coloco uma mão em seus cabelos e a outra entre suas coxas e tomo sua boca novamente, beijando-a avidamente enquanto acaricio sua boceta.

Ela está escorregadia e quente, o botão do clitóris inchado. Ela não estava mentindo: ela está pronta para mim.

Quando enfio um dedo dentro dela, ela estremece. Eu adiciono outro e ela geme.

Coloco minha boca perto de sua orelha e falo com os dentes cerrados. — Você vai ficar quieta, querida. Você vai ser uma boa menina e pegar meu pau aqui mesmo nesta escada, e quando gozar, não vai fazer barulho nenhum. Entendido?

Ela balança a cabeça, mordendo o lábio.

— Cinto.

Ela se atrapalha tentando desabotoar meu cinto, porque minha mão ainda está entre suas pernas, e estou transando com ela com os dedos, e ela adora.

— Zíper.

Ela desfaz o botão da minha braguilha e puxa o zíper para baixo.

— Pau.

Ela desliza a mão em minha cueca e puxa meu eixo rígido, apertando-o na base. Sua mão é tão boa ao meu redor que tenho que reprimir um gemido.

— Agora deslize a perna para cima e abra a boca.

Ela faz o que eu mando, deslizando a perna dobrada até minha cintura. Tiro os meus dedos da sua boceta e empurro-os para dentro da sua boca. Ela automaticamente começa a sugar, com as pálpebras fechadas.

Deusa. Ela é uma maldita deusa. Como eu pensei que poderia resistir?

Quando ela limpa a umidade dos meus dedos, eu ordeno: — Agora coloque esse pau dentro de você.

Tremendo, ela me guia enquanto pressiono meus quadris para frente. Quando o calor escorregadio envolve a cabeça do meu pau, agarro seus quadris e empurro.

Ela engasga e arqueia para trás. Seu corpo pressiona contra o meu. Ela não grita, mas crava as unhas nos músculos das minhas costas e estremece.

Deslizo minhas mãos sob sua bunda e mordo sua garganta enquanto empurro novamente, entrando mais fundo em sua boceta encharcada. Ela é apertada, veludo quente, e eu não me canso.

Ela diz meu nome suavemente, mas o prazer em sua voz tem um

efeito profundo. Isso me deixa louco. Eu empurro nela repetidamente, meus dedos afundados em sua carne e meu coração disparado.

Quando me inclino e mordo seu mamilo duro através da blusa e do sutiã, ela fica rígida. A boceta dela se contrai em volta do meu pau.

Ela gosta disso.

Eu mordo com mais força.

Ela atinge o orgasmo com um empurrão de corpo inteiro, depois começa a balançar os quadris freneticamente enquanto sua boceta convulsiona ao meu redor. Eu seguro seu peso enquanto ela cai contra a parede. Ela sussurra meu nome novamente e é minha ruína.

Esvazio-me dentro dela, dando-lhe tudo o que não deveria, incluindo meu coração negro e minha alma devastada.



## CAPÍTULO TRINTA E NOVE

### *Shay*

Ainda profundamente dentro de mim, Cole beija meu pescoço e depois fala com uma voz tão profunda e rouca que parece que ele engoliu cascalho.

— Boa menina.

Ofegante, delirante e ainda convulsionando de prazer, agarro-me a ele enquanto ele beija meu queixo.

Eu nem estou realmente me segurando. Estou equilibrada na ponta dos pés, mas Cole suporta quase todo o meu peso em suas mãos. É uma coisa boa também, porque estou tonta e trêmula, minhas pernas fracas como as de um recém-nascido.

Ele pega minha boca. O beijo é profundo e apaixonado, mas não tão áspero como quando ele irrompeu pela porta da escada. Ele está respirando tão forte quanto eu.

Quando abro os olhos, os dele já estão abertos. O olhar de adoração neles me deixa fraca novamente.

— Você é tão linda — ele sussurra entrecortado. — Eu nunca vi nada tão lindo quanto você, querida. Você é uma porra de uma obra de arte.

Ele pressiona seus lábios nos meus em um beijo doce e suave que é de alguma forma ainda mais deslumbrante do que os seus beijos apaixonados.

Não tenho certeza se conseguiria falar, mesmo que quisesse. Então permaneço em silêncio enquanto ele se afasta suavemente do meu corpo, firmando-me quando eu vacilo. Fico quieta enquanto ele arruma suas roupas, puxando o zíper e apertando o cinto. Ele se agacha para pegar minha calcinha, e uso seus ombros para me

equilibrar enquanto ele a puxa para cima das minhas pernas. Ele se levanta, desliza-a pelos meus quadris e a coloca no lugar, e reorganiza minha saia, alisando as rugas.

Então ele agarra meu queixo e olha nos meus olhos.

— Não se limpe.

Umedeço meus lábios e balanço a cabeça, sem entender o que ele quer dizer.

— Não limpe meu esperma. Quero que você fique sentada em sua mesa o dia todo, molhada e pegajosa, pensando em mim. Diga-me que você vai.

O que há na voz dele que me faz querer rolar e fazer truques para ele como um cachorrinho obediente?

— Sim. Eu vou.

Ele alisa meu cabelo, beija minha testa, depois pega minha mão e me leva escada abaixo até o vigésimo oitavo andar. Nossos passos ecoam nas paredes. As luzes fluorescentes piscam. Estou tão desorientada que sinto como se estivesse tendo uma experiência extracorpórea.

Quando chegamos ao destino final, ele se vira para mim e me beija novamente.

— Você está bem?

— Sim. Não. Não faço ideia. O que acabou de acontecer?

Ele me puxa para seus braços e esfrega o nariz em meu cabelo. — Você sabe o que aconteceu.

— Quero dizer, o que isso significa? Dez minutos atrás, você estava insistindo para que eu me afastasse de você.

Ele segura meu rosto entre as mãos e olha profundamente em meus olhos. — E você deveria.

Quando ele não acrescenta mais nada, eu suspiro. — Lembra como falei no bar naquela primeira noite que você era o homem mais

chato que já conheci?

Seus lábios carnudos se curvam para cima em um sorriso. —  
Lembro-me de tudo. Agora volte ao trabalho.

Abaixando a voz, digo: — E se alguém me perguntar sobre Dylan?  
O que eu digo?

— Ninguém vai perguntar sobre ele.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Está resolvido.

— Ah, ótimo. Você poderia ser um pouco mais enigmático? Isso  
não foi suficientemente misterioso.

Ele beija minha testa, depois cada bochecha, depois meus lábios,  
como uma espécie de bênção formal do Mafioso do filme *O Poderoso  
Chefão*.

— Você não precisa se preocupar com nada, querida. Você nunca  
mais precisa se preocupar com nada.

Ele abre a porta e gentilmente me empurra através dela. Então ele  
se vira, deixando-a fechar atrás dele com um som metálico.

Fico aqui ouvindo seus passos subirem as escadas de cimento com  
aquela sensação de estar fora do corpo novamente, como se estivesse  
vendo tudo isso se desenrolar em um sonho.

*Você nunca mais precisa se preocupar com nada.*

O que isso poderia significar? Pode ser qualquer coisa, desde me  
forçar uma lobotomia até pagar todos os meus cartões de crédito e o  
empréstimo do meu carro.

O mar de cubículos ainda está vazio. O relógio na parede marca  
seis e meia, então tenho bastante tempo antes que alguém apareça.  
Instável, vou para o banheiro feminino para arrumar meu cabelo e  
maquiagem. Então volto para o meu escritório e me sento à minha  
mesa.

Agora são seis e trinta e sete e não tenho ideia de como vou

passar esse dia.

Decidindo pegar uma caneca de café, vou para a sala de descanso. Fico surpresa ao encontrar Simone parada no balcão, fazendo uma caneca de chá. Vestindo um lindo terno verde esmeralda que embeleza sua pele cremosa, ela olha para cima e sorri.

— Bom dia, Shay.

— Bom dia. Você chegou cedo.

— Gosto de começar cedo às segundas-feiras. Como foi o seu final de semana?

Eu congelo e forço um sorriso rígido. — Ótimo. O seu?

Ela encolhe os ombros, mergulhando o saquinho de chá em sua caneca. — Relaxante. Eu li, assisti à Netflix. Deitei-me no jardim. A propósito, Dylan pediu demissão inesperadamente no fim de semana, então talvez você precise assumir parte da carga de trabalho dele até encontrarmos um substituto. Vou tentar fazer isso o mínimo possível. Eu sei que você já está muito ocupada.

Minha respiração fica presa. Meu coração acelera e depois começa a bater forte. Eu engulo nervosamente.

— Dylan se demitiu?

— Hum. Deixou-me uma mensagem de voz. Não é muito profissional, mas não é tão surpreendente. Ele está tendo alguns problemas há algum tempo.

Minha mente dispara. Não tenho certeza de como devo agir com calma e serenidade quando tudo dentro de mim está girando em um tumulto gritante, mas consigo pronunciar uma palavra.

— Problemas?

Ela tira o saquinho de chá, espreme-o com uma colher, coloca-o sobre um pequeno suporte de cerâmica em forma de trevo de quatro folhas na bancada, depois pega a caneca e olha para mim.

— Problemas interpessoais com a equipe. Ele não era muito querido. Tenho certeza que ele não fará falta.

Sua voz é suave, mas seu olhar é aguçado. Ela toma um gole de chá, olhando para mim por cima da borda enquanto eu me esforço ao máximo para transformar meu rosto em uma máscara sem emoção.

Ela sabe.

Não apenas isso, mas ela também contou uma história inventada sobre ele ter se demitido pelo correio de voz sem pestanejar, o que é impressionante em vários aspectos, mas principalmente porque ela pode alegar que o excluiu acidentalmente se alguém da lei pedir para ouvi-lo.

Eu me concentro em manter minha respiração estável. Manter contato visual com ela é uma das coisas mais difíceis que já fiz. — Entendo — falo baixinho. — Bem. Eu... fico feliz em ajudar no que puder.

Ela abaixa a caneca e sorri. — Obrigada. — Então ela caminha até a porta, parando brevemente para me tocar no ombro ao passar.

É o mesmo toque breve que Cole deu em Chelsea no sábado de manhã no meu apartamento.

O reconhecimento da coconspiração.

Não consigo decidir se isso torna tudo melhor ou muito pior.

\* \* \*

Na copiadora, depois do almoço, ouço duas contadoras juniores conversando sobre Dylan.

— Graças a Deus ele se demitiu. Ele me assustava.

— Eu sei, certo? E a mim também. Ele continuou me convidando para beber, mesmo depois que eu disse a ele que tinha namorado. Na verdade, ele teve a coragem de dizer que meu namorado não precisava saber.

— Michelle disse que ele a encurralou no estacionamento uma noite. Realmente a assustou.

— O que aconteceu?

— Ela estava trabalhando até tarde. Saiu e o encontrou esperando por ela perto do carro. Ninguém mais por perto, apenas ele à espreita ali. Ele estacionou atrás dela, bloqueando-a. Tinha a porta do passageiro aberta como se fosse empurrá-la para dentro.

— Não!

— Sim. Acho que um dos seguranças saiu do elevador para fazer a ronda naquele momento e isso assustou Dylan. Ele entrou no carro e foi embora sem dizer uma palavra. Michelle se sentiu boba depois porque nada aconteceu, então ela não disse nada a ninguém, mas quando ela descobriu esta manhã por Kayleigh que ele tentou a mesma coisa com ela, as duas surtaram. Agora todo mundo está falando sobre como ele era um pervertido.

Mantenho a cabeça baixa e os olhos na copiadora enquanto as meninas saem da sala juntas. Quando pego a pilha de papéis da bandeja, minhas mãos tremem.

\* \* \*

Enquanto dirigia para casa naquela noite, meu celular toca. Um número que não reconheço.

— Olá?

— Oi, baby.

É Cole. Estou tão chocada que quase saio da estrada. — Oh. Olá!

— Por que você parece tão surpresa em ouvir notícias minhas?

— Eu nunca dei esse número a você.

— Você realmente achou que seria difícil eu conseguir?

— Certo. Você sendo o governante do universo e tudo mais. Sinto sua falta.

Há uma pausa. Então ele fala novamente, sua voz mais suave. — Como você faz isso?

— Faz o quê?

— Faz meu coração disparar.

Sorrindo, verifico o espelho retrovisor antes de mudar de faixa. — Apenas sorte, eu acho.

— O que você está fazendo agora?

— Dirigindo para casa. Você?

— Enviando uma mensagem para meu personal shopper.

— Você tem alguém que compra suas roupas para você?

— Não, tenho alguém que faz minhas roupas para mim. Meu personal shopper cuida de todo o resto. Que tamanho de vestido você usa?

— Uau, cowboy. Essa é uma pergunta muito pessoal.

— Você passou o dia todo pingando com meu esperma. Isso também é muito pessoal.

Lembrando do nosso encontro na escada esta manhã, minhas bochechas ficam quentes. — Bom ponto. Por que você precisa do tamanho do meu vestido?

— Porque vamos jantar esta noite. Quero comprar algo especial para você.

— Estamos jantando?

— Sim.

— Não me lembro de ter sido convidada para um encontro.

— Meu pau estava dentro de você hoje ou não?

— Sim, mas seu pau estava dentro de mim semanas atrás no hotel também, e pensei que nunca mais veria você depois disso.

— Você pensou errado. Vamos sair hoje à noite e vou comprar um vestido para você.

Sorrindo, eu provoco: — Talvez esteja ocupada.

Um ruído semelhante ao estrondo de um trovão sai pelos alto-falantes. O rei das bandeiras vermelhas está descontente.

— Tudo bem, aceito seu não convite para jantar. E é muita generosidade da sua parte querer me comprar um vestido, mas você não precisa fazer isso. Tenho muitas coisas para vestir. Eu sou um pouco compulsiva com roupas.

— Eu não estava pedindo permissão. Diga-me.

Avaliando pelo tom de sua voz, sei que não vou vencer, então cedo e digo a ele. Quando ele pergunta o tamanho do meu sapato, digo isso a ele também. Então eu rio. — E o tamanho do meu anel é seis, cowboy, caso você esteja se perguntando.

Quando essa piada é recebida com um silêncio de pedra, eu me encolho, *foda-se*, e mudo de assunto. — Então, onde vamos jantar?

Nos alto-falantes do carro, sua voz é suave como veludo. — Você quer que eu compre um anel para você, Shay?

Momento número dois de quase sair da estrada. Chego tão perto do carro na pista ao lado que o motorista buzina e grita comigo. É melhor eu encerrar esta ligação antes que cause um acidente.

— Hum. Hum.

— Isso não é uma resposta.

— Quero dizer... depende do tipo de anel. Se você está pensando em um anel de castidade, a resposta é não.

Ele ri. — Entendido. Sem anéis de castidade. Não que eu fosse dar um desses a você de qualquer maneira. Porra, você é adorável. Estarei na sua casa às sete para buscá-la.

Ele desliga sem se despedir.

Meu apartamento em Mar Vista fica a trinta minutos de carro do centro da cidade. Quando chego, já repassei nossa conversa mentalmente cerca de quatro mil vezes. Também liguei para Chelsea para desconstruir isso ainda mais, mas só cheguei ao correio de voz



dela.

Eu ligaria para Jen ou Angel, mas depois da noite de sexta-feira passada, Chelsea é a única com quem vou conversar sobre Cole.

E já sei que teremos muito o que conversar.

Estaciono, corro para dentro e tomo banho. Enquanto estou passando batom, minha campainha toca. Quando abro a porta, vejam só, é o mesmo homem misterioso de terno preto com tatuagem meio escondida no pescoço que me entregou a blusa Balmain no hotel semanas atrás, o gostoso com sotaque britânico.

Estou tão surpresa em vê-lo que deixo escapar: — Você!

Ele deve estar acostumado com as mulheres reagindo a ele de maneiras estranhas, porque ele simplesmente sorri com aquele seu sorriso secreto e estende a longa bolsa preta que está segurando.

Pego-a dele, seguro-a contra o peito e olho-o de cima a baixo.

Apesar de seu terno caro e corte elegante, ele tem uma coisa de pirata macho fanfarrão. Ele parece o tipo de homem que poderia beber mais que dez outros homens e ainda ter força suficiente para uma luta de espadas e uma brincadeira sensual na cama com uma garota atrevida. Tudo o que lhe falta é uma pequena argola de prata em uma orelha e um chapéu tricórnio com uma pena vistosa.

Eu me recomponho e ofereço uma saudação mais razoável. — Olá.

— Olá, senhorita.

— Então você é o personal shopper?

Ele inclina a cabeça. Isso também parece secreto. Há algo tão interessante nesse cara, mas, ao mesmo tempo, ele é mais do que assustador.

— Você tem um nome?

— Axel, senhorita.

— Esse é um nome muito foda.

— Obrigado, senhorita.

— Eu sou Shay.

— Eu sei quem você é, senhorita.

— Claro que você sabe. E você não precisa continuar me chamando de senhorita, não agora que nos tratamos pelo primeiro nome e tudo mais.

Ele inclina a cabeça, cruza as mãos na frente da virilha e me observa tão atentamente que acho que pode estar mapeando a rede neural do meu cérebro.

— Por curiosidade, se eu perguntar o que mais você faz para Cole além de entregar roupas femininas, você me diria?

— Não, senhorita.

— Claro que não.

— Você pode me dizer o que é essa tatuagem na lateral do seu pescoço?

— Não, senhorita.

— Acho que não.

— Tenha uma boa noite, senhorita.

— Você também, Axel. Tente não matar ninguém com o seu mindinho.

— Nunca com meu mindinho, senhorita. — Ele sorri, depois se vira e desaparece na noite.

Eu realmente quero apresentar Chelsea a esse cara e fazer com que ela o considere. Aposto que ela poderia decifrar o código dele em cinco minutos.

Correndo de volta para dentro, coloco a bolsa da roupa na minha cama e abro o zíper. Dentro está um deslumbrante vestido de crepe vermelho. Espio o rótulo.

Valentino.

Sem fôlego, tiro meu roupão e o jogo na cama, depois tiro cuidadosamente o vestido do cabide acolchoado. É sem mangas e decotado, com detalhes requintados de miçangas na bainha. Quando eu coloco e fecho o zíper, ele abraça meu corpo como uma segunda pele. Viro-me e me olho no espelho de corpo inteiro ao lado da minha cômoda.

Simples, mas sem esforço e glamoroso, o vestido atinge o meio da coxa, mostrando minhas pernas.

Eu amo isso.

Quando estou calçando um par de saltos champanhe de tiras, minha campainha toca. Olho o relógio na mesa de cabeceira para verificar a hora. Ele está cinco minutos adiantado.

Fecho os olhos por um momento e respiro fundo para acalmar meus nervos antes de ir para a porta da frente.

## CAPÍTULO QUARENTA

### *Shay*

Sem sorrir, ele está na minha porta vestindo um terno preto perfeitamente ajustado e uma camisa branca aberta no colarinho, sem gravata. Seu cabelo está domesticado e brilhante. Seus olhos azuis são escuros e penetrantes. Sua energia está crepitando.

Ele parece uma versão dos irmãos Grimm do Príncipe Encantado, mais sombrio e perigoso que o da Disney e muito mais sexy.

Sentindo-me tímida, eu digo: — Oi. Obrigada pelo vestido. É realmente bonito.

— Você é quem é linda.

Ele empurra a porta, fecha-a com um chute atrás de si, puxa-me para seus braços e toma minha boca como se estivesse faminto por isso, beijando-me com tanta força que estou curvada para trás na cintura. Paro o beijo, rindo, mas ele não me deixa escapar. Em vez disso, ele pressiona o rosto contra meu pescoço e me abraça com mais força.

— Uau! Acho que você sentiu minha falta.

Deslizando a mão pelas minhas costas, ele aperta minha bunda. Sua voz fica rouca. — Não consigo parar de pensar em você.

— Sorte minha.

Ele vira a cabeça e encontra meus olhos. — Não. Azar para você. Mas farei o meu melhor para compensar isso.

Meus braços envolvem seus ombros fortes e sorrio para ele. — Estou feliz por estar aqui. Não estrague tudo sendo desagradável.

— Eu nunca sou desagradável.

— A maneira como você fala sobre si mesmo como se fosse algum

tipo de animal antinatural que deveria estar trancado em um porão é. Eu não gosto disso.

Ele abaixa a cabeça, morde suavemente meu queixo e murmura: — Eu sou uma fera não natural. Só porque você não vê isso não significa que não seja verdade.

— Não me faça chutar sua bunda. Eu nem jantei ainda.

Ele me dá um beijo firme de boca fechada, depois me afasta dele e olha ao redor da minha sala, com um olhar curioso e penetrante. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele sai em direção ao meu quarto e desaparece lá dentro.

Coloco as mãos nos quadris e grito: — Sim, adoraria fazer um tour com você, Cole. Que educado da sua parte pedir. Começaremos pelo quarto.

Ele passa pela minha porta aberta e desaparece novamente. Fico na sala batendo o dedo do pé até ele sair, sorrindo.

— Por que você parece tão satisfeito consigo mesmo?

— Tirei uma calcinha sua do cesto de roupa suja.

O calor invade minhas bochechas. — Ah. Que psicótico da sua parte. Você sempre rouba roupa suja no primeiro encontro?

— Nunca. Mas quero poder sentir seu cheiro quando você não estiver perto de mim. Vou mantê-la na gaveta da minha mesa no escritório. E este não é o nosso primeiro encontro. — Seu sorriso se aprofunda. — No nosso primeiro encontro, eu fodi você a noite toda, princesa.

Meu pulso fica descontrolado. Olho para ele, tão sofisticado nesse terno, tão distraidamente bonito, e acho que seu exterior elegante é tão enganador.

Sua verdadeira natureza não é tão civilizada.

— Eu não sou uma princesa. Eu sou uma rainha. Faça certo, garanhão, ou vou dar a você um daqueles olhares arrogantes que está sempre lançando.

— Ah, não — ele diz com medo fingido. — Não o olhar arrogante.

— Sim. É bastante devastador.

— Você não parece arrasada.

— Isso é porque eu sou durona. O que me lembra, seu personal shopper é um cara superinteressante.

Erguendo as sobrancelhas, ele se aproxima. — Interessante de que maneira?

— De todas as maneiras. Há quanto tempo ele trabalha para você?

Seu olhar cai para minha boca enquanto ele se aproxima. — Axel e eu nos conhecemos há algum tempo.

Eu digo alegremente: — Oh, olhe, outra evasão enigmática disfarçada de resposta! Você é muito bom em evitar perguntas, Sr. McCord.

— E você é muito boa em me irritar, Srta. Sanders. Isso não estava no seu currículo.

Ele estende a mão, segura-me pelos ombros e me puxa contra seu peito. Enrolo meus braços em volta de suas costas e sorrio para ele. — Isso é melhor do que quando você finge que não vamos ter um relacionamento.

— Eu não estava fingindo, estava sendo protetor. E eu não disse nada sobre um relacionamento.

— Sério? Você acabou de roubar uma das minhas calcinhas usadas. Estamos totalmente em território de relacionamento agora. Espere, desculpe... situação.

Quando ele franze os lábios em desgosto, eu suspiro.

— Você sabe o quê? Você tem razão. Teremos apenas uma série contínua de casos de uma noite e fingiremos que não nos conhecemos pelo resto do tempo.

Ele acaricia meu rosto com o polegar e me olha em silêncio pensativo por um momento. Então ele diz algo que me faz querer fazer mais do que estourar o saco dele – uma vontade de dar um martelada neles.

— Isso é exatamente o que eu estava pensando.

— Eu estava brincando!

— Não vamos entrar nisso agora. Eu preciso alimentar você.

— Sabe, se eu fosse alguns anos mais velha, estar perto de você me colocaria em risco extremo de parada cardíaca.

Ele roça meus lábios nos dele. — Por que você está tão atraída por mim?

— Boa tentativa. Não, porque você faz mal à minha pressão arterial.

Em meu ouvido, ele sussurra: — É isso que você pensa quando estou enterrado dentro de você e você está arranhando minhas costas e gemendo meu nome? Que sou ruim para sua pressão arterial?

Suas palavras evocam uma lembrança desta manhã na escada, e um pequeno e involuntário arrepio percorre meu corpo.

Ele ri. — Isso foi o que pensei.

— Não seja presunçoso. Eu odeio presunçoso.

— Sim, senhora.

— E também não seja sarcástico.

Apertando-me com mais força, ele ri novamente, seu hálito quente em meu pescoço. — Tantas regras. Você está pronta para ir?

Falo secamente: — Claro. Deixe-me pegar algo afiado para cutucá-lo primeiro.

— Você não precisa de mais nada. Você já tem essa sua língua.

— Ah. Touché, Sr. McCord. Touché.

Seu SUV é grande, preto e luxuoso. Ele tem que me ajudar a sentar no banco do passageiro, porque é muito alto. Então ele me afivela com o cinto e me beija, deslizando a mão pela minha coxa nua.

— É preciso todo o autocontrole que tenho para não enterrar meu rosto entre suas pernas e comer sua boceta, querida, porque adoro o jeito que você cheira e saboreia. Mas depois do jantar...

Ele sorri, olhando diretamente nos meus olhos.

Meus mamilos endurecem. Meu coração bate forte. Quero que ele faça isso agora mesmo, e nem me importo que estejamos em um estacionamento público.

— Sobremesa, então — eu digo, surpresa com o efeito que ele tem no meu sistema nervoso.

Ele fecha minha porta e fica atrás do volante. Assim que saímos da garagem, ele pega minha mão. Dirigimos pela cidade de mãos dadas, e se eu olhar muito para o perfil dele, ele não parece se importar.

— Você é muito bonito. Mas é claro que você sabe disso.

Ele olha para mim. — Eu não me vejo como você.

— Você deve. É uma vista incrível.

Ele leva minha mão à boca e beija os nós dos meus dedos. — Você está sendo doce.

— Estou sendo honesta. Você é o homem mais bonito que já conheci.

— Você deveria ver meu irmão, Callum. Então me diga o que você pensa.

Intrigada, viro-me para ele. — Ele é o marido de Emery?

— Sim.

— Eu não o vi no escritório. Conheci Carter no primeiro dia em



que comecei, mas não desde então.

Sua voz fica seca. — Conte suas bênçãos.

— Você não se dá bem com eles?

— Todos presumem que seria ótimo trabalhar para uma empresa familiar até que realmente trabalham para uma, o que normalmente ocorre quando percebem que não suportam as pessoas com quem compartilham DNA e começam a desejar que fossem adotados.

Estou surpresa com a amargura em sua voz. Olho para seu perfil, observando um músculo flexionar em sua mandíbula, e me pergunto como é seu pai. Pelo que parece, o relacionamento deles não é exatamente caloroso.

— Sua mãe tem muito envolvimento com a empresa?

Suas feições se suavizam com a menção de sua mãe, assim como sua voz. — Não nas operações do dia a dia. Mas meu pai não pode tomar uma decisão sem ela.

— Há quanto tempo eles estão casados?

— Mais de quarenta anos. — Ele olha para mim. — E seus pais?

— Eles se divorciaram quando eu tinha dez anos.

— Sinto muito por ouvir isso. Você é próxima deles?

Olho pela janela para a cidade que passa pela janela, para o céu noturno sem estrelas, focando nele em vez do aperto repentino em meu estômago. — Meu pai, sim. Ele está em Oregon agora com sua nova esposa. Nós nos reunimos nos feriados.

Quando não continuo, ele aperta minha mão. — E sua mãe?

— Ela mora em Las Vegas. Falamos ao telefone ocasionalmente, mas... — Tenho que limpar a garganta antes de continuar. — Somos pessoas muito diferentes.

— Como assim?

Eu não esperava que ele perguntasse isso. A maioria dos caras deixaria isso de lado, adivinhando pelo meu tom que não quero entrar

no assunto. Mas agora tenho toda a atenção de Cole. Eu nem estou olhando para ele, mas sinto isso. Como o ar carregou. Como ele aperta minha mão com um pouco mais de força.

— Ela bebe muito. E quando falo muito, quero dizer que ela começa por volta do meio-dia e não para até desmaiar. Ela está com insuficiência cardíaca congestiva agora, mas mesmo isso não fez diferença em seus hábitos de consumo.

Cole leva minha mão aos lábios e a beija novamente, pressionando sua boca contra minha pele por um longo momento.

— Sinto muito.

— Obrigada. É o que é. — Suspirando, apoio a cabeça no encosto e fecho os olhos. — Eu culpo o namorado dela.

— Por que isso?

— Ele bate nela. Eles estão juntos desde que ela e meu pai se separaram. Eu continuo implorando para ela deixá-lo, mas ela não o faz. Tentei tudo o que pude, mas as pessoas têm que querer participar do seu próprio resgate. Então agora eu apenas a deixo em paz e espero por aquele telefonema no meio da noite da polícia que eu sei que eventualmente virá.

Depois de um momento, quando percebo que Cole não disse nada e que seu silêncio passou de atento a tenso, fico horrorizada.

O que eu estava pensando? Ele me disse que seus pais estão casados há quarenta anos, e eu combino com *isso*?

Minhas bochechas queimam de vergonha. — Desculpe. Isso foi muito.

— Você não precisa se desculpar. Obrigado por me dizer. Estou feliz que você fez.

Olho para ele. Sua mandíbula está dura novamente, e ele está com uma expressão que é óbvia até mesmo de perfil. Ele não parece feliz.

Ele parece assassino.

Mas, felizmente, ele muda de assunto para que nenhum de nós precise mais passar por essa bagunça na ponta dos pés.

— E quanto a irmãs ou irmãos? Alguém?

— Eu sou filha única.

— Sortuda.

— Quando criança, sempre desejei ter uma irmã. Talvez seja por isso que Chelsea e eu somos tão próximas. Ela também é filha única. Somos amigas desde o colégio.

Ele olha para mim por um longo momento antes de voltar sua atenção para a estrada. — Vocês duas devem compartilhar tudo.

— Sim. Bem, nem *tudo*.

Sua voz cai. Sem olhar para mim, ele diz: — Não me importo se você falar com ela sobre mim. Eu sei que ela é importante para você. E eu confio em vocês duas.

— Sério? Você confia em nós?

— Sim.

— Mas você só a encontrou uma vez. E você e eu também não passamos muito tempo juntos.

— Eu conheço pessoas. Quando são boas, quando são más, quando são confiáveis e quando não podem. E vocês duas podem ser.

Estudo seu perfil, fascinada por ele, mas também confusa. — Você obteve toda essa visão sobre a natureza humana na escola de administração?

Seus lábios se erguem em um sorriso breve e enigmático que parece muito semelhante ao que seu amigo Axel produz. — Não exatamente.

Quando eu olho para ele em silêncio por muito tempo, ele ri. — Não pense demais.

— Eu não precisaria se você me dissesse o que quer dizer.

— Em alguma outra hora.

Pela maneira como ele diz isso, tenho a nítida sensação de que o tempo nunca chegará. Mas eu não insisto.

Passamos os próximos trinta minutos conversando sobre assuntos mais seguros. Filmes, música, viagens, comida, livros. Ele sabe algo sobre tudo. Ele visitou todas as cidades que sempre quis visitar e as descreve com tantos detalhes que posso imaginá-las como se já tivesse estado lá. Estou tão envolvida em nossa conversa que esqueço de perguntar a ele para onde estamos indo, mas então saímos da Sunset Boulevard e entramos em Beverly Glen.

— Há restaurantes aqui? Achei que essa área fosse toda residencial.

Ele sorri. — O melhor restaurante de Los Angeles fica no topo da colina. Tem uma vista incrível do Vale de um lado e da Baía de Santa Mônica do outro.

Seguimos pela estrada sinuosa colina acima, cada casa por onde passamos fica maior. Eventualmente, a única coisa que vejo delas são telhados atrás de portões. Depois paramos diante de um enorme portão de pedra. Diminuímos a velocidade, Cole levanta o queixo para o guarda uniformizado que aparece na janela e passamos.

A mesma coisa acontece em outro portão de guarda a quinze metros de distância.

Aonde quer que estejamos indo, deve ser exclusivo. A propriedade aqui em cima está entre as mais caras de toda Los Angeles e, a julgar pelo tamanho das casas pelas quais estamos passando, elas estão cheias de celebridades e ricos.

Paramos em uma entrada ladeada em ambos os lados por enormes palmeiras e estátuas de leões de pedra. O portão de ferro preto é enorme, abrangendo toda a largura da entrada e continuando ao longo da rua em ambos os lados. Não consigo ver o que há além do portão por causa de todas as árvores e arbustos que o cercam, mas então ele se abre e passamos, revelando o prédio além.

Propriedade, em vez disso.

É uma casa, uma mansão de estilo italiano incrivelmente bela, inundada de luz suave da iluminação paisagística escondida entre uma vegetação exuberante.

— Cole?

— Hum?

— Isso não é um restaurante.

Sua risada é suave e satisfeita. — Ah, esse seu intelecto aguçado, Srta. Sanders.

Passamos pelos portões e entramos em um grande pátio com uma fonte central. Ele estaciona o carro em frente a uma entrada de pedra em arco, desliga o motor e se vira para mim.

— Espero que você goste de comida de fusão asiática. Wolfgang fez sua famosa lagosta de Xangai para nós.

— Wolfgang? Como em *Puck*?

Ele pisca para mim. — Espero que você esteja com fome. — Ele sai do carro e vem para o meu lado, abrindo a porta e esperando enquanto eu desfivel o cinto de segurança.

Então ele pega minha mão e me leva para dentro de sua casa.

## CAPÍTULO QUARENTA E UM

### *Shay*

O lugar é uma loucura.

O foyer tem tetos abobadados triplos, paredes de janelas que mostram vistas incríveis do cânion e da cidade, e lustres Baccarat em forma de coroa. Um par de escadas curvas de pedra calcária sobem elegantemente para o segundo andar. O piso de mármore branco brilha.

Segurando minha mão, Cole me leva pela entrada da sala principal, que é ainda mais grandiosa. Infinitos pisos de madeira escura são compensados por móveis brancos e paredes decoradas com pinturas a óleo. Um salão fantástico tem um teto coberto de flores artificiais realistas e um lustre que lembra uma explosão de borboletas. Há um bar, uma biblioteca, uma sala de jantar formal, uma sala de cinema e uma adega, e isso é apenas o primeiro andar.

Enquanto fico maravilhada olhando pelas janelas para a enorme piscina do quintal cercada por uma área de estar com piso de arlequim incrustado com quadrados de grama, Cole aperta minha mão.

— O que você acha?

— É como um castelo de conto de fadas. Quem mais mora aqui com você?

— Ninguém.

Eu me viro e olho para ele. Na iluminação ambiente quente, suas feições são mais suaves. Talvez seja minha imaginação, mas seu comportamento também é mais suave, como se, ao simplesmente passar pela porta da frente de sua casa, ele tivesse se livrado de algumas de suas camadas duras.

— Você mora aqui sozinho? Este lugar deve ter uns mil metros

quadrados.

— Mil e quinhentos. Em uma área de vinte e cinco mil metros quadrados. — Ele se vira e olha pela janela para a noite. — Eu gostaria que fossem dois mil, mas não consigo encontrar nenhum lote tão grande na cidade. Há um lugar em Montecito com mais de novecentos mil metros quadrados que eu adoraria comprar, mas o proprietário não quer vender.

Franzo a testa em confusão. — Por que você quer tanto espaço?

— Mesma razão pela qual os animais selvagens precisam de muito espaço.

— Vaguear?

— Para que eles não precisem se esbarrar.

— Você não se sente sozinho?

Ele responde depois de um momento contemplativo, com a voz suave. — O tempo todo.

Lembro-me do que Simone disse no dia em que comecei a trabalhar e escorreguei e o chamei de Sr. Sombrio e Tempestuoso. Ela disse que todos no escritório o chamavam de Grinch, mas o problema do Grinch não era que seu coração era muito pequeno. Ele era insuportavelmente solitário.

Este homem é um mistério. Ele anseia por conexão, mas propositalmente se mantém separado do único lugar onde pode obtê-la. Com outras pessoas.

— Ei, lindo.

Ele olha para mim.

— Obrigada por me trazer aqui. Significa muito para mim.

Com os olhos azuis brilhando, ele estende a mão e acaricia minha bochecha. Ele murmura: — Linda Shayna. Obrigado por ter vindo. Amo ter você aqui.

A emoção incha meu peito, expandindo-se até ficar difícil

respirar. Quero desviar o olhar dele para me esconder, mas não consigo. A força de seu olhar é muito poderosa.

Não sei o que há nele, mas sinto-me atraída por ele de uma forma que nunca me senti atraída por mais ninguém. Seus mistérios e seus humores, sua saudade e sua solidão, todas as partes que ele mantém escondidas de todos por razões ainda desconhecidas.

Eu sei que ele tem segredos. Eu sei que ele não é perfeito. Mas nunca conheci ninguém que eu quisesse entender mais.

— Eu poderia ficar viciado no jeito que você está olhando para mim agora — diz ele, com a voz rouca.

— Se eu lhe perguntar algo, você responderá honestamente?

— Sempre serei honesto com você.

— Quando você não está se esquivando, você quer dizer.

Isso me rende um sorriso. — Qual é a pergunta?

— Posso confiar em você para não quebrar meu coração?

Uma expressão de dor cruza suas feições. Ele fecha os olhos e exala um suspiro silencioso. Quando ele abre os olhos novamente, eles estão cheios de angústia.

— Por que você acha que eu continuo dizendo que não podemos ter um relacionamento?

Isso não deveria doer tanto quanto dói. Quase desejei que ele tivesse mentido para mim. Mas acho que é isso que ganho por fazer a pergunta.

Desvio o olhar, para a noite. — Ok — eu sussurro em meio ao nó na minha garganta. — Justo.

— Shay...

— Não, não vamos estragar isso. Temos esta noite. E temos lagosta de Xangai. E se você for muito, muito bom, vou deixar você me convencer de que deveríamos nadar nus naquela piscina enorme.

Ele me pega em seus braços e me abraça, pressionando o rosto



contra meu pescoço. Ficamos assim por um tempo, abraçados e respirando, até que sinto lágrimas brotando no canto dos olhos e me afasto.

Ele já está partindo meu coração e ainda nem jantamos.

Pegando minha mão, ele me leva através de uma série de portas francesas abertas até o terraço. O ar está quente e parado, perfumado pelas vinhas de madressilvas em cascata que sobem pela balaustrada. Sentamo-nos em uma pequena mesa redonda forrada com linho branco e decorada com porcelana fina e cristais. Velas brancas em suportes prateados adicionam um brilho romântico ao ambiente.

Oprimida, observo a vista.

— Você está quieta — observa Cole, espalhando um guardanapo de linho no colo.

— Estou processando.

Ele balança a cabeça, aceitando a resposta sem me pressionar por mais. Então ele tira o celular do bolso da jaqueta e disca um número. Para quem atende do outro lado da linha, ele diz: — Estamos prontos.

Ele encerra a ligação, desliga o telefone e o coloca de volta no bolso. Então ele tira minha calcinha de outro bolso interno e a segura no nariz. Olhando para mim, ele inspira profundamente.

Envergonhada, balanço a cabeça e desvio o olhar.

— Não seja tímida.

Quando olho para ele, ele está sorrindo.

— Você é estranho.

— Você me disse isso na noite em que nos conhecemos. Você se lembra?

— Sim, e eu estava certa. Guarde isso, por favor.

Ele a dobra com cuidado e a coloca no bolso externo do paletó, arrumando-a até que a calcinha pareça um lenço de bolso.

— Não quero saber quantas vezes você já fez isso antes, mas você

é muito bom nisso. Por favor, não me diga que você vai usá-la em uma reunião.

— Oh, estará comigo aonde quer que eu vá.

Ele ri da minha expressão. Adoro sua risada, aberta e desprotegida, alta e feliz. O som me emociona. Eu paro e olho para ele, hipnotizada.

Com os olhos brilhando, ele se inclina sobre a mesa e pega minha mão. — Aí está aquele olhar de novo.

— O olhar?

— Aquele em quem sou viciado.

— Aquele em quem você disse que *poderia* ficar viciado, você quer dizer.

— Aparentemente, um golpe era tudo que eu precisava.

Corando, olho para a mesa. — Você está exagerando porque eu disse aquela coisa sobre nadar nus.

— Você sabe que não estou.

Eu olho para cima. Nossos olhares se travam. Meu sistema nervoso entra em alerta máximo e começa a incendiar partes do meu corpo. Como ele faz isso comigo?

— Você é tão linda. Porra, Shay. Porra.

Sua voz é baixa e veemente e seus olhos brilham. Eu gostaria de poder tirar uma foto do rosto dele para poder me lembrar dele neste momento, para poder olhar para ele quando as coisas ficarem difíceis entre nós, o que eu sei que vai acontecer.

Eu sussurro: — Obrigada.

Ele se inclina e beija meus dedos quando dois jovens chegam à nossa mesa. Eles estão vestindo camisas brancas de mangas compridas, calças pretas e coletes pretos com a palavra *Spago* costurada em letras brancas no peito.

— Boa noite — diz o loiro mais alto. — Eu sou Brett. Estarei

servindo vocês esta noite. Christian está me ajudando. — Ele acena para seu companheiro, um jovem esguio com um lindo sorriso e olhos grandes e escuros.

Cole se recosta na cadeira, cruza as pernas e cruza as mãos no colo. Ele me observa com uma intenção inabalável enquanto nossos garçons colocam pratos de comida na nossa frente e vinho nas taças de cristal.

Brett aponta para meu prato. — Para o nosso primeiro prato, temos bolinhos de barriga de porco com vinagre preto, molho de pimenta e gengibre, combinados com o Riesling austríaco seco favorito de Wolfgang. *Bon appétit*.

Eles se retiram, deixando-me mais sobrecarregada do que antes.

Porque é claro que ele faria isso, Cole percebe.

— O que está errado?

— Nada está errado. Isso é simplesmente... incrível. Você se deu muito trabalho. Espero que você não pense que sou o tipo de garota que não ficaria feliz em receber comida de uma pizzaria.

Sua voz fica suave. — Eu sei que tipo de garota você é. E não se preocupe com o esforço. O prazer é meu.

— Ainda assim, Cole. Isso é muito.

— Vale a pena só para ver sua expressão.

— Bem, obrigada. Por tudo. Mas não pense que eu espero...

— Vou dar coisas a você — ele interrompe. — Coisas legais. Coisas que você merece, coisas que me deixará feliz em lhe dar, porque sei que você as apreciará, mas também de forma egoísta, porque sei como me sentirei bem em fornecê-las a você.

Eu exalo uma respiração instável, desejando não me sentir tão instável. — Tudo bem, mas não fique desapontado quando vier até minha casa e eu servir espaguete em lata para você.

— Você está brincando? São meus favoritos.

Sorrindo, ele pega sua taça de vinho e toma um gole. Eu também, feliz por me distrair do turbilhão de emoções que me invadem. Então decido ser ousada e apenas dizer o que penso.

— Não tenho certeza de como isso deveria funcionar. Você não quer um relacionamento, mas quer me dar coisas. Você disse que eu nunca mais preciso me preocupar com nada, mas também disse aquela coisa de ter apenas uma série de casos de uma noite.

— Você disse aquilo. Eu apenas concordei.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Coma seus bolinhos antes que esfriem.

*Outro desvio. Que irritante.* Mantenho esse pensamento para mim enquanto pego meu garfo e esfaqueio um bolinho gordo. Fico irritada por dez segundos até que começo a mastigar e os sabores explodem na minha língua.

— Oh. Oh, meu Deus. Uau... caramba, isso é bom.

— Uau? — ele repete, rindo.

— Não me faça jogar um bolinho em você.

— Você pode jogar o que quiser em mim, querida.

Sua voz é tão suave e carinhosa, seus olhos tão calorosos que me fazem tremer. Abaixo o olhar para o prato para evitar dar a ele um vislumbre de tudo o que estou sentindo. Se o faz, ele deixa passar sem comentários, parando para tomar outro gole de vinho.

Terminamos o primeiro prato em um silêncio confortável. Bem, ele parece confortável. Estou cheia de perguntas que tenho que engolir junto com a comida. O segundo prato chega quando estou prestes a perguntar a ele sobre Axel novamente, o que, espero, daria uma oportunidade para perguntar sobre Emiliano... e depois sobre todo o resto.

Christian limpa nossos pratos. Brett coloca dois novos na nossa frente.

— Lagosta de Xangai com molho de curry e espinafre crocante.

*Bon appétit.*

Confusa, eu o vejo sair. — Você acha que ele terá problemas se não disser *Bon appétit* toda vez que colocar um prato na frente de alguém?

— É apenas um jantar requintado. Ah. Merda.

Surpresa com a mudança repentina em seu tom, olho para ele. — O que está errado?

— Nunca perguntei se você gosta de lagosta.

— Você tem razão. Você não fez isso.

Ele espera que eu continue. Quando não o faço, ele levanta as sobrancelhas. — Bem?

— Eu sou alérgica, na verdade. Mortalmente alérgica. Causa urticárias horríveis.

Quando eu espeto um suculento pedaço de lagosta e o mergulho no pequeno pote de manteiga derretida, depois coloco na boca, sua expressão fica azeda.

— Espertinha.

— Culpada. Oh, Deus, isso é ainda melhor do que os bolinhos!

Ele olha para a bola de manteiga que sinto escorrendo pelo meu queixo e lambe os lábios.

— Certifique-se de guardar um pouco dessa manteiga.

— Por quê?

Ele sorri. — Vou precisar disso para mais tarde.

— Você está planejando comer torradas de sobremesa?

— Estou planejando convidar você para a sobremesa. Bem ali, naquela espreguiçadeira.

Olho para o conjunto de móveis próximo de nós em um lado da piscina. Quatro espreguiçadeiras listradas ficam à beira da piscina. Um longo sofá seccional e um par de poltronas grandes estão dispostos

atrás delas.

Ao lado de uma fogueira acesa ao lado deles há uma espreguiçadeira grande e confortável, coberta com mantas brancas e montes de almofadas.

Ele abre um sorriso de lobo. Meu coração palpita.

— Perdoe-me, Sr. McCord, mas esta é estritamente uma relação comercial, lembra?

Com os olhos brilhando, ele rosna: — O que me lembro é como sua boceta estava molhada quando fodi você na escada, Srta. Sanders. Como você disse meu nome. Quão forte você gozou no meu pau.

Meu coração acelerado começa a bater forte, meus mamilos começam a formigar e uma onda de calor se espalha entre minhas pernas. Eu me inquieto na cadeira, confusa com suas mudanças de humor imprevisíveis, mas incrivelmente excitada com suas palavras.

Sem saber como responder, enfio mais lagosta na boca.

A risada de Cole é suave e satisfeita. — Você é adorável.

— Não tire sarro de mim.

— Nunca, garota linda. Nunca.

Quando olho para ele, encontro-o sorrindo para mim com um olhar de adoração.

Cada minuto que passo com ele, fico mais confusa.

E excitada.

Mas principalmente confusa.

Qual é o problema de relacionamento com ele? O que ele está escondendo?

— Está gostando da lagosta, senhora?

Eu pulo de surpresa. Brett apareceu do nada ao lado da nossa mesa. Ele paira sobre mim, com as mãos cruzadas atrás das costas, seu olhar curioso.

Pressiono a mão sobre meu coração acelerado. — Ah, é maravilhosa. Simplesmente incrível. Muito obrigada.

Sorrindo, ele acena com a cabeça e se retira novamente.

Cole ri por trás do punho.

— Dá um tempo, lindo, estou lidando com a situação da melhor maneira que posso aqui.

— Hum. Então talvez você precise mudar de assento.

Ele se levanta e me puxa para ficar de pé, em seguida, pega sua cadeira novamente, puxando-me para baixo com ele, então estou sentada em seu colo.

Ele beija meu pescoço. — Isso é melhor. Mmm, você tem um cheiro delicioso. — Ele estende a mão e acaricia meu seio, beliscando meu mamilo duro através do tecido. — Você é ainda melhor.

— Você vai estragar o vestido — protesto sem fôlego, olhando em volta para ter certeza de que um dos garçons não está à vista.

Seu beijo se transforma em uma mordida. Ele move a mão do meu peito até a coxa e empurra a barra da minha saia para cima. Quando ele desliza a mão entre minhas pernas, ele rosna em aprovação.

— Você não está usando calcinha, sua garota safada.

— Eu não sabia que você era um colecionador ou teria.

Ele ri, movendo a boca até minha clavícula enquanto preguiçosamente esfrega a mão sobre minha carne, acariciando-me, mas sem deslizar os dedos para dentro. Ele acaricia todos os lados com os dedos e aperta firmemente meus lábios, fazendo meu pulso acelerar.

No meu ouvido, ele diz: — Peça-me para foder você com os dedos, querida.

— Aqui? Agora? Mas os garçons...

— Não seremos incomodados. Peça-me.

Ele morde minha garganta novamente, desta vez com mais força, sua mão ainda acariciando entre minhas coxas. Meus mamilos estão tão duros que doem. Meu pulso está acelerado e não consigo recuperar o fôlego.

Sua voz fica áspera. — Você já está encharcada, linda. Está tudo na minha mão. Ah, Deus, você é tão perfeita. Precisa que eu foda você com os dedos, não é? Você precisa de mim para fazer você gozar.

Balançando-me contra sua mão, consigo dizer, sem fôlego: — Sim.

— Peça-me. Diga por favor.

Eu amo o lado dominante dele. Esse lado autoritário e mandão que surge quando ele está excitado. Minha excitação faz minha voz tremer.

— Por favor, Cole. Foda-me com os dedos. Faça-me gozar. Por favor.

Ele enfia um dedo dentro de mim e toma minha boca, beijando-me com força, inalando meu gemido e devolvendo-o com um profundo grunhido de prazer que me excita ainda mais. Agarro seu rosto e o beijo de volta enquanto monto em sua mão.

Quando gemo em sua boca, ele se afasta e ordena: — Abra os olhos. Olhe para mim.

Minhas pálpebras se abrem. Ele olha para mim com olhos de fogo enquanto acrescenta outro dedo ao primeiro e começa a acariciar meu clitóris com a ponta do polegar.

O som que faço vem do fundo do meu peito.

— Continue olhando para mim, baby. Não desvie o olhar. Abra mais as pernas. É isso. Porra, sim, é isso.

Eu sussurro o nome dele.

Ele puxa meu clitóris inchado, fazendo-me estremecer e gemer de prazer impotente. Então ele começa a enfiar os dedos para dentro e para fora, profundo e firmemente, seus dedos fortes mergulhando em



meu núcleo, enviando ondas de choque de prazer por todo o meu corpo.

— Oh, Deus. Ah, meu Deus, Cole. Cole...

— Dê para mim, baby. Dê isso para mim, agora.

Eu caio no limite olhando em seus olhos, rendendo-me a essa estranha magia que tecemos toda vez que estamos juntos, e esperando que no final esse feitiço que ele lançou sobre mim seja feito de mais luz do que escuridão.

Esperando, mas não acreditando que isso acontecerá.

# CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

## *Cole*

Ela engasga. Sua doce boceta aperta meus dedos. Então ela enrijece e geme.

Ela goza olhando nos meus olhos.

Qualquer pensamento que tive de resistência foi eliminado. Eu derreto por ela. Eu queimo. Eu quebro. Ela é a coisa mais perfeita que já conheci. A maneira como ela se entrega completamente a mim me deixa tremendo.

Ela deixa cair a cabeça no meu ombro e geme novamente. Seu corpo estremece. Sua boceta lateja e convulsiona ritmicamente em volta dos meus dedos. Meu pau está tão duro e desesperado para entrar dentro dela que dói.

E ela continua repetindo meu nome, sem parar, esse canto sussurrado que me faz sentir um rei ou um deus, grande e poderoso, capaz de tudo.

Tanto da criação quanto da carnificina. De amor tanto quanto de ódio. Do bem em vez de todo o mal escondido dentro de mim, o mal que sempre fica mais leve e respira mais fácil quando ela está por perto.

Depois de um momento, seu corpo relaxa. Suas pálpebras se fecham. Ofegante, ela lambe os lábios e reclina-se contra mim, exuberante e saciada, a cabeça no meu ombro, a respiração irregular.

Ela está tão molhada que toda a minha mão está escorregadia.

Com o coração doendo, beijo sua bochecha e sussurro em seu ouvido: — Se eu cair por você, prometa que vai me pegar.

Quando ela abre os olhos, eles estão turvos de prazer. Ela

descansa a mão na minha bochecha e sorri um sorriso angelical. — Eu vou pegar você, lindo. Prometo.

Para aliviar o momento e lidar com a pressão esmagadora dentro do meu peito, faço uma piada fraca. — Pode doer. Eu peso muito.

— Sou mais forte do que pareço.

Ela me beija docemente, suspirando contra minha boca enquanto retiro meus dedos de seu corpo. Então ela observa, com suas bochechas ficando vermelhas, enquanto eu vagorosamente lambo cada um de seus sucos, saboreando seu sabor.

— Isso é totalmente carnal.

— Eu comeria você em todas as refeições, se pudesse.

— Isso pode ser arranjado, lindo.

— Eu preciso foder você, mas precisa comer primeiro.

— Sim, por favor, para a primeira coisa e uma pausa para a segunda.

— Não é uma negociação, linda. Fique de pé.

Eu a ajudo a se levantar, firmando-a quando ela cambaleia. Então a ajudo a se sentar, coloco o guardanapo em seu colo, dou-lhe um beijo profundo e apaixonado e volto para minha cadeira.

Ela me encara do outro lado da mesa enquanto eu engulo o vinho, tentando fingir que minhas mãos não estão tremendo.

Porra. O que ela faz comigo. Ela é um terremoto e eu sou um velho prédio de madeira que range, sem nenhum suporte na fundação. A mulher me deixa em escombros.

— Ok, lindo. Faça do seu jeito.

Eu sorrio. — Que outra maneira existe?

Nós comemos. Os grilos fazem uma serenata para nós. Uma brisa quente sussurra por entre as árvores. Nossos olhares continuam se encontrando, fixando-se e prendendo-se por breves momentos, separando-se e então capturando-se e mantendo-se novamente. Os

garçons pegam nossos pratos e trazem algo novo que como sem provar, porque estou muito envolvido com ela para notar qualquer outra coisa.

Finalmente, a refeição termina e a mesa está limpa, exceto por nossas taças de vinho e um pequeno pote de manteiga derretida que insisti em ficar. Os garçons se despedem, deixando-nos sozinhos no terraço.

Quando eles vão embora, viro-me para Shay. — Tire seu vestido. Deixe os saltos. Deixe-me olhar para você.

Sua respiração fica presa. Seus dedos tremem na haste da taça de vinho. Ela lambe os lábios, toma outro gole de vinho e depois se levanta, colocando o guardanapo de lado.

Sem dizer uma palavra, ela abre o zíper do vestido e o tira, pendurando-o nas costas da cadeira.

Então ela fica ali olhando para mim usando apenas o luar, salto alto e um sorriso pequeno e tímido.

Com o coração martelando e meu pau como aço, digo rispidamente: — Sem sutiã também.

— Eu não queria estragar as linhas do vestido.

Eu estendo minha mão. — Venha aqui.

Ela se aproxima de mim lentamente, dando tempo para saboreá-la. Meus olhos a absorvem. Pele brilhante e seios fartos, pernas longas e cabelos escuros, movimentos como versos de poesia lírica.

Estou obcecado em possuí-la.

Não apenas seu corpo, mas seu coração. A mente dela. Sua alma. Eu quero devorar essa mulher. Marcá-la. Marcá-la como minha e somente minha.

O fato de não poder torna tudo muito mais poderoso e muito pior.

— Inclina-se sobre a mesa na minha frente.

Movo a cadeira para trás e abro as pernas para que ela possa ficar entre elas. Então observo enquanto ela me obedece, abaixando o peito sobre a mesa e me apresentando sua bunda redonda e perfeita.

Começando pelos tornozelos, passo minhas mãos até suas coxas. — Abra mais as pernas. Mostre-me essa boceta.

Com as pernas tremendo, ela faz o que lhe mando. Sentado na minha cadeira, tenho uma bela vista do seu corpo, ombros e costas e sua boceta exposta, gorda, rosada e brilhante.

E o pequeno e doce buraco de carne enrugada entre as bochechas de sua bunda.

— Cole?

— Silêncio.

Ela apoia o rosto na toalha de mesa e estremece. Quando corro a ponta do dedo ao longo da costura onde sua boceta encontra sua coxa, ela respira fundo.

Eu me inclino e mordo sua bunda succulenta. — Eu disse silêncio, baby. Nenhum outro som seu.

Eu quero foder essa bunda. Eu quero provar. Eu quero lamber. Quero ouvi-la gemer enquanto dirijo profundamente, alcançando para beliscar seus mamilos.

O que faço em vez disso é pegar meu vinho, recostar-me na cadeira e apreciar a vista.

É espetacular.

Ela mexe a bunda, fazendo meu pau pular. Eu digo: — Você não está no comando, querida. — E bato nela uma vez, de leve, com a palma da mão aberta.

Seu sussurro pequeno e ofegante de *mais forte* é tão excitante que quase quebro e arranco meu pau duro para fora da calça e o mergulho dentro dela. Mas eu me controlo, optando por me divertir um pouco com minha beleza obediente enquanto ela ainda está sendo obediente.

Conhecendo-a, não durará muito.

Viro a taça de vinho sobre sua bunda e deixo que uma pequena quantidade de vinho escorra sobre sua bunda e boceta. Então eu me inclino e lambo avidamente, chupando seus lábios e girando minha língua em torno daquele botão enrugado.

Ela geme e eu rio. — Garota má. Tão má.

Eu bato nela novamente, adorando como sua bunda balança quando bato nela.

— Cole — ela sussurra sem fôlego. — Por favor.

Ela quer mais, e eu também, mas ela sempre se esquece de quem está no comando. Então aproveito o tempo para derramar mais vinho sobre ela, acariciando seu clitóris molhado e lambendo sua bunda até ela gemer e balançar os quadris.

Eu me levanto e me movo ao redor da mesa para ficar perto da cabeça dela. Tiro o paletó e coloco-o nas costas da cadeira sobre o vestido dela, depois desabotoo o cinto e abro o zíper da calça. Pego meu pau duro na mão.

— Chupe-me enquanto dou a surra que você está implorando.

Sem hesitar um segundo, ela abre a boca.

— Boa menina.

Eu guio minha ereção pelos lábios dela. Ela geme e fecha os olhos. Deslizo a mão sob sua cabeça para apoiá-la enquanto ela me leva garganta abaixo. À luz da lua, vejo arrepios em suas costas, e essa simples evidência de seu prazer e emoção me deixa louco. Isso me faz sentir como um animal.

Eu me inclino e bato nela com força até que ambas as bochechas fiquem rosadas. Quando paro, estou ofegante de excitação. Sua boceta pulsa sob meus dedos quando eu a acaricio.

— Você quer que eu foda isso, não é, baby?

Ela geme em volta do meu pau novamente.

Minha risada é sombria e satisfeita. — Eu sei que você quer. Continue chupando.

Mergulho meus dedos no pequeno pote de manteiga derretida, sibilando de prazer quando a cabeça do meu pau toca o fundo de sua garganta. Então deslizo meus dedos amanteigados entre suas nádegas e acaricio seu ânus enquanto ela geme mais alto, incentivando-me.

Eu sussurro: — Uma garota tão gananciosa — e afundo meu dedo em sua bunda.

Ela choramanga.

Eu olho para ela enquanto trabalha no meu pau, parando na coroa para girar sua linda língua rosa em torno dele, em seguida, deslizando os lábios sobre o eixo, esforçando-se para frente para pegar o máximo que puder enquanto eu a fodo com os dedos.

Quando falo, minha voz é gutural. — Eu vou gozar nessa bunda, baby. Vou foder sua doce boceta primeiro, mas depois vou entrar fundo na sua bunda. E quero ouvir você gritar meu nome quando eu fizer isso, entendeu?

Sem esperar por uma resposta, retiro meu dedo de sua bunda e meu pau de sua garganta, depois a viro e a pego em meus braços.

Eu a carrego pelo lugar e contornando a fogueira até a espreguiçadeira. Ela se agarra aos meus ombros, olhando para mim com olhos arregalados e lábios entreabertos, respirando de forma irregular. Quando me ajoelho na beira da espreguiçadeira e a deito suavemente, ela tira os saltos e deita com os braços sobre a cabeça enquanto eu tiro a roupa.

A luz do fogo lança um brilho dourado sobre sua pele nua. Deitada nua nas almofadas e nas mantas macias, com os mamilos duros e o peito subindo e descendo rapidamente, ela parece indomável e linda, uma coisa selvagem que peguei na floresta e trouxe para casa para comer.

É ter esses pensamentos românticos ridículos que me faz perceber o quão profundamente já estou envolvido. Pedi a ela que me segurasse se eu caísse, mas a realidade é que já caí.

Agora é só uma questão de descobrir até que ponto vou me

despedaçar quando bater no chão.

Ajoelho-me entre suas pernas abertas e depois me abaixo em cima dela, equilibrando meu peso nos antebraços. Nós nos encaramos em silêncio enquanto ela alcança nossos corpos e me pega na mão.

Apoiando meu peso em um cotovelo, aperto seu seio e depois me inclino para capturar um mamilo duro em minha boca. Quando eu chupo, ela estremece.

Eu vou e volto entre cada seio, lambendo e chupando seus mamilos tensos até que ela esteja ofegante e se contorcendo embaixo de mim, deslizando a cabeça do meu pau para cima e para baixo entre os lábios encharcados de sua boceta, incentivando-me a avançar com seus quadris em um apelo sem palavras.

Quando sei que ela está prestes a implorar, eu a beijo e empurro para dentro.

Ela surge contra meu peito com um grito abafado e joga os braços em volta dos meus ombros e as pernas em volta da minha cintura. Eu a fodo profundamente e com força até que suas coxas tremem e ela arranha minhas costas.

Ela chega ao clímax, gritando em minha boca. Eu engulo seus gritos e a fodo durante seu orgasmo até que minhas bolas doem com a necessidade de gozar.

Então eu me afasto dela, coloco-a de bruços, coloco uma almofada sob sua barriga para que sua linda bunda fique inclinada para cima e me posiciono entre suas pernas. Com o meu peito nas costas dela, abaixo a cabeça e coloco a minha boca contra a sua orelha enquanto pressiono a cabeça do meu pau contra a sua bunda.

— Preparada?

— Sim!

Um empurrão lento, um momento de resistência, seu grito suave de prazer ou dor. Então seu corpo se submete a mim, e a cabeça inchada do meu pau desliza para dentro do calor apertado e enrugado.



Ela estremece e enterra o rosto nas almofadas, gemendo meu nome.

Respirando com dificuldade e suando, fico imóvel por um momento, dando-lhe tempo para se ajustar a mim. Beijo seus ombros e pescoço, acaricio seu cabelo com o nariz.

Quando a sinto relaxar, flexiono levemente os quadris, pressionando para frente, tremendo com a necessidade de mergulhar mais fundo, mas me segurando para ter certeza de que ela está bem.

Então ela levanta os quadris de repente, empurrando-me totalmente para dentro.

O gemido que passa pelos meus lábios é baixo e entrecortado. Acho que posso desmaiar de pura felicidade. Eu respiro: — Foda-se — e gemo novamente.

— Você continua me dizendo que está no comando, lindo, mas nós dois sabemos quem é o verdadeiro chefe.

Deixo minha testa no espaço entre suas omoplatas e rio baixinho, aproveitando o momento, a luz do fogo, o cheiro de seu cabelo e pele. — Você está certa, baby. Você está sempre certa.

— Sério?

— Não.

Deslizando minha mão entre suas pernas, acaricio seu clitóris enquanto empurro dentro dela. Eu brinco com sua boceta e fodo sua bunda até ela ter um orgasmo, gritando meu nome, e nenhum de nós se importa mais com quem está no comando.

Eu a sigo até o limite desejando ser um homem diferente, sem céus cheios de segredos e oceanos de sangue nas mãos.

## CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

### *Shay*

Grogue com o brilho, deito-me calmamente nos braços de Cole, envolta em seu calor e força. O suor esfria na minha pele. O fogo pinta o quintal com padrões dançantes de luz e sombra. Seu coração pulsa sob minha orelha com a batida forte e constante de um tambor e, pela primeira vez, minha mente está tranquila.

Não sei o que está além deste momento. Tudo o que sei é que ele parece como lar para mim de uma maneira que nunca esperei que qualquer homem pudesse ser.

É assustador.

Assim que essa compreensão chega, minha mente tranquila explode em um tornado de perguntas, preocupações e resultados imaginados para esse nosso não-relacionamento, cada um progressivamente pior.

Ele desperta, virando a cabeça para beijar meu cabelo. Sua voz é um murmúrio rouco: — Você está bem?

— Sim. Por quê?

— Você está pensando.

— Deus me livre.

— Exatamente. Daí a pergunta.

Suspirando, fecho os olhos e me aconchego mais perto dele. — Esta manhã na escada.

— Sim?

— Não usamos proteção.

Espero que ele diga alguma coisa, mas ele não diz, então

continuo. — O que eu quis dizer é que provavelmente deveríamos conversar sobre contracepção. Supondo que continuaremos fazendo isso, o que espero que continuemos.

Ele inspira lentamente e depois expira silenciosamente, deslizando as pontas dos dedos para cima e para baixo em meu braço. Ele beija minha cabeça novamente, então me puxa para cima dele, arrumando meu corpo sobre o dele, então eu o uso como um grande travesseiro. Ele puxa uma das mantas peludas e macias sobre minhas costas, depois coloca a mão na minha cabeça e a enfia no espaço entre o pescoço e o ombro, mantendo-a lá enquanto fala.

— Presumo que você não esteja tomando pílula.

— Eu não disse isso.

— Então você está tomando pílula?

— Sim. Nunca parei depois que Chet e eu terminamos.

Depois de uma pausa, ele diz: — Ah. Esta conversa não é realmente sobre contracepção.

— Não estou acusando você de não revelar que tem uma DST, se é isso que você está pensando.

— O que estou pensando é que você está procurando respostas sobre a nossa situação que não posso dar.

Um nó se forma na minha garganta. A dor se forma em uma bolinha doentia no meu estômago. Eu gostaria de não estar tão emocionada, mas isso é como dizer que gostaria que o céu não fosse azul. Nada pode ser feito sobre isso.

Por que continuo me adiantando com esse homem? Por que já estou tão envolvida? Eu sei que qualquer que seja a situação entre nós, será uma bagunça, então por que estou me preparando para o desgosto que quase certamente está por vir?

Ah, sim, porque sou uma romântica teimosa e tola que nunca aprende as lições que o universo continua tentando me ensinar sobre o verdadeiro custo do amor.

Ele tem razão. Eu deveria parar de ler romances.

— Posso fazer uma pergunta? — Sem esperar por uma resposta, apresso-me: — Por que você diria que me compraria um anel se não podemos ter um relacionamento?

— Perguntei se você queria que eu comprasse um anel para você, mas não que eu quisesse.

— Entendo. Perdoe-me enquanto deito aqui e morro de vergonha.

— Shay. Amor. Por que não podemos simplesmente viver um dia de cada vez?

Estou magoada e com raiva, mas ele me chamou de amor, então isso tira um pouco da minha angústia. Deito-me em seu peito e tento argumentar comigo mesma que estou pedindo demais, cedo demais, mas então fico brava de novo.

— Ei, lembra há pouco quando me pediu para prometer que pegaria você se caísse por mim? Acho que devo ter interpretado isso da maneira errada. Você estava realmente falando sobre cair na minha vagina, correto?

Ele rola, prendendo-me sob seu corpo pesado e olhando para baixo com uma intensidade ardente em meus olhos.

Ele rosna: — Você sabe o que eu quis dizer, e não foi cair na sua maldita vagina.

— Então você estava aludindo a se apaixonar por mim.

— Você gostaria que eu fizesse um desenho para você?

— Não há necessidade de ser sarcástico. A propósito, um belo desvio. Você é incrivelmente bom nisso.

Seus lábios estão finos. Seus olhos se estreitam. Nuvens de tempestade se acumulam sobre sua cabeça. Tudo isso pode me convencer a abandonar o assunto, exceto que eu simplesmente decidi que já estou farta de dançarmos em círculos um com o outro.

— Ok, Cole. Vou apenas perguntar por que não gosto de toda essa coisa de grande mistério que você está fazendo. O que você está

escondendo? Você tem uma esposa escondida em algum lugar? Uma namorada que você não me contou? Um bando de crianças?

— Não, não e não. E agora vamos subir, tomar banho e ir para a cama.

Nariz com nariz, olhamos nos olhos um do outro. Posso dizer que ele realmente quer dizer que este é o fim da discussão. Ele não responderá mais perguntas. Ele não vai me dar mais do que já deu.

Talvez nunca.

Ele espera em silêncio enquanto eu luto com desejos conflitantes de deixar isso passar e ver aonde o tempo nos leva ou me levantar e sair de sua casa e de sua vida para sempre.

Em vez de fazer qualquer uma dessas escolhas, jogo a bola de tênis de volta para o lado dele da quadra.

— Ok. Eu acredito em você. E vou deixar isso de lado por enquanto. Mas aqui está algo que quero que você pense, especialmente à luz do que aconteceu na sexta à noite e das coisas pelas quais você se desculpou depois, ou seja, coisas das quais você não se orgulhava, como bater portas e levantar a voz.

Faço uma pausa para ter certeza de que tenho toda a sua atenção. Eu tenho, então continuo.

— Há uma linha tênue entre a privacidade, que é um direito de todos, e o controle do fluxo de informações, que é algo que os caras malvados têm.

Sua resposta é instantânea. Ele fala em um tom baixo e calmo enquanto olha diretamente nos meus olhos.

— Acredite, estou muito ciente do comportamento dos abusadores. E se estivéssemos em um relacionamento sério, eu contaria tudo a você. Nenhuma parte da minha vida ficaria escondida de você, e eu esperaria o mesmo em troca. Mas como continuo dizendo a você, *não tenho relacionamentos*. Há razões para isso, razões muito válidas, mas a principal é porque estar comigo não é seguro. Não porque eu iria prejudicar você de forma física ou emocional, mas

porque meu estilo de vida é perigoso. Isso não é um exagero. É perigoso, Shay, e o que você encontrou até agora na forma como lidei com Dylan é apenas a ponta do iceberg. Então, sim, eu quero você, e sim, estou me apaixonando por você, mas porque sei o que sei, não posso deixar isso ir além.

Minha garganta fecha. Meu pulso acelera. Minha vergonha é um poço sem fundo no qual me jogo de cabeça.

Ele está me dizendo abertamente que é isso. Conexões aleatórias conforme sua conveniência.

Sem compromissos, sem perguntas, apenas sexo.

Eu não deveria estar tão magoada. Não é como se ele não tivesse dito isso desde o começo. Eu simplesmente não tenho ouvido.

— Entendo. Acho que gostaria de ir para casa agora.

— Shay, por favor, escute...

— Não, ouça você, Cole. Ouvi você. Entendo. E como você quer viver sua vida depende totalmente de você. Mas você sabe o quê? Eu mereço mais do que ligações noturnas e um coração descomprometido. Então, sim, isso foi incrível, e sim, estou completamente louca por você, mas você precisa me deixar levantar agora, porque estou indo para casa.

Ele fecha os olhos e murmura: — Porra.

Então ele exala pesadamente e sai de cima de mim.

Levanto-me, agarro os saltos e atravesso o pavimento coberto de relva até ao terraço, onde pego o vestido da cadeira e o coloco. Enquanto fecho o zíper, ele se aproxima, nu e estupidamente lindo, com o rosto dolorido.

Ele me observa calçar os sapatos e, de repente, puxa-me para seus braços.

Com uma voz crua, ele implora: — Fique. Por favor.

Quando não respondo, ele me aperta com mais força. — Vou levar você para casa pela manhã. Apenas fique comigo esta noite,

baby. Por favor, fique comigo.

A vulnerabilidade em sua voz derrete minha frágil determinação. Descanso minha bochecha contra seu peito e fecho os olhos, tentando esconder a dor na minha voz quando falo.

— Ok. Só por esta noite. Você me segura até o sol nascer, lindo, então eu me transformo em uma abóbora.

Ele beija meu pescoço. Sem outra palavra, ele me pega e me leva para dentro.

# CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

## *Cole*

Ela fica em silêncio enquanto eu a carrego pela casa e subo as escadas até o quarto master, mas de vez em quando ela solta um suspiro suave e triste.

Eu sei que ela não sabe que está fazendo isso, mas isso me mata mesmo assim.

Eu deveria ter ficado longe. Eu deveria ter sido mais forte. Eu deveria saber que quaisquer forças que a levaram a parar na porta do meu escritório em seu primeiro dia como minha nova assistente eram sombrias e distorcidas, porque seja o que for que o Destino tenha reservado para mim, sempre soube que era ruim.

Não existem coincidências.

Shay foi colocada no meu caminho para me lembrar de tudo que nunca poderei ter. Para me lembrar que há uma razão para eu ficar longe das pessoas. Uma razão pela qual não chego perto. Uma razão que é maior do que os meus próprios desejos egoístas, não importa quão fortes esses desejos possam ser.

Jurei que minha vida seria dedicada a algo maior do que eu. Um voto que mantive por muito tempo. Mas ela sentou-se à minha mesa no bar do hotel semanas atrás e sorriu para mim, e não pensei em mais nada desde então.

Eu quero tanto ser o homem que ela precisa. Mas a única coisa que posso dar a ela é a incerteza.

Como ela disse, ela merece coisa melhor.

Eu a carrego para dentro do banheiro principal e a coloco no chão. Eu tiro o vestido dela. Enquanto ela usa o toilet, ligo o chuveiro e deixo a água em uma temperatura agradável, depois a pego nos



braços quando ela entra.

Ficamos juntos em silêncio, deixando a água quente fluir sobre nossa pele. Nossas cabeças inclinadas, nossos braços em volta um do outro, o vapor subindo em nuvens ondulantes que nos acariciam suavemente... o momento parece sagrado.

Isso é, se eu soubesse o que é santidade.

Então ela respira fundo e pega um sabonete no nicho na parede. Segurando-o para mim, ela sorri.

— Tudo bem, cowboy. Você me deixou muito suja. Melhor me limpar.

E meu coração se parte. Simplesmente quebra. Por ela, por quão corajosa, doce e maravilhosa ela é, e por mim também, porque nenhum homem deveria receber tudo o que sempre quis quando o que ele quer é exatamente o que ele não pode ter.

Pego o sabonete da mão dela, forço um sorriso e decido que não vou estragar nossas últimas horas juntos sendo piegas. — Sim, senhora. Diga-me por onde você quer que eu comece.

Ela fica na ponta dos pés e me beija.

Eu a beijo de volta, tentando fingir que a humidade em meus olhos vem do chuveiro.

\* \* \*

Depois do banho, eu a seco e a carrego para a cama. Ela ri de mim, protestando que sabe andar, mas sei que esta será a última vez que poderei fazer isso, então o faço.

Faço amor com ela novamente. É diferente de antes, mais suave, mais doce e devastadoramente poderoso.

Provavelmente porque ambos sabemos que é um adeus.

Ela adormece em meus braços. Fico acordado, observando o jogo

de sombras no teto, sofrendo por todos os momentos que não poderemos compartilhar. Finalmente adormeço, apenas para acordar com um sobressalto algum tempo depois.

O quarto está escuro e silencioso, mas sinto como se alguém observasse nas sombras.

Eu escuto com atenção, meus ouvidos e olhos abertos, meu pulso acelerado. Minha velha amiga paranoia me faz questionar tudo: o zumbido do ar-condicionado, o rangido de uma tábua do piso, o farfalhar de um galho de árvore do lado de fora da janela.

Então ouço um toque distante e percebo o que me acordou.

Com cuidado para não incomodar Shay, levanto-me e ando nu até o armário. Pego uma calça de moletom na cômoda e visto-a no escuro. Então saio do meu quarto e sigo o corredor até meu escritório, onde o celular na minha mesa continua tocando.

É a linha que uso nos negócios. O número que apenas pessoas perigosas ou desesperadas têm.

— *Yonige-ya.*

Uma voz masculina com sotaque britânico me responde. — Você está a caminho?

É Axel. Eu franzo a testa. — Para onde?

— Temos uma mudança esta noite.

Porra. Não esta noite, de todas as malditas noites.

— Desde quando?

— Desde terça-feira da semana passada. Eu lhe enviei o pacote. — Ele faz uma pausa. — Não me diga que você esqueceu.

Foi exatamente isso que aconteceu, mas não vou admitir que minha atenção tenha sido ocupada de outra forma. — Confundi as datas.

— Você não confunde suas datas. — Outra breve pausa. — Ela está com você?

Não consigo evitar o rosnado que sobe na minha garganta. — Não é da sua conta, porra.

Ele ri. — Isso é um sim. Olhe para você, tendo uma festa do pijama. Eu perguntaria se você está louco, mas já sei a resposta.

— Foda-se, Axel.

Ele não se ofende. Ele sabe que estou frustrado comigo mesmo, não com ele.

— Eu também amo você, cara. Vou enviar o endereço novamente. Você tem vinte minutos para chegar a Van Nuys. Vai ser apertado.

Ele desliga, deixando-me xingando.

Movendo-me rapidamente, volto para o quarto e me visto no escuro. Meus olhos se ajustaram, então posso encontrar facilmente o que preciso. Pego minha pasta, escrevo um bilhete para Shay, caso ela acorde, e deixo-o no travesseiro.

Eu olho para ela em silêncio enquanto ela dorme por um momento. É quase impossível deixá-la, mas devo.

A 405 está anormalmente silenciosa esta noite. Um pouco de sorte. Acelero pela rodovia em direção ao Valley, meu pé preso no acelerador, minha mente afiada e minhas mãos firmes.

Estou no modo ir.

Já fiz isso tantas vezes antes, é tão automático quanto respirar.

Estaciono a três quarteirões de distância e caminho o resto da distância. As ruas estão vazias. O bairro é desgastado, principalmente prédios de apartamentos construídos após a última guerra mundial, shoppings com lojas de bebidas e lavanderias e um drive-thru aleatório de fast food em uma esquina.

Nem sempre é assim. Também movi mulheres de bairros ricos. O dinheiro resolve alguns problemas, mas amplifica outros.

Uma van Sprinter preta com placas falsas está parada do outro lado da rua do prédio de quatro andares para onde estou indo. Axel está ao volante. Ele me vê e me dá um sinal de positivo.

Então estou parado na frente do apartamento 2B, batendo levemente.

A mulher que abre a porta é franzina, com cabelos castanhos crespos e pele cor de giz. Seu suéter está surrado e seus sapatos também são velhos, mas o hematoma roxo em sua bochecha é recente. O mesmo acontece com a queimadura de cigarro nas costas da mão dela.

A garotinha com grandes olhos castanhos escondida atrás dela e agarrada à sua perna tem hematomas em volta da garganta em forma de dedos.

— Olá, Theresa. Você está pronta?

Ela balança a cabeça, abrindo mais a porta para me deixar entrar.

Quando entro, sinto cheiro de fumaça de cigarro e cerveja velha. A sala é pequena, mas arrumada. Uma única luz está acesa no corredor que passa pela cozinha. No corredor, atrás de uma porta fechada, uma televisão está ligada.

Bom. O ruído ambiente mascara todos os tipos de maldade.

A menos, é claro, que ele comece a gritar. O que eles às vezes fazem. Então terei que ser criativo. Um golpe esmagador na traqueia geralmente resolve.

Fecho a porta atrás de mim e me viro para Theresa, que está mastigando a unha do polegar e hiperventilando. Mantenho minha voz baixa e calma, porque sei que seus nervos estão à flor da pele.

— Estarei fora em menos de cinco minutos. Então vou levá-la do outro lado da rua até meu parceiro que está esperando. Ele tem toda a sua papelada. Identificações, passaportes, passagens aéreas. Ele a levará ao aeroporto e a colocará no voo. Quando você chegar em Vancouver, você será recebida por outro de meus parceiros que irá ajudá-la lá.

— Como saberei como encontrá-lo?

— É ela. O nome dela é Kiyoko. E ela vai encontrar você. Apenas

fique dentro do terminal. Ela lhe dará dinheiro e as chaves de um carro e de seu novo apartamento. Você tem meu número se precisar.

Theresa assente. Ela lambe os lábios, olha para o corredor e depois olha para mim. Com os olhos ferozes, ela sussurra veementemente: — Deus abençoe você.

*Tarde demais. O diabo já fez isso.*

— Lembre-se, você nunca mais poderá entrar em contato com alguém que conhece. Sua vida aqui acabou. Theresa Davis e sua filha não existem mais.

Ela balança a cabeça, mas eu já estou me afastando. Ando silenciosamente pelo corredor, paro na porta fechada e retiro as luvas da pasta.

Então abro a porta e entro.

Um homem suado e de cueca boxer está apoiado em travesseiros na cama. Ele está ficando careca, sem camisa e acima do peso, comendo batatas fritas de uma pequena pilha no peito e fumando um cigarro. Latas de cerveja vazias cobrem a mesa de cabeceira e o chão ao lado dele.

Nem todos os abusadores são tão desleixados. Assim como Dylan, a maioria deles parece respeitável. É uma das razões pelas quais eles escapam tanto.

Pessoas boas não acreditam que o mal possa parecer bonito.

O homem na cama se levanta e tenta esconder o medo atrás de um rosnado. — Quem diabos é você?

Deixei-o ficar com esse medo por um momento, apenas uma pequena amostra do terror com que Theresa e sua filha viveram durante anos. — Um amigo da sua esposa.

Eu sorrio e fecho a porta atrás de mim.

## CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

### *Shay*

A nota está escrita com a letra de Cole. As palavras fazem sentido, mas a mensagem subjacente é confusa.

*Baby,*

*Se você acordar e eu tiver saído, não se preocupe. Eu tive que resolver um assunto. Estarei de volta em algumas horas.*

*Adoro você,*

*Cole*

De pé ao lado da cama, vestindo uma camisa branca dele que encontrei em seu armário, leio o bilhete novamente. A inquietação é um rato de esgoto faminto roendo meu estômago.

Tudo sobre isso é estranho. Ele me deixando aqui sozinha, o assunto que ele tinha que resolver, essa assinatura.

Especialmente a assinatura. Ele é especialista em transformar o fechamento de uma carta em uma merda mental.

Então ele me adora, mas não quer se comprometer comigo. Ele me adora, mas não responde às minhas perguntas. Ele me adora, mas me mantém à distância enquanto lança obras-primas de mistério como: Estar comigo não é seguro.

Olho ao redor do quarto, para todos os móveis caros, para as obras de arte e para a decoração elegante, e digo no silêncio: — Isso é besteira.

Quero vasculhar o armário dele, mas não o faço. Quero vasculhar suas gavetas, mas não o faço. Eu quero muito encontrar alguma

evidência do que quer que ele esteja escondendo de mim, mas decido respeitar sua privacidade.

Descalça, desço para a cozinha. As luzes do teto acendem automaticamente, o que é conveniente, mas também estranho. Isso me faz pensar se a casa é operada por inteligência artificial, então fico assustada, porque talvez um computador senciente esteja me espionando por trás das paredes.

O conteúdo da enorme geladeira de aço inoxidável é bizarro. Duas dúzias de ovos cozidos em uma tigela, sete recipientes idênticos de carne e purê de batata-doce e quatro potes de vidro com um líquido bege que parecem shakes de proteína estão dispostos separadamente em fileiras simétricas em cada prateleira. As gavetas de queijos e vegetais estão vazias, assim como ambas as portas.

Não há condimentos, nem salgadinhos, nem sobremesas no congelador.

A única coisa com ampla oferta é o ar frio.

Abro um dos potes de shake de proteína e cheiro, arrependendo-me instantaneamente. O conteúdo cheira a sujeira e repolho, o que significa que provavelmente é saudável. Coloco-o no lugar e pego um dos recipientes de carne e batatas, depois vasculho as gavetas até encontrar um garfo.

De pé na ilha da cozinha, como carne fria e fico mais chateada a cada segundo.

Ele me deixou aqui sozinha.

Ele me *deixou*.

Estou mastigando a carne com raiva quando Cole entra pela porta.

Como um agente funerário, ele está vestido inteiramente de preto. Terno, camisa, gravata. A pasta de couro cinza que ele está segurando tem uma estranha mancha escura na parte superior e lateral, junto com um padrão de respingos que parece arte abstrata.

Ele coloca a pasta no balcão ao lado da geladeira e depois se vira para mim, com uma expressão vazia.

— Olá.

— Oi.

— Você está bem?

— Sim. Você?

— Sim.

Sua energia é estranha. Ele parece calmo, mas é como a calma que vem depois de um treino muito intenso, quando você se cansa fisicamente, deixando a mente limpa.

Os nós dos dedos de ambas as mãos estão pretos e azuis.

Meu coração começa a bater forte. Lentamente pouse o garfo, olhando para aquelas mãos machucadas e os arranhões cicatrizados da outra manhã, quando ele disse que Dylan foi demitido, a maioria dos quais reabriram e estão escorrendo sangue.

— Cole?

— Você não quer saber.

— Isso é engraçado, porque eu estava pensando que sim.

Ele não responde. Ele apenas fica olhando para mim com sua calma estranha e enervante.

— Você me disse que confiava em mim.

— Eu confio.

— Então me diga o que é essa coisa de trabalho que é tão importante que você teve que sair no meio da noite e deixou suas mãos nesse estado.

— Foi uma questão pessoal.

— Uma questão *pessoal*. Como a de Dylan foi?

Ele não diz nada.



— O que você estava fazendo no escuro enquanto eu dormia aqui? Diga-me.

Nada ainda. Um leve cheiro de fumaça de cigarro chega ao meu nariz.

Sua estranha calma me contagia, porque eu deveria estar pirando, mas não estou. A única reação física que tive até agora foi um batimento cardíaco acelerado.

— Eu não sabia que você era fumante, Cole.

— Eu não sou.

— Só saiu para socar algumas árvores, não foi? Algumas rodadas de boxe com um amigo na academia?

— Não.

— Então o quê?

— Eu não posso contar.

— Por quê?

— Porque não posso permitir que você me odeie. Isso acabaria comigo se você me odiasse. Posso lidar com qualquer coisa, menos isso.

Eu olho para ele, tão calmo e bonito, tão estranho e enigmático, e tão obviamente perigoso que permeia o ar ao seu redor, e percebo que este homem parado na minha frente é capaz de qualquer coisa.

Incluindo violência extrema.

Eu sabia disso antes, mas agora sei de uma maneira diferente. Ele não só é capaz de violência, mas também sai em busca dela. Ele anda com ela na escuridão, segurando sua mão. Ele se prepara para isso, evidenciado por aquela pasta com sua mancha sinistra e quaisquer ferramentas de caos que ela contenha.

E, se não me engano, há uma parte dele que também gosta disso.

Minha voz está baixa no silêncio da cozinha. — Você matou alguém?

Ele olha para mim, seu corpo imóvel, seus olhos azuis brilhando.

Seu silêncio fala muito.

Espero que o medo chegue. Ou o choque. Nenhum dos dois chega. O que significa que estou muito fundo nesta toca do coelho para encontrar a saída.

Estou apaixonada por ele, monstro ou não.

Segurando seu olhar, digo: — Eu nunca vou odiar você. Não importa o que você fez. Não importa se você continuar fazendo isso. Não vou odiar você, porque não posso, Cole. Meu coração não me deixa. Então, o que quer que tenha acontecido esta noite, não muda o que sinto. Talvez devesse, mas não muda, e essa é a verdade.

Finalmente, sua estranha postura se quebra. Ele fecha os olhos, aperta a mandíbula e engole. Sua mão direita treme e depois fica imóvel. Sua voz fica rouca. — Você não pode estar falando sério.

— Você sabe que eu estou.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Eu realmente odeio quando você é condescendente. Deixe-me perguntar algo. Pergunta final sobre isso, prometo.

Ele abre os olhos e me encara. Seu olhar me queima até a medula dos ossos.

Aponto para a mão dele. — Você fez isso com alguém ruim? Sim ou não.

Desta vez, sua resposta é imediata. — Sim.

— Isso foi o que eu pensei. Agora, você está machucado em alguma parte do corpo além das mãos?

Quando ele balança a cabeça, eu exalo de alívio.

— Bom. Agora que já cobrimos tudo isso, vamos dividir essa carne e depois voltar para a cama. Não sei sobre você, mas estou exausta.

Quando ele não se move nem um centímetro, começo a perder a

paciência. — Não fique aí olhando para mim como se eu estivesse falando latim. Venha aqui e coloque um pouco de comida no estômago.

Quando ele ainda não se move, eu esfaqueio um pedaço de carne e levo para ele, segurando-o perto de sua boca.

Com as sobrancelhas franzidas, ele me encara.

— Por favor, não me obrigue a fazer o barulho do trem piuí para fazer você abrir a boca. Seria humilhante para nós dois.

Ele tira o garfo da minha mão, coloca-o de lado na bancada e segura meu rosto entre as mãos.

— Esta não é uma luta que você vai vencer. Não podemos ficar juntos.

— Eu não disse nada sobre estarmos juntos. Eu disse para comer a carne.

Quando ele não responde, fecho os olhos e suspiro. — Olha. Nada mudou. A coisa toda é impossível. Eu percebo isso. Você me levará para casa pela manhã e voltaremos a viver nossas vidas separadas e fingiremos que não há nada entre nós quando nos encontrarmos no trabalho. Mas por enquanto, apenas *coma a porra da carne*.

Abro os olhos e encontro seu olhar ardente. — Ok?

Sua expressão é indescritível. Às vezes, não há palavras para as coisas, e esta é uma delas.

Eu sei que ele não está bravo comigo. É mais como se ele tivesse conhecido alguém de um mundo estranho que ele está desesperado para entender, mas não consegue, porque não fala a língua deles.

— Eu sei que não faz sentido. Eu também não entendo. É assim que me sinto. Você poderia me pedir para ser a motorista do seu carro de fuga e eu diria que sim. Você poderia me pedir para mentir para o FBI e eu diria que sim. Só por favor, não me peça para ajudá-lo a enterrar um corpo, porque cavar um buraco grande parece muito difícil e não tenho força no meu braço como deveria.

Ele engole. Ele balança a cabeça. É óbvio que ele está lutando.

Então me viro para o balcão e pego o garfo. Tiro o pedaço de carne da ponta e o levo aos seus lábios. — Coma, querido. Isso me deixará feliz.

Ele abre a boca e aceita a carne, depois fica parado, parecendo eletrocutado enquanto mastiga.

— Gosto quando você é obediente.

— Não se acostume com isso.

— Eu não vou. Quer outro pedaço?

Olhando para meus lábios, ele balança a cabeça.

Pego o recipiente da ilha, volto e fico na frente dele, segurando outro pedaço de carne. Eu o levo até seus lábios. Ele abre a boca e pega.

Nós nos encaramos em um silêncio escaldante até que ele engole.

— Mais?

Ele concorda.

Desta vez, quando levo a carne até sua boca, ele coloca as mãos em volta da minha cintura e me puxa contra ele. Dou a carne a ele, observando o pulso na lateral do seu pescoço. Seu pau está ficando duro contra meu quadril.

Eu sussurro: — Você gosta que eu alimente você.

— Sim.

Sua voz é rouca. Sua respiração está irregular. Suas pupilas estão dilatando rapidamente.

Ele é um homem que faz coisas ruins no escuro, como se fosse mais um dia de trabalho, voltando para casa um pouco cansado, mas sereno. Mas mostre-lhe alguma ternura e ele desmoronará como um castelo de areia sob uma onda.

Como meu coração está fazendo, vendo-o desmoronar por mim.

Coloco o recipiente sobre o balcão e me viro para ele, deslizando minhas mãos até seu peito e olhando em seus olhos.

— Eu acho você bonito. Todas as suas peças. Todos os seus pedaços quebrados. Eles são lindos para mim, e você também. Então, se eu nunca mais tiver a chance de contar, estou dizendo agora que se você e seus monstros decidirem que precisam de um lar, vocês terão um em mim.

Ele não responde. Eu não esperava que ele fizesse isso.

Ele está muito ocupado lutando contra seus demônios.

Eu o alimento com o resto da carne do recipiente e voltamos para a cama.

# CAPÍTULO QUARENTA SEIS

## *Cole*

Perto da manhã, começa a chover.

Fico acordado como tenho estado há horas. Shay dorme pacificamente ao meu lado. Estou de costas. Ela está de lado, segurando-me, uma perna jogada sobre a minha, um braço sobre meu peito, a cabeça apoiada em meu ombro.

Ela sabe o que eu sou, mas ainda dorme como um bebê. Dorme e me abraça como se fosse eu quem precisasse de proteção, e não o contrário.

Como isso é possível?

O que isso significa?

Ela não é deficiente mental. Ela não está em negação. Ela só está aceitando completamente, e isso não faz nenhum sentido.

Emiliano me chama de lobo.

Meus funcionários me chamam de Grinch.

Axel me chama de Evaporador. Bruv, jargão britânico para irmão, quando ele se sente generoso.

Outras pessoas me chamam por outros nomes, nenhum deles lisonjeiro, mas Shay me chama de querido e lindo e me alimenta com carne na ponta dos dedos, como se eu fosse um animal ferido que ela trouxe para casa para cuidar e recuperar a saúde.

Não pode ser tão fácil.

Coisas assim não existem entre pessoas como nós.

Ou existem?

Viro a cabeça e olho para ela, dormindo profundamente.

Confiando em mim. *Eu*, o homem que entrou no meio da noite com os gritos de outro homem ainda ecoando em seus ouvidos. Ela olhou para mim e sabia, e fez o impossível.

Ela me aceitou.

De novo.

Com a chuva batendo nas janelas, levanto-me da cama, tomando cuidado para não a incomodar. Depois vou até o armário, tiro o celular do bolso interno do paletó e ligo para Axel.

Como sempre, ele atende após um toque. Ele pode ser o único homem na terra que dorme menos do que eu.

— Olá, cara. Está tudo verde do meu lado. Você está bem?

— Não.

Eu exalo e passo a mão pelo meu cabelo. O homem mais paciente que já conheci, ele espera em um silêncio tolerante que eu me recomponha.

— Eu preciso que você coloque um pouco de bom senso em mim.

— Sobre o quê?

— Shay.

Desta vez, seu silêncio surpreende. Nós nos conhecemos há tempo suficiente para que eu possa perceber a diferença. Mas ainda assim ele espera que eu fale primeiro.

— Eu... eu estou... porra. — Respiro fundo e admito a verdade. — Estou acabado.

Com a voz baixa, Axel diz: — Você não pode estar falando sério.

— Essa é a coisa. Eu estou.

— Ela é uma civil.

— Não brinca. Não muda nada.

— E ela trabalha para você.

— Ainda não muda nada.

— Besteira. Se você realmente se importa com ela, você vai se afastar. Não temos a cerca branca. Nós não.

Eu já sei, mas estou desesperado o suficiente para discutir.

— Por que tem que ser uma cerca branca? Por que não pode ser outra coisa? Por que não pode ser como uma versão de “*Orgulho e Preconceito*” de Wes Craven, onde o Sr. Darcy mata pessoas em vez de zombar delas e Elizabeth Bennett mói os ossos e os usa para fertilizar suas rosas?

— Escute a si mesmo. Eu estaria rindo histericamente se soubesse que isso não é uma piada.

— Você é britânico. Você não faz nada histericamente. O melhor que você pode conseguir é um retorno contundente.

— Você diz que uma boa resposta contundente não é arte.

— Ajude-me, Axel. Preciso de ajuda, e preciso dela agora, porque estou a dez segundos de ir para o outro quarto, sacudi-la para acordá-la e pedi-la em casamento.

— Puta merda. Há quanto tempo você conhece essa garota, quatro minutos?

— Quatro minutos podem durar uma vida inteira com a pessoa certa.

— Você é maluco.

— Não, estou apaixonado.

— Mesma coisa.

Penso em Florentino daquele livro miserável, “*O Amor nos Tempos do Cólera*”, em como ele passou cinquenta anos lamentando Fermina antes de finalmente ficarem juntos, e desejo nunca ter aprendido a ler.

— Killian Black tem uma esposa. Por que não posso?

A voz de Axel fica azeda. — Você não é Killian Black.

— Ninguém é. Esse é meu argumento. Se o homem mais perigoso do planeta conseguiu criar raízes, há esperança para o resto de nós.



— Você e eu não podemos criar raízes, porque envenenaríamos o solo.

Eu faço uma careta para o telefone. — Não somos tão ruins.

— Eu discordo, meu amigo, mas vamos resolver isso. Você coloca um anel no dedo dela, você a leva para casa, você brinca de casinha. O que acontece quando ela acorda no meio da noite e você saiu, e então você passa pela porta com sangue nas mãos? Você acha que ela não correrá o mais rápido que puder? Porque é exatamente isso que vai acontecer. Você está apenas preparando todo mundo para um desgosto. E tempo de prisão para você quando ela for à polícia.

— Ela não vai fugir nem ir à polícia.

Ele zomba. — Isso é esperança falando, não lógica.

— Não, é experiência.

Desta vez, seu silêncio é surpreendente. — Ela sabe?

— Sem detalhes, mas o suficiente para entender que ela não está lidando com Mary Poppins.

Outro silêncio atordoado. — *Você está me dizendo que este pássaro está bem com isso?*

— Ela me disse que acha todos os meus pedaços quebrados lindos.

— Besteira!

— Juro por Deus.

— Você está inventando!

— Foi o que ela disse, Axel. Literalmente.

Ele bufa de descrença ou desgosto. — Então ela é tão idiota quanto você!

— Então ela me alimentou com filé mignon com seus dedos e disse que se meus monstros precisassem de um lar, eles teriam um dentro dela.

— Cristo, meu Senhor!

Estou surpreso com seus gritos. Ele nunca levanta a voz. O mais perto que o vi de perder a paciência foi uma vez em uma cafeteria, quando a garçonete lhe deu chá verde em vez de Earl Grey. Seu olhar de desprezo era tão selvagem que a pobre garota quase caiu no choro.

— Este é o mais agitado que já o ouvi antes.

— Eu nunca tive que lidar com tanta insanidade antes. E isso quer dizer alguma coisa, considerando que trabalhei em um hospital psiquiátrico por cinco anos.

— Você trabalhou em um hospital psiquiátrico?

— Por que você parece tão surpreso?

— Você é filho da nobreza. Que aristocrata deixa seu filho trabalhar num hospício?

— Bem, eu não pedi permissão, pedi?

— Não há necessidade de gritar.

Há alguns murmúrios indiscerníveis, então ele volta à linha mais sereno. — Olha. Se você acha que você e a Pequena Miss Sunshine têm uma chance, você está maluco, mas não serei eu quem arruinará uma ilusão mútua tão alegre. Você pode fazer isso sozinho.

A esperança floresce em meu peito. — Então você está dizendo que eu deveria continuar saindo com ela?

Seu suspiro contém séculos de desprezo britânico pela estupidez. — Você é um idiota.

— De acordo. Antes que você desligue na minha cara, preciso encontrar alguém.

— Graças a Deus, estamos de volta ao mundo real. Qual o nome?

— Não tenho nome.

— Endereço?

— Também não tenho isso.

— O que você tem?

— Nada.

— Perfeito. Torne meu trabalho um pouco mais difícil, por que não?

— Você pode administrar isso.

— Claro que eu posso. Eles não me chamam de Hound Dog<sup>8</sup> à toa.

Eu rio. — É hilário que você pense que ganhou esse apelido porque é muito bom em rastrear.

Ele parece ofendido. — Por que diabos seria outro motivo?

— Um cão de caça é uma gíria para um homem promíscuo, idiota.

— Pfft. Eu não sou promíscuo.

— Com quantas mulheres você dormiu este ano até agora?

Depois de um instante, ele diz: — Tudo bem. Sou promíscuo. Não me envergonhe.

— Ninguém está envergonhando ninguém. Só estou ressaltando que seu apelido tem mais de um significado.

Ele murmura: — Vocês, americanos, e suas gírias malucas. É como se estivessem mortos do pescoço para cima.

— *Nossa gíria é ruim? Você deveria ouvir a si mesmo algum tempo. De volta à pessoa que procuro. Ela mora em Las Vegas.*

— Muita gente em Las Vegas, cara.

— Sim, mas apenas uma delas é a mãe de Shay.

— O que ela tem a ver com alguma coisa?

— Ela tem um namorado que precisa de atenção.

— Ah. Então é amor verdadeiro entre você e o pássaro.

— Por que você diz isso?

— Você não leu nenhum Shakespeare? Ninguém tira a vida do sogro, a menos que seja amor verdadeiro.

— Ele não é meu sogro. Ele é apenas um namorado nojento e abusivo.

— Chame do que quiser, idiota, se for o cara da mãe do seu pássaro, ele é seu sogro.

— Às vezes, não tenho a mínima ideia do que você está dizendo.

— Agora você sabe como me sinto metade do tempo quando estou falando com você. Se eu soubesse, quando nos conhecemos há tantos anos no internato, que você se tornaria um idiota tão estúpido, eu nunca teria salvado você de levar uma surra daqueles veteranos.

— Isso é um belo pedaço de história revisionista, mas fui *eu* quem salvou *você*.

— Ah, isso é simplesmente maravilhoso. Você não só perdeu a cabeça por causa desse seu pássaro, como também perdeu a memória.

— Apenas me dê a informação, seu bastardo sarcástico. O sobrenome de Shay é Sanders.

Murmurando um xingamento, ele desliga na minha cara.

Coloco o telefone na cômoda, respiro um pouco, depois volto para o quarto e subo na cama.

Adormeço enrolado no corpo de Shay, debatendo se devo ou não regar a semente de esperança que germinou em meu peito após minha ligação com Axel ou pisoteá-la.

## CAPÍTULO QUARENTA E SETE

### *Shay*

Acordo desorientada e suada, lutando para respirar sob algo pesado e imóvel.

— Cole, acorde. Você está me esmagando.

Deitado em cima de mim, silencioso e imóvel como um paciente em coma, ele não responde. Eu cutuco suas costelas, o que também não obtém resposta, então tento empurrá-lo, o que eu deveria saber que seria um fracasso total também, já que o homem pesa dois mil quilos.

Se não conseguir tirá-lo de cima de mim logo, vou sufocar.

Então recorro a táticas de guerrilha. Com toda a força dos meus pulmões, grito: — Fogo!

Ele dá um pulo e se levanta, depois fica nu ao lado da cama, com os olhos arregalados e eriçados, as mãos em uma pose de golpe de caratê que só vi personagens de dramas ruins de televisão fazerem.

— O que está errado? O que está acontecendo? — Ele olha ao redor do quarto como se esperasse que as paredes comesçassem a produzir ninjas, depois grita para ninguém: — Vou matar você com minhas próprias mãos!

É tão engraçado que começo a rir e não consigo parar.

Ele olha para mim convulsionando na cama. — Do que você está rindo?

— Parece que você está fazendo um teste para *As Panteras*!

Ele fica reto, deixa cair as mãos ao lado do corpo e me lança um olhar maligno.

Eu rolo e rio no travesseiro até meu estômago doer e chorar.

— Muito engraçada. Ha ha. Estou feliz que você me ache tão divertido.

Quando rolo de costas novamente, ele ainda está olhando para mim, só que agora está com os braços cruzados sobre o peito.

Ofegante, eu digo: — Oh, Deus, isso foi incrível. Você deveria ter se visto. Se realmente houvesse um incêndio, você poderia tê-lo apagado com suas terríveis mãos de caratê.

Depois de outro momento de aborrecimento com os olhos semicerrados, ele pula em cima de mim com um rugido e começa a me fazer cócegas, enfiando os dedos entre minhas costelas.

— Não! Sem cócegas! — eu grito, o que só faz com que ele me faça cócegas com mais força.

Quando grito: — Misericórdia! — ele cede. Capturando meus pulsos, ele pressiona meus braços sobre minha cabeça e os segura contra o travesseiro enquanto sorri para mim, seus olhos suaves e calorosos.

— Oi.

— Olá, sensei.

— Você passou a noite.

— Eu passei. E escapei por pouco da morte por esmagamento com um raciocínio rápido.

— Sim. Aliás, é isso que mais admiro em você. Seu cérebro.

— Se cérebro é um eufemismo para seios, eu acredito em você.

Nós sorrimos um para o outro até que ele abaixa a cabeça e me beija. O beijo é lento, suave e íntimo. Isso me deixa sem fôlego. Contra minha boca, ele murmura: — Seus seios também são bonitos.

— *Bonitos?* Com licença, mas esses bebês são espetaculares.

Ele esfrega a bochecha no meu peito, resmungando de prazer como um leão. Através da camisa que estou vestindo, ele chupa um mamilo até atingir o pico, e estou ainda mais sem fôlego do que antes.

Seus joelhos estão plantados no colchão, de cada lado dos meus quadris. Entre suas pernas abertas, seu pau já está rígido, balançando enquanto ele se move para o meu outro mamilo.

— Cole?

— Hum.

— Você parece estar de bom humor.

— Eu estou. Tente não estragar tudo falando.

— Eu não estou falando. Quem está falando? Eu não.

— Não tente ler minha mente também.

— Ok. Então eu não deveria perguntar por que você está de tão bom humor?

— Só se você quiser que eu pare de fazer isso.

Ele afunda levemente os dentes em meu mamilo. Eu gemo, arqueando-me em sua boca enquanto o calor envolve meu corpo.

— Isso foi o que pensei. — Ele agarra a gola aberta da camisa e dá um puxão forte. Os botões voam.

— Você tem o péssimo hábito de estragar camisas, lindo.

Puxando a camisa de cada lado para que meus seios e barriga fiquem expostos para ele, ele olha para mim com olhos ávidos. — Você está reclamando?

— Não.

— Bom. Agora fique quieta. Eu preciso fazer você gozar.

Meu pulso dispara. — Nós nos atrasaremos para o trabalho.

— Vou escrever um bilhete para seu chefe. Oh, espere. — Ele sorri. — Eu sou seu chefe. Seu atraso está desculpado, Srta. Sanders.

Sem esperar por uma resposta, ele segura meus seios e os junta, então começa a esbanjar meus mamilos duros com a língua.

Eu me contorço debaixo dele e tento o meu melhor para ficar quieta enquanto ele ri, divertido com a minha inquietação, com a boca

cheia da minha carne.

Contra a minha pele, ele sussurra: — Eu me pergunto o quão molhada está sua boceta?

— Muito.

— Já?

— Sim. Ela é uma vadia sem vergonha no que diz respeito a você.

— Mostre-me.

Deslizo a mão entre as pernas, mergulho os dedos dentro de mim e levanto a mão até sua boca. Olhando nos meus olhos, ele chupa meus dedos.

— Deliciosa. Coloque essa mão de volta entre as pernas.

Fechando os olhos, ele volta sua atenção para meus seios enquanto eu me toco novamente. Deslizo as pontas dos dedos sobre meu clitóris sensível e gemo. Quando ele prende meu mamilo com os dentes novamente, eu gemo.

Parece que algum autocontrole que ele vem exercendo acaba. Com um grunhido, ele desce pelo meu corpo, afasta minha mão, abre minhas coxas, coloca o rosto entre minhas pernas e lambe minha boceta exposta com a língua achatada. Então ele balança a ponta para frente e para trás sobre meu clitóris até que eu gemo alto e puxo seu cabelo.

— Não goze ainda. Guarde para o meu pau.

Ele desliza dois dedos dentro de mim e volta a lambe meu clitóris.

Sem fôlego, com a pele queimando, balanço meus quadris contra seu rosto e observo sua língua se mover. Ele estende a mão e aperta um dos meus mamilos, enviando uma pulsação de prazer que se espalha até se conectar com o prazer que já pulsa entre minhas pernas.

Inclino a cabeça para trás no travesseiro e fecho os olhos, abandonando qualquer pensamento de tentar descobrir o que está



acontecendo com ele, porque ele está me fazendo sentir bem demais para me importar.

Quando estou gemendo alto e empurrando meus quadris contra seu rosto, a segundos do orgasmo, ele retira os dedos de dentro de mim.

— Minha menina doce e gananciosa — diz ele, com a voz áspera. — Abra seus olhos.

Assim que faço isso, fico ainda mais excitada. Sua boca e queixo brilham com minha umidade. Ele lambe os lábios, e esse gesto simples é tão sexy que faz meu coração palpitar.

Com os olhos quentes, ele se endireita, ficando de joelhos. Ele pega sua ereção na mão e a acaricia enquanto me olha, seu olhar aquecido acariciando todo o meu corpo.

Ele me encara por tanto tempo que começo a ficar constrangida.

— O quê?

— Eu simplesmente gosto de olhar para a perfeição. Abra mais as pernas.

Eu amo, amando como isso faz a veia do pescoço dele saltar. Olhando para minha boceta, ele desliza o dedo sobre a fenda na cabeça de seu pau, espalhando a gota brilhante de pré-goço por toda parte.

Seu eixo é rígido e cheio de veias. Mal posso esperar para ele enfiar isso dentro de mim.

— Esse olhar vai deixar você fodida, garota linda.

— Espero que em breve — eu sussurro, meu pulso acelerado.

— E essa boca vai dar a você uma surra.

— Posso pensar em um uso melhor para isso. — Mordo meu lábio inferior e agito meus cílios timidamente.

Sorrindo, ele torce um dedo. Eu me sento e me aproximo dele, pegando seu pau duro em minha mão. Ele enfia a mão em meu cabelo

enquanto fecho meus lábios em torno do topo de seu pau e começo a chupar.

Quando eu o levo o mais longe que posso até engasgar, ele aperta os dedos em meu cabelo e solta uma risada rouca.

— Vejo que alguém está procurando uma promoção.

Eu chupo, lambo e acaricio seu pau até que ele esteja ofegante e suas mãos tremam. Quando ele geme, sei que está perto.

Ele puxa minha cabeça para trás e me encara por um longo momento, seu peito subindo e descendo, seus olhos intensos e sem piscar. Sua voz sai rouca.

— O que eu faço com você?

Eu sei o que ele quer dizer. Ele ainda está lutando consigo mesmo e, a cada segundo que passa, está perdendo a luta.

Então eu olho em seus olhos torturados e digo suavemente: — Fique comigo. Ame-me. Faça-me sua.

Suas pálpebras se fecham. Por um longo momento, não tenho certeza do que ele fará. Fico olhando para ele com o coração na garganta e o estômago embrulhado, perguntando-me se o empurrei longe demais.

Mas então ele cai sobre mim, esmagando sua boca na minha e me empurrando contra o colchão, e a euforia que me queima é tão brilhante e intensa que é como ser queimada viva.

Com um impulso poderoso, ele empurra dentro de mim.

Eu grito e estremeço. Ele se apoia nos cotovelos e enrosca os dedos no meu cabelo.

— Tenha cuidado com o que você deseja, baby. E se algum dia eu disser que amo você, tenha medo. Porque meu amor não é suave. Não é bonito. É o monstro escondido debaixo da sua cama no escuro.

Então ele me fode forte e profundamente, olhando nos meus olhos enquanto eu gemo e imploro por mais.

Quando gozo, é com minhas unhas cravadas nos músculos de suas costas e seu nome em meus lábios, entoado repetidamente como uma oração.

# CAPÍTULO QUARENTA E OITO

## *Cole*

Deixo Shay no apartamento dela para que possa vestir roupas de trabalho, dando-lhe um beijo demorado na porta. Então vou para o escritório me sentindo mais leve do que nunca.

E mais conflituoso.

Eu sei que não sou um bom parceiro. Sou temperamental, reservado e imprevisível. Já me disseram que sou generoso, já me disseram que sou um bom amante, mas nunca me disseram que sou gentil.

Porque eu não sou. A bondade é uma fraqueza dos homens no meu ramo de trabalho.

Mas é exatamente disso que uma mulher como Shay precisa. Junto com todas as outras coisas que não posso oferecer a ela: estabilidade, abertura, paciência. A lista é longa.

E se ela quiser filhos?

Posso ver agora, uma adorável mini versão de Shay no ensino médio com uma boca como a da mãe quando alguém pergunta o que o pai dela faz no trabalho.

— Ah, ele faz coisas com dinheiro durante o dia. Mas à noite ele sai e mata gente! Então não me deixe brava ou direi a ele que você me empurrou do brinquedo. Seu corpo nunca será encontrado.

Levar uma vida dupla só é viável quando ninguém mais sabe o que você está fazendo. Adicione uma esposa a essa mistura, adicione filhos...

Desastre.

A única opção viável é desistir de um ou de outro. Com o que

estou bem até agora. Moldei minha vida em torno da solidão e do sigilo, mas Shay me faz querer todos os tipos de coisas que nunca quis antes.

Ela me faz querer ser melhor.

O que é problemático, considerando que já sei que isso é o melhor que conseguirei.

Não tenho a ideia errada de que posso ser salvo. Sou podre até a alma. Ninguém faz o que eu faço e encontra a redenção, por mais que eu acredite que livrar o mundo de demônios como Dylan e o marido de Theresa é para um bem maior.

Então, por que diabos eu pensaria que Shay e eu poderíamos fazer isso funcionar?

Aquela esperança bastarda está brincando comigo, é por isso.

Assim como aquele maldito livro estúpido que ela tanto ama. Ninguém, exceto um romântico incurável, pensaria que passar pelo inferno por meio século esperando que o marido do seu verdadeiro amor morresse para que vocês pudessem ficar juntos é tudo menos uma história de terror.

*“O Amor nos Tempos do Cólera”* minha bunda. Deveria se chamar *Idiotas Confundindo Insanidade com Romance*.

Acho que vou queimar minha cópia.

O destino decide que este é um bom momento de aprendizado para mim e me envia um fantasma do meu passado na forma de um telefonema.

Olho para o número na tela sensível ao toque do meu painel e fico tenso. Hesito antes de responder, porque já sei que vai ser difícil.

— Olá, Kiyoko.

— Eu sei que dissemos que só nos comunicaríamos através de Axel de agora em diante, mas eu precisava falar com você.

Sua voz é suave e melódica. Uma imagem de seu rosto surge em minha mente. Cabelo preto e pele clara, lábios em formato de arco e

maçãs do rosto salientes.

Olhos escuros e assombrados.

— Qual é o problema?

Ela exala. — Sinto sua falta.

Eu odeio o quão triste ela parece. Não nos vemos há meses e nosso relacionamento ficou tenso por muito tempo antes disso, mas isso não significa que quero que ela seja infeliz.

Muito pelo contrário. Quero que ela viva da melhor maneira possível, e foi por isso que terminei com ela. Ter-me por perto apenas a lembrava todos os dias do que ela havia perdido.

Às vezes, as pessoas se apegam a lembretes de sua dor, em vez de abandoná-la como deveriam. Faz com que eles sintam que estão de alguma forma no controle, quando tudo o que fazem é se atormentar.

— Você está bem? Fora isso, quero dizer.

— Estou bem. Sobrevivendo. Como você está?

Penso em Shay gemendo meu nome enquanto cravava as unhas em minhas costas esta manhã e sorrio. — Estou bem.

Depois de uma pausa, ela diz: — Você parece bem.

Se ela espera que eu lhe dê uma explicação, ela deveria saber melhor.

— Tudo certo com a mudança do seu lado?

— Sim. Sem problemas. Theresa adorou o apartamento. Chorou quando lhe dei as chaves. A criança dela é um amor. Você está saindo com alguém novo, não está?

Com um tom gentil, digo: — Você sabe que não vou lhe contar isso.

— Você acabou de contar. Quem é ela?

— Kiyoko, não faça isso.

Há um longo silêncio do lado dela. Ao fundo, ouço música de

calíope.

Ela está novamente em Granville Island, no parque com vista para o mar, onde costumava levar a filha para passear no carrinho.

Com um tom mais duro do que antes, ela diz: — Você sabe qual é o seu problema, Coleton? Você tem um complexo de herói.

Uma sensação de cansaço toma conta de mim, pesando sobre meu corpo. — Então é disso que se trata a ligação. Você quer brigar.

— Eu não quero brigar. Quero que você me conte sobre sua nova namorada.

— Eu não tenho namorada.

Ela zomba. — Com quem você pensa que está falando? Eu conheço você. Conheço cada inflexão da sua voz. Nós nos conhecemos há dezesseis anos e estamos juntos há quatro.

— Cinco.

— Sim, mas quem está contando, certo? Nada disso importa mais. Nada importa.

— Discutir comigo não vai ajudar você a se sentir melhor. E você só está se torturando indo nesse parque. Vá para casa, Ki. Vá para casa e cuide-se.

— Eu seguiria esse conselho, mas não preciso mais ouvir você.

— E se eu dissesse por favor?

— Você nunca diz por favor. A única coisa que você sabe dizer é adeus. Espero que sua nova namorada goste da decepção.

Ela desliga.

— Porra.

Coloco o dedo na tela para limpá-la e dirijo por mais dez minutos antes de me acalmar o suficiente para fazer outra ligação. Carter não atende o celular, então ligo para o escritório.

— McCord Media, como posso ajudá-lo?

— Olá, Marnie. É Cole. Carter está em seu escritório?

— Sim, senhor. Você gostaria que eu passasse para você?

— Sim.

— Certamente, senhor. Por favor, espere um momento.

Ouçó música clássica por trinta segundos enquanto estou na espera. Então Marnie volta à linha.

— Sinto muito, senhor, mas Carter está em uma reunião.

*Aquele idiota desonesto.* — Diga a ele que se ele não atender minha ligação, eu vou ligar para a TriCast em seguida.

— Sim, senhor. Por favor, espere.

Dez segundos depois, Carter atende. — Cole.

Eu rosno: — Olá, traidor.

Seu suspiro é pesado e melodramático. — Você vê? É por isso que não conto coisas para você. Você reage exageradamente.

— Eu reajo de acordo com a situação. O que você sabe. Você também sabe que o motivo pelo qual evitou minhas ligações nos últimos dias foi porque fez algo errado. Agora me diga o que diabos você estava pensando ao se encontrar com a TriCast.

— Não vou contar nada se você continuar usando esse tom de voz rude comigo.

— Não é com o meu tom que você deveria se preocupar, seu idiota. É quanto tempo levará a cirurgia para reconstruir seu nariz.

— Por que tudo com você tem que ser uma ameaça de violência?

— Porque essa é a única coisa que as pessoas estúpidas entendem.

Outro suspiro melodramático. — Você sabe que sou mais inteligente do que você, certo?

Isso me faz rir. — Nos seus sonhos.

— Você está se esquecendo dos testes de aptidão que papai nos obrigou a fazer quando éramos adolescentes. Meu QI é dois pontos



maior que o seu.

— Vamos ver o quanto você se importa com a diferença entre nossos QIs quando faltam os dentes da frente, gênio.

— Você é inacreditável.

— Você tem sorte de eu não ter contado a Callum sobre sua reunião, ou o que seria inacreditável seria o quão forte você bateria os braços para tentar voar depois que ele jogasse você do telhado do prédio.

Sua voz fica azeda. — Sim, vocês dois são farinha do mesmo saco, não são?

Eu sei que poderíamos ficar indo e voltando assim o dia todo, então redireciono a conversa. — TriCast. Eles são nossos inimigos. Você marcou uma reunião com o conselho para discutir uma aquisição. Que porra é essa?

— Primeiro me diga como você sabe.

— Tenho amigos nos lugares. Fale. Por que diabos você se encontraria com eles?

— Porque Sophia Bianco acabou de ingressar na empresa como sua nova COO.

Aguardo mais explicações. Quando isso não acontece, eu digo: — Vá direto ao ponto antes que eu morra de velhice.

— Você sabe quem é ela?

— Nenhuma ideia.

— Nunca viu uma foto dela?

— O que eu acabei de dizer? Eu não conheço a mulher!

— Eu também não a conheço, por isso participei da reunião.

— Se você não chegar ao ponto em cinco segundos, quebrarei todas as janelas do seu Hummer.

— Eu nem gosto dele. Só consegui isso para irritar o papai.

— Muito maduro da sua parte. Tudo bem, vou quebrar todas as janelas da sua Ferrari.

— Qual delas?

— Jesus, porra, Cristo. Como estamos relacionados?

— Não sei, mas acho que mamãe deve ter tido um caso com Paul Newman. Isso explicaria minha boa aparência. Você e Callum parecem Neandertais. Como eu estava dizendo, Sophia Bianco. Ela é a nova COO da TriCast e a mulher mais bonita do mundo.

Demoro um momento. Quando entendo o que ele quer dizer, gemo. — Você não está falando sério.

— Oh, irmão, estou falando mais sério do que nunca. Espere até eu mostrar a foto dela. Seus olhos vão cair!

— Pelo amor de Deus, Carter! Você não se reúne com nossos inimigos jurados para poder dar em cima de alguém que você nunca conheceu!

— De que outra forma eu deveria conhecê-la? Na fila do Starbucks?

— É um milagre você ter chegado tão longe na vida. Estou chocado que você não tenha se eletrocutado enfiando o dedo molhado em uma tomada para ver se fazia cócegas.

— Eu tentei, e faz.

Balanço minha cabeça em descrença.

— E quem decidiu que o TriCast é nosso inimigo jurado, afinal? Isso é terrivelmente dramático. Eles são apenas o nosso maior concorrente, não um exército invasor.

— O que você não entende sobre negócios encheria os sistemas solares. Você pelo menos conseguiu o número dessa garota?

— Não é *essa* garota. Isso é desrespeitoso. Ela é uma dama. Uma senhora elegante e bonita.

— Então isso é um não.

Ele admite a contragosto: — Estou trabalhando nisso.

— Se ao trabalhar nisso você quer dizer que marcou outra reunião, vou quebrar seus joelhos.

— Vê? Neandertal.

— Não estou brincando, Carter. Você tem alguma ideia de como isso ficará se for divulgado?

Ele ri, algo que faz com muita frequência. — Como isso vai vazar? Nós controlamos a mídia!

— Nem toda, cara de merda.

— De qualquer forma, as partes mais importantes. — Seu tom fica animado. — Ei, você acha que eu deveria convidá-la para jantar? Como enviar um e-mail para ela e dizer que minha família quer se reunir com a diretoria em particular, individualmente, e dar a ela uma data e hora para aparecer em um restaurante, mas então serei o único lá e direi que houve uma emergência familiar para explicar por que ninguém foi?

— Claro. Brilhante. Então você vai deslumbrá-la com seu charme e total falta de substância e todos nós iremos ao seu casamento nesta mesma época no ano que vem, é esse o plano?

Ignorando isso, ele reflete: — Mas qual seria a emergência familiar? Acho que poderia inventar algum parente distante que morreu de repente.

Digo sombriamente: — Não será um parente tão distante se você marcar outra reunião com alguém da TriCast. — Desligo na cara dele.

Há um limite de estupidez que posso suportar em uma conversa.

Quando entro no estacionamento subterrâneo do trabalho, estou com um humor assassino. Tranco-me em meu escritório e me forço a me concentrar nos negócios por duas horas, até que Scotty bate na minha porta com um memorando interno.

Retiro a folha de papel e leio o que está escrito ali. Então pego um marcador preto e escrevo uma única palavra em letras maiúsculas

gigantes sobre a caligrafia de Shay.

NÃO.

Fervendo de frustração com os dois telefonemas e com o que parece cada vez mais uma fantasia desesperada sobre ter qualquer tipo de relacionamento viável com Shay, devolvo o envelope para Scotty e me tranco em meu escritório pelo resto do dia.

## CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

### *Shay*

Estou animada em ver Scotty aparecer na porta do meu escritório com o envelope kraft marrom na mão. Essa excitação dura até eu puxar a folha de papel e ver a resposta de Cole.

Um grande NÃO preto rabiscado na minha nota como um dedo médio.

— Você tem alguma coisa para eu devolver? — pergunta Scotty, parando na porta.

Forço um sorriso e olho para ele. — Não, mas obrigada. Tenha um bom dia.

— Você também.

Ele vai embora, levando consigo minha autoestima.

Na minha nota, perguntei se poderíamos agendar uma reunião para esta semana. *Reunião* é o código para rapidinha na escada. Eu estava me sentindo sedutora e otimista quando a enviei, cheia de esperança, depois desta manhã, de que essa coisa entre nós ainda não tivesse acabado como pensei que fosse acabar ontem à noite, mas Cole acabou com toda esperança e felicidade com três letras.

Ele nem se preocupou em assinar seu nome. Provavelmente porque ele não teve um bom fechamento mental que significava *cai fora*. Não que ele precisasse disso. Eu entendi.

Ele mudou de ideia novamente.

Nós não vamos ficar juntos.

Ou decidi de uma vez por todas, não sei qual, porque o homem não sabe se comunicar, exceto quando está contando como me seguiu até um restaurante e ordenou que seu amigo me espionasse pelas

câmeras de segurança. No resto do tempo, são referências vagas a resultados ameaçadores e declarações enigmáticas que podem significar qualquer coisa ou nada.

A menos que estejamos fazendo sexo. Então ele milagrosamente se torna um orador profissional.

Rasgo o bilhete e sento-me à mesa até perder a vontade de quebrar alguma coisa. É substituída pela vontade de chorar, à qual me recuso a ceder, então me enterro no trabalho.

Às cinco horas, quase me convenci de que a mágoa, a raiva e o desejo irracional de colocar fogo em Cole McCord são sentimentos criados pela proximidade da minha menstruação, que deve chegar a qualquer dia.

Sempre fui boa em negar.

\* \* \*

O resto da semana passa sem nenhum contato de Cole.

Nenhum memorando entre escritórios, nenhum e-mail reclamando de um erro em um relatório, nada. O conselho de Chelsea é dar-lhe espaço e focar em mim mesma. Não podemos nos reunir para discutir isso, porque o hospital tem poucos funcionários. Ela trabalha em turnos consecutivos e, quando não está trabalhando, fica exausta.

A conversa no escritório sobre Dylan desaparece. Não há notícias ou artigos de jornal sobre um contador desaparecido. Simone não o menciona novamente. A vida continua como antes, exceto que agora estou obcecada por Cole do jeito que ele disse que estava obcecado por mim.

Janto na sexta-feira com Jen e Angel, mas como nenhuma delas sabe nada sobre a situação de Cole, sofro em silêncio.

Eu me distraio no fim de semana assistindo à TV, limpando o

apartamento de cima a baixo, fazendo quatro aulas de crossfit na academia e aprendendo a fazer macarrão do zero. O macarrão linguini resultante tem gosto de cola, então joga-o fora e peço comida para viagem em um restaurante tailandês.

Domingo à noite, minha mãe liga.

— Oi, querida. Sou eu. Mãe.

Ela tem que acrescentar essa última parte, porque quando peguei o telefone e ouvi a voz dela, fiquei tão surpresa que fiquei sem palavras.

Ela nunca me liga. Nunca. Sou sempre eu que ligo para ver como ela está, e só raramente, porque é muito deprimente.

— Oi, mãe. Está tudo bem?

Sua risada é pequena e nervosa. — Sim, acho que sim.

Estou instantaneamente em guarda. — Você acha? O que isso significa? Bob fez alguma coisa? Você está machucada?

— Não, não, querida, estou bem.

— Tem certeza? Você parece estranha.

Ela ri novamente. Imagino-a parada na minúscula cozinha de seu apartamento em Las Vegas, com o cabelo loiro claro preso em um coque bagunçado, um cigarro queimado até a ponta entre os dedos.

Assim que um apaga, ela acende outro. Ela nunca fumou até o fim do casamento com meu pai, mas depois disso ela se tornou uma chaminé.

— Provavelmente é porque não bebo há alguns dias.

Eu estava na sala quando atendi, prestes a tirar o pó da mesinha de centro novamente, mas a notícia é tão inesperada que me sento no sofá. — Sério? Isso é ótimo.

— Sim, eu só... não sei, parecia um bom momento para começar de novo, com a saída de Bob e tudo mais.

Meu coração dá um pulo. — Bob deixou você?

— Sim.

— O que aconteceu? Você teve outra briga?

— Não, ele simplesmente se levantou e saiu. Nunca voltou do cassino para casa uma noite. Acho que ele arranjou uma nova mulher. A única razão pela qual aquele homem desapareceria de mim é por causa de outra mulher. Ela provavelmente recebe mais seguridade social do que eu.

Sua risada rouca é interrompida por uma tosse.

Estou muito feliz com a notícia da partida de Bob, mas tento não ter muitas esperanças. Eles já terminaram antes, apenas para voltarem logo depois.

Mas a coisa de não beber é nova. A última vez que ele saiu, ela bebeu até ficar apagada. Seu vizinho a encontrou desmaiada na varanda, com um cigarro aceso na mão e chamou uma ambulância.

— Precisa de alguma coisa? Dinheiro? Comida? Posso lhe emprestar algum dinheiro se precisar.

— Estou bem, querida, mas você é uma boneca por oferecer. Contanto que eu tenha meus cigarros e o Sr. Bones, está tudo bem.

— Quem é o Sr. Bones? Isso é um novo programa ou algo assim?

— Não, não é um programa. É um gato. Um vira-lata que encontrei atrás da lixeira aqui na minha casa. Ele era todo pele e osso quando o encontrei, então o chamei de Sr. Bones. Ele está sentado no meu colo agora. Aqui, diga oi para ele.

Ouçõ alguns ruídos atrapalhados, depois o zumbido baixo e distinto do ronronar de um gato. Mamãe volta à linha, parecendo orgulhosa.

— Ele não é fofo? Você disse oi? Acho que você iria amá-lo. Você sempre amou gatos. Lembra daquela coisa laranja e sarnenta que tínhamos quando você era pequena?

— Scooby Doo — eu digo, atordoada.

Ela tem um gato? Ela está sóbria? Quem é esta mulher?



Ela ri. — Eu disse ao seu pai que era alérgica, mas na verdade não gostava daquele gato. Ele sempre parecia tão crítico. Sr. Bones não é nada crítico. Ele é um docinho. Você é meu melhor amigo, não é, amigo?

Ela faz alguns barulhos de beijo enquanto tento recompor meu cérebro.

— Mãe, estou tão feliz por você. É muito bom que você tenha uma companhia.

— Além daquele perdedor, Bob, você quer dizer — ela diz secamente. Quando não digo nada, ela suspira. — Eu sei que você nunca gostou dele, querida. Tudo bem. Eu nunca gostei muito dele. — Sua voz fica melancólica. — Às vezes, nós nos apegamos a coisas que não deveríamos porque nos sentimos solitárias.

*A menos que você seja Cole, que usa a solidão como escudo para manter todos afastados.*

— Eu só quero que você esteja segura, mãe. Segura e feliz.

— Bem, eu tenho que dizer, querida, tenho estado mais feliz nestes últimos dias sozinha aqui com o Sr. Bones do que estive em anos. Acho que vou começar a passear pelo complexo. Talvez comer alguns vegetais também. Fazer algo de bom para mim.

Estou ficando sufocada. Eu engulo, piscando para afastar as lágrimas, e forço minha voz a permanecer calma. — Que bom ouvir isso.

— Como vai? Como está o trabalho?

— Consegui um novo emprego desde a última vez que conversamos.

— Ah, que bom para você! Você gosta?

— É... desafiador.

Ela ri novamente. — E uma coisa boa também, ou você ficaria entediada. Esse seu grande cérebro precisa de um desafio. Você ainda está com, qual era o nome dele? Chade?

— Chet. E não, nós terminamos.

— Lamento ouvir isso, querida.

— Foi o melhor. Ele acabou se revelando um idiota traidor.

Ela estala a língua. — Não existem muitos homens como seu pai, isso é certo. — Ela suspira pesadamente. — O maior erro da minha vida foi deixá-lo. Você falou com ele ultimamente?

— Sim. Em seu aniversário. Ele parecia bem.

— Bom. — Ela faz uma pausa e diz com indiferença: — Ele ainda é casado com aquela Zoe?

Eu sorrio. — É Chloé. Mas você sabia disso. E sim, eles ainda estão casados. Direi a ele que você disse olá na próxima vez que conversarmos.

— Agora, não coloque palavras na minha boca, querida. Eu não falei para dizer olá ao homem.

Ela está tentando parecer zangada, mas eu a conheço muito bem. Ela não só quer que eu diga a ele que disse olá, mas também que eu ligue para ela imediatamente depois para repassar sua resposta, seu tom de voz e qualquer outro detalhe de que me lembre.

Tal mãe, tal filha.

— Ok, mãe. Eu não vou.

— Quero dizer... — Ela limpa a garganta. — Você poderia dizer a ele que falou comigo. Isso seria bom.

— Ok.

Ficamos sentadas em um silêncio constrangedor por um momento, até que ela diz: — Você tem planos para o Dia de Ação de Graças?

Eu sempre o passo com meu pai e Chloe, pois ela sempre esteve em Las Vegas com Bob, e eu nunca quis chegar perto daquele bebedor raivoso, mas talvez este ano seja diferente. Se Bob ficar longe, talvez ela e eu possamos ficar juntas.

— Ainda não. Você?

— Não. Eu e o Sr. Bones provavelmente apenas assistiremos ao desfile da Macy's.

— Ou você pode vir para Los Angeles, se quiser. Ou eu poderia ir até aí. Seria ótimo ver você. Sinto sua falta.

Sua inspiração suave é mais alta do que ela gostaria, porque ela inventa uma desculpa apressada sobre o Sr. Bones arranhando seu braço para cobrir o som.

— Bem, pense nisso. Você não precisa decidir agora.

— Eu vou. Talvez... talvez possamos conversar novamente na próxima semana? Se você quiser, quero dizer.

A esperança em sua voz que vazou antes que ela pudesse entender faz meu coração doer.

*Droga. Eu não vou chorar. Eu não vou chorar. Não chore!*

Digo suavemente: — Eu adoraria, mãe. Que tal eu ligar para você no mesmo horário?

— Parece bom. Falo com você depois. Adeus, querida.

— Tchau, mãe.

Eu desligo, depois caio de volta no sofá e olho para o teto enquanto lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos.

A esperança é uma coisa horrível. Uma coisa perigosa e horrível. Isso deixa as pessoas loucas.

Há anos desisti de esperar que ela mudasse, que se tornasse a mãe de que sempre precisei, porque era muito doloroso continuar aguentando. Mas com um telefonema, aquela velha esperança que pensei ter matado voltou à vida como uma folha verde de grama pode voltar depois de ser pisoteada.

É muito cedo para dizer, mas se Bob partiu para sempre e a sobriedade persistir, talvez eu conheça a mulher que está desaparecida há mais de vinte anos.

Percorro meu registro de chamadas recentes e olho pela centésima vez para o número que Cole me ligou na segunda-feira passada. Então debato comigo mesma pela centésima vez se devo salvá-lo nos contatos, excluí-lo ou bloqueá-lo.

No final das contas, eu não faço nada. Acabei de desligar o telefone e me servir de um pouco de vinho.

\* \* \*

Nada acontece na segunda-feira no trabalho. Terça e quarta também passam sem intercorrências. Então, na quinta-feira, estou esperando o elevador me levar até o refeitório, dez andares abaixo, quando as portas se abrem e sou atingida.

Entre duas outras pessoas, Cole está lá dentro.

Ele parece incrível.

Ele está vestindo um terno cinza claro. Sua camisa branca está aberta no pescoço. Recém-barbeado, sua pele brilha com saúde. Uma sugestão de bronzeado ilumina suas bochechas. Seu cabelo escuro brilha sob as luzes, mas está um pouco bagunçado, como se ele estivesse passando as mãos por ele.

Pela forma como meu corpo reage ao vê-lo, você pensaria que fui picada por um aguilhão de gado.

A energia corre através de mim, acendendo meus nervos e acelerando meu pulso. Tenho certeza de que a respiração que inspiro é audível. Eu congelo, sem saber se devo me virar e correr ou entrar no elevador e morrer de ataque cardíaco.

Ele levanta o olhar para o meu.

Nossos olhos se travam.

O chão se abre e me engole.

Não, é assim que parece. Mas a sensação de cair é tão aguda que me deixa tonta. Estou tão desorientada que me esqueço de fazer

qualquer coisa, a não ser ficar ali olhando boquiaberta para ele.

As portas deslizam fechadas.

No último momento, Cole estende a mão e as impede.

Elas se separam lentamente novamente e ele dá um passo para trás.

Engolindo em seco, meu pulso acelerado, entro no elevador, aceno educadamente para os outros, depois me viro e encaro as portas se fechando.

Seu olhar no meu corpo é como mil agulhas quentes, perfurando-me por trás.

Uma pessoa desce no vigésimo quinto andar. A outra pessoa sai no 20. Então Cole e eu estamos sozinhos no elevador, e estou praticando cuidadosamente a respiração profunda para não desmaiar de nervosismo.

Acho que ele vai me deixar descer no meu andar sem me dizer uma palavra, mas quando as portas se fecham atrás da última pessoa e o elevador começa a se mover, ele enfia o dedo no botão Parar.

O elevador balança um pouco e depois para. Fico olhando para as portas fechadas com os olhos arregalados, com Cole atrás de mim e meu coração batendo forte até que ele diz rispidamente: — Excelente trabalho esta semana, Srta. Sanders.

Sua voz faz meus mamilos formigarem. O timbre disso, tão profundo e rouco, tão lindamente masculino... me faz lembrar de coisas que não deveria.

*Por que sou tão tola por este homem?*

Fecho os olhos e respiro fundo novamente. — Obrigada, Sr. McCord.

— Como está indo a auditoria do 401(k)?

Fecho os olhos e respiro, respiro, respiro. — Devo ter tudo concluído amanhã.

— Deve? Ou terá?

Ele se aproxima até que estou sentindo o calor do seu corpo. Ele leva uma mecha do meu cabelo até o nariz e inala. Então ele faz um som baixo no peito, o mesmo som de prazer que o ouvi fazer quando seu rosto estava entre minhas pernas.

*Calma, garota. Estável.*

— Eu... eu terei.

— Bom. Isso é muito bom, Srta. Sanders. Estou satisfeito. — Ele abaixa a cabeça e inspira profundamente contra meu pescoço.

Meus mamilos endurecem instantaneamente. Engulo o gemido de necessidade crescendo no fundo da minha garganta.

Com seu hálito quente lavando minha pele, ele sussurra: — Senti sua falta, baby. Senti muita falta de você.

— Sério? Hum. Devo ter perdido todos os seus telefonemas. E seus e-mails. E seus memorandos entre escritórios. Não, espere, eu *tive* um desses. Não estava exatamente cheio de saudade.

Depois de um momento, ele diz: — Você está com raiva.

— Você tem razão. Eu estou. Não apenas com raiva, mas também frustrada e confusa. — Eu me viro, encaro-o e empurro-o suavemente para trás um ou dois centímetros. — Por que você está me ignorando?

— Eu nunca poderia ignorar você.

— Ainda assim você ignorou.

— Não. Estou obcecado por você. Não consigo parar de pensar em você. É tudo que eu faço. Eu sou inútil.

Meu pulso está irregular. Quero que ele me puxe em seus braços e me abrace, mas isso também me faz sentir patética, então não peço isso. — Você me espionou pelas câmeras de segurança?

— Não, mas só porque eu disse que não agiria mais como um animal completo. Eu queria. Eu queria pagar alguém do seu andar para relatar todos os seus movimentos para mim também, mas

também não fiz isso.

Caindo em seus olhos, eu digo: — Você está se comportando.

— Ainda estou um desastre.

— Passos de bebê.

Sorrimos um para o outro.

Ele diz: — Preciso contar uma coisa a você.

— O quê?

— Gosto de você.

— Essa é a sua ideia de elogio?

— Sim. Porque eu não gosto de ninguém. Mas gosto muito de você. Além de querer foder você, quero dizer. Acho que você é inteligente, espirituosa e incrivelmente boa no seu trabalho.

Eu estreito meus olhos para ele. — Você sofreu uma queda recentemente? Bateu a cabeça com força no chão, talvez?

— Não. Por quê?

— Só estou me perguntando por que de repente estamos nos dando tão bem.

— Sempre nos damos bem.

— Sim, mas geralmente há uma cama envolvida.

— Sobre isso... — Ele estuda minha boca por um momento, depois levanta o olhar para o meu. — Eu quero outra festa do pijama.

# CAPÍTULO CINQUENTA

## *Cole*

Ela me encara por um momento de silêncio, depois cruza os braços sobre o peito e diz acidamente: — Não. Tenho certeza de que você conhece a palavra, porque você a diz com frequência.

Não sei por que esperava que isso fosse fácil.

— Você está se referindo ao memorando.

— Sim, estou me referindo ao memorando. Você se lembra daquele com letras pretas gigantes rabiscadas logo acima do meu educado pedido para vê-lo?

— Eu estava tendo um dia ruim.

— Eu tive nove deles desde então.

— Eu também... espere, você também está infeliz?

Posso dizer que ela está irritada consigo mesma por admitir isso, porque ela joga o cabelo por cima do ombro e adota uma atitude entediada. — Tenho estado ótima.

Aproximo-me dela, morrendo de vontade de sentir seus lábios sob os meus. — Ótima, hein?

— Incrível, na verdade.

— Hum.

— Eu não estou brincando.

— Eu não disse que você estava.

— Seu rosto está dizendo isso por você.

— Shay?

— Sim, Sr. McCord?



Mantenho minha voz gentil e olho diretamente nos olhos dela. — Desculpe por ter sido tão abrupto no memorando. Lamento não ter entrado em contato com você. Não consegui tirar você da cabeça e não sei o que fazer a respeito. Tudo o que sei é que vi você parada ali quando as portas do elevador se abriram e tive tanta vontade de tocar em você que comecei a salivar.

Ela me estuda por um momento, depois começa a rir.

— Por que você está rindo?

— Porque é ridículo como é fácil para você me deslumbrar.

— Eu deslumbrei você?

Ela para de rir e diz irritada: — Oh, não pareça tão satisfeito consigo mesmo. Você sabe que sim. E não, não vamos ter uma festa do pijama. Eu disse que não queria ser uma rapidinha.

Nunca pensei que alguém me dizendo não pudesse ser tão adorável.

— Ok. Acho que serei forçado a continuar fazendo isso no futuro próximo. — Retiro sua calcinha de onde ela está dobrada cuidadosamente dentro do bolso do meu paletó. Segurando-a no nariz, inspiro profundamente, saboreando o delicioso aroma de sua boceta.

Seu rosto fica escarlate. — Você a trouxe para o *trabalho*?

— Eu disse que ela iria a qualquer lugar comigo.

— Achei que você estava exagerando.

— Eu precisava manter você comigo.

— O que você precisa é de terapia.

— O que eu preciso é de você.

Nós nos encaramos até que um alarme soa. É o elevador reclamando de ficar preso entre os andares.

— O tempo acabou, Sr. McCord.

— Deixe-me ir hoje à noite.

— Não.

— Não precisamos fazer nada. Podemos apenas conversar.

— Não.

Frustrado com sua recusa teimosa em me dar o que eu quero, faço uma careta para ela.

O que, naturalmente, só a faz rir.

Ela se vira e aperta o botão para colocar o elevador em movimento novamente. Voltando-se para mim, ela diz: — Não se esqueça, Sr. McCord, existe uma política da empresa contra a confraternização entre funcionários. Eu sei, porque você me disse especificamente no primeiro dia em que comecei.

As portas do elevador se abrem. Ela se vira e sai para o andar. Ela está prestes a se afastar de mim sem dizer mais nada, então faço a única coisa que consigo pensar para fazê-la reconsiderar.

— Como está sua mãe?

Ela congela no lugar. Então ela se vira e olha para mim com os olhos arregalados e os lábios entreabertos, a cor desaparecendo de seu rosto.

Ainda estamos nos encarando enquanto as portas se fecham.

## CAPÍTULO CINQUENTA E UM

### *Shay*

Eu não consigo respirar. Eu não consigo pensar. Não posso fazer nada além de olhar para as portas fechadas do elevador enquanto meu pulso queima como fogo sob minha pele.

Lembro-me da expressão assassina que Cole usou na noite do nosso jantar, quando contei a ele que o namorado da minha mãe havia batido nela. Lembro-me dos nós dos dedos arranhados e da camisa manchada de sangue na manhã em que acordei sem memória no meu apartamento, quando ele me contou sobre Dylan. E eu me lembro dele calmo e sua pasta respingada na noite em que ele entrou na cozinha depois de me deixar sozinha para *um assunto*.

Arrepios se formam por todo o meu corpo.

Foi *ele*. Ele é a razão pela qual Bob foi embora.

Desapareceu, mais precisamente, provavelmente em um buraco profundo cavado na areia do deserto.

Putá merda. Estou apaixonada por Tony Soprano.

— Olá, Shay.

Com um grito estrangulado, pulo e giro em direção à voz. Simone fica ali, sorrindo para mim.

— Você está apenas fazendo uma pausa para o almoço agora? É um pouco depois da hora. Espero que não estejamos fazendo você trabalhar muito. Como está indo a auditoria do 401(k)?

Sem fôlego, olho para ela em seu lindo terno creme e colar triplo de pérolas e não sei se caio em lágrimas ou gargalhadas histéricas. — Bem. Está indo bem. Vou ter tudo concluído amanhã.

— Bom. — Seu sorriso se transforma em uma carranca. — Você

está bem? Você parece um pouco pálida.

Engulo em seco e aceno com a cabeça, tentando desesperadamente me recompor. — Sim. Apenas com fome. Eu tenho, hum, o que é aquela coisa de baixo nível de açúcar no sangue?

— Hipoglicemia.

— Sim, é isso.

Posso dizer pela sua expressão de dúvida que ela não acredita em mim, mas não me importo. Sem outra palavra, passo por ela e vou às cegas para o refeitório. Não me preocupo em tentar engolir a comida, apenas vou até uma mesa vazia, desabo em uma cadeira e fico olhando para minhas mãos quando as coloco sobre a mesa.

Elas estão tremendo muito.

Fico no refeitório até que meu tremor pare e meu pulso se acalme. Sei que não vou conseguir me concentrar no trabalho, mas pego o elevador de volta para cima e me sento à minha mesa parecendo ocupada para o benefício do campo de cubículos visível através das paredes de vidro do meu escritório.

Eu embaralho a papelada, clico sem rumo no computador e sorrio como se não estivesse tendo uma crise existencial e meu chefe/parceiro sexual não fosse um homem que faz outros homens desaparecerem.

Tudo muito normal, nada para ver aqui.

Às cinco horas da tarde, saio do escritório e dirijo para casa para esperar.

Eu sei que não é uma questão de se Cole vai aparecer. É apenas uma questão de quando.

\* \* \*

Como um lobisomem, ele chega à meia-noite com lua cheia.

Estou andando há horas. Tomei três taças de vinho. Resisti à necessidade urgente de ligar para Chelsea para me ajudar com meu colapso nervoso, mas sei que isso é algo que tenho que resolver sozinha.

Além disso, ela provavelmente vai me aconselhar a encontrar um novo emprego, e porra, eu não quero ouvir isso.

Não posso lidar com lógica agora. Essa parte do meu cérebro expirou com uma simples pergunta esta tarde.

*Como está sua mãe?*

Tão inocente, mas não tão inocente.

O mestre da merda mental ataca novamente.

Estou servindo outra taça de vinho quando ouço uma tábua do piso ranger. Olho e lá está ele, parado na porta da minha cozinha como uma espécie de fantasma lindo e assassino que apareceu do nada.

Meu coração começa a bater forte. Minha boca fica seca. Lentamente coloco o copo de volta na bancada e me viro para ele, tremendo.

— Já passa da meia-noite.

— Sim. Peço desculpas pela hora. Fiquei atrasado no trabalho.

Olho para os nós dos dedos, mas eles não estão cobertos de sangue. Lambendo meus lábios, olho em seus olhos novamente.

— Como é que entrou? A porta da frente está trancada.

— Estava trancada. E vou instalar uma fechadura nova. Essa fechadura não é segura.

Minha risada é pequena e apenas ligeiramente histérica. — Você a abriu. Você também é um ladrão profissional?

— Amador. — Do bolso de trás, ele tira um cartão de crédito e o segura entre dois dedos. — Não é muito sofisticado, mas funciona.

— Evidentemente.

Ele não se aproxima, apenas me observa com uma intensidade ardente enquanto coloca o cartão de crédito de volta no bolso, e tento me acalmar respirando fundo.

— Você está hiperventilando.

— Parece razoável dadas as circunstâncias, você não acha? Estou surpresa por não estar sangrando pelos olhos.

— Quanto vinho você bebeu?

— Não o suficiente para me ajudar a lidar com o fato de que você fez Bob desaparecer. Acho que vou precisar de algumas caixas de vinho antes de poder lidar com isso.

— Você está bem. É simplesmente novo.

— Vou me sentar à mesa da cozinha agora. Não faça movimentos rápidos, ou posso desmaiar de nervosismo.

— Não, fique onde está. Eu irei até você.

Ele se move em minha direção lentamente e com cautela, como se estivesse se aproximando de um animal selvagem que pode morder.

Esta noite é a primeira vez que o vejo vestindo algo além de terno. Ele está de jeans, botas e uma camiseta, tudo preto. Ele parece ridiculamente bonito. É normal, como se ele fosse apenas um cara comum, e não o vigilante bilionário moralmente cinzento que ele realmente é.

Lembro-me de como respondi que *todas as criaturas mais perigosas fazem isso* quando ele comentou que Chelsea parecia inocente na primeira noite em que nos conhecemos, e fico maravilhada com o fato de o universo gostar tanto de pregar peças em mim.

— Está tudo bem — ele murmura, estendendo a mão e acariciando meu rosto. — Você está bem, baby. Apenas respire.

Fecho os olhos e respiro profundamente enquanto ele me toma em seus braços. Ficamos juntos em silêncio por um tempo, nossos corpos pressionados um contra o outro, até que ele decide que é hora de me pegar.

Ele me carrega para fora da cozinha e pelo corredor até meu quarto, depois tira as botas e se deita ao meu lado na cama para que fiquemos de frente um para o outro, olhando nos olhos um do outro.

— Oi, linda.

— Oi.

— Fale comigo.

— Eu estava esperando que você começasse.

— O que você quer saber?

Eu estudo suas feições por um momento, admirando o quão finas e simétricas elas são e me perguntando como um cara rico que parece um modelo da GQ acaba fazendo o que faz.

— Quanta margem de manobra eu tenho? Porque sei que você é o Sr. Sigilo e normalmente não responde perguntas.

Parecendo contemplativo, ele esfrega o polegar lentamente para frente e para trás na minha bochecha. — Posso perguntar uma coisa primeiro?

— Sim.

— Você é minha?

Minha garganta fecha. Meu peito aperta. Se eu chorar, vou me bater. — Você sabe a resposta para isso.

— Eu quero ouvir você dizer isso.

— Eu pensei que você não fizesse relacionamentos?

— Eu não. Mas você roubou meu coração na primeira noite em que nos conhecemos, e finalmente percebi que é inútil continuar tentando resistir a você. Cada vez que vejo você, é como se fosse a primeira vez que vejo o sol.

Fecho os olhos e me lembro de respirar. Ele acaricia meu cabelo até que eu esteja calma o suficiente para falar novamente.

— Eu estaria mentindo se dissesse que queria outra pessoa além

de você. Ou que posso pensar em qualquer outra coisa. Você tomou meu cérebro como refém.

— Refém é bom.

— Não, não é. Refém é ruim. Refém é quando algo é mantido contra sua vontade.

— Abra seus olhos.

Quando faço isso, ele está olhando para mim com um olhar de tanta adoração que meu coração dá um pulo.

Com os olhos brilhando, ele diz calmamente: — Eu quis dizer que é bom porque você também tomou meu cérebro como refém. E meu coração. E minha alma. O que sobrou de qualquer maneira. É tudo seu, se você quiser.

Fecho os olhos novamente. Quando falo, minha voz fica embargada. — Droga.

— O quê?

— Estou apaixonada por Tony Soprano e todo mundo sabe o que aconteceu com ele no final.

Ele me puxa contra seu corpo e me abraça com força, deslizando um braço por baixo de mim para que eu fique embalada. Então ele joga uma perna sobre as minhas, estou completamente cercada por seu calor e força.

Inalando contra meu pescoço, ele suspira.

— Eu sonho com o seu cheiro — ele sussurra. — Eu gostaria de poder replicar isso consumindo colônia e flores como aquele idiota do Florentino fez.

Eu levanto minha cabeça e olho para ele com as sobrancelhas levantadas. Ele revira os olhos.

— Sim, eu li *“O Amor nos Tempos do Cólera”*. Emery disse que era seu livro favorito. Mas tenho que dizer, baby, nunca li uma besteira tão deprimente em toda a minha vida. Eu precisava de uma receita de Xanax quando terminei.



— Você falou com Emery sobre mim?

Em vez de responder, ele faz uma careta.

— Quando?

Ele admite a contragosto: — No dia em que você começou como minha assistente.

— Depois que eu disse que foi ela quem me indicou para o trabalho?

— Sim. Mas não fique brava com ela, ela não respondeu nenhuma das minhas dez mil perguntas sobre você, exceto qual era o seu livro favorito. Ela disse que eu deveria conversar com você.

— Essa é uma sugestão surpreendente, considerando que as conversas são a coisa que você menos gosta.

— Não é o meu *menos* favorito.

— Não? O que é?

Ele responde com total indiferença. — Tirar manchas de sangue de carpetes brancos.

Quando olho para ele em um silêncio horrorizado, ele ri. — Eu estou brincando.

— Não posso lidar com humor negro neste momento, Cole. Tenha piedade.

Ele coloca minha cabeça em seu ombro e beija meu cabelo. — Piedade, é isso.

Fecho os olhos novamente, coloco a mão no centro do seu peito e conto as batidas do seu coração até chegar a sessenta. Então suspiro e me aconchego mais perto dele, esperando que esse homem por quem estou tão apaixonada não seja um dia objeto de um verdadeiro documentário policial.

Ele acaricia minhas costas e cabelos, parando de vez em quando para beijar minha bochecha ou minha testa. Ele é tão gentil e doce que é quase impossível conciliar esse lado dele com o outro lado que

sei que existe.

O lado onde vivem todos os seus monstros.

Depois de muito tempo, ele murmura: — Você está bem?

— Sim. O que significa que eu provavelmente deveria ser internada.

Ele sabe o que quero dizer. — Você não é um perigo para a sociedade porque pode aceitar a escuridão mais facilmente do que outras pessoas.

— Não sei se aceitar é a palavra certa. É mais como recebê-la de braços abertos.

— Você não teve uma crise de consciência por causa dos outros.

— Não, mas Bob bateu perto de casa. E não estou tendo uma crise de consciência por causa dele. Estou feliz que ele se foi. — Depois de um momento, acrescento: — Obrigada.

— De nada. Se você tiver outras pessoas que precisam de cuidados, faça-me uma lista.

— Oh, meu Deus! Ou espere, isso foi mais humor negro?

— Não. Você pode literalmente me fazer uma lista.

Eu gemo. — Vou fingir que não ouvi isso.

— Nunca se sabe. Ter um homem como eu por perto pode ser extremamente útil.

— Por favor, pare de falar agora.

— Ok. — Há uma breve pausa e então ele diz: — Como vou responder às perguntas se não consigo falar?

— Você sabe o quê? Não me importo se você é maior e mais forte do que eu e sabe como tirar sangue de carpetes brancos. Se você não calar a boca por um minuto, eu vou chutar a sua bunda.

Ele rola em cima de mim e ri no meu pescoço. Quando ele vem buscar ar, ele me beija profundamente, pressionando-me contra o

colchão e fazendo um som suave de prazer em sua garganta.

— Shay?

— O quê?

— Diga-me que você é minha.

Olhando nas profundezas de seus lindos olhos azuis, sei que quaisquer que sejam as forças estranhas que nos uniram são as mesmas que tornam a resistência inútil. A conexão que compartilhamos naquela primeira noite não diminuiu com o tempo, apenas ficou mais forte.

Portanto, desisto de quaisquer hesitações persistentes e me rendo totalmente.

— Sou sua. Eu pertencço a você, Cole McCord, aconteça o que acontecer.

Ele fecha os olhos. Quando ele os abre novamente, eles queimam com um fogo novo – mais escuro.

— Bom, baby. Porque você ofereceu um lar a este monstro, e ele está aceitando o convite.

## CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

### *Shay*

Ele me beija de novo, então rola de costas e me coloca em cima de seu corpo do jeito que ele gosta, segurando minha cabeça em sua mão grande enquanto eu descanso minha cabeça em seu ombro.

Ele inspira profundamente, expira com força e depois começa a falar em voz baixa e sem emoção.

— No Japão, as pessoas que desaparecem são chamadas de *jouhatsu*. Traduzido literalmente, a palavra significa evaporada. Como as pessoas em todo o mundo, eles desaparecem por diferentes razões, mas muitos dos *jouhatsu* no Japão fazem isso de propósito com a ajuda de empresas chamadas *yonige-ya*.

— O que isso significa?

— Transportador noturno. Eles são especialistas em ajudar pessoas a desaparecer.

Já fascinada, espero em silêncio que ele continue enquanto acaricia distraidamente meu cabelo.

— Fui apresentado à ideia pela primeira vez quando estava no internato em Londres, na minha adolescência. Lá eu tinha uma amiga chamada Kiyoko, cuja família era rica, como a minha. Mas um de seus tios tinha problemas com jogos de azar e contraiu dívidas profundas. Ele pediu dinheiro emprestado à yakuza para tentar pagar, mas não pagou o empréstimo. E se você não paga suas dívidas com a yakuza, você não consegue continuar respirando.

— Presumo que eles sejam do crime organizado como a Máfia?

— Sim. Então o tio de Kiyoko contratou um transportador noturno para ajudá-lo a desaparecer. Nunca mais se ouviu falar dele. A única razão pela qual a família soube o que aconteceu com ele é

porque ele deixou um bilhete para sua mãe. Mas eles nunca mais falaram dele depois disso. Assim como o suicídio, tornar-se *jouhatsu* é um tema tabu em sua cultura. Quando isso acontece, todos agem como se não tivesse acontecido. Você desaparece e ninguém mais menciona você.

Deito-me em seus braços e penso sobre isso. Desaparecer permanentemente sem deixar vestígios. Para recomeçar em algum lugar novo, onde ninguém conhece você e seu passado não pode seguir.

Não consigo decidir se é maravilhoso ou deprimente.

— Durante o internato, Kiyoko e eu nos tornamos amigos íntimos. Depois que nós formamos, fomos juntos para Oxford.

— Você foi para Oxford?

— Sim. Não pareça tão impressionada.

— Por que não? É impressionante.

— A universidade não ensina a pensar. Ela apenas ensina como se conformar e fazer testes. Eu gostaria de ter pulado tudo, mas meu pai tem uma queda por ensino superior. Ele não foi para a faculdade, então garantiu que seus três filhos fossem. A propósito, foi em Oxford que conheci Axel. Eu o odiei no começo. Pensei que ele era um atleta esnobe. Tiro com arco, boxe, críquete, esgrima, ele fazia de tudo. Acontece que ele se esforçou muito no atletismo para irritar seu pai, um membro da nobreza britânica, que queria que ele tivesse um escritório de advocacia como ele. Depois que descobri isso, nós nos tornamos melhores amigos.

Ele ri. — Não há nada como uma dinâmica familiar compartilhada e fodida para aproximar as pessoas. Enfim, depois de Oxford, Kiyoko se mudou para Vancouver e eu voltei para Los Angeles. Axel decidiu que estava farto da Inglaterra, então solicitou a cidadania americana e mudou-se para a Virgínia para frequentar a Academia do FBI.

Cole faz uma pausa. Ele exala novamente. Então ele diz: —

Kiyoko e eu perdemos contato por um tempo. Até que sua filha foi assassinada.

Meu batimento cardíaco acelera. Eu sussurro: — Ah, não.

— Sim. O que já é ruim o suficiente. O que torna tudo pior é que o assassino foi o próprio pai dela.

— Oh, Deus. Que horrível. O que aconteceu?

Sua voz cai, mas ganha um toque de ódio. — Kiyoko foi estuprada. Ela engravidou. Mas ela queria ser mãe e sabia que as circunstâncias não eram culpa da criança. Então ela decidiu ter o bebê e nunca contar como foi concebida. Dois anos depois, o estuprador de Kiyoko foi solto da prisão.

Estou horrorizada. — Dois anos? Só isso?

— É mais do que a maioria dos estupradores consegue. O Canadá não tem pena mínima para crimes de agressão sexual. Então esse maluco de alguma forma descobriu que Kiyoko teve seu filho. E ele decidiu que o bebê pertencia a ele. Ele localizou o endereço residencial de Kiyoko.

Cole fica em silêncio por um longo tempo. Eu não me atrevo a falar. Posso sentir o quanto ele está lutando.

Finalmente, ele diz com voz áspera: — Ele a agrediu novamente. Estuprou-a e espancou-a quase até a morte. Então ele pegou o bebê. — Ele inala uma respiração irregular. — Não vou contar o que ele fez com ela, mas o corpinho dela foi encontrado embrulhado em sacos plásticos e enfiado na lixeira de um banheiro masculino no Stanley Park.

Estou tão horrorizada que não consigo respirar. Deito-me rigidamente com o coração batendo forte e a boca aberta, lágrimas brotando dos meus olhos.

Sob a palma da minha mão, o coração de Cole bate tão forte quanto o meu.

— Quando soube o que aconteceu, voei para vê-la. A condição em

que ela estava... ninguém deveria passar pelo que Kiyoko passou. Ela quase não se recuperou. Ela se curou fisicamente, mas mentalmente foi mais difícil. Ficamos muito próximos. Mudei-me para lá e fiquei com ela até que ela pudesse funcionar novamente. E nesse tempo, eu me apaixonei por ela. E decidi que o homem que a machucou e levou seu bebê nunca mais seria capaz de machucar mais ninguém.

Estou chorando abertamente agora. Eu não posso parar com isso. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Não me preocupo em tentar limpá-las, porque sei que mais virão.

— Eu o encontrei. Eu o matei. Eu me certifiquei de que demorasse muito. E quando tudo acabou e contei para Kiyoko, ela não disse uma palavra. Ela apenas beijou minhas mãos machucadas e me abraçou. Nunca mais falamos sobre isso. Mas naquela noite prometi que faria o que pudesse para evitar que qualquer outra mulher passasse pelo que ela passou. Jurei que usaria meu dinheiro e poder a serviço de algo maior do que minhas próprias necessidades egoístas. Eu usaria isso para ajudar os indefesos. Mulheres como Kiyoko e sua filha, para quem o sistema falhou.

Eu soluço e começo a chorar.

Cole me abraça com força e me segura silenciosamente enquanto choro em seu ombro.

Depois de um tempo, quando estou mais calma, ele enxuga minhas lágrimas com a ponta dos dedos e me beija suavemente. — Sinto muito.

— Não sinta! Sinto muito por *você*! Cole, o que você e ela passaram juntos... nem consigo imaginar.

Quando ele fala novamente, ele parece exausto. — A maneira como começamos, o que eu fiz... não foi a base para um bom relacionamento. Eu não era seu cavaleiro de armadura brilhante. Eu era um lembrete constante do que ela havia perdido. Voltei para Los Angeles para trabalhar na empresa, mas nos víamos sempre que podíamos. Fins de semana, feriados, o que fosse. Mas de vez em quando eu a pegava olhando para mim como se odiasse me ver. Como

se eu a estivesse deixando doente. Ela negou, mas eu sabia o que ela via quando olhava para p meu rosto. Eu era uma amarra à feiura do passado dela. Eu não fui bom para ela. Eu só estava machucando-a mais. Então terminei.

Penso nele sentado sozinho naquela mesa na noite em que nos conhecemos no bar do hotel em Beverly Hills. Penso em sua expressão sombria, em seu ar de tristeza, e me odeio por ter sido tão arrogante quando me sentei.

*Você parece ser o maior arrependimento de muitas mulheres*, eu disse a ele.

Como ele poderia me perdoar?

Começo a me desculpar, mas ele gentilmente me manda calar.

— Você nunca precisa pedir desculpas por nada, Shay. Eu sei onde está seu coração. Eu sei que está tudo bem. Você é a única pessoa no mundo a quem eu sabia que poderia contar essa história e que não me condenaria pelo que fiz. Então, obrigado por ser meu espaço seguro. Você tem me dado mais graça do que mereço desde o dia em que nos conhecemos.

Meu coração dói. Dói tanto que parece que vai explodir e me matar.

— Onde está Kiyoko agora?

— Ainda em Vancouver.

— E Axel está aqui.

— Ele se formou na academia e trabalhou para o FBI por um tempo, mas não é um cara que gosta de receber ordens dos outros. Então ele me ligou e decidimos trabalhar juntos. Formamos nosso próprio grupo de transportador noturno. Com meu dinheiro e seu treinamento e contatos, podemos fazer muita coisa.

— Você disse que ele era seu personal shopper.

Ele ri. — E se ele soubesse disso, ele me mataria.

Estou tentando juntar tudo na minha cabeça, mas faltam detalhes.



— Então isso de transportador noturno que você faz. Como você encontra as pessoas que precisam desaparecer?

— Principalmente de abrigos para mulheres. Tenho contatos que se reportam a mim. Não posso ajudar todos os que sofrem abusos, mas as mulheres com filhos são uma prioridade. Elas ganham uma nova identidade e um novo lugar para morar.

— Então você cuida de seus agressores. Do jeito que você fez com Dylan.

— A maioria deles. Às vezes, as mulheres não querem que o seu agressor morra. Se ela preferir, vou deixá-la me ver espancá-lo e depois fazê-lo transferir todo o seu dinheiro e imóveis para contas que já abrimos em seu nome. Geralmente isso só acontece se ele for rico.

— Mas e se ele retaliar? E se ele decidir não a deixar ir e a encontrar?

Sua voz fica sombria. — Tenho certeza de que ele entenda que isso não é uma opção.

Penso em tudo o que ele me contou, tentando imaginar o que ele passou e como tem sido sua vida.

Mas não consigo imaginar isso.

A solidão. A dor de cabeça. O perigo...

Principalmente o perigo.

Alarmada, sento-me e olho para ele. — Você será pego.

— Não, não vou.

— Sim, você vai — insisto, começando a entrar em pânico. — Se isso é uma coisa normal que você faz, não há como não acontecer isso!

— O chefe de polícia é um amigo próximo da família.

Eu olho para ele sem expressão até entender o que ele está dizendo. — Você quer dizer que ele *sabe*?

Ele concorda. — Sua filha de quinze anos foi morta pelo namorado. Gostava de ser duro com ela. Bater nela. Uma noite ele foi

longe demais e quebrou o pescoço dela. Mas por ser menor de idade, sem antecedentes e ter um advogado muito bom, não cumpriu pena. Ganhou liberdade condicional e serviço comunitário. Não importava quem era o pai dela, o menino ainda saiu andando.

Fico boquiaberta para ele, horrorizada novamente.

Olhando nos meus olhos, ele murmura: — Não há justiça neste mundo para pessoas boas. Somente o mal consegue o que quer.

— Isso é incrivelmente deprimente.

— É por isso que a religião foi criada. Sem uma vida após a morte pela qual esperar, a maioria de nós desistiria e cortaria os pulsos.

Eu suspiro. — Preciso de outra taça de vinho.

Ele me estuda, seu rosto sombrio. — Você entende agora por que eu disse que não tenho relacionamentos? Por que não deixo as pessoas se aproximarem?

Quando aceno com a cabeça, ele diz: — Se fizermos isso, Shay, se nos comprometermos um com o outro, você terá que me prometer uma coisa.

— O quê?

— Que se você começar a me odiar, você irá embora. Porque eu já sei que não poderei me afastar de você. Já sei que não sou forte o suficiente. Essa coisa conosco, essa conexão... é tudo que eu sempre quis e tudo que sei que não mereço. Então vou me agarrar a isso como se minha vida dependesse disso. Vou aguentar mesmo que deva largar. Você terá que ser a única a acabar com isso, se for o caso. Prometa-me que você vai.

Lágrimas brotam em meus olhos novamente. Estou surpresa por ainda ter alguma. — Eu prometo.

Ele me olha atentamente, como se quisesse ter certeza de que estou dizendo a verdade. Tudo o que ele vê o deixa satisfeito, porque ele balança a cabeça e estende os braços.

Deito-me em seu peito, aconchegando-me mais perto dele, o mais

perto que consigo. — Então, o que fazemos em relação à política de não relacionamento na empresa?

— Nós contornamos isso.

— Como?

— Nós seremos discretos. Muito discretos. Continuamos como sempre, exceto que não há mais encontros na escada. Nós só nos vemos fora do escritório e de preferência não em público.

— Então, basicamente, apenas no meu apartamento ou na sua casa.

— Eu sei que é inconveniente, mas se meu pai souber que estamos juntos, ele ficará louco. Meus irmãos não vão se importar, exceto que isso fará com que todos fiquemos mal, como se achássemos que as regras não se aplicam a nós. Mas o pior seria como você seria tratada pelos outros funcionários. Todo mundo pensaria que você só conseguiu o emprego porque estávamos dormindo juntos. Não seria agradável para você.

Em sua pausa, posso dizer que ele quer que eu imagine tudo isso. Sendo ridicularizada, sendo condenada ao banimento, sendo odiada por seu pai. Talvez até sendo demitida por seu pai.

Tanto para causar uma boa impressão nos pais.

— Você tem razão. Não seria agradável. Vamos evitar isso.

Ele hesita. — Se você não trabalhar para mim, entretanto, nada disso se aplica.

— Se você está me pedindo para desistir, a resposta é não. É o melhor trabalho que já tive. E o que paga melhor.

— Tive a sensação de que você diria isso. — Ele brinca com meu cabelo enquanto pensa. — E se eu lhe desse dinheiro suficiente para que você nunca mais tivesse que trabalhar?

— E se eu costurasse seus lábios enquanto você dorme para que você não dissesse algo tão bobo de novo?

Ele me permite ferver de aborrecimento até me acalmar, então

suspiro. — Vou reconsiderar em um ano.

— Sobre pegar o dinheiro?

— Não, sobre encontrar um novo emprego.

— Oh. — Ele fica quieto por um momento. — Mas você percebe que sou um bilionário...

— Pare de falar. Simplesmente pare. Não estou interessada no seu dinheiro.

Sua risada silenciosa sacode seu peito. — Tudo bem, baby. Não falo mais. Em vez disso, ficaremos deitados aqui.

Ele acaricia meu cabelo e costas. Ele me abraça como se eu fosse frágil e teme que eu possa quebrar, de vez em quando me dando um aperto e um beijo na testa. Estou exausta emocional e fisicamente, reprimindo um bocejo enquanto penso em tudo que ele me contou e no que o futuro trará.

E prometo a mim mesma que não importa o que aconteça, vamos aguentar. Podemos conseguir, mesmo que haja todos os tipos de obstáculos. Faremos isso porque ambos queremos que funcione.

É como se eu tivesse esquecido completamente como a vida adora me foder.

# CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

## *Shay*

No dia seguinte, no trabalho, estou flutuando.

Sinto como se todas as nuvens tivessem sido varridas do horizonte e tudo será sol e arco-íris de agora em diante. Os segredos de Cole foram revelados, concordamos em como seguir em frente e, se estou preocupada com todas as maneiras pelas quais isso pode dar errado, digo a mim mesma que não estou.

Scotty me traz um memorando interno às dez horas.

*Srta. Sanders,*

*Por favor, traga-me o relatório de auditoria quando tiver concluído. Eu gostaria de discutir isso com você.*

*Seu,*

*Sr. McCord*

Eu digito aquele maldito relatório tão rápido que as teclas do meu teclado derretem. Então subo correndo as escadas com o relatório nas mãos, sorrindo como uma lunática.

Quando vejo Marion em sua mesa, porém, tento agir com compostura. — Bom dia, Marion.

Ela sorri e acena. — Bom dia!

Surpresa por ela estar tão alegre, paro em sua mesa. — Como vai você?

— Estou indo muito bem, obrigada! — Ela olha para o escritório de Cole e abaixa a voz. — Você está com sorte. Ele está de bom humor

hoje. Ouso dizer que ele está agindo de forma quase humana?

Tento não demonstrar o quanto isso me deixa feliz, mas se ela olhar bem de perto, verá meu coração batendo através da blusa. — Realmente? É interessante.

— Ele realmente sorriu para mim. Você acredita nisso? De qualquer forma, vá em frente. — Ela aponta em direção ao escritório dele.

— Você não precisa me anunciar?

— Ele me disse para mandar você assim que chegasse.

— Ok, obrigada.

Vou até a porta dele, tirando o sorriso dos meus lábios. Quando bato, ouço um instante depois: — Entre — vindo de dentro.

Quando abro a porta, ele já está de pé, vindo em minha direção. Mal consigo fechar a porta atrás de mim antes que ele me pegue nos braços e me beije com força.

— Sr. McCord — falo sem fôlego. — Você está muito ansioso esta manhã.

Ele rosna: — Eu deveria ter fodido você antes de sair do seu apartamento.

Sufocando uma risada, porque estamos perto da porta e não quero que Marion me ouça, sorrio para ele. — Mas então eu teria me atrasado novamente.

— E eu teria escrito outro bilhete para você. Como ficou mais bonita desde a última vez que vi você?

Ele espalha beijos ao longo do meu queixo e pescoço, fazendo-me estremecer. — Eu não fiquei. Você é apenas tendencioso. Eu trouxe o relatório.

Ele pega a pasta da minha mão e a joga no chão. Papéis voam, espalhando-se pelo tapete. Ele passa por mim e tranca a porta, depois me pega e me leva até o sofá de couro perto da janela.

Ele me deita e empurra minha saia até minhas coxas.

Olho nervosamente para a porta. — O que você está fazendo? Achei que deveríamos ser discretos!

— Eu preciso enterrar meu pau discretamente em sua boceta perfeita, Srta. Sanders.

Ajoelhando-se ao lado do sofá, ele puxa minha calcinha pelas minhas pernas e a remove, aperta-a no punho, coloca-a no nariz e inala profundamente, depois a enfia no bolso. Então ele coloca o rosto entre minhas pernas e me come até que eu balanço meus quadris contra seu rosto, desesperada pelo orgasmo.

Antes que eu possa, ele se levanta, desabotoa o cinto e abre o zíper da calça, pega seu pau duro na mão e o enfia dentro de mim.

— Sr. McCord — eu sussurro, olhando para ele com meu pulso acelerado. — Isso é altamente irregular. Talvez eu tenha que denunciá-lo aos recursos humanos.

Ele pega minha boca e me fode forte e rápido, penetrando-me com estocadas poderosas. Nós dois estamos quietos, exceto pelo som de nossa respiração irregular. Quando eu gozo, estou olhando nos olhos dele. Eu digo o nome dele em um sussurro entrecortado, e isso o leva ao limite.

Empurrando, ele se esvazia dentro de mim silenciosamente, com o rosto pressionado no meu pescoço e as duas mãos sob minha bunda. Ele enfia os dedos na minha carne e estremece, depois solta o gemido mais fraco e erótico.

Ficamos aqui, abraçados e ofegantes, até que a voz de Marion chega pelo interfone do telefone de sua mesa.

— Sr. McCord, seu pai está vindo ver você.

Ele levanta a cabeça e olha para mim. — Porra.

Nós nos levantamos e arrumamos nossas roupas. Passo as mãos pelo cabelo enquanto Cole atravessa o escritório para pegar os papéis espalhados pelo chão. Quando ele reúne todos eles, ele empurra a

pasta para mim e se senta atrás da mesa assim que seu pai bate com força na porta.

Em pânico, jogo-me na cadeira em frente à mesa de Cole e agarro a pasta com as mãos trêmulas.

Cole olha para mim. — Preparada?

— Oh, Deus.

— Você vai ficar bem. Apenas sorria. — Ele grita: — Entre.

O McCord mais velho entra pela porta.

Vestindo um terno listrado trespassado e um relógio de ouro robusto, seu porte majestoso e cabelos escuros grisalhos nas têmporas, o pai de Cole parece exatamente o que é: rico e poderoso.

— Olá, filho.

— Pai. Isso é inesperado.

— Precisamos conversar sobre seu irmão.

Quando ele olha para mim, tento parecer que não estou sentada aqui com o sêmen de seu filho vazando de mim.

— Bom dia.

Eu fico sorrindo nervosamente. — Bom dia, senhor. Sou Shay Sanders, assistente de Cole.

Ele se aproxima com a mão estendida, sorrindo. — Chame-me de Konrad. Bem-vinda à empresa.

Apertamos as mãos, então meu coração quase para quando ele olha para minha boca e franze a testa.

— Seu batom está manchado, querida.

*Mate-me. Apenas me mate agora mesmo.*

Limpando a boca, eu digo: — Oh, meu Deus, é mesmo? Que vergonha. Comi um croissant na minha mesa esta manhã. Essas coisas são tão confusas.

Konrad diz: — É por isso que nunca os como. Migalhas por toda a



frente do meu terno. Faz-me parecer um desleixado. Experimente um bagel. Os do refeitório são surpreendentemente decentes.

— Ah, ah... eu vou. Essa é uma ótima ideia. Eu adoro bagel!

Konrad sorri para mim enquanto Cole está sentado em sua mesa, sorrindo.

— Bem, vou deixar isso aqui para você revisar mais tarde, Sr. McCord. — Coloco a pasta na beirada da mesa de Cole e depois me afasto em direção à porta, torcendo as mãos e sorrindo como uma competidora de um game show. — Foi um prazer conhecê-lo, Sr. McCord, — digo a Konrad. — Tenha um dia maravilhoso.

Viro-me e caminho rigidamente até a porta, torcendo para que não haja nenhuma mancha molhada na parte de trás da minha saia.

Meia hora depois, estou na minha mesa quando meu telefone toca. — Shay Sanders falando.

A voz calorosa de Cole aparece na linha. — Bom dia, Srta. Sanders.

Limpo a garganta e tento usar um tom profissional, embora meu coração tenha começado a bater forte com a primeira sílaba que ele falou. — Olá, Sr. McCord.

— Eu só estava ligando para dizer que você fez um bom trabalho na auditoria. O relatório que você me deu esta manhã estava excepcional.

Sua voz é quente e sexy, misturada com humor. Eu sei que ele não está falando sobre o relatório.

— Obrigada. Presumo que sua reunião com seu pai correu bem?

Ele ri. — Sim. Depois que você saiu, ele comentou que você é uma garota adorável. Eu disse a ele que não estava totalmente satisfeito com seu desempenho até agora, mas esperava que você melhorasse.

— Puxa, que generoso da sua parte.

— Se eu contasse a ele o que realmente sinto por você, seria

retirado do prédio em uma maca.

O calor se espalha pelo meu corpo. Eu sorrio para a tela do meu computador. — Então ele não percebeu nada.

— Você quer dizer o quão incrível você fica depois de gozar? Toda corada e brilhante? Não, ele não percebeu. A propósito, pensou rápido sobre o batom.

Eu gemo e cubro meu rosto com a mão. — Achei que fosse morrer.

Sua voz cai. — Pensei que fosse morrer quando você gozou para mim. Sua boceta estava tão molhada, baby. Eu não me canso disso. Eu não me canso de *você*.

Corando furiosamente, olho pela janela do meu escritório para o campo de cubículos. Ninguém está olhando em minha direção, mas me sinto tão visível que poderia muito bem ter uma letra A escarlate bordada em meu peito.

— Eu também — eu sussurro. — Essa coisa de ser discreto pode ser mais difícil do que previmos.

— Bem, descubra. A que horas devo buscá-la hoje à noite?

— Buscar?

— Você vai passar o fim de semana na minha casa.

— Não me lembro de ter sido convidada.

— Não seja tímida comigo. Você quer acordar ao meu lado tanto quanto eu quero acordar ao seu lado.

Sorrindo de orelha a orelha, balanço a cabeça. — Você é uma mão cheia, Sr. McCord.

— Vejo você às sete, Srta. Sanders.

Ele desliga, deixando-me incandescente de felicidade.

Ele chegou cedo de novo, tocando a campainha enquanto estou correndo para terminar de fazer as malas. Quando abro a porta, ele me olha de cima a baixo, depois entra e me abraça, levantando-me do chão.

Eu o abraço de volta e rio. — Oh. Olá.

— Olá para você.

— Você é muito alto. Meus pés estão pendurados.

— Talvez você seja apenas baixa.

— Eu não sou baixa. Você tem um cheiro incrível. Isso é algo novo que você está usando?

Ele me coloca no chão e me beija suavemente, e sorri. — Não. Só feromônios do amor. Você está pronta para ir?

Um arrepio percorre meu corpo quando ele menciona a palavra *amor*, mas não dou muita importância a isso. — Quase. Tenho que terminar de fazer as malas.

— Você diz isso como se estivesse saindo de férias de duas semanas para a Europa.

— Ah, isso mesmo. Você não sabe que sou uma empacotadora exagerada. Bem, é melhor você descobrir agora no que está se metendo.

Eu o levo para o meu quarto. Em cima da cama estão as duas malas que já arrumei, junto com a sacola de fim de semana aberta no chão, ao lado da cômoda, que ainda estou trabalhando para encher.

Ele olha para elas e levanta as sobrancelhas.

— Eu sei. É um problema. Uso as mesmas calças de ioga cinco dias seguidos em casa, mas coloque uma mala na minha frente e embalarei todas as peças de roupa formal que possuo, além de uma dúzia de pares de sapatos e vinte bolsas.

— Você realmente acha que o vestido de baile é necessário?

— Isso não é um vestido de baile. Isso é um roupão.

Ele olha para o roupão de seda rosa fofo que sai de uma das malas. — É volumoso.

— É bonito!

— Você não vai precisar disso. Se você colocou calcinhas, sutiãs ou camisolas, também pode retirá-los.

— Ugh. Certo.

Quando tiro o roupão da maleta, ele me dá um tapa de brincadeira na bunda. Então estamos sorrindo um para o outro.

— Por que me sinto como se tivesse nove anos e vou para a Disneylândia pela primeira vez?

— Porque você é adorável. Mas cuidado. Na minha Disneylândia, Mickey Mouse transa com Minnie no cruzeiro na selva.

Ele me beija de novo, eu termino de fazer as malas e então partimos, indo para sua mansão nas colinas com o rádio tocando, de mãos dadas e cantando nossas músicas favoritas.

Ainda estamos de mãos dadas quando olho pela janela do motorista e vejo um caminhão de carga atravessando o cruzamento contra o sinal vermelho.

Eu nem tenho tempo de gritar o nome de Cole antes que ele nos acerte a toda velocidade.

# CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

## *Cole*

É uma coisa engraçada, karma.

Justamente quando você pensa que a vida está indo do seu jeito, o karma aparece para lembrá-lo de que há um preço a ser pago por tudo.

Quanto maiores forem os seus pecados, maior será o preço.

E quanto mais você pagará por eles.

## CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

### *Shay*

É o bipe que me chama a atenção. O bipe incessante, como um daqueles irritantes alarmes de sensor de ré em um carro. Exceto que nunca para, nem por um segundo.

Irritada com o barulho, abro os olhos. Minhas pálpebras pesam mil quilos, então elas se fecham quase imediatamente. Mas é o suficiente para eu ter um vislumbre de uma sala desconhecida, iluminada por luz fluorescente.

— Ela está acordada! Ela abriu os olhos! Chame o médico. Traga-o aqui rápido.

Eu reconheço essa voz. É da minha mãe.

Por que minha mãe está aqui?

Onde estou?

O bipe irritante continua.

Uma confusão de aromas paira no ar. Flores e perfume, spray de cabelo e enxaguante bucal, odor corporal e alvejante. Há algo mais por trás de tudo isso, um fedor subjacente que nunca encontrei antes. Como o cheiro de algo ruim, é profundamente perturbador.

Abro os olhos novamente, desta vez focando na pessoa que se aproxima de mim, curvada sobre a cama. É Chelsea.

Seus olhos estão vermelhos e inchados. Seu rosto está manchado e seu cabelo loiro está uma bagunça. Eu nunca a vi assim. E por que ela está com seu uniforme de trabalho?

Quando falo, fico surpresa com o quão fraca e áspera minha voz soa e com o quanto minha garganta dói. — Ei, amiga. Você parece uma merda.

Ela agarra minha mão e começa a chorar. — Shay. Oh, Deus. Graças a Deus.

Olho ao redor da sala. Meus pais estão juntos na ponta da minha cama. Meu pai está segurando as grades de proteção de metal que circundam o colchão com as duas mãos, como se estivesse se segurando nelas para o resto da vida.

— Oi, querida — ele diz, com a voz embargada. Suas roupas estão amarrotadas e seus olhos estão vermelhos, e percebo que, assim como Chelsea, ele também está chorando.

O sinal sonoro fica mais alto e mais rápido à medida que o medo gelado toma conta de mim.

Estou no hospital.

Este é um quarto de hospital, e meus pais e Chelsea estão aqui porque me machuquei.

De repente, não consigo recuperar o fôlego. Parece que um peso de mil quilos está esmagando meu peito. Engulo em seco, piscando contra a luz forte do quarto, e tento me sentar.

Eu não consigo me mover.

Em pânico agora, olho para mim mesma.

Estou coberta por um fino cobertor azul, mas meus braços e pernas estão onde deveriam estar. Tubos finos de plástico estão presos em ambos os braços e nas costas da minha mão direita. Os tubos conduzem a sacos com um líquido transparente pendurados em uma haste prateada ao lado da cama. Ao lado do poste está o monitor de frequência cardíaca que causa todos os bipes.

Um jovem médico de jaleco branco entra no quarto, seguido por um grande enfermeiro de uniforme azul. Deve ter sido quem minha mãe mandou chamar o médico. Chelsea se afasta para dar espaço ao médico na beira da cama, mas não solta minha mão.

— Olá, Shay. Eu sou o Dr. Dayan. Como você está se sentindo?

Ele tem uma voz gentil e um sorriso gentil, e agora estou com

ainda mais medo do que antes. Minha língua não quer funcionar, então fico olhando para ele em um silêncio aterrorizada, esperando que ele fale novamente.

Minha expressão deve ser bastante sombria, porque ele começa a me explicar as coisas lentamente, como se eu não entendesse suas palavras.

— Você sofreu um acidente de carro. Você está na UTI. Nós lhe demos medicamentos para reduzir o inchaço no cérebro, então você pode se sentir desorientada e confusa por um tempo. Isso é normal.

*Estou na UTI?*

Como se convocada por esse pensamento, a dor em meu corpo se manifesta.

Está em todo lugar, mas é pior em certos lugares. Minha cabeça dói e meu quadril direito lateja. Minha coluna não parece bem, como se estivesse desalinhada, e todos os nervos entre os discos estão comprimidos. E minha garganta está tão crua. Até minhas cordas vocais estão doloridas.

Todos na sala estão prendendo a respiração. Posso sentir isso sem olhar para eles. A sensação de pavor coletivo paira no ar como uma névoa maligna.

E entendo que fui gravemente ferida. Que essas pessoas que amo não tinham certeza se eu viveria ou morreria.

*Cole.*

Meu batimento cardíaco fica descontrolado. Minha boca, já seca, vira pó e cinzas. O frio desce por todo o meu corpo, fazendo com que pareça que estou envolta em camadas de gelo.

Eu sussurro: — Cole está bem?

Inclinando-se para iluminar meus olhos com uma lanterna, o Dr. Dayan diz: — Você ficará fraca por um tempo. Isso também é normal. Os músculos atrofiam rapidamente quando não são usados. Sua garganta também vai doer. Seu tubo de respiração foi removido esta



manhã quando interrompemos os paralíticos.

Eu não me importo com um tubo de respiração estúpido agora. O que me importa é o homem que estava no carro comigo.

— Onde está Cole? Chelsea? Ele está bem?

Chelsea e o médico trocam olhares. Então ela aperta minha mão.

— Deixe-o examinar você, ok? Depois a gente conversa.

A voz dela é suave. Muito suave e tingida de tristeza. E eu sei o que isso significa.

Cole não está bem.

O que quer que haja de errado comigo, é pior com ele.

O som de pneus cantando e vidros quebrando enche meus ouvidos. A sensação de cair no espaço vazio me toma. Respiro fundo, parecendo fogo e cheirando a fumaça e combustível queimado.

Enquanto o médico bate na minha perna para ver se consigo sentir, fecho os olhos e começo a chorar.

\* \* \*

Acordo na escuridão.

Não é total. A luz do corredor entra pela porta aberta do quarto. A cortina que cerca a cama foi puxada para o lado para que eu possa ver o corredor até o posto de enfermagem. Três pessoas estão sentadas à mesa, uma mulher mais velha de uniforme rosa digitando no teclado de um computador e duas mulheres mais jovens cuidando da papelada.

A única luz dentro do meu quarto vem do corredor e da luz da lua que entra pela janela.

Deve ser muito tarde, mas não sei que horas são. Se houver um relógio nesse lugar, ele não está à vista.

Viro a cabeça no travesseiro e vejo minha mãe dormindo no pequeno sofá embaixo da janela, com as pernas dobradas e os braços em volta do corpo. Ela está pálida e muito magra. Manchas escuras sob seus olhos ressaltam sua exaustão.

Ao luar, ela não parece estar dormindo.

Ela parece que está morta.

Mas então ela inspira e murmura algo incoerentemente, e a dor em volta do meu peito diminui.

Fica mais tensa novamente quando penso em Cole.

Eu tenho que saber como ele está. Eu tenho que saber o que aconteceu com ele. Quase não me lembro de nada sobre o acidente que me colocou aqui, apenas daquele rápido vislumbre do caminhão que se aproximava e de alguns trechos da colisão, mas sei que deve ter sido devastador.

Levantar a cabeça é como levantar uma marreta.

Sentar reta me deixa ofegante de dor.

Tonta e enjoada, fecho os olhos com força e fico imóvel por um tempo, reunindo forças para balançar as pernas para o lado da cama. Em algum momento, alguém abaixou as grades laterais da cama, então não estou mais presa.

Quando me sinto mais estável, deslizo uma perna de cada vez e, em seguida, deslizo com cuidado até a beira do colchão até conseguir colocar os pés no chão. Está um frio glacial, mesmo através das feias meias azuis do hospital que estou usando.

Tento não pensar em como entrei nessas meias ou nesse vestido azul claro. Não me pergunto quem teve que tirar minhas outras roupas, ou como elas devem ter sido cortadas do meu corpo. Afasto todos os pensamentos da cabeça e me concentro em me levantar.

O esforço necessário me deixa ofegante e coberta de suor.

Agarro o poste de metal que segura o saco de líquido ao qual estou presa. Tem rodas, graças a Deus. O mais cuidadosa e

silenciosamente que posso, dou a volta na ponta da cama em direção à porta aberta, rezando para que minha mãe não acorde e me impeça.

Ela não acorda.

Quando chego à porta, as enfermeiras ainda estão ocupadas com o seu trabalho.

Fracamente, tremendo e com dor, passo furtivamente pelo posto de enfermagem, caminhando lentamente pelo corredor. As portas dos quartos dos pacientes não têm janelas, então não consigo ver o interior, mas quando passo por um quarto com uma porta pintada de amarelo brilhante e numerada nove, a porta se abre de repente e um médico está ali.

Ele fica surpreso ao me ver, mas não presta atenção nele.

Estou olhando para a pessoa deitada na cama no quarto.

É Cole.

Só o reconheço pelas mãos, imóveis na cama, e pelo pai, sentado numa cadeira ao lado dele.

A cabeça de Cole foi raspada. Uma linha preta e irregular de pontos serpenteia pelo lado esquerdo de seu rosto, da têmpora ao queixo. Um tubo está enfiado em sua garganta e preso por largas tiras de fita branca que se destacam nitidamente contra os hematomas manchados de roxo e azul em sua pele.

Uma máquina está respirando por ele.

Devo soltar um grito de angústia, porque Konrad olha para cima e me vê parada no corredor, olhando para dentro.

Nossos olhos se encontram.

Os dele estão desesperados e brilhando de lágrimas.

Minhas pernas fraquejam, mas o médico me segura antes que eu caia. A última coisa que vejo quando a porta se fecha atrás dele é o pai de Cole, que coloca a cabeça nas mãos e começa a chorar.

## CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

### *Shay*

Na manhã seguinte, depois que meu médico teve uma conversa tranquila com meus pais lá fora, no corredor, fui transferida da unidade de cuidados intensivos para um quarto normal em um andar diferente. Seguro a mão da minha mãe enquanto uma enfermeira empurra minha maca pelo corredor até o elevador.

Ninguém me conta nada sobre Cole.

Nem o médico que saiu do quarto ontem à noite, nem o Dr. Dayan ou as enfermeiras, e nem meus pais, que se revezam sentados comigo enquanto o outro faz uma pausa.

A esposa do meu pai, Chloe, ficou no Oregon para cuidar dos dois cachorros. Ele parece perdido sem ela. Minha mãe, por outro lado, está muito bem.

— Você não acha aquele enfermeiro fofo? — ela me diz assim que estou instalada no novo quarto e a enfermeira em questão se foi. — Nunca vi músculos tão grandes em um homem. Suponho que o trabalho dele exija muita força, levantar pessoas inconscientes e outras coisas.

Ela se senta na feia cadeira de plástico ao lado da mesa de cabeceira, tira agulhas de tricô e fios de sua bolsa grande e irregular e começa a tricotar, conversando animadamente enquanto trabalha em algo que pode ser um porta-panelas quando aumentar. No momento, é do tamanho de um porta-copos.

— Aquele médico da UTI também era fofo. Dayan. Muito bonito. Você acha que ele é armênio? Eu tive um namorado armênio uma vez, embora não tão bonito quanto ele. Belo cabelo, no entanto.

— Mãe.

— Seu pai parece bem, não é? Precisa de um corte de cabelo. Suponho que a Zoe dele goste longo, sendo ela hippie e tudo. Você pode imaginar ser criada em uma comunidade? Tão estranho. Não tenho ideia do que ele vê nela. Talvez ela coloque gomas de maconha no cereal matinal dele.

— Mãe.

— Você ficará feliz em saber que ainda não estou bebendo, querida. E nem um pio de Bob. Boa viagem para aquele bastardo rabugento, certo? Não acredito quanto tempo fiquei com ele.

— Mãe!

Assustada com meu volume, ela finalmente olha para mim. — Sim, querida?

— Você conversou com o Dr. Dayan sobre mim esta manhã, certo? Antes de me mudarem?

— Sim.

— O que ele disse?

Ela coloca o tricô no colo e me observa. — Que eu não deveria contar muito até que você esteja mais forte, porque não queremos incomodar você.

Fecho os olhos e conto até dez, resistindo à vontade de gritar. — Isso é estúpido.

— Foi o que eu disse a ele. Seu pai concordou com o médico, mas ele usa chicletes, então também não o estamos ouvindo. O que você quer saber?

— Quais foram os resultados da tomografia cerebral?

— O inchaço foi resolvido. Não há hemorragia. Você pode ter alguns problemas de memória de curto prazo por causa dos medicamentos que lhe deram, mas isso também deve se resolver.

Não vai. Vou me preocupar com isso mais tarde.

— O que mais?

— Seus hematomas provavelmente durarão algumas semanas. Você pode ficar dolorida por mais algum tempo. Mas no geral, você tem muita sorte. — A voz dela cai. — Aquele acidente poderia facilmente ter matado você.

— Quando posso ir para casa?

— Amanhã ou no dia seguinte.

— Bom. E o que está acontecendo com Cole?

Ela olha para suas mãos. Ela passa a língua pelos dentes. Então ela olha para mim novamente e exala pesadamente.

— Ele vai conseguir. Mas eles não acham que ele voltará a andar.

Viro a cabeça e olho para o teto.

Só quando minha mãe pula da cadeira e me abraça com força é que percebo que estou chorando.

— Está tudo bem, querida. Oh, querida, sinto muito.

Mas ela entende mal. Ela acha que estou chorando porque meu chefe não pode mais andar.

Eu não estou.

Estou chorando porque o homem por quem estou apaixonada vai viver.

\* \* \*

Mais tarde naquele dia, o pai de Cole me visita.

Ele se apresenta ao meu pai, que está lendo o jornal. Papai se levanta e eles apertam as mãos, então Konrad pergunta se está tudo bem se ele tiver uma conversa a sós comigo.

Quando papai olha para mim, eu aceno.

— Ok. Estarei de volta daqui a pouco. — Ele sai, fechando a porta silenciosamente atrás de si, e Konrad fica na beira da minha cama

olhando para mim.

Eu sei que estou horrível. Meu cabelo está oleoso, meu rosto está machucado e cheiro de suor e desinfetante. Nada disso importa, entretanto. Eu poderia estar perdendo todos os meus dentes e ainda estaria desesperada para falar com ele.

— Sr. McCord. Como vai você?

Ele passa a mão pelo cabelo, um gesto que me lembra Cole. No mesmo terno que o vi ontem, ele parece desgastado. Ele precisa se barbear, seus olhos estão injetados e as rugas em seu rosto parecem ter ficado mais profundas desde o dia em que nos encontramos no escritório de Cole.

— Eu estou terrível. Obrigado por perguntar. Como você está, querida?

— O mesmo. Como está Cole?

Ele me olha em silêncio por um momento, depois umedece os lábios e balança a cabeça. — Eu deveria ter adivinhado antes. Ele estava com um humor muito melhor do que o normal. Mas foi só quando vi vocês dois no escritório dele que eu soube.

*Oh, Deus. Ele sabe.*

Com o coração palpitante, digo: — A culpa é minha. Cole continuou me dizendo que não poderíamos ter um relacionamento, mas eu continuei pressionando por um. Por favor, não fique irritado com ele. Na verdade, você deveria estar com raiva de mim.

Ele franze as sobrancelhas. — Não estou irritado com nenhum de vocês.

— Oh. Mas... a política da empresa sobre... você sabe.

— Você fez meu filho feliz. E nada deixa aquele garoto feliz. Eu não dou a mínima para porra nenhuma de política, perdoe minha linguagem.

Mordo meu lábio inferior para evitar que ele trema, mas treme mesmo assim. Meus olhos se enchem de lágrimas.

Konrad exala pesadamente novamente, depois estica o pescoço e fecha os olhos. — Cometi tantos erros com aqueles meninos. Principalmente Cole. Ele é o cabeça-dura, como o pai.

Ele fica perdido em pensamentos por um momento, então parece se livrar disso, abrindo os olhos para me encarar com nova energia.

— Você se importa com ele?

Minha voz soa muito baixa no silêncio da sala. Pequena, mas cheio de convicção. — Eu o amo.

— Ele não é um homem fácil de amar.

— Eu sei.

— Ele é impaciente e exigente.

— Eu sei.

— Ele também é reservado.

— Eu sei.

— E ele é incrivelmente teimoso. Nunca conheci outra pessoa tão teimosa quanto ele.

Sorrindo em meio às lágrimas, eu digo: — Agora você conhece.

Depois de um momento, um pequeno sorriso surge em seus lábios. Isso desaparece rapidamente e seu comportamento se torna brusco. — Bom. Você precisará ser. Porque se você leva ele a sério, você vai passar por um inferno.

— Ouvi dizer que os médicos não acham que ele voltará a andar. Isso é verdade?

Ele acena com a mão com desdém. — Os médicos acham que sabem tudo. Eles não. Eles também não conhecem Cole. Se você disser àquele garoto que algo não pode ser feito, ele fará questão de fazê-lo. O que eu quis dizer é que *ele* vai dar muito trabalho a você. Mas não deixe que ele desencoraje você, Shay. Aguarde firme. Se você realmente se importa com ele, aguarde firme, não importa o quanto ele tente afastá-la.



Estou ficando muito emocionada e me odeio por isso. Meu rosto está contorcido e minha voz sai estrangulada. — Por que ele me afastaria?

— Porque ele acha que não merece amor. Não sei por que, mas ele passou a vida toda procurando provas de que não é digno de coisas boas.

Ele para por um momento, olhando para seus pés. Com a voz mais baixa, ele diz: — Talvez eu tenha sido muito duro com ele.

Estendo a mão e pego a mão dele. Ele se assusta com o contato, mas aperta de volta quando aperto meus dedos em torno dos dele.

— Ele fala muito bem de você. De sua esposa também. Ele ama muito vocês dois.

Eu poderia muito bem ter dado um tiro no coração dele pela forma como seu rosto desmorona ao ouvir essas palavras. Ele se vira, engolindo em seco, e limpa a garganta.

Quando ele se recompõe, ele diz rispidamente: — Obrigado. Agora vou deixar você descansar. Melhore logo, mocinha.

Ele dá um tapinha na minha mão e sai do quarto com dificuldade.

Suspeito que ele só se manteve firme até virar o corredor.

\* \* \*

Tenho alta na manhã seguinte. Eles me mandam para casa com analgésicos e instruções para ir ao pronto-socorro imediatamente se eu sentir dores de cabeça repentinas ou problemas de equilíbrio. Todo mundo fica me dizendo que é um milagre eu ter sobrevivido a um acidente tão catastrófico com apenas alguns dias em coma induzido e com alguns hematomas desagradáveis.

O motorista do outro carro não se saiu tão bem. Ele quebrou a clavícula e seis costelas, sofreu uma perfuração no pulmão e uma ruptura no baço e tem lacerações por todo o corpo. O enfermeiro me

disse que ele ficaria lá por um tempo.

Quando perguntei a ele quanto tempo Cole ficaria lá, um balançar de cabeça foi a única resposta.

Minha mãe fica comigo no meu apartamento por uma semana. Papai fica em um hotel por algumas noites e depois volta para casa, para Oregon e para Chloe. Chelsea me visita sempre que possível, trazendo comida para mim e cigarros para minha mãe, que não dirige, porque perdeu a carteira de motorista anos atrás. Jen e Angel também me visitam, mas o tempo todo que estou com mais alguém, penso em Cole.

Quando ligo para o hospital e peço para ser transferida para o quarto dele, a telefonista me informa que não mostra ninguém internado com esse nome.

Não há nada no noticiário sobre o acidente. Não há nada nos jornais. Não há nada na web.

O único lugar onde encontro uma menção a isso é no relatório on-line de colisão de trânsito do LAPD, mas quando volto para vê-lo um dia depois, ele desapareceu misteriosamente.

Tal é o poder de possuir a mídia e ser amigo do chefe de polícia.

Assim que o táxi que leva minha mãe para o aeroporto sai da calçada em frente ao meu apartamento, dirijo até o hospital e pego o elevador até o andar da UTI onde estava com Cole. Sem saber com que nome ele foi internado, digo à enfermeira de plantão que estou aqui para ver o paciente no quarto nove.

— Você pode esperar na sala do corredor — ela diz, apontando.  
— Ele só permite dois visitantes por vez.

Agradeço a ela e ando pelo corredor, tremendo e enjoada. Quando entro na sala de espera, Axel está lá, parado no canto, perto de uma máquina de venda automática.

Ele está conversando com a mulher mais linda que já vi.

Ela é asiática. Tudo nela é perfeito. Rosto, cabelo, corpo. Com um

vestido preto simples, ela tem os braços em volta do corpo como se estivesse se protegendo de alguma coisa.

Ela olha e me pega olhando para ela, e eu sei. Eu só sei quem ela é.

Kiyoko.

Ex de Cole.

Axel segue o olhar dela e me vê. Ele murmura algo para ela, aperta seu braço e caminha até mim.

— Olá, amor.

Meus olhos se enchem de lágrimas. — O que aconteceu com senhorita?

Seu sorriso é fraco. — Senhorita saiu pela janela quando Cole decidiu enlouquecer por sua causa. Como vai você?

Meu lábio inferior treme. Eu engulo, sufocando as lágrimas. — Nada bem. Como ele está?

Ele exala pesadamente, enfia as mãos nos bolsos e balança a cabeça. — Acordado, mas sem conseguir falar.

Todo o meu corpo fica frio. Meu coração começa a bater dolorosamente forte. — Oh, Deus. Isso não é bom.

— Não, não é. Mas ele é forte. E ele está sendo bem cuidado.

Olho para Kiyoko. Ela está olhando para mim como se quisesse me empurrar pela janela mais próxima.

Axel murmura: — Essa é uma velha amiga minha e de Cole. Todos nós fomos para a universidade juntos.

— Kiyoko.

Ele parece surpreso, eu sei, olhando por cima do ombro para ela e depois para mim. — Sim. Ela veio há alguns dias. Deixe-me apresentá-la.

Ele pega meu cotovelo e gentilmente me leva até onde Kiyoko

está conjurando pragas bíblicas de gafanhotos para me devorar. Se os olhos pudessem ser espadas, eu já estaria sem cabeça.

— Kiyoko, esta é Shay. A garota de Cole.

Acho que Axel simplesmente colocou a vida em risco com essa introdução. Kiyoko olha para ele com desdém fulminante.

Eu digo: — Oi. Prazer em conhecê-la.

Kiyoko volta sua atenção para mim. Há um longo e terrível momento de silêncio, então ela cobre o rosto com as mãos e suspira. — Desculpe. Não se preocupe comigo, estou apenas cansada.

Ela abaixa as mãos e me dá um sorriso triste. — Olá, Shay. Também é um prazer conhecer você. Lamento que tenha sido nessas circunstâncias.

Graças a Deus. Se ela tivesse decidido me odiar, eu provavelmente teria começado a chorar e nunca mais pararia.

— Eu também. Axel diz que ele não consegue falar.

— Pode ser dano causado pelos tubos respiratórios. Mas acho que não. Acho que ele simplesmente não quer. E dependendo da gravidade da lesão na medula espinhal, ele pode nunca mais querer falar.

Nós três nos encaramos enquanto eu respiro em meio aos soluços crescendo em meu peito. — Posso vê-lo?

Axel diz: — Os irmãos dele estão com ele agora, mas quando eles saírem, tenho certeza que ele vai querer ver você. Por que você não se senta e avisarei que você está aqui?

Kiyoko e eu nos sentamos nas cadeiras desconfortáveis e olhamos para tudo, menos uma para a outra, enquanto Axel sai da sala. Ele desaparece por cerca de cinco minutos. Quando ele retorna, é com uma expressão de dor no rosto.

Eu pulo de pé, com o coração palpitando. — O que é? O que está errado?

Ele olha para Kiyoko, depois para mim, e então fica ali parecendo desconfortável.

— Bem, ele está falando.

— Oh! Graças a Deus!

Kiyoko se levanta. Sem pensar, nós duas apertamos as mãos. Ela diz: — Ele está com dor? Ele precisa de alguma coisa? O que ele disse?

Quando Axel olha para mim, já sei o que ele está prestes a me dizer. Eu sei, mas ainda dói, como se ele tivesse enfiado uma faca direto no meu coração.

— Ele disse para dizer a Shay para ir embora e não voltar. Ele disse que só quer falar com Kiyoko. E ele disse...

Ele faz uma pausa para balançar a cabeça e suspirar. — Sinto muito, amor, mas ele pediu para avisar que acabou.

## CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

### *Cole*

Quando Axel retorna dez minutos depois, ele está sorrindo.

Sentado na cadeira ao lado da minha cama, Callum olha para ele e diz: — Como ela reagiu?

— Oh, eu diria que ela aceitou muito bem. Aceitou como uma campeã, na verdade. Nenhuma lágrima à vista. Ela fez um belo discurso, no entanto. Bastante estimulante.

Carter parece interessado. — Sêrio? O que ela disse?

Axel olha para mim e sorri.

— Ela disse, e cito: Diga àquele filho da puta teimoso que não vou a lugar nenhum e que ele não poderá terminar comigo. Assim não. Se ele quiser que eu vá embora, terá que dizer isso na minha cara. E ele terá que ser convincente. O que ele não será, então diga-lhe para esquecer até mesmo de tentar. Então ela se sentou, cruzou os braços sobre o peito e olhou para a máquina de venda automática.

Meus irmãos olham para mim e então Callum começa a rir.

— Bem, bem. Parece que o Grinch encontrou seu par.

Quero mandá-lo se foder, mas não tenho energia.

Então eu apenas fico deitado na cama e deixo as lágrimas escorrerem pelo canto dos meus olhos.

# CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

## *Shay*

Ele fica no hospital por mais duas semanas. Ele passa por uma cirurgia na coluna e faz inúmeros exames de diagnóstico e imagem. E ainda assim, ele se recusa a me ver.

Venho todos os dias direto do trabalho e me sento na sala de espera. O pai dele me traz sanduíches e traz vinho que bebemos em copos de papel. A mãe dele, uma ruiva esbelta chamada Catherine, ensina-me a jogar bridge. Seus irmãos vão e vêm, assim como Kiyoko e Axel, mas ele nunca me permite entrar em seu quarto.

Eu poderia invadir, mas fico cada vez mais irritada com ele a cada dia que passa.

Ele está tentando me afastar, mas tudo o que está fazendo é me irritar.

Numa terça-feira, seu irmão mais velho, Callum, entra em meu escritório no trabalho para me dizer que Cole foi transferido para um centro de reabilitação particular, onde receberá fisioterapia e cuidados contínuos.

Então ele joga uma bomba em mim.

— Kiyoko mudou-se para a casa dele. Ela ficará lá indefinidamente.

Chocada com a notícia, fico olhando para ele até encontrar o poder da fala. — Você está me dizendo que eles estão juntos novamente?

Ele me olha em silêncio por um longo momento, depois balança a cabeça. — Não sei o que isso significa, mas achei que você deveria saber. E ele nos pediu para não contarmos onde ele está agora, então sinto muito, mas... não direi.

Quando ele sai, eu vomito na lata de lixo.

\* \* \*

Um mês se passa. Então outro. Cada momento longe dele é um inferno na sala de espera de um médico, onde meu nome nunca é chamado e não há saídas.

\* \* \*

Numa sexta-feira à noite, depois de ter bebido dois terços de uma garrafa de vinho e ter me tornado uma espuma de mágoa e indignação, pego meu celular, encontro o número do qual ele me ligou anos atrás, e envio-lhe uma mensagem.

*Na noite em que nos conhecemos, você me disse que qualquer homem que me deixasse ir tinha um distúrbio de personalidade.*

Sigo com seis pontos de exclamação, porque estou me sentindo dramática. Sem esperar nada, desligo o telefone e vou para a cama.

De manhã, quando ligo, há uma mensagem de Cole.

*E eu estava certo. Mas eu tenho mais de um.*

Estou tão emocionada que ele respondeu que quase derrubo o telefone. Pulso latejante e mãos trêmulas, olho para a tela e tento decidir o que enviar de volta. Porque não sou nada senão direta, vou direto na jugular.

*Sinto sua falta. Eu amo você. Não vou parar só porque você está me ignorando.*

Sua resposta é instantânea.

*Esqueça-me. Acabou.*

Isso me deixa tão brava que eu grito. Parada no meio do meu quarto, olho para o teto e grito até me sentir melhor. Então deixo



meus polegares voarem.

*Não acabou. Não seja tão covarde. Deixe-me ir ver você.*

*ACABOU. ESTOU COM KIYOKO AGORA.*

Fico olhando para a tela, doente de inveja e sofrimento, mas ainda determinada.

*Besteira. Eu conheço você. Eu sei o que é isso. Você não vai me assustar tão facilmente.*

Tremendo de ansiedade, espero por uma resposta. Quando não chega, eu disco o número dele. Quando ele atende, quase desmaio de alívio.

— Olá? Cole?

Nenhuma resposta, mas ouço sua respiração.

— Ok, eu vou falar, escute. Por favor, não desligue. Deus, por onde eu começo? Sinto que estou tendo um ataque cardíaco.

Andando pelo chão, mastigo a unha do polegar até conseguir me recompor o suficiente para formar uma frase coerente. — Eu sei que você está ferido. Ninguém vai me dizer o quanto, mas tudo que me importa é que você esteja vivo. Não importa para mim se você tem alguma deficiência. Não importa para mim se você não consegue andar. Tudo o que eu quero é você. Por favor, deixe-me ir ver você. Por favor.

Depois de um minuto de silêncio onde morro mil mortes, ele finalmente fala.

— Eu não sou mais um homem.

Sua voz é crua, dolorida de raiva e dor. Ouvir isso faz meu coração apertar e lágrimas brotam em meus olhos.

Eu sussurro: — Não diga isso. Você ainda é um homem. Sua masculinidade não depende de...

— *Eu não sou mais um homem!* — ele ruge. — Você entende o que eu estou dizendo? Não posso mais ficar com você, Shay! Eu não posso

ficar com ninguém! Eu não sou funcional, porra!

Eu começo a chorar. Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Todo o meu corpo está atormentado por soluços incontroláveis. Caio de joelhos no tapete e choro tanto que minhas laterais doem.

— Eu não me importo.

— Você deveria se importar!

— Eu não. Deixe-me vê-lo. Por favor.

— Droga. *Droga*. Por que você nunca me escuta? Por que você tem que tornar tudo tão difícil? Por que você não pode simplesmente deixar isso passar?

Ele está com raiva e frustrado, respirando com dificuldade. E estou desesperada para mantê-lo falando. Isso parece perigoso e fora de controle, como se tudo dependesse dessa conversa. Nosso passado, nosso futuro, toda a nossa vida.

Parece que estamos de mãos dadas à beira de um penhasco alto e varrido pelo vento, decidindo se devemos recuar ou pular.

— Eu não posso deixar isso passar, porque amo você.

Sua voz fica amarga. — Você também amava Chet. Veja o que isso trouxe para você.

Meu coração está partido. Está se partindo ao meio. Está se despedaçando.

— Não atenderei se você ligar de novo, Shay. Eu não verei você. Esqueça-me. Vá viver sua vida. Acabou. Você não é mais nada para mim.

Uma bola branca e quente de raiva explode dentro de mim. Ainda estou chorando, mas agora também estou furiosa. Com ele por ser tão irracional e comigo mesma por ser tão imprudente com meu coração.

Com toda a força dos meus pulmões, grito ao telefone: — Vá se foder, Cole McCord! Você não pode me dizer como viver minha vida! Você não pode me dizer quem amar! E não me importo se você não me quer mais, eu ainda quero você, e sempre vou querer! Eu quero

você mesmo que isso signifique que eu tenha que me deitar ao seu lado e fazer sexo com um vibrador enquanto você assiste todas as noites pelo resto da minha vida, ok? Seu idiota e teimoso, seu valor não depende das suas pernas, do seu pau ou de qualquer outra parte do seu corpo. E sinto muito que isso tenha acontecido, Deus sabe que sinto, mas às vezes a vida é uma merda, e a única escolha que temos é tirar o melhor proveito dela! *Nós não desistimos*. Não da vida, e não um no outro. E juro por Deus, se você desistir de nós, nunca vou perdoar você. Então se recomponha e coloque a cabeça no lugar. Quando eu disse que pertencia a você, isso significava para sempre. Goste ou não, eu sou sua!

Desligo e jogo o telefone contra a parede, onde ele se estilhaça.

Depois caio de bruços no tapete, enrolo-me como uma bola e soluço até adormecer.

# CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

## *Cole*

Eu deveria saber que ela não facilitaria as coisas para mim. Aquela mulher me desafiou a todo momento desde o dia em que nos conhecemos.

Kiyoko pega o telefone quando eu o entrego para ela. Ficamos sentados em silêncio por um tempo, então ela diz: — Gosto muito dessa garota.

Fecho os olhos, engulo o nó na garganta e deixo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto. — Eu também.

— E o que vem depois?

— Continuamos esperando.

— Já se passou mais de um mês desde que você renunciou.

— Ela vai mudar de ideia.

— Eu sinto que todos nós poderíamos estar mortos até lá.

— Sim, existe essa possibilidade. Mas se há uma coisa que tenho certeza é que você não pode dizer a ela o que fazer. Ela tem que pensar que é ideia dela.

— Puxa, com quem isso soa? — Quando não respondo, ela diz: — Não sei, Cole. Ela pode simplesmente desistir.

Eu riria se tivesse energia. Em vez disso, limpo o rosto com as mãos e seco-as na calça de moletom. — Acredite, a palavra desistir não está no vocabulário daquela mulher. Quando você vai para casa?

— Assim que eu souber que você está bem. — Ela faz uma pausa, olhando para mim. — Oh. Isso não foi realmente uma pergunta.

— Eu também não vou deixar você colocar sua vida em espera

por mim.

— Não seja idiota.

— Tarde demais. Já sou.

— Você precisa de amigos ao seu redor agora.

O que preciso é de Shay, mas não sou tão egoísta. Nunca serei um fardo para ela. Nunca tirarei vantagem do amor dela.

Nunca serei como aquele idiota do Chet.

Não importa o quanto isso esteja me matando, tenho que deixá-la ir. Acho que nunca conseguiria me perdoar se não o fizesse.

— Vá para casa, Ki. Você já fez o suficiente por mim. Obrigado por tudo, mas é hora de você voltar para Vancouver.

— Perdoe a interrupção. Você está pronto para começar de novo, senhor?

Olhamos para a mulher sorridente parada perto de nós. Seu crachá diz Willa. Ela é a terceira fisioterapeuta que tenho desde que entrei nesta clínica de reabilitação, e de longe a melhor.

Ela não me deixa dar nenhuma merda a ela. Os outros ficaram muito intimidados por mim.

Eu me viro para encará-la. — Estou pronto. E não pegue leve comigo. Sem desculpas, Willa.

— Nesse caso, vou pegar meu chicote — ela brinca.

— Perfeito.

Kiyoko se levanta da cadeira, inclina-se para me beijar na cabeça, depois se endireita e olha para mim com olhos suaves. — Para que conste, acho que você está cometendo um erro.

— Não é justo esperar que você cuide de mim.

— Eu não estava falando de mim. Eu estava falando sobre Shay.

Fecho os olhos e expiro pesadamente. — Isso de novo não.

— Nem todo mundo tem a chance de ser feliz de verdade, Cole. A

maioria de nós não tem tanta sorte.

Abro os olhos e olho para ela, incrédula. — Sorte? Eu não tenho sorte.

— Sim, você tem. Mas ninguém mais pode convencê-lo disso. Você tem que perceber isso por si mesmo. — Ela sorri tristemente. — Talvez você receba um sinal do universo.

Ela se vira e vai embora.

## CAPÍTULO SESENTA

### *Shay*

Passo o fim de semana por um fio. Na segunda-feira, no trabalho, mal sou coerente. Ando por aí como um zumbi, fazendo movimentos e evitando os olhares de todos.

Está começando a parecer que realmente acabou. Cole não me quer. E não importa o quanto eu o queira, relacionamentos são para dois.

Ocorre-me mais de uma vez que deveria pedir demissão e encontrar um novo emprego, mas não consigo fazê-lo. Este lugar é a única lembrança concreta que tenho dele. Deixá-lo seria como uma traição. Como uma negação de que o que eu disse a ele que ele significava para mim era real.

Sabendo que ele provavelmente nunca vai ler, escrevo para ele um memorando interno e entrego para Scotty colocar na mesa de Cole. Depois que ele sai, ligo para o celular de Chelsea. Ela atende no primeiro toque.

— Ei. Você está bem?

— Estou sobrevivendo. Você?

— Um pouco melhor que isso.

Ficamos em silêncio por um momento, então ela diz: — Quer me encontrar para beber?

— Achei que você nunca iria perguntar.

— Ótimo, estou de folga amanhã. Seis horas?

— Perfeito.

— Onde?

— Eu sei para onde quero ir, mas tenho medo que você diga não.

Ela ri. — Quando diabos eu disse não para você?

Isso me faz sorrir, é a primeira vez que faço isso em muito tempo. Quando eu digo a ela para onde quero ir, ela não perde o ritmo.

— Ok. Vejo você então.

— Vejo você então. Amo você, Chelsea.

Ela faz uma pausa. Quando ela fala novamente, sua voz é suave e tem uma leve oscilação. — Eu também amo você, sua idiota sem noção.

Desligamos e estou tentando não chorar.

\* \* \*

Na noite seguinte, estamos sentadas em uma mesa no meio do bar do hotel em Beverly Hills, onde conheci Cole. O termo *glutão por punição* foi inventado para pessoas como eu.

Pedimos direto do bar, em vez de pedir à garçonete que nos trouxesse nossas bebidas, uma nova paranoia da qual duvido que alguma de nós algum dia se livre.

Eu tenho uísque e ela tem uma margarita light, parece como nos velhos tempos.

Ou pelo menos parece no geral. Exceto pelo buraco no meu peito onde meu coração costumava estar.

— Então me atualize — diz ela, tomando um gole de sua bebida.  
— Quais são as últimas novidades?

Dou a ela uma versão resumida do meu último telefonema com Cole. Isso faz com que seus olhos fiquem arregalados. Então ela franze a testa. — Ouvi dizer que a lesão na coluna era sacral.

— Se eu falasse como enfermeira do pronto-socorro, saberia o que você quer dizer.



— Sendo ele quem é, tudo era supersecreto no hospital, mas uma enfermeira da unidade de cuidados intensivos disse a uma das enfermeiras da pediatria que o paciente que eles chamavam de Sr. Big teve uma lesão sacral. Toda lesão na coluna é grave em graus variados, mas dos diferentes tipos, essa é considerada a menos grave. Muitos pacientes conseguem andar.

Quase engasguei com meu uísque. — *O quê?*

— Tudo depende da pessoa e do nível de dano aos nervos, mas sim.

Meu coração está batendo tão forte que tenho que pressionar a mão no peito para tentar desacelerá-lo. — Eu não acho que seja isso, então. Ele fez parecer que nada abaixo da cintura estava funcionando.

— Eu entraria e daria uma olhada no arquivo dele para você, mas tudo está rastreado no sistema. Eu seria demitida se fosse pega. Não temos permissão para acessar informações de pacientes dos quais não estamos cuidando diretamente.

— Eu nunca pediria para você fazer isso.

Ela sorri. — Você totalmente faria, e você sabe disso.

— Sim. Eu poderia. Mas não. Se você fosse demitida, seria apenas a cereja no topo do meu maldito sundae. — Suspiro e tomo outro gole de uísque.

— Então, se a presença dele era tão secreta, como eles sabiam que deveriam chamá-lo de Sr. Big?

— Oh, ele não ganhou esse apelido porque é um McCord. Ele conseguiu porque é muito robusto. A auxiliar de enfermagem que trocou sua roupa de cama começou a chamá-lo de Mr. Big na primeira noite em que ele foi internado.

Eu olho para ela com horror.

Depois de um momento, ela diz: — Pelo menos não o chamavam de Sr. Camarão. Ou Sr. Bumerangue se fosse curvo. Eu também ouvi isso.

— Querido Deus. Lembre-me de nunca mais colocar os pés em um hospital.

Ela bate os nós dos dedos na mesa. — Bata na madeira.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo, cuidando de nossas bebidas. Então ela diz: — Então, sua mãe. Como vai?

— Estamos conversando todos os domingos agora. Ela ainda não está bebendo. Fico esperando o outro sapato cair, mas até agora tudo bem. Vou vê-la no Dia de Ação de Graças.

Chelsea estende a mão e aperta minha mão. — Ok. Lado bom, certo? Nós os levamos para onde pudermos.

Eu exalo e dou de ombros. — Sim. Você conversou com Jen ou Angel ultimamente? Estive tão envolvida em minha pequena bolha que não entrei em contato.

— Elas estão bem. Angel tem um novo namorado, então ela está ocupada. Parece séria sobre ele. E Jen está pensando em mudar de emprego.

— De novo?

— Ela odeia seu chefe. Diz que ele é um verdadeiro idiota. A empresa inteira não o suporta.

Sorrio com isso e, de repente, estou lutando contra as lágrimas. Eu sussurro: — Não sei o que fazer.

— Oh, querida. — Ela aperta minha mão novamente. — Não há nada que você possa fazer a não ser esperar. Ver se ele aparece.

— Mas estou sendo estúpida? Estou apenas me recusando a reconhecer a realidade?

— Você está apaixonada. Somos todos idiotas quando estamos apaixonados. É a oxitocina. Isso mexe com a função cerebral. Apenas dê a ele algum espaço. Ele está dentro do modo de sobrevivência.

Eu balanço minha cabeça. — Você não o ouviu. Ele estava com tanta raiva. Ah, esqueci de contar.

— O quê?

— Ele renunciou ao cargo de CFO.

Sua boca se abre. — Uau.

— Essa foi basicamente a minha reação também.

— Quem contou isso?

— Seu irmão.

Ela se recosta na cadeira e me encara. — Então isso significa que a posição está aberta.

Dou de ombros. — Eu acho que sim.

— Por que você não se inscreve?

— Você é engraçada.

— Eu não estou sendo engraçada. Estou falando sério. Você é a assistente dele. Você sabe exatamente o que a posição dele implica. Quem melhor do que você para se colocar no lugar dele?

Tomo um gole do meu uísque. — Essa foi uma escolha infeliz de palavras.

— Oh, Deus. Sinto muito. Eu não quis dizer isso.

— Eu sei que você não quis. — Suspiro e bebo mais uísque. — Mas não estou qualificada para esse trabalho.

— Besteira. Você tem a educação e a experiência.

— Mesmo que meu currículo diga que posso ser uma boa opção, é uma empresa familiar. Eu não sou da família.

— Talvez seja exatamente disso que eles precisam. Uma estranha com uma nova perspectiva. — Ela fica mais animada enquanto fala, tamborilando os dedos na mesa. — Além disso, você é uma mulher. Todas as empresas estão preocupadas agora com o quão ruim é ter um conselho exclusivamente masculino.

— Eles não são públicos. Eles não se importam.

— Acredite em mim, eles se importam. Eles são um negócio

global. Mesmo que o pai não o faça porque ele é da velha guarda, seus dois irmãos devem estar cientes de que não é bom para a imagem deles ter um bando de caras comandando o lugar.

Eu faço uma careta para ela. — A última coisa que quero é ser contratada para um emprego porque tenho uma vagina.

Ela zomba. — Por que diabos não? Metade dos homens que ocupam os empregos em que estão foram contratados porque são homens. Nosso CFO do hospital tem o QI de uma banana, mas ele conseguiu o emprego em vez de uma candidata mais qualificada. Isso acontece o tempo todo.

Ela está fazendo muito sentido, mas não me sinto confortável com a ideia de me candidatar ao emprego de Cole. Parece muito mercenário. Muito cruel. É como se eu não me importasse com ele e nunca me importei.

— Eu sei o que você está pensando, mas se você vai continuar trabalhando lá de qualquer maneira, por que não subir na hierarquia corporativa?

— Eu não sei, Chelsea. Acho que não estou pronta para isso.

— Então é melhor você se preparar para ter um novo chefe.

Quando faço uma careta, ela diz: — Alguém tem que fazer esse trabalho. Pode muito bem ser você.

— A última coisa que a família precisa agora é que eu tente me inserir em seus negócios em uma função de liderança. O que eles pensariam de mim?

Ela olha para mim por um momento, depois dá de ombros. — Talvez eles fiquem gratos por alguém que cuida de seu filho e irmão ser uma boa opção para o trabalho que ele não quer ou não pode mais realizar. Talvez eles fiquem felizes em dar o cargo a alguém em quem possam confiar, em vez de a um completo estranho.

Lembro-me do que Cole me disse no dia em que comecei a trabalhar, quando descobriu que Emery me recomendou para o trabalho.

*Somos muito reservados. Nós temos que ser. Você não pode imaginar os alvos que somos para todo tipo de canalha por aí.*

Meus pensamentos começam a girar com a possibilidade. Digo lentamente: — Eles são muito reservados com estranhos.

— E você já passou por todas as malucas verificações de antecedentes. Além disso, pense em como será difícil para eles encontrar uma nova pessoa para ocupar esse cargo. Sem falar que é caro. Toda empresa prefere promover alguém de dentro que já esteja familiarizado com a cultura da empresa e tenha um histórico de trabalho estabelecido. Faz sentido em todos os níveis. Se você fosse um cara nesta posição, já teria enviado seu currículo.

— Há apenas um problema com esta imagem.

Ela balança a mão no ar. — Então vocês dois estavam brincando de esconde-esconde. Problema.

— É um grande negócio! Isso complica tudo!

— Não, se ele nunca voltar, isso não acontece. — Ela hesita, depois suspira. — E sinto muito por derramar sal em feridas recentes, mas pelo que você me contou, não parece que ele tenha qualquer intenção de estar com você novamente.

*Esqueça-me. Vá viver sua vida. Acabou.*

Embora doa muito admitir, ela está certa. Ele definitivamente não estava se equivocando. Ele deixou seus sentimentos perfeitamente claros.

— Eu não sei, Chelsea. Vou ter que pensar sobre isso.

— Entendo. Mas não espere muito. Oportunidades como essa não duram para sempre. Você pode não conseguir o emprego, mas provavelmente estará se prejudicando daqui a um ano se pelo menos não tentar.

Não consigo dormir naquela noite. Fico olhando para o teto, repassando tudo, tendo todos os argumentos e contra-argumentos na cabeça.

Finalmente decido que ela está certa. Não tenho nada a perder enviando meu currículo.

Então, no dia seguinte, faço exatamente isso.

## CAPÍTULO SESSENTA E UM

### *Cole*

— Porra. *Porra!*

— Eu sei que dói, mas concentre-se. Você está indo bem. Apenas mantenha o foco em colocar um pé na frente do outro. Vá devagar.

— Tudo o que posso fazer é ir devagar!

— Você não precisa gritar. Estou bem na sua frente. Pé direito. Bom. Pé esquerdo. Bom. Continue vindo.

Minhas pernas estão pegando fogo, mas meus pés parecem chumbo. Estou segurando as tampas de borracha do andador com tanta força que meus dedos estão brancos. Meus braços tremem. O suor escorre pelo meu rosto. Eu poderia estar tendo um ataque cardíaco.

Mas estou de pé. Com meus próprios pés, estou de pé.

É emocionante.

Também dói como um filho da puta.

Quando tropeço e xingo, Willa se move rapidamente para o meu lado para suportar meu peso. Eu me inclino sobre ela, ofegante.

— Você quer continuar ou descansar?

— Continuar. — Uma onda elétrica de dor desce pela minha perna esquerda. Eu cerro os dentes contra isso. — Ou talvez descansar por alguns minutos.

— Mãos nos trilhos. Deixe-me pegar a cadeira.

Pego o andador novamente, usando a força do braço para me manter de pé. Meus braços eram grandes antes, mas nas últimas semanas meus bíceps cresceram visivelmente.

Em breve, darei ao Emiliano uma corrida pelo seu dinheiro.

Willia posiciona a cadeira atrás de mim e segura meu braço enquanto eu me sento nela. Então ela fica ali sorrindo para mim.

Eu rio. — Eu sou seu aluno estrela, não sou?

— Não. Na verdade, você é bem mediano.

— Eu sei que você só está dizendo isso para que eu continue me esforçando. — No banco de musculação, meu celular começa a tocar. — Vamos parar por cinco minutos. Então espero que você comece a gritar obscenidades para mim como um sargento instrutor.

Ela diz secamente: — Isso é coisa sua, não minha. Vou trazer uma água para você.

Enquanto ela vai para a frente, vou até o telefone. O número na tela mostra que é meu irmão.

— Callum. Como vai você?

— Bom. Estou interrompendo?

— Não. E aí?

Seu tom aquece. — Achei que você gostaria de saber que alguém se candidatou para o cargo de CFO hoje.

*Finalmente.* Eu sorrio, balançando a cabeça. — Oh, sim?

— Sim. E ela também incluiu uma carta de apresentação, listando todas as suas qualificações e uma lista de vinte e sete pontos explicando por que ela é a melhor pessoa para o trabalho.

— Claro que ela fez. O que papai disse?

— Ele disse que precisava falar com a mamãe.

— Então isso é um sim. Carter?

— Ele disse que precisávamos de uma mulher no conselho desde os anos oitenta.

— Outro sim. E você?

Há uma pausa. Quando ele fala novamente, sua voz está mais



suave do que jamais ouvi.

— Você sabe o que eu penso. Se ela pode lidar com você, ela pode lidar com qualquer coisa. Ser CFO da McCord Media será muito fácil.

— Acho que há um elogio aí em algum lugar.

— Há. Para ela. Você vem jantar no domingo? Mamãe está fazendo um assado.

— Você quer dizer que Elise está fazendo um assado e mamãe vai ficar sentada lá e aceitar todos os elogios como se ela realmente soubesse operar um forno.

— Exatamente. Vejo você às seis. Ah, e Cole?

— Sim?

Sua voz fica rouca. — Estou orgulhoso de você, irmão. E eu sei que nunca dizemos isso, mas... amo você. Desculpe-me, quase perdi você para perceber o quanto.

Ele desconecta.

Quando Willa volta com minha garrafa de água, ela me encontra curvado com as mãos cobrindo o rosto para não me ver chorar.

## CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

### *Shay*

Quando o telefone toca, às sete horas da manhã de sexta-feira, na semana seguinte, estou em minha mesa conciliando a contabilidade geral, uma tarefa mensal que abordo com o mesmo medo que tenho de fazer um tratamento de canal.

Eu sei que vai doer, mas vou me sentir melhor quando acabar.

— Shay Sanders falando.

— Olá, moça. Trabalhando cedo de novo, pelo que vejo. Como vai você?

A voz é profunda, masculina e tem um alegre sotaque irlandês. Tenho certeza de que nunca ouvi isso antes.

— Estou bem, obrigada. Quem é?

— Um amigo da família.

— Minha família?

O homem misterioso ri. — Sim, se tudo correr como deve.

Intrigado, recosto-me na cadeira e mudo o foco do computador para a chamada. — Sinto muito, não sei o que você quer dizer. Há algo em que eu possa ajudá-lo?

— Sim. Quando lhe oferecerem o cargo de CFO, peça mais dinheiro.

Eu pisco de surpresa. — Com licença?

— Peça mais dinheiro, moça. A igualdade de remuneração é importante, não concorda?

Olho através das paredes de vidro do meu escritório para o campo de cubículos. Está vazio. Como sempre, sou a primeira a

chegar, mas por alguma razão, eu meio que esperava ver um brincalhão sorrindo para mim através das folhas de uma palmeira em um vaso.

— Quem é?

— Já perguntou e respondi, mas se é um nome que você está procurando, o meu é Killian Black.

Eu decido jogar junto, embora esse personagem de Killian Black seja mais do que um pouco irritante. — Prazer em conhecê-lo, Killian. Como você sabe alguma coisa sobre a posição de CFO?

— Você logo descobrirá que eu sei tudo sobre tudo, moça.

— Ah. Você é um *Irish Magic 8 Ball*, é isso?

— Você parece duvidosa.

— Não leve isso para o lado pessoal, mas se vamos ser uma família, você deve saber que trotes excessivamente arrogantes estão no topo da minha lista de nojentos.

Ele ri novamente. Tenho a sensação de que quanto mais irritada eu fico, mais divertida ele me achará.

— Basta lembrar o que eu disse sobre o salário. Depois que você começar, entrarei em contato novamente. Enquanto isso, você deve pegar *“Cem Anos da Solidão”*. Eu sei que Márquez é seu escritor favorito, então é surpreendente que você ainda não tenha lido esse. Ele ganhou o Prêmio Nobel por isso, você sabe. Emery tem três cópias em sua loja. Aliás, sua mãe quer se aproximar de você, mas não sabe como tocar no assunto. Você pode discutir isso quando tiver sua ligação semanal no domingo.

Sento-me olhando para a parede com a boca aberta e o cérebro cheio de estática.

— Adorável conversar com você, moça. E parabéns. Você será um ótimo CFO.

Ele desliga, deixando-me ouvindo o ar.

Meia hora depois, ainda estou sentada à minha mesa, em uma

nuvem de confusão, quando Ruth, do departamento de recursos humanos, liga para dizer que o Sr. McCord mais velho gostaria de me ver em seu escritório imediatamente.

# CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

## *Cole*

Quando Callum me liga, ele está rindo.

— Irmão, aquela sua garota é outra coisa.

— O que você quer dizer? O que aconteceu? Não me diga que ela recusou a posição!

— Não, ela não recusou. Ela aceitou a oferta. Com a condição de que papai dobrasse o salário.

*Bom para você, querida. Bom para você.*

Estou feliz, porque era o que eu queria, mas meu coração também dói. Sinto falta dela todos os dias. Às vezes, é tão difícil que não consigo respirar.

Ele faz uma pausa por um momento e depois diz gentilmente: — Ela perguntou sobre você de novo.

— O que você disse a ela?

— A mesma coisa de sempre. O que você nos disse para dizer. Que você está bem e pronto. Você sabe que é um idiota, certo?

— Então eu ouvi.

— Quanto tempo você vai continuar assim?

— Ela merece coisa melhor do que eu.

— Eu sei que é errado, mas penso muito em dar um soco em você.

— Obrigado. Isso é muito útil.

— Tudo bem, seu bastardo teimoso. Eu sei que você não vai me ouvir. Talvez o universo lhe envie um sinal. Deus sabe que nada mais foi capaz de convencê-lo. Ah, a propósito, um mensageiro está indo

até você com algo que encontrei em sua mesa. Ele deve estar aí a qualquer momento.

— O que é?

— Um envelope de memorando entre escritórios. Não tenho ideia de quanto tempo estava lá, mas imaginei que você poderia querer.

*Um memorando entre escritórios.* Meu coração começa a bater forte, mas tento manter minha voz casual. — Ótimo, obrigado.

— De nada. Falo com você em breve.

Vou até a frente do centro de reabilitação e espero impacientemente até o mensageiro chegar. Assim que assino o pacote, rasgo o envelope kraft marrom, retiro a folha de papel e começo a ler.

*Prezado Sr. McCord,*

*Nosso último contato foi há dois dias. É incrível quantas lágrimas perdi em quarenta e oito horas. Embora ache que não deveria estar surpresa. Quando você perde uma parte tão grande de si mesmo, parece que você nunca se recuperará.*

*Se fui muito dura com você, desculpe-me. Sinto muito por machucar você, mas ainda mais do que isso, sinto muito pela minha parte em tudo isso. Eu deveria ter ouvido quando você me disse para ir embora naquela primeira noite. Eu deveria ter sido mais responsável. Mais cuidadosa. Menos imprudente com ambos os nossos corações.*

*Sinto sua falta terrivelmente.*

*A única coisa que torna isso suportável é saber que você ainda está por aí em algum lugar. Bem, mais suportável, de qualquer maneira. Neste momento, parece como se eu estivesse andando sozinha no escuro, sem nem me preocupar em procurar uma luz no fim do túnel, porque sei que não existe.*

*Espero que você não me esqueça. Porque você gravou seu nome no meu coração, e ele ficará lá para sempre.*

*Sua para sempre,*

*Sra. Sanders.*

— Willa! *Willa!*

Sem fôlego, meu coração batendo forte, viro o corredor da área de recepção principal e sigo até a grande sala de fisioterapia envidraçada, depois vou direto para onde ela está conversando com um dos médicos do centro.

— Willa! Eu preciso de você! Agora mesmo!

Ela olha para mim com as sobrancelhas levantadas e uma expressão divertida. — Bom dia, Cole. Onde está o fogo?

Nas minhas veias, mas não digo isso. Não quero parecer um lunático.

— Vamos tentar as muletas quádruplas novamente.

— Tem certeza? Lembro-me de que uma grande quantidade de bombas F foram lançadas da última vez que experimentamos as muletas quádruplas.

Ela está brincando, mas sei que está satisfeita. — Sim, eu tenho certeza.

— Tudo bem, vamos começar. Acabei de acordar esta manhã me sentindo ambiciosa, não é?

Tremendo de adrenalina, sorrio para ela. — Não. Recebi um sinal do universo.

## CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

### *Shay*

Uma semana depois de começar em meu novo cargo na McCord Media, Jen, Angel e Chelsea me levam para jantar para comemorar.

Chelsea não fez nenhum comentário quando eu disse que queria ir ao bar do hotel em Beverly Hills novamente, mas percebi que ela estava desejando que eu superasse isso.

Que eu o superasse.

Porque isso é tão provável quanto o meu prédio ser atingido diretamente por um meteoro, continuarei vindo a este maldito bar até um dia ver Cole aqui novamente. O destino não nos uniu e nos fez passar por tantas coisas apenas para nos deixar como estranhos.

Se há uma coisa que “*O Amor nos Tempos do Cólera*” me ensinou, é que o amor verdadeiro sempre vence no final, mesmo que leve cinquenta malditos anos, e sofrimento e tragédia suficientes para que possa ser comparado com precisão a uma praga.

A vida provavelmente seria muito mais fácil para mim se eu não fosse uma romântica obstinada.

— Então, como está o novo emprego, Sra. Big Shot CFO?

Angel sorri para mim do outro lado da mesa. Ela tem aquele brilho de recém-apaixonada, e estou tentando não ficar chateada com isso.

— É incrivelmente difícil e a carga de trabalho é ridícula, e praticamente o dia todo, todos os dias, sinto que estou perdendo a cabeça. Fora isso, estou adorando. Como vai com seu novo namorado? Chelsea parece achar que é muito sério.

Ela assente. — É sério, e tudo bem. Eu o deixei me bater na



bunda.

Jen começa a rir. Chelsea revira os olhos. E luto contra a lembrança vívida de Cole comigo na espreguiçadeira ao lado de sua piscina, na noite em que ele decidiu usar manteiga derretida como algo diferente de condimento.

Nunca mais poderei olhar para lagosta da mesma maneira.

Suspirando, tomo um gole do meu uísque e ouço distraidamente enquanto Jen e Angel debatem os méritos do sexo anal versus preservativos na prevenção da gravidez. O trio de empresários sentados à mesa ao lado da nossa está fascinado.

Chelsea chuta levemente meu pé por baixo da mesa para chamar minha atenção.

— Você está bem?

Eu penso sobre isso por um momento. — Defina bem?

— Isso é um não. Posso fazer alguma coisa?

Sorrio para ela e balanço a cabeça. — Você já está fazendo isso.

Ela mastiga o canudo de sua margarita light em contemplação silenciosa por um momento. — Alguma notícia de você-sabe-quem?

— Não.

— Eu tive uma ideia. Com todo esse dinheiro que você está ganhando agora, você poderia contratar um detetive particular para descobrir onde ele está.

Suspiro, balançando a cabeça. — Não faria nenhum bem se ele se recusasse a me ver. São necessários dois para dançar o tango, certo?

— Eu suponho. Embora eu tenha tido vários relacionamentos em que o cara nem sabia que estávamos namorando.

— Você sempre gostou dos distantes.

— Qual é graça se eles caírem aos seus pés? Não há desafio nisso.

Digo com tristeza: — Não quero um desafio. Quero alguém tão

obcecado por mim que não consiga pensar em mais nada.

*Eu quero Cole.*

Chelsea se aproxima e aperta minha mão. — Vai funcionar como deveria.

— Eu sei. Mas como todos sabemos, paciência não é minha praia. De qualquer forma, vamos falar de outra coisa. Como vai no hospital? Você ainda está com poucos funcionários?

Chelsea não responde. Eu olho para ela. Ela está olhando por cima do meu ombro com olhos grandes e sem piscar, como se não pudesse acreditar no que está vendo.

— O que está errado?

Ela diz fracamente: — Hum. Você pode querer se virar.

Franzindo a testa, olho por cima do ombro. Então vejo o que ela está olhando, e meu estômago embrulha, meus pulmões param e minha pulsação dispara.

O homem de cabelos escuros na cabine é lindo, mas posso dizer com um só olhar que ele também é um problema. Um lobo vestido com pele de cordeiro. Em um terno preto conservador e camisa branca, ele poderia ser qualquer outro empresário tomando um drink com os amigos depois do trabalho.

Exceto que ele está sozinho.

E ele não está se divertindo.

Ele parece como eu me sinto: miserável.

Lágrimas brotam nos meus olhos. Meu peito se contrai. Com a cicatriz rosa irregular serpenteando na lateral do rosto e o cabelo curto como o de Axel, ele parece o mesmo da última vez que o vi, mas também muito diferente.

Mas, querido Deus, como aqueles olhos azuis ainda ardem.

À direita de sua cabine está uma cadeira de rodas vazia.

Estou de pé sem tomar uma decisão consciente. Corro pelo bar,

esquivando-me das mesas e quase derrubo um garçom, depois me jogo nos braços estendidos de Cole e começo a chorar.

Choro enquanto ele me abraça com força, balançando-me e murmurando meu nome repetidamente como uma oração.

Ainda soluçando, digo: — É você. Você está aqui.

Ele responde com uma voz incrivelmente quente e suave. — Callum me enviou seu memorando por um mensageiro. Achei que, já que gravei meu nome em seu coração, provavelmente deveria reivindicá-lo. — Sua voz cai para um sussurro. — Perdoe-me. Por favor, perdoe-me por ser um idiota. Não sei o que me fez pensar que poderia viver sem você, porque não posso.

Quero dar um soco em seu ombro, mas apenas me agarro a ele, sentindo alívio e euforia queimando através de mim. — Mas como você está *aqui*?

— Apenas um momento de sorte, eu acho.

Com o rosto molhado e soluçando, eu me afasto e olho para ele.

Seu sorriso é pequeno e incrivelmente lindo. — Ok, tudo bem, liguei para o chefe e pedi para ele colocar um de seus caras em você.

— Seus caras? Você quer dizer um policial?

— Sim.

— Você me seguiu com a *polícia*?

— Parece ruim quando você diz isso.

— Porque é ruim.

— Foi só uma vez. Eu só precisava saber onde você estaria hoje para poder vir ver você.

Decido que não importa como ele me encontrou. Neste momento, estou muito sobrecarregada para fazer qualquer coisa além de segurar seu rosto em minhas mãos e beijá-lo.

Contra minha boca, ele murmura: — Estou fodido, querida. Estou realmente fodido.

— Não me importo. Pare de falar e me beije.

— Não vai ser fácil. Tenho um longo caminho pela frente. Nunca mais serei o mesmo que era.

— Você está vivo, Cole. Você está vivo e eu amo você. Tudo mais são detalhes.

Eu o beijo em todo o rosto, sem me importar que as pessoas provavelmente estejam olhando ou que nossas vidas serão complicadas ou que eu nunca mais conseguirei senti-lo dentro de mim novamente.

A única coisa que me importa é ele.

Depois de um momento, paro de beijá-lo e franzo a testa. — Cole?

— Sim, baby?

— Por acaso você esqueceu de tirar alguma coisa do bolso?

— Não. Por quê?

— É que algo duro está me cutucando na bunda.

Quando ele abre um sorriso conhecedor, perco o fôlego.

— Mas eu pensei...

— Já aconteceu algumas vezes. A primeira foi quando um auxiliar de enfermagem estava me dando banho de esponja no hospital. Foi muito constrangedor, mas ele me disse para não me preocupar com isso. — Seu sorriso fica mais amplo. — Quero dizer, ele era muito fofo, no entanto. Muito mais fofo que um Chihuahua sem pelos.

Estou chorando de novo. Chorando e rindo ao mesmo tempo. Então ele está chorando também, e me beijando, e dizendo repetidamente que me ama.

E que não pareço um Chihuahua sem pelos, nem um pouco.

# EPÍLOGO

## *Cole*

### *Dois meses depois*

São as pequenas coisas que me atingem. As pequenas coisas íntimas que ninguém mais vê além de mim.

Como ela parece logo que acorda pela manhã. A maneira como ela penteia o cabelo, passa maquiagem, boceja tarde da noite quando está com sono, fecha os olhos quando toma o primeiro gole de café da manhã.

Como ela sorri quando eu a toco.

Como ela suspira quando eu a beijo.

Como ela chora depois que goza.

Na maioria das vezes, com meus dedos ou minha língua, mas aquelas pequenas pílulas azuis certamente são úteis. Deus abençoe a grande indústria farmacêutica.

Agora, se ao menos pudessem fabricar uma droga que me fizesse andar como antes, estaria tudo bem.

— Querido, tenha cuidado.

— Estou bem.

— Eu sei que você está bem, mas o médico disse para ir com calma agora que você está em casa.

— As tartarugas se movem mais rápido do que eu.

— Mas você não está usando seu andador!

Apoiando-me pesadamente na minha bengala, olho para ela. — Amor.

— Sim?

— Por favor, fique quieta e deixe-me fazer isso.

Ela respira fundo e depois balança a cabeça. Então, praticamente vibrando de ansiedade, ela morde o lábio inferior e me observa rastejar lentamente pelo carpete da sala em direção à minha cadeira de rodas.

Quando chego ali, estou ofegante. Solto a bengala, agarro os dois braços da cadeira e recupero o fôlego.

— Ok, não estou dizendo nada, mas se precisar de ajuda para se sentar, estou aqui.

Fecho os olhos e rio, balançando a cabeça. — É bom saber que você não está dizendo nada. — Consigo me virar e sentar na cadeira de rodas com apenas alguns grunhidos e xingamentos, depois olho para Shay e sorrio.

— Viu? Nada com que se preocupar. Agora venha se sentar no meu colo.

Esse é um comando que ela sempre obedece sem lutar. Sorrindo e obviamente aliviada por não ter quebrado nada em minha caminhada de quase dois metros, ela vem até mim e cuidadosamente se senta no meu colo. Então ela coloca os braços em volta dos meus ombros e me beija.

— Oi.

— Oi, você.

— Você precisa de um pouco de água?

— Você não vai me dizer o quão incrível isso foi?

— Oh, sim. Perdoe-me. Isso foi incrível. Agora você precisa de um pouco de água?

— Não, baby. Meu nível de hidratação está adequado.

Ela franze a testa. — Apenas adequado?

— Pare de se preocupar comigo.

Ela bufa. — Claro. Diga-me para parar de comer também, é o

mais provável.

— Falando em comer, isso me lembra. Não vamos sentar Axel ao lado do Chelsea esta noite.

— Por que não?

— Ele tem uma queda por loiras tagarelas e preciso que ele se concentre nos negócios. Até encontrarmos alguém para tomar meu lugar fazendo as movimentações, ele estará ocupado demais para um relacionamento.

— Ele está muito ocupado para ter sua alma esmagada? Porque essa é mais a velocidade dela.

— Basta colocá-la no extremo oposto da mesa. Ao lado da sua mãe, talvez.

— Confie em mim, isso não vai ajudar. Se ela decidir que gosta dele, Chelsea o fará comer na sua mão em dez minutos.

Eu suspiro. — Maravilhoso. Nossa primeira vez organizando o jantar de Ação de Graças juntos, e terei que passar esse tempo vendo sua melhor amiga enrolar o meu no dedo mindinho.

— Você falou com Kiyoko ultimamente?

— Semana passada.

— Como ela está? Estou chateada por ela não ter podido vir.

— Ela parecia bem. Ela se mudou para um novo lugar em Vancouver, um prédio alto com vista para o mar. Ela está feliz por ter você para cuidar de mim.

— Eu e toda a sua equipe médica. Você sabe, acho que aquele grandalhão que vem às quintas-feiras com a tatuagem de âncora no antebraço tem uma queda por você.

— Eu nunca deveria ter contado a você sobre aquele enfermeiro no hospital. Além disso, tatuagens de âncora não servem para mim. Teria que ser um dragão ou algo legal assim para eu me interessar.

Sorrimos um para o outro. Pela milionésima vez, penso na sorte

que tenho por tê-la. Ainda acho que não a mereço, mas sou egoísta o suficiente para não deixar mais isso atrapalhar.

Ela olha para a gola da minha camisa e começa a mexer nela.

— Então... é estranho me ter aqui o tempo todo?

Coloco um nó do dedo sob seu queixo e inclino sua cabeça para cima para poder olhar em seus olhos. — Não. Adoro ter você morando comigo.

— Você sabe que mantenho meu apartamento caso você queira me expulsar.

— Diga algo assim de novo e eu atropelarei seu pé com esta cadeira.

Com a cabeça ainda baixa, ela olha para mim. — Você poderia me dizer, você sabe. Prometo que só vou chorar por um minuto.

— Eu vou ter que bater em você?

— Estou falando sério, Cole. Adoro estar com você, mas sei que é uma grande mudança para...

— Tenho uma ideia — interrompo em voz alta. — Por que você não coloca a mão no meu bolso?

Ela torce o nariz e eu suspiro.

— Não para isso. Deus, sua mente é mais suja que a minha.

— Por que outro motivo eu iria querer colocar minha mão no seu bolso?

— Você poderia me fazer um favor e fazer o que eu peço uma vez sem questionar?

O sorriso dela é brilhante. — Que divertido seria isso?

Quando eu olho para ela, ela cede.

— Tudo bem. Estou enfiando a mão no seu bolso.

— Não esse. O outro.

Ela me lança um olhar azedo, depois se inclina para o outro lado



e dá um tapinha no meu quadril até encontrar o bolso da minha calça de moletom. Então ela enfia a mão dentro.

Posso dizer quando ela encontra o anel pela forma como seus olhos se arregalam.

— Você disse que era tamanho seis. Eu não esqueci.

Com a mão trêmula, ela retira o anel de platina e diamante e olha para ele. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Eu amo você, Shay. Eu me apaixonei por você no primeiro dia em que nos conhecemos, quando você se sentou à minha mesa e sorriu para mim. E vou amar você até dar meu último suspiro. Ninguém jamais foi tão bom para mim como você, e quero passar o resto da minha vida tentando ser tão bom para você. Então, por favor, dê-me a honra de se casar comigo, porque sem você eu não sou nada.

Seu rosto se contrai. Lágrimas escorrem por seu rosto. Ela joga os braços em volta dos meus ombros e começa a soluçar.

Segurando-a, começo a rir. — Acho que isso é um sim?

— É um sim, seu homem impossível! É um sim!

— Você nem sequer olhou para o anel.

Ela lamenta: — Eu não me importo com o anel!

— Você provavelmente deveria dar uma olhada nisso, no entanto. As corujas não são conhecidas por seu bom gosto em joias.

Ela enterra o rosto no meu peito e soluça. — Quando eu parar de chorar, vou matar você.

Eu beijo o topo de sua cabeça e pisco para tirar a água dos meus olhos.

Sorrindo, eu sussurro: — Eu sei, querida. Eu sei.

***Fim.***

## Notas

[←1]

Instrumento cortante com lâmina curva, com o corte na parte convexa, geralmente com cabo de madeira.

[←2]

401(k) é um tipo de plano de aposentadoria patrocinado pelo empregador, adotado nos Estados Unidos e outros países, e que recebe este nome em razão da seção do Código Fiscal norte-americano em que está previsto.

[←3]

Como você está, amigo?

[←4]

Magrelo.

[←5]

Loiro.

[←6]

Aquele merdinha.

[←7]

Girlfriend no inglês é usado tanto para amiga mulher quanto para namorada.



[←8]

Cão de caça.